

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DO SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**  
**NÍVEL DOUTORADO**

**Neri Pies**

**A POLÍTICA NEGATIVA EM ADORNO: POSSIBILIDADE DE UMA VIDA  
EMANCIPADA**

São Leopoldo

2017

Neri Pies

**A Política Negativa em Adorno: Possibilidade de uma vida emancipada**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob orientação do Prof. Dr. Castor Marí Martin Bartolomé Ruiz, como requisito para a obtenção de título de doutor em filosofia.

São Leopoldo

2017

P624p

Pies, Neri

A política negativa em Adorno: Possibilidade de uma vida emancipada / por Neri Pies. – 2017.

162 f.: 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Castor Marí Martin Bartolomé Ruiz.

1. Adorno. 2. Dialética negativa. 3. Esclarecimento.  
4. Política negativa. 5. Teoria crítica. 6. Vida emancipada.  
I. Título.

CDU 1ADORNO

## **AGRADECIMENTOS**

Ao amigo, professor Dr. Castor Marí Martin Bartolomé Ruiz, pela orientação e incentivo à pesquisa.

Aos professores Dr. Álvaro Montenegro Valls e Dr. Ênio Mueller pelas sugestões na qualificação da tese.

Aos professores Dr. Olmaro Paulo Mass e Dr. Oneide Perius pelo apoio e estímulo à pesquisa.

Aos professores, secretaria e coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNISINOS.

À minha família e pessoas que acompanham minha vida.

À Bárbara, Victória e João Caetano pelo companheirismo.

Dedico esta pesquisa aos que pensam reflexiva e autonomamente,  
sem hipostasiar.

## RESUMO

A presente tese tem o objetivo: tematizar a possibilidade de uma Política Negativa em Adorno com o intuito de pensar a vida emancipada. O processo de desencantamento do mundo iluminista, que prometia liberdade, certezas científicas e progresso, transformou a razão em instrumento de dominação e mascarou a realidade, instaurando, assim, um sistema administrado. Esta estrutura provocou o estreitamento da racionalidade crítica e eliminou a tensão entre conceito e realidade. Escondeu também a real política, pois o sistema administrado não considera as singularidades, o não idêntico, aquilo que aparece de contraditório na vida humana e na sociedade. Dessa forma, o objetivo da política fica encoberto, torna-se um conceito abstrato que está a serviço do sistema instrumental burguês. A real política é mais do que aparece de imediato na totalidade da sociedade administrada, por isso, nosso objetivo é fazer um exercício, nas obras de Theodor Adorno, da estrutura que apreende e direciona a política, compreendendo como este posicionamento leva o indivíduo e a sociedade à decadência. Mas também, pretendemos, a partir do pensamento de Adorno, apontar perspectivas que podem levar a humanidade e a sociedade para processos emancipatórios através do que, seguindo a terminologia de Adorno, denominamos de política negativa. Para encontrar as perspectivas, acreditamos que é preciso tirar a casca ao redor da política, expor a realidade na qual ela está inserida e dar dinamicidade para que o heterogêneo viva. Nesse sentido fica a pergunta: isso poderia ser feito através da dinâmica da dialética negativa? Na teoria de Adorno, a dialética não se completa, ela se detém no momento da negatividade, articulando e tencionando a razão permanentemente e à medida que ocorre a reflexividade, a razão vai iluminando e qualificando a realidade sem torná-la abstratamente conceitual, ou seja, os elementos se cristalizam por um movimento objetivo projetando novas constelações. Essa dinâmica, de dialética negativa, pode tensionar, articular e iluminar a política, trazendo à tona possibilidades emancipatórias da vida e de uma sociedade melhor sem torná-la administrada. Esta pesquisa analisa se a política negativa pode desobstruir a camada ideológica que oculta as contradições e trazer à tona uma nova configuração, uma outra realidade, ou ainda, a verdadeira realidade. Também tenciona compreender se uma política negativa pode manter a tensão, um campo de forças e pode ir além da superfície imediata das coisas ao não se contentar com as aparências, e se pode resistir e contrapor a estrutura burguesa e a falsidade do todo pela verdade. Com estas questões abertas, nos desafiamos a construir uma reflexão, através da política negativa na obra de Theodor Adorno, por acreditarmos que não existe uma teleologia da sociedade e nem uma racionalidade dos acontecimentos previamente fixados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adorno. Dialética Negativa. Esclarecimento. Política Negativa. Teoria Crítica. Vida Emancipada.

## ABSTRACT

The following thesis aims to thematize the possibility of a Negative Politics in Adorno in order to think about the emancipated life. The disenchantment process of the enlightenment world, that promised freedom, scientific certainty and progress, transformed reason into a tool of domination and masked the reality, establishing, a managed system. This structure caused the narrowing of critical rationality and eliminated the tension between concept and reality. It also hid the real politics, because the managed system does not consider the singularities, the non identical, something that appears contradictory in human life and in society. In this way, the objective of politics is covered, it becomes an abstract concept, at the service of the instrumental bourgeois system. The real politics is more than what immediately appears in the totality of the managed society, that's why, our objective is to make an exercise, in the works of Theodor Adorno, the structure that apprehends and directs the politics understanding how this positioning takes the individual and the society to the decay. But also, we intend, from Adorno thoughts, point out some perspectives that can lead humanity and society to emancipatory processes which, following the terminology of Adorno, we call negative politics. To find the perspectives, we believe that it is necessary to take the bark around politics, to expose the reality in which it is inserted and to give dynamicity so that the heterogeneous could live. In this sense the question remains: could this be done through the dynamics of negative dialectics? In Adorno's theory, the dialectic is not complete, it stops at the moment of negativity, articulating and intending the reason permanently as the reflexivity occurs, the reason illuminates and qualifies reality without making it an abstract concept, the elements crystallize by an objective movement projecting new constellations. This dynamics, of negative dialectics, can envisage, articulate and illuminate politics, bringing the emancipatory possibilities of life and a better society without making it administered. This research analyzes can negative politics erase the ideological layer that hides contradictions and bring out a new configuration, another reality, or a real reality. It also compromises can a negative policy keep a tension, a force field, and can it go beyond the immediate surface of things by not being content with appearances, can it resist and oppose the bourgeois structure and the falsity of the whole by the truth. With these open questions, we challenge ourselves to construct a reflection in the books of Theodor Adorno, through negative politics, believing, that there is no teleology of society and no rationality of events previously fixed.

**KEY WORDS:** Adorno. Negative Dialectics. Clarification. Negative Politics. Critical Theory. Emancipated Life.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ABREVIATURAS .....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 A RACIONALIDADE INSTRUMENTAL E A CRÍTICA DE ADORNO FACE À ADMINISTRAÇÃO DA VIDA.....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 A VIDA ADMINISTRADA.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 O PROBLEMA DA IDENTIDADE E DA TOTALIDADE .....</b>	<b>36</b>
<b>1.3 A INDÚSTRIA CULTURAL .....</b>	<b>43</b>
<b>1.4 A CRÍTICA À RACIONALIDADE INSTRUMENTAL.....</b>	<b>48</b>
<b>1.5 A DIALÉTICA NEGATIVA NA TEORIA CRÍTICA DE ADORNO.....</b>	<b>61</b>
<b>2 A DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO: ENTRE A VIDA ADMINISTRADA E A VIDA EMANCIPADA .....</b>	<b>70</b>
<b>2.1 AS IMPLICAÇÕES DO DESENCANTAMENTO DO MUNDO .....</b>	<b>71</b>
<b>2.2 A LÓGICA DA DECADÊNCIA DO INDIVÍDUO .....</b>	<b>76</b>
<b>2.3 O OUTRO .....</b>	<b>84</b>
<b>2.4 AUSCHWITZ COMO EXPERIÊNCIA CHAVE DE DECADÊNCIA .....</b>	<b>89</b>
<b>2.5 A APROXIMAÇÃO DO OUTRO E A CONSTRUÇÃO DE SI.....</b>	<b>99</b>
<b>3 POLÍTICA NEGATIVA: EMANCIPAÇÃO DA SOCIEDADE E EMANCIPAÇÃO DO INDIVÍDUO.....</b>	<b>105</b>
<b>3.1 A PERSPECTIVA POLÍTICA NEGATIVA.....</b>	<b>107</b>
<b>3.2 O EXERCÍCIO DO PENSAMENTO: UMA ABERTURA PARA A POLÍTICA NEGATIVA .....</b>	<b>127</b>
<b>3.3 ELABORAÇÃO DO PASSADO COMO ESCLARECIMENTO NA POLÍTICA NEGATIVA .....</b>	<b>137</b>
<b>3.4 EMANCIPAÇÃO DA VIDA .....</b>	<b>143</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>150</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>156</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

- DE – Dialética do Esclarecimento (Dialektik der Aufklärung)
- AF – Actualidad de la Filosofía (Die Aktualität der Philosophie)
- PS – Palavras e Sinais (Stichworte. Kritische Modelle)
- IC – Indústria Cultural e Sociedade
- ECA – Experiência e Criação Artística
- EE – Educação e Emancipação (Erziehung zur Mündigkeit)
- AEDT – As estrelas descem à Terra (The Stars Down to Earth and other essays on the irrational in culture)
- MM- Mínima Moralia (Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschädigten Leben)
- IS – Introdução a Sociologia (Einleitung in die Soziologie)
- DN - Dialética Negativa (Negative Dialektik)
- K - Kierkegaard: construção do estético (Kierkegaard. Konstruktion des Ästhetischen)
- NL – Notas de Literatura (Noten zur Literatur)
- C – Correspondências
- TESH – Três Estudos sobre Hegel (Drei Studien zu Hegel)
- ESPSP – Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise
- PMTC – Para a Metacrítica da Teoria do Conhecimento (Zur Metakritik der Erkenntnistheorie. Studien über Husserl und die phänomenologischen Antinomien)
- TE – Teoria Estética (Ästhetische Theorie)

## INTRODUÇÃO

Theodor Adorno procurou desenvolver uma filosofia que pudesse emancipar e dar significado à vida dos indivíduos, centrando-se para isso, naquilo que acontece de singular, que aparece como aparentemente secundário ou contraditório, mas com existência real. A filosofia dele é uma tentativa de romper e ultrapassar o princípio da autopreservação que se instaurou, sobretudo, na modernidade através da racionalidade técnica-científica. Na modernidade, a razão se tornou esclarecida, tendo “o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (DE. 1985, p. 17)<sup>1</sup>. Ou seja, o homem fazendo uso da razão podia extirpar o medo e conhecer a totalidade das coisas, com o intuito de emancipar a vida e estruturar uma sociedade melhor. O esclarecimento, que significa desencantar o mundo racionalmente, se colocou para a humanidade como uma busca incessante por uma racionalidade idealizada, visando expandir a consciência e formatar um pensamento menos dogmático e mais científico, capaz de enfrentar e absorver a realidade em sua totalidade.

Entretanto, para Adorno, este modelo de totalidade racional escondia a verdadeira lógica social, tornando a vida de todos cada vez mais homogênea e controlada, minando e dificultando qualquer outra perspectiva de ação e de pensamento que não fosse instrumental. Para Adorno, a modernidade instaurou o princípio de identidade, da razão absoluta e, com isso, perdeu-se o caráter reflexivo e crítico da razão, gerando uma adaptação ao existente. Ou seja, a razão se tornou opaca e frágil, sem força para resistir e intervir na sociedade administrada racionalmente. Isso reforça a tese de Adorno para a necessidade de olhar para a singularidade do real e para além daquilo que aparece imediatamente. Isso aparece ao longo de suas obras, especialmente na *Dialética do Esclarecimento*, *Dialética Negativa* e *Mínima Moralia*. Adorno procura mostrar como a razão, posta a serviço da liberdade e da emancipação da vida, resultou na razão instrumental. O desencantamento do mundo não trouxe novidades, mas radicalizou ainda mais a dominação, sendo que agora nada mais pode ficar de fora, pois a simples ideia do fora é a verdadeira fonte da angústia, e, se nada pode ficar de fora, cria-se uma estrutura totalitária, ceifando a identidade dos indivíduos em prol de um projeto unitário, de um sistema já pensado e moldado para enquadrar a vida de todos.

A filosofia proposta por Adorno passa pelo programa da teoria crítica que constatou a racionalidade instrumental e a transformação da economia capitalista liberal em economia capitalista administrada. Em termos diferentes, significa que a transformação do indivíduo e

---

<sup>1</sup> “...das Ziel verfolgt, von den Menschen die Furcht zu nehmen und sie als Herren einzusetzen” (DA. Band 3, s.19).

da sociedade é acompanhada por novas configurações culturais e políticas. Tem-se, nessa nova configuração, a dominação tradicional (que envolve a economia), a racional (razão, conhecimento e cultura) e a carismática (nesse caso pode-se citar Hitler com sua política paranoica). Essas categorias são os pilares do mundo administrado moderno. Por isso, não bastava apenas investigar o período presente e prospectar o futuro, era preciso refletir sobre o que deu errado no processo do esclarecimento. Era necessário descortinar o porquê de a razão ter se pervertido em desrazão. Era preciso investigar as circunstâncias de quando o mundo que parecia ter entrado num estágio verdadeiramente humano e racional, nele se cometeram as maiores atrocidades da história, como Auschwitz.

Para enfrentar o sistema que administra a vida e a sociedade, Adorno parte da crítica ao esclarecimento pela teoria cuja dinâmica é negativa, pois a dinâmica negativa proporciona e tenciona para um movimento reflexivo e contínuo, revitalizando aquilo que se perdeu na constituição de conceitos fixos, incluindo a própria política, pois esta atua por interesses ideológicos, calculistas e dominantes. A negatividade acaba sendo uma forma de contrapor a filosofia da identidade, do pensamento ideológico e instrumentalizado, abrindo novas constelações conceituais. Adorno fala que “quando uma categoria se transforma – por meio da dialética negativa, a categoria da identidade e da totalidade -, a constelação de todas as categorias se altera, e, com isso, uma vez mais cada uma delas” (DN. 2009, p. 144)<sup>2</sup>. Portanto, se a dialética negativa pode ser pensada como a capacidade de insuflar a vida no pensamento coagulado, então uma abordagem dialética não pode abrir mão de uma perspectiva política negativa para denunciar e resistir a sistemas totalitários que administram e danificam a vida humana.

A negatividade precisa ser o espanto do pensamento para criar novas experiências políticas de capacidade crítica para elevar o ser humano à emancipação, uma vez que, a capacidade está inscrita no interior do indivíduo e precisa ser desvelada. É preciso ter ciência de que “a sociedade plena como associação livre de homens livres dotados de autonomia, que constitui seu conteúdo pleno, não existe (ainda) – embora possa ser criticamente cobrada como promessa de realização” (IS. 2008, p. 32). Ou seja, Adorno não nos dá uma receita pronta de teoria política, mas procura indicar caminhos para desvelar o que encobre a vida e a verdadeira política. Adorno procura enfatizar uma virada rumo a ela ou dela como sintetiza Thomson: “certos temas retornam vezes e vezes nas intervenções públicas de Adorno: a necessidade de desenvolver uma cultura democrática profundamente enraizada, a

---

<sup>2</sup> “Wo eine Kategorie - durch Negative Dialektik die der Identität und der Totalität - sich verändert, ändert sich die Konstellation aller und damit wiederum eine jegliche” (ND. Band 6, s. 169).

necessidade de evitar o pensamento positivista ou tecnicista, a importância da cultura [...] o empobrecimento do que passa por cultura, a administração e sistematização que passa do topo à base da sociedade” (2010. p. 52).

Neste viés, a pergunta desta tese é se existe, no pensamento de Adorno, uma perspectiva política que não identifique o que é diferente, que considera as especificidades, a singularidade e o heterogêneo como possibilidade política? E, se a política negativa pode ser o antissistema político instituído, a negação do falso conceito que se impõe e impede o exercício da política em sentido estrito? Para tanto, nos propomos a investigar a constituição da vida administrada, tendo como hipótese de que é possível reconsiderar uma perspectiva política negativa decorrente da dialética negativa de Adorno, para que esta seja a ferramenta de denúncia, de contraponto, de resistência, de reflexão e possibilidade de emancipação da vida. A política negativa pode ser um conceito com uma dinâmica para desconstruir a totalidade falsa que impede a verdadeira política. Ela pode ser uma forma para o pensamento não desistir dos seus próprios mecanismos emancipatórios, ir além de si mesmo e abrir espaço para a vida emancipada. A tarefa positiva de construir passaria pela tarefa negativa de desconstruir a falsa totalidade, a falsa harmonia e o falso consenso que captura a dimensão política e impõe uma servidão revestida de pseudopolítica. A verdadeira política pode ser o espaço que expõe e procura por figuras de redenção e de memória que ainda não foram absorvidas inteiramente pelo mundo administrado. A política pode ter dentro dela um potencial para gerar autonomia, desde que tenha como característica o exercício do pensamento reflexivo em meio à realidade que nega qualquer dimensão política. Portanto, propomo-nos em nossa tese tematizar, a partir do pensamento de Adorno, a administração do conceito de política, para justificar uma perspectiva política negativa que possa emancipar a vida. Ou seja, o conceito tradicional de política está opaco, fechado em si pelo sistema administrado e para romper este bloqueio faz-se necessário a crítica imanente pela dialética negativa para expor a verdadeira política. Ao trazer à tona a política que está encoberta, talvez seja possível desvelar as determinações que impedem o reconhecimento da singularidade de cada indivíduo, do pensamento e da ação emancipatória. Acreditamos que a política negativa precisa ter uma dimensão constelar para permitir a existência e a autonomia do não idêntico, pois “uma sociedade emancipada, contudo, não seria um estado unitário, mas a realização do universal na reconciliação das diferenças” (MM. 2008, p. 99)<sup>3</sup>.

---

3 “Eine emanzierte Gesellschaft jedoch wäre kein Einheitsstaat, sondern die Verwirklichung des Allgemeinen in der Versöhnung der Differenzen” (MM. Band 4, s. 114).

Se a dialética negativa conserva o não idêntico, então a política negativa pode preservar também a verdadeira política, que não identifica o outro e que não se submete aos ditames da sociedade administrada, à estrutura conceitual abstrata e absoluta. Para isso, conforme Adorno, é necessário demorar-se na razão para enxergar a insuficiência dos conceitos, contrapondo-se assim ao problema da identidade totalitária que administra a vida e a política, que reifica os indivíduos e mercantiliza-os. Portanto, é preciso construir as alternativas através da contradição do pensamento, da contradição política, pois na própria contradição o pensamento ultrapassa a si mesmo, já que a dialética acaba sendo a consciência consequente da não identidade, do rompimento de uma sociedade administrada. A dialética negativa de Adorno não dilui o real, o sujeito, a sociedade e nem o singular desaparece no universal, ambos os pólos se comunicam e coexistem, vibram numa dinâmica que lhes é própria. Tanto o sujeito quanto o objeto se determinam complementando-se e assim também a crítica do conhecimento é crítica da sociedade e vice-versa. A dialética negativa pode fazer simultaneamente uma crítica social e uma crítica do conhecimento, pois “devemos considerar tanto o plano do conhecimento e da experiência, como racionalidade intrínseca dos conceitos, quanto o plano do discurso, como efeito social da cientificidade que se pratica” (ESPSP. 2015, p. 30). A dialética negativa pretende preservar aquilo que é diferente, não idêntico, qualificando os conceitos e as existências.

Adorno estrutura seu pensamento de tal forma que ele não se reduz ao conhecimento científico, a aquilo previamente calculado, mas constitui-se na autorreflexão, numa forma ensaística, constelar. Isso não significa que ele tenha abandonado as exigências do pensamento lógico, na verdade ele radicaliza-o mostrando suas incoerências. O conteúdo social de formações organizadas e diferenciadas só pode ser apreendido mediante análise de seu sentido, em vez de se vincular de algum modo esse sentido de antemão ao seu efeito, que possivelmente nada tem a ver com o conteúdo em si, pois [...] o conteúdo só é apreendido por uma análise imanente (IS. 2008, p. 221). O pensamento de Adorno passa pela defesa e pelo uso reflexivo dos conceitos para romper com a lógica de sistema de totalidade. Ele pretende revitalizar os conceitos para provocar novos significados a partir da realidade e do que ela não é. Ele percebe que cada vez mais prevalece a estrutura da sociedade total sobre os indivíduos que a integram e pequenas intervenções podem atingir pontos cruciais deste todo e ganhar um forte significado, constituindo novas condições de existência e de organização. A sua intenção é dar expressão ao não idêntico, apontando para isso pressupostos ideológicos, políticos e econômicos, atentando para os fetiches conceituais que dominam o sujeito e direcionam a sociedade dominante. Portanto, a posição crítica perante

o que está estruturado acompanha o pensamento de Adorno, até porque “a concentração de poderes econômicos e, com isto, político e administrativo, reduz, em boa medida, cada indivíduo à condição de mero funcionário da engrenagem” (PS. 1995, p. 30), sendo necessário quebrar as fachadas conceituais para pensar algo novo ou deixar que o outro se expresse.

Adorno não quer descartar as categorias herdadas da filosofia, apenas encontrar dentro delas as alternativas para evitar que o outro seja hipostasiado. O sujeito não pode absolutizar a realidade e nem estabelecer critérios de identidade absoluta, até porque o método e o conteúdo não limitam o pensamento e seu sentido, sendo preciso confrontar os conceitos, pois o “conhecimento não possui nenhum de seus objetos completamente. Ele não deve promover o aparecimento do fantasma de um todo” (DN. 2009, p. 20)<sup>4</sup>. O conteúdo e a forma não devem ser distinguidos e a filosofia se estabelece como um exercício de pensamento para iluminar de forma inovadora a realidade objetiva, pois “entregar-se ao objeto equivale a fazer justiça a seus momentos qualitativos” (DN. 2009, p. 44)<sup>5</sup>. O projeto moderno tornou o esclarecimento totalitário, por estabelecer o processo das relações individuais e sociais de antemão, de forma planejada e burocratizada. O indivíduo se considera livre equivocadamente, pois toda e qualquer forma de animismo, de particularismo ou dogma sucumbe diante do diagnóstico racional e da mentalidade insistente em busca de verdades absolutas, de conceitos fixos e fechados.

Para Adorno, o sistema violento e administrado já existia antes do esclarecimento. No entanto, através do esclarecimento os indivíduos criaram condições para superar sua fragilidade, aplicando um pensamento racional absoluto à natureza externa e interna, abarcando, portanto, toda a organização da sociedade e reificando a consciência. Tem-se, assim, o controle da subjetividade do sujeito pelo esquema do poder engendrado pelo sistema administrado, dificultando o livre pensar. Na verdade, “o pensar administrativo transformou-se em modelo inspirado mesmo por um pensar supostamente ainda livre” (DN. 2009, p. 35)<sup>6</sup>. Por isso, quanto mais criticamente se compreende a autonomia da subjetividade; quanto mais ela se torna consciente de si, “tanto mais imperativa se torna a obrigação do pensamento de confrontar-se com aquilo que lhe proporciona a firmeza de que não possui em si mesmo”

---

4 “Erkenntnis hat keinen ihrer Gegenstände ganz inne. Sie soll nicht das Phantasma eines Ganzen bereiten” (ND. Band 6, s. 25).

5 “Sich dem Objekt überlassen ist soviel wie dessen qualitativen Momenten gerecht werden” ND, Band 6, s.53

6 “Insgeheim ist Verwaltungsdanken zum ersehnten Vorbild auch eines vorgeblich noch freien geworden” (ND. Band 6, s. 42).

(DN. 2009, p. 41)<sup>7</sup>. Ou ainda, “pensar não significa mais nada senão estar atento a todo instante sobre se é mesmo possível pensar” (MM. 2008, p. 193)<sup>8</sup>. Portanto, refletindo sobre a realidade, o sujeito cria a possibilidade de negar dialeticamente a identidade imposta pelo sistema que se pretende total e, conseqüentemente, libertar a constelação de conceitos para permitir uma vida emancipada.

Para darmos conta da temática da tese, estruturamos a nossa pesquisa em três momentos. No primeiro capítulo trabalharemos a racionalidade instrumental e a crítica de Adorno face à administração da vida, discorrendo sobre o conceito de vida administrada, o problema da identidade e da totalidade, a indústria cultural, a dialética negativa e a crítica à racionalidade instrumental. No segundo capítulo pesquisaremos as implicações do desencantamento do mundo, a lógica de decadência do indivíduo, o problema do outro e Auschwitz como experiência chave da decadência na aproximação do outro e na construção de si. No terceiro capítulo elencaremos a perspectiva da política negativa, o exercício do pensamento como uma abertura para a política negativa, a elaboração do passado como esclarecimento na política negativa e a emancipação da vida.

---

7 “...desto bündiger die Verpflichtung des Gedankens, mit dem es aufzunehmen, was ihm die Festigkeit einbringt, die er nicht in sich hat” (ND. Band 6, s. 49).

8 “Denken heißt nichts anderes mehr als in jedem Augenblick darüber wachen, ob man auch denken kann” (MM. Band 4, s. 222).

## 1 A RACIONALIDADE INSTRUMENTAL E A CRÍTICA DE ADORNO FACE À ADMINISTRAÇÃO DA VIDA

“Antes, os fetiches estavam sob a lei da igualdade. Agora, a própria igualdade torna-se fetiche” (DE. 1985, p. 27)<sup>9</sup>.

Theodor W. Adorno (1903 – 1969) é um dos principais filósofos da modernidade que se ocupou em desobstruir o colapso do sistema idealista, da racionalidade, da sociedade e da vida. A promessa da modernidade, de tornar as pessoas emancipadas pela racionalidade, não havia apenas falhado como também estruturou uma sociedade administrada. Por isso, Adorno observa que a reflexão sobre a sociedade exige um exercício permanente entre pensamento e realidade; exige uma análise crítica acerca do desenvolvimento da modernidade e seu alcance enquanto evento demarcador da história. Para Ênio Mueller, Adorno tem uma estrutura de pensamento que se posiciona “contra um discurso filosófico que ontologiza o real [...], contra um reducionismo que ameaça a filosofia de se tornar mera coadjuvante das ciências lógicas e empíricas. Por fim contra uma dissolução da filosofia em *práxis* política” (2009, p. 7). Ou seja, Adorno acredita num projeto filosófico que “implica uma crítica tanto ao conceito de fundamento quanto ao primado do pensamento do conteúdo” (DN. 2009, p. 7)<sup>10</sup>. O projeto de Adorno pretende ser capaz de dizer o que não é possível ser dito para alcançar a autoconsciência. Por isso, “o procedimento não é fundamentado, mas justificado” (DN. 2009, p. 7)<sup>11</sup>, como poderemos ver no decorrer da pesquisa.

Com o advento e onipotência da racionalidade, as pessoas renunciam a si mesmas quando se submetem cegamente a critérios moldados por um sistema administrado, onde a dominação na esfera do conceito se eleva à dominação do real. As pessoas aceitam males sob a aparência do bem sem questionar. Em todas as esferas de poder se faz presente o desejo de querer dominar o outro porque se pretende igualar o que é desigual. Na verdade, o esclarecimento reforça a dominação porque aquilo que não for de utilidade e calculabilidade deve ser extinto, ou seja, o que é secundário e estranho deve ser esquecido, renegado, mas é justamente nesse passado esquecido, geralmente de dor, que reside o potencial de pensar a autonomia e uma sociedade melhor. Caso contrário, permanecerá a pergunta: por que o mundo sempre cai em novas barbáries? Neste sentido, focaremos os conceitos de

---

9 “Zuvor standen die Fetsche unter dem Gesetz der Gleichheit. Nun wird die Gleichheit selber zum Fetsch” (DA. Band 3, s. 33).

10 “Das impliziert ebenso Kritik am Grundlagenbegriff, wie den Primat inhaltlichen Denkens” (ND. Band 6, s. 9).

11 “Das Verfahren wird nicht begründet sondern gerechtfertigt” (ND. Band 6, s. 9).

administração da vida, da identidade e da indústria cultural para expor como ocorre essa dominação e, por último, tentaremos expor uma alternativa para sair deste sistema através da teoria crítica imanente apoiada na dinâmica da dialética negativa. Não temos a pretensão de esgotar as categorias, pois em Adorno nenhuma categoria é plenamente esgotável; elas se mantêm e se renovam sistematicamente. Adorno pensa a partir das categorias sem abstraí-las. Isso é possível porque ele se apoia na dinâmica da dialética negativa. Nela os conceitos e a realidade modificam-se qualitativamente e coexistem. Da mesma forma, é preciso pensar e repensar a política criticando-a, uma vez que ela se tornou um conceito que administra a vida, ou seja, não considera a singularidade da realidade. Acreditamos que a política pode ser qualificada se ela tiver como dinâmica a negatividade, pois esta mantém vivo aquilo que é diferente.

## **1.1 A VIDA ADMINISTRADA**

“A autopreservação anula a vida na subjetividade” (DN. 2009, p. 227).

Adorno, em suas obras, enfatiza a história dos conceitos e estes seguem uma progressão determinada, sendo que seu itinerário filosófico não é marcado por reviravoltas ou rupturas. As ideias centrais seguem sistematicamente uma manutenção e um desenvolvimento mesmo com a adição de novos conceitos ou com a ampliação de outros. Não é nossa pretensão fazer todo este itinerário, apenas enfatizar isso porque seu estilo foge do convencional. Suas obras são bastante desafiadoras porque nos levam a pensar e repensar muitas coisas dadas como concluídas. Na verdade, as obras de Adorno são algumas das mais desafiadoras produzidas no século XX em dois sentidos conforme afirma Thomson:

Num sentido mais fraco, de que apresentam dificuldades formidáveis de compreensão e interpretação ao leitor, e num sentido mais forte, de que tentam nos forçar a repensar muitas coisas dadas como prontas e acabadas e questionar a própria possibilidade da filosofia, da arte e da vida moral no mundo contemporâneo (2010, p. 9).

A escrita peculiar, em forma de ensaios, pode muitas vezes parecer obscura, impenetrável e ameaçadora, mas com certeza deixa espantada a mente de quem o lê e a filosofia precisa exatamente deste espanto para realizar seu objetivo. Adorno fala que “nada é vida no sujeito a não ser o estremecimento [...] A consciência sem estremecimento é consciência reificada” (ECA. 2003, p. 120). Sendo assim, ele “associa o choque à própria

filosofia: o impulso fundamental [...] para ir além da superfície imediata das coisas, ao não se contentar com as aparências, ao lutar para substituir a mera opinião pela verdade” (THOMSON, 2010, p. 10). Na mesma linha, Jay afirma que “Adorno se recusa a apresentar suas ideias complexas e plenas de nuances de maneira simplificada” (1988, p. 13). Na obra *Dialética Negativa* isso aparece evidente quando ele fala que “o poder do *status quo* ergue fachadas contra as quais colidem nossas consciências. Deve-se buscar precipitá-las” (DN. 2009, p. 17)<sup>12</sup>. Portanto, a dinâmica de pensamento crítico aparece como a essência do pensar em Adorno com o intuito de discorrer sistematicamente sobre a vida danificada e sobre o fracasso da civilização.

A necessidade de ir além do que estava dado também aparece na obra *Dialética do Esclarecimento*, escrita em parceria com Horkheimer, onde denunciam o fracasso do projeto do iluminismo que estava estruturado para dar conta da dominação da natureza, da dominação social e do sujeito. Para os autores, a esperança num pensamento filosófico iluminado, numa razão esclarecida, que possibilitasse não somente um progresso científico, mas também humano na sociedade perdeu-se no século XX, porque “o mundo torna-se o caos e a síntese, a salvação. Nenhuma distinção deve haver entre o animal totêmico, os sonhos do visionário e a Ideia absoluta. No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade” (DE. 1985, p. 18)<sup>13</sup>, decretando assim a falência do ideal iluminista porque ele se tornou totalitário, sendo preciso, portanto, quebrar esta fachada.

O esclarecimento precisava ser exposto a uma crítica por não conseguir encontrar respostas plausíveis para os problemas da sociedade, do conceito, da economia e da política, que se tornaram totalitários. Por isso,

O primeiro estudo, o fundamento teórico dos seguintes, procura tornar mais inteligível o entrelaçamento da racionalidade e da realidade social, bem como o entrelaçamento, inseparável do primeiro, da natureza e da dominação da natureza. A crítica aí feita ao esclarecimento deve preparar um conceito positivo de esclarecimento, que o solte do emaranhado que o prende a uma dominação cega (DE. 1985, p. 15)<sup>14</sup>.

---

12 “Die Macht des Bestehenden errichtet die Fassaden, auf welche das Bewußtsein aufprallt. Sie muß es zu durchschlagen trachten” (ND. Band 6, s. 29).

13 “Die Welt wird zum Chaos und Synthesis zur Rettung. Kein Unterschied soll sein zwischen dem Totentier, den Träumen des Geistersehers und der absoluten Idee. Auf dem Weg zur neuzeitlichen Wissenschaft leisten die Menschen auf Sinn Verzicht. Sie ersetzen den Begriff durch die Formel, Ursache durch Regel und Wahrscheinlichkeit” (DA. Band 3, s. 21).

14 “Die erste Abhandlung, die theoretische Grundlage der folgenden, sucht die Verflechtung von Rationalität und gesellschaftlicher Wirklichkeit, ebenso wie die davon untrennbare von Natur und Naturbeherrschung, dem

Adorno percebe que existe uma crise do conceito, de representação e ele acredita que o pensamento precisa ir além do dado, do que já está posto como acabado. É preciso considerar que “o que se torna interessante num texto filosófico não é só como o seu conceito consegue se firmar, mas como se obtém que ele seja dito em primeiro lugar, e a que preço” (JAMESON. 1997, p. 25). Tiburi diz que para Adorno “a verdade não está no sujeito e nem está simplesmente, no objeto elevado à condição de coisa em si. A verdade é o que o filósofo deve procurar expressar diante do mundo mudo e de uma linguagem filosófica que, em sua lógica é, ela mesma, muda” (2003, p. 06).

Adorno não trabalha uma filosofia de sistema fechado, de conceitos prontos. Para ele “o conteúdo filosófico só pode ser apreendido onde a filosofia não o introduziu do alto de sua autoridade” (DN. 2009, p. 19)<sup>15</sup>. Ele entende que a filosofia como sistema sempre existiu, funcionando como modelo de administração sobre os indivíduos e sobre a sociedade, sendo projetada racionalmente. Ele e Horkheimer, na obra *Dialética do Esclarecimento*, vão afirmar que “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia” (DE. 1985, p. 15)<sup>16</sup>. Ou seja, a administração da vida e da sociedade abarca um contexto muito maior do que a modernidade. Ela está presente desde os primórdios da civilização e a cada época que passa ela se torna mais forte, e agora “o que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (DE. 1985, p. 19)<sup>17</sup>.

O esclarecimento tenta reconstruir a história da reificação onde a identidade é colocada no lugar da verdade. O conceito domina a realidade, mesmo após o aparente desencantamento do real. Na compreensão de Adorno, a ênfase ao conceito, à administração da vida, inicia antes mesmo da modernidade. Por isso a necessidade de compreender o esclarecimento também sob a ótica histórica, além da racionalidade moderna. Porém, é no período moderno que a natureza é radicalmente transformada em instrumento técnico, o sistema natural é racionalizado e usado como modelo de organização social para dominar a totalidade interna e externa. O esclarecimento é entendido como o processo que “tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade

---

Verständnis näherzubringen. Die dabei an Aufklärung geübte Kritik soll einen positiven Begriff von ihr vorbereiten, der sie aus ihrer Verstrickung in blinder Herrschaft löst” (DA. Band 3, s. 16).

15 “Einzig dort ist der philosophische Gehalt zu ergreifen, wo Philosophie ihn nicht oktroyiert” (ND. Band 6, s. 24).

16 “Schon der Mythos ist Aufklärung, und: Aufklärung schlägt in Mythologie zurück” DA, Band 3, s. 16.

17 “Was dem Maß von Berechenbarkeit und Nützlichkeit sich nicht fügen will, gilt der Aufklärung für verdächtig” (DA. Band 3, s. 22).

triunfal” (DE. 1985, p. 17)<sup>18</sup>. Adorno suspeita que o esclarecimento, que procura inibir as barbáries, não seja tão inocente quanto pretende ser, mas a meta dele era “dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (DE. 1985, p. 17)<sup>19</sup>. Entretanto, como explicar que o mundo, uma vez desencantado, tendo extirpado as crenças e superstições, ao invés de “entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie?” (DE. 1985, p. 11)<sup>20</sup>.

Este é o paradigma e fio condutor do debate sobre o esclarecimento. O mito, segundo os autores, já era esclarecimento e a racionalidade moderna reverteu-se em uma nova mitologia, ou seja, o mito já era um sistema administrado. O paradigma que é posto faz emergir a concepção crítica da natureza, do aperfeiçoamento da moral, da emancipação social, da construção cultural, procurando elevar o ser humano à emancipação para evitar o espírito decadente que se apresentava visivelmente através de diversos episódios bárbaros cometidos pelos homens ‘esclarecidos’ como, por exemplo, a Segunda Guerra Mundial. Para Rodrigo Duarte, a obra *Dialética do Esclarecimento* composta entre o pessimismo histórico e o otimismo racional,

Fornece sua força teórica na exposição da transição do mundo nazista ao administrado e na temporalidade herdada dos anos 40, marcada pela guerra fria, pelo totalitarismo e autoritarismo sempre crescentes e renovados em todos os continentes. As guerras e conflitos posteriores ao nazismo não são, para os autores mesmos incidentes históricos (2009, p. 9).

O desencantamento<sup>21</sup>, o esclarecimento, o iluminismo, a busca pela saída da minoridade, de se livrar do medo, eram ambições humanas para conduzir o indivíduo a lutar contra tudo o que é desconhecido para colocá-lo na posição de senhor da história e senhor

---

18 “...das Ziel verfolgt, von den Menschen die Furcht zu nehmen und sie als Herren einzusetzen. Aber die vollends aufgeklärte Erde strahlt im Zeichen triumphalen Unheils” (DA. Band 3, s. 19).

19 “Sie wollte die Mythen auflösen und Einbildung durch Wissen stürzen” (DA. Band 3, s. 19).

20 “...warum die Menschheit, anstatt in einen wahrhaft menschlichen Zustand einzutreten, in eine neue Art von Barbarei versinkt” (DA. Band 3, s. 11).

21 A expressão foi utilizada por Max Weber pela primeira vez no artigo "Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva" que é de 1910. Também na "A ética protestante e o espírito do capitalismo" em 1920. A preocupação de Weber estava em tentar apreender os processos pelos quais o pensamento racional, ou a racionalidade, impactou as instituições modernas como o Estado, os governos e ainda o âmbito cultural, social e individual do sujeito moderno. Weber acreditava que, em nossa sociedade, grande parte da vida social havia sido reduzida à lógica racional. Isso quer dizer que características do mundo social que se baseavam na tradição, como a crença religiosa, dissolveram-se. A modernidade construiu-se em meio aos conflitos ideológicos da razão objetiva instrumental, utilizada como ferramenta de abordagem de questões do pensamento humano e de sua realidade, e o pensamento tradicional foi progressivamente abandonado. Adorno e Horkheimer, na obra *Dialética do Esclarecimento*, afirmam que "o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo". Mas, em vez da substituição da magia pelas religiões de salvação ou pela técnica, eles descrevem o entrelaçamento entre mito e esclarecimento ou iluminismo.

de si. E na tentativa de sair da submissão, Kant vai dizer que a única alternativa é o esclarecimento, que é definido da seguinte forma:

Esclarecimento (Aufklärung) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é próprio culpado dessa menoridade e a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapare aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do Esclarecimento (KANT, 1988, p. 11).

Kant coloca os fundamentos para o ser humano sair da menoridade e atingir o caminho da maioridade. Sustenta que “a razão esclarecida é uma razão emancipada” (MATOS. 1993, p. 33) e a sociedade procura estruturar-se a partir destes conceitos. É verdade que na tentativa de transformar a sociedade, a partir da racionalidade, a humanidade alcançou importantes avanços na área dos direitos humanos (declaração de Virginia (1776) e depois da França (1789), além disso, houve avanços nos direitos civis, políticos e sociais. Mas este também é o período do avanço do capitalismo, atingindo estágios cada vez mais refinados e robustos, tanto que hoje a economia é baseada no mercado, na financeirização e na cognição, não apenas no produto em si. O fortalecimento do capitalismo, aliado ao uso da razão e autonomia individual, deu início ao processo de hegemonia burguesa a partir de revoluções americana (1776), francesa (1779), russa (1917), entre outras. O que evidencia que havia ou que há uma disputa de racionalidade, ou uma disputa pelo poder a qualquer custo. É um poder sobre a sociedade e sobre o indivíduo. Elevar o ser humano à autonomia e torná-lo esclarecido, indica também um lado obscuro da própria razão, pois esta lógica procurou identificar ser e pensar e “essa violência metodológica não é de modo algum restrita à imanência do psiquismo dos indivíduos da sociedade moderna, mas se expressa em acontecimentos sociais, políticos e culturais” (DUARTE. 1997, p. 46). Natureza e humanos são dominados e administrados pela ação do homem, pela razão absoluta e instrumental. Mas este projeto é denunciado da seguinte forma pelos autores da Dialética do Esclarecimento:

Em primeiro lugar, identificam esclarecimento como saber; analisam, em seguida, a dialética entre mito e esclarecimento, demonstrando que o primeiro, em sua origem, já era esclarecimento e que este, ao superar o mito, transforma-se em uma nova mitologia; um terceiro ponto na estratégia argumentativa dos autores consiste em demonstrar que a ciência, na modernidade, constitui-se na principal forma de esclarecimento (MULH. 1996, p.93).

Evidentemente Adorno não pretende substituir os avanços tecnológicos e avanços da civilização por uma regressão, mas ele quer tematizar os paradigmas, quer discorrer sobre a vida danificada, sobre os mecanismos subjacentes e velados nas ideologias alienantes, sobre as problemáticas existentes por intermédio da crítica imanente, através da negatividade do conceito, pois a razão instrumental tornou-se absoluta cedo demais e não pensa mais os meios. A crítica “não é apenas testemunho de uma época, mas uma releitura do processo de desenvolvimento da razão e da forja do sujeito, verificando, a partir das origens imemoriais da *Aufklärung*” (VAZ. 2004, p.9-10). O conceito de esclarecimento é muito mais abrangente do que parece porque,

Cada passo foi um progresso, uma etapa do esclarecimento. Mas, enquanto as mudanças anteriores (do pré-animismo à magia, da cultura matriarcal à patriarcal, do politeísmo dos escravocratas à hierarquia católica) colocavam novas mitologias, ainda que esclarecidas, no lugar das antigas (o deus dos exércitos no lugar da Grande Mãe, a adoração do cordeiro no lugar do totem), toda forma de devotamento que se considerava objetiva, fundamentada na coisa, dissipava-se à luz da razão esclarecida (DE. 1985, p. 79)<sup>22</sup>.

Para Adorno e Horkheimer a dialética do esclarecimento tem início em Homero, quando na Odisseia, Ulisses aparece como personagem, como protótipo da cultura ocidental moderna por representar o rompimento com a natureza, embora seja por ela afetado. Ele passa por diversos perigos em suas aventuras, em seu itinerário, em seu trabalho, sendo colocado à prova constantemente pelas forças sagradas. Sua qualidade se origina através de uma aparente rendição ao processo cíclico das leis mitológicas, que tinham um vínculo direto e devidamente determinado por um meio de representações. Na mitologia a formação psíquica dos indivíduos era determinada e provinha do poder divino dos deuses, representados por intermédio de figuras específicas e rituais de sacrifícios atrelados a um poder regente. No entanto, Ulisses forja uma mediação ao seu destino, para superar os obstáculos. Ele cumpre o que é estabelecido, mas “acrescenta novas artimanhas não previstas nas cláusulas originais” (PUCCI. 2000, p.49). Ele se torna astuto, dominando os seus instintos e os da natureza. Portanto, na Odisseia já aparece a estrutura e a manifestação da racionalidade instrumental, administrada que, por sua vez, conduz à anulação do mito. Ou

---

<sup>22</sup> “Jeder Schritt war ein Fortschritt, eine Etappe der Aufklärung. Während aber alle früheren Veränderungen, vom Präanimismus zur Magie, von der matriarchalen zur patriarchalen Kultur, vom Polytheismus der Sklavenhalter zur katholischen Hierarchie, neue, wenn auch aufgeklärte Mythologien an die Stelle der älteren setzten, den Gott der Heerscharen an Stelle der großen Mutter, die Verehrung des Lammes an Stelle des Totems, zerging vor dem Licht der aufgeklärten Vernunft jede Hingabe als mythologisch, die sich für objektiv, in der Sache begründet hiel” (DA. Band 3, s. 112).

seja, ao trazer o mito para dentro de uma ordem compreensível e com possibilidade de ser narrado, ele já é uma estrutura de razão dominante. Para Adorno e Horkheimer “as aventuras têm origem na tradição popular. Mas, ao se apoderar dos mitos, ao organizá-los, o espírito homérico entra em contradição com eles” (DE. 1985, p. 47)<sup>23</sup>.

A primeira manifestação da vontade de esclarecimento ocorre no mito, pois se tem uma objetivação das forças naturais e das divindades que condicionam o mundo. Na angústia de viver sob a proteção de algo desconhecido, os mitos são uma tentativa de explicar a realidade e, ao explicar, eles estruturam uma racionalidade que ao mesmo tempo suplanta o mito. O mito acaba se tornando uma doutrina e ao passar para doutrina, “a relação com as divindades, que anteriormente era de submissão, torna-se uma relação instrumentalizada, ao fixar um lugar definido para a divindade. O culto, portanto, engana a deus ao qual se dirige” (DE. 1985, p.21)<sup>24</sup>.

Ao invés de temer o desconhecido, oferecem-se sacrifícios, trocas, ou seja, a história que se constitui em fatos sucessivos é a descrição de um esquema mágico da troca racional. A troca é a secularização do sacrifício, onde fatos são arquitetados pelos homens com a finalidade de dominar os deuses. Os deuses são destituídos por um sistema calculado e venerado. Os mitos são o impulso do esclarecimento e não uma mera oposição à racionalidade desencantada. Por isso a afirmação: “os mitos que caem vítimas do esclarecimento já eram o produto do próprio esclarecimento” (DE. 1985, p. 21)<sup>25</sup>.

Durante toda a filosofia sempre se trabalhou opondo mito e racionalidade, mas a partir dessa concepção, fica exposto que o mito continha o germe da razão. A razão sempre quis esconder essa ligação porque o que importa para o projeto moderno é o modo de operar da razão instrumental e não a verdade em si. Conhece-se algo na medida em que se pode manipular este algo, na medida em que este algo é quantificado. Por isso, a célebre frase: “o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens” (DE. 1985, p. 18)<sup>26</sup>. Portanto, a racionalidade depende de um desencantamento. A teoria da dominação é muito mais profunda e ampla, ela está inscrita na relação do homem consigo mesmo, com a natureza e com os seus companheiros,

---

23 “...die Abenteuer stammen aus der volksmäßigen Überlieferung. Aber indem der homerische Geist der Mythen sich bemächtigt, sie »organisiert«, tritt er in Widerspruch zu ihnen” (DA. Band 3, s. 61).

24 “Alle menschlichen Opferhandlungen, planmäßig betrieben, betrügen den Gott, dem sie gelten: sie unterstellen ihn dem Primat der menschlichen Zwecke...” (DA. Band 3, s. 68).

25 “Aber die Mythen, die der Aufklärung zum Opfer fallen, waren selbst schon deren eigenes Produkt” (DA. Band 3, s. 24).

26 “Was die Menschen von der Natur lernen wollen, ist, sie anzuwenden, um sie und die Menschen vollends zu beherrschen” (DA. band 3, s. 20).

mas esta é sempre uma relação técnica e racional, de dominação, pagando-se um preço para se chegar à idade da razão, conforme afirma Gabnebin.

A história da emancipação do mito e do devir adulto não é somente um devir progressivo e luminoso, como pretendiam, justamente, as luzes do Iluminismo, mas também deve ser denunciada, seguindo Nietzsche e Freud, como sendo uma gênese violenta e violentada, cujo preço é alto. Antissemitismo e nazismo serão compreendidos como o retorno dessa violência recalcada (GABNEBIN. 2009, p. 30).

Na modernidade, os “deuses” passam a ser humanos que criam e recriam a realidade, hierarquizando-a conforme a ideologia requer para manobrar a massa. Para Adorno, “antes de tudo agora se festejam indivíduos ao invés de deuses” (MM. 2008, p. 146)<sup>27</sup>. Neste sentido, temos um formato de totalitarismo: uma violência sobre os indivíduos que pode ser “interpretada como o retorno do sempre idêntico; elemento de uma barbárie arcaica, que projeta sua sombra sobre a modernidade” (RABAÇA. 2004, p. 16); pois, como vimos, Ulisses representa o início da racionalidade onde cada conquista dele sobre o mito é uma vitória sobre seu eu que se personifica ao ir além de si mesmo. A vitória de Ulisses é relida por Adorno e Horkheimer como exemplo da audácia daquele que atua “ao mesmo tempo como vítima e sacerdote. Ao calcular seu sacrifício, ele efetua a negação da potência a que se destina esse sacrifício. Ele recupera assim a vida que deixara entregue” (DE. 1985, p. 51)<sup>28</sup>. Isso pode ser exemplificado no encontro dele com o ciclope Polifemo.

Chegando numa ilha longínqua, não cultivada e sem cidades, Ulisses e seus companheiros se aventuraram até a caverna, habitação primitiva de um monstro gigantesco, com um único olho no meio da testa, o ciclope Polifemo, filho do deus do mar, Poseidon. Excitados pela curiosidade, esperam dentro da caverna até o ciclope voltar ao cair da noite. Essa curiosidade lhes será fatal porque o monstro desconhece todas as leis sagradas da hospitalidade, aprisiona os viajantes dentro da caverna, fecha a entrada com uma pedra gigantesca e promete devorá-los na ceia noturna. Aqui intervém um dos mais famosos ardis de Ulisses: pergunta sobre seu nome, Ulisses não revela sua identidade verdadeira, mas se auto-nomeia de ‘ninguém’ e inventa uma história fictícia para explicar sua chegada a ilha. Um segundo ardil segue à ceia do monstro, na qual foram devorados, vivos e crus, alguns companheiros de Ulisses. Como sobremesa, Ulisses oferece a Polifemo uma porção generosa do vinho precioso que conseguiu conservar, até então, no seu navio, último sinal do mundo culto e civilizado dos homens. O ciclope, que nunca tinha bebido um vinho tão bom, se

---

27 “Vor allem feiert man jetzt Individuen statt Götter” (MM. Band 4, s. 168).

28 “Odysseus selber fungiert als Opfer und Priester zugleich. Durch Kalkulation des eigenen Einsatzes bewirkt er die Negation der Macht, an welche der Einsatz geschieht. So dingt er sein verfallenes Leben ab” (DA. Band 3, s. 68-69).

delícia, repete a dose, fica bêbado e adormece pesadamente. Ulisses e seus companheiros se aproveitam do seu sonho para lhe furar o único olho com um tronco previamente apontado. O ciclope grita de dor, seus irmãos acorrem do lado de fora, mas ele só é capaz de dizer que ‘ninguém’ – isto é Ulisses – o feriu. Os outros ciclopes zombam dele e vão embora. No raiar da aurora Polifemo afasta a pedra que fechava a entrada da caverna e faz sair seu rebanho de ovelhas, em baixo das quais os companheiros de Ulisses se escondem. Ulisses sai por último agarrando à lã do ventre do carneiro preferido de Polifemo (GAGNEBIN. 2009, p. 30 e 31).

Nesta passagem aparece claramente o uso da racionalidade administrada. Todas as regras de hospitalidade são negadas, pois o habitual seria acolher os estrangeiros e num pacto simbólico trocar presentes. Mas o ciclope fere todas as regras, pois desconhece a prática do sacrifício e, sem rito, devora os estrangeiros sem temer os deuses. Também não oferece presentes. Ulisses, ao perceber que a norma da hospitalidade é negada, nega também a sua identidade e ainda oferece estrategicamente um vinho. Ao fazer o gesto do vinho, recebe como prêmio ser devorado por último, sem mais ter a possibilidade de constituir um novo pacto. Mas a autoafirmação de Ulisses, proveniente de estratégias racionais, forja um sujeito que se constitui numa identidade imediata, que se conserva na estrutura do mito. Ao tentar se salvar das garras de Polifemo, ele produz uma autonegação de sua subjetividade. Mas,

Quem pratica a renúncia dá mais de sua vida do que lhe é restituído, mais do que a vida que ele defende. Isso fica evidente no contexto da falsa sociedade. Nela cada um é demais e se vê logrado. Mas é por uma necessidade social que quem quer que se fure à troca universal, desigual e injusta, que não renuncie, mas agarre imediatamente o todo inteiro, por isso mesmo há de perder tudo, até mesmo o resto miserável que a auto conservação lhe concede. Todos esses sacrifícios supérfluos são necessários: contra o sacrifício. Uma vítima de um desses sacrifícios é o próprio Ulisses, o eu que está sempre a se refrear e assim deixa escapar a vida que salvou e que só recorda como uma viagem de erros (DE. 1985, p. 54)<sup>29</sup>.

Na leitura de Adorno e Horkheimer, Ulisses só consegue salvar sua vida porque aceita ser identificado com a não existência, com a ausência, com ‘ninguém’. Esta artimanha prefiguraria a “dialética fatal da constituição do sujeito burguês esclarecido: só consegue estabelecer sua identidade e sua verdadeira autonomia pela renúncia” (GAGNEBIN. 2009,

---

29 “Jeder Entsagende gibt mehr von seinem Leben als ihm zurückgegeben wird, mehr als das Leben, das er verteidigt. Das entfaltet sich im Zusammenhang der falschen Gesellschaft. In ihr ist jeder zu viel und wird betrogen. Aber es ist die gesellschaftliche Not, daß der, welcher dem universalen, ungleichen und ungerechten Tausch sich entziehen, nicht entsagen, sogleich das ungeschmälerte Ganze ergreifen würde, eben damit alles verlöre, noch den kargen Rest, den Selbsterhaltung ihm gewährt. Es bedarf all der überflüssigen Opfer: gegen das Opfer. Auch Odysseus ist eines, das Selbst, das immerzu sich bezwingt und darüber das Leben versäumt, das es rettet und bloß noch als Irrfahrt erinnert” (DA. Band 3, s. 73-74).

p.32). O autodomínio é proporcional à unidade subjetiva racional, processo indispensável para a vitalidade do esclarecimento.

O recurso do eu de Ulisses para sair vencedor das aventuras está baseado em: “perder-se para se conservar” (DE. 1985, p. 50)<sup>30</sup>, ou seja, é uma forma astuta. Para Adorno e Horkheimer “Ulisses logra as divindades da natureza, como depois o viajante civilizado logrará os selvagens oferecendo-lhes contas de vidro coloridas em troca de marfim” (DE. 1985, p. 50)<sup>31</sup>. Ulisses é calculista, se aproxima e se distancia na hora certa, mesmo que ele tenha que lograr as divindades ou oferecer sacrifícios e trocas. Entretanto, o herói da epopeia vence as superstições da natureza e os obstáculos, mas cai num processo de troca e de dependência, conservando a gênese do mito. Por isso, a condição de possibilidade para a afirmação do eu moderno e do ideal de dominação da natureza passa pela desqualificação da natureza. “A natureza desqualificada torna-se a matéria caótica para uma simples classificação, e o eu todo poderoso torna-se mero ter, a identidade abstrata” (DE. 1985, p. 22)<sup>32</sup>.

Com esse procedimento da desqualificação da natureza, torna-se mais fácil de enaltecer uma razão calcada na ciência, no número, no esclarecimento. Na modernidade, “as múltiplas afinidades entre os entes são recalcadas pela única relação entre sujeito doador de sentido e o objeto sem sentido, entre o significado racional e o portador ocasional do significado” (DE. 1985, p. 22)<sup>32</sup>. Presume-se, com isso, que o homem está livre e não há mais nada de desconhecido, pois toda a realidade foi reduzida a fórmulas e nada fica de fora para não causar angústia.

Para sobreviver às intempéries da natureza, Ulisses institui em si mesmo uma subjetividade fruto de seu poder racional. Ele, através da racionalidade, se entrega à natureza para ganhá-la. Por isso, a astúcia “nada mais é do que o recurso utilizado pelo eu para subsistir frente às forças da natureza” (TIBURI. 1995, p. 53). Como sujeito consciente, torna-se esclarecido para desafiar as forças míticas que possuem também poder de persuasão e mantém subjogado aos seus poderes um pensamento racional. Mas, “para se alcançar essa autoconsciência é necessário que se experimente o poder que se possui, tornando-se duro e forte contra as seduções de toda ordem” (FREITAS. 2006, p. 89). A racionalidade passa a

---

30 “...sich wegzuwerfen, um sich zu behalten” (DA. Band 3, s. 66).

31 “Der Seefahrer Odysseus übervorteilt die Naturgottheiten wie einmal der zivilisierte Reisende die Wilden, denen er bunte Glasperlen für Elfenbein bietet” (DA. Band 3, s. 66).

32 “Die mannigfaltigen Affinitäten zwischen Seiendem werden von der einen Beziehung zwischen sinngebendem Subjekt und sinnlosem Gegenstand, zwischen rationaler Bedeutung und zufälligem Bedeutungsträger verdrängt” (DA. Band 3, s. 27).

ordenar as coisas, ou seja, projeta-se na natureza uma racionalidade administrada. Conhecer significa poder manipular a natureza em favor de si e, “se a troca é a secularização do sacrifício, o próprio sacrifício já aparece com o esquema mágico da troca racional, uma cerimônia organizada pelos homens com o fim de dominar os deuses, que são derrubados exatamente pelo sistema de veneração de que são objetos” (DE. 1985, p. 51)<sup>33</sup>. O desfecho dessa troca pode ser concebido como reificação do desconhecido e das forças ameaçadoras.

O plano de ação do esclarecimento nasce das sombras desse desencantamento, pretendendo exorcizar todo o feitiço para neutralizar e demonstrar o desconhecido. Para Adorno e Horkheimer, “todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, ao sujeito” (DE. 1985, p. 19).<sup>34</sup> Toda multiplicidade é reduzida a subjetividade e a natureza se torna matéria amorfa, puro objeto de dominação, pois “o esclarecimento só reconhece como ser e acontecer o que se deixa captar pela unidade” (DE. 1985, p. 20)<sup>35</sup>. Marca-se assim, a distância entre natureza e sujeito, substitui-se a superstição pelo conhecimento. Assim, a Dialética do Esclarecimento evidencia a ascendência da razão instrumental e a conseqüente decadência da razão crítica, que se propusera emancipatória. Os mecanismos de poder, repressão e de manipulação já presentes nas explicações mitológicas continuam, de alguma forma, evidenciando a lógica de uma dominação perversa no período moderno. Adorno procura diagnosticar este paradigma moderno, saber por que a razão perdeu seu caráter prospectivo, emancipador, que não consegue mais esclarecer a si mesma. Ou seja, a racionalidade ocidental é paradoxal, contraditória. Enquanto o conhecimento técnico, científico amplia seu horizonte, o ser humano vai perdendo autonomia e o seu caráter crítico. Sendo assim, “a filosofia não pode ser feita sem um estudo atento da tradição, mas a tradição só se modifica pela crítica, e o pensamento – como arma negativa – só avança para chegar a verdade caminhando pela mão da contradição” (TIBURI. 2004, p. 04).

Como a promessa iluminista não consegue concluir seu objetivo, Adorno observa que a reflexão sobre a sociedade exige um exercício permanente entre ser e pensar. Esta imanência faz com que teoria e seu objeto entrem em choque, exigindo-se a radicalidade do pensamento, isto é, obriga a teoria crítica a realizar uma reflexão ainda mais profunda sobre

---

33 “Ist der Tausch die Säkularisierung des Opfers, so erscheint dieses selber schon wie das magische Schema rationalen Tausches, eine Veranstaltung der Menschen, die Götter zu beherrschen, die gestürzt werden gerade durch das System der ihnen widerfahrenden Ehrung” (DA. Band 3, s. 67).

34 “Die vielen mythischen Gestalten lassen sich der Aufklärung zufolge alle auf den gleichen Nenner bringen, sie reduzieren sich auf das Subjekt.” (DA. Band 3, s. 23).

35 “Als Sein und Geschehen wird von der Aufklärung vorweg nur anerkannt, was durch Einheit sich erfassen läßt” (DA. Band 3, s. 23).

sua prática. Ao proceder com o rigor que o pensamento crítico exige, ela acaba por identificar-se a um movimento que permite fazer a leitura reflexiva da sociedade, tomando como objeto o desenrolar histórico da racionalidade. A razão crítica procura compreender a sociedade e ao mesmo tempo compreender a si mesma, pois a “liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” (DE. 1985, p. 13).<sup>36</sup>

Para Adorno e Horkheimer as pessoas estão sendo manipuladas com facilidade pelo fato de não terem a compreensão do pensamento histórico ou por não conseguirem fazer esta leitura de forma mais reflexiva, pois,

Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade (DE. 1985, p. 13).<sup>37</sup>

É preciso ressaltar que existia o desejo de se libertar do passado, pois “não é possível viver à sua sobra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência” (EE. 2006, p. 29). No entanto, a racionalidade passa a ser interpretada a partir dos fundamentos e das consequências. A interpretação, ou melhor, o elemento regressivo da razão precisa ser tematizado, até porque não é mais possível aceitar a ideia de uma razão livre dos condicionamentos psíquicos e materiais. A vida das pessoas está ligada ao progresso social e à produtividade econômica que é controlada através de “aparelhos” técnicos, que controla também a vida íntima e particular das pessoas.

O problema do esclarecimento é que ele se tornou ideologia, mas a ideologia não visou um progresso político nem a emancipação humana e sim um aprofundamento da crise política, moral e institucional. Para sair desse processo ideológico “o esclarecimento tem que tomar consciência de si mesmo” (DE. 1985, p. 14)<sup>38</sup> para desnaturalizar a ideologia dominante. Tomar consciência não implica numa “conservação do passado, mas de resgatar a esperança passada” (DE. 1985, p. 14)<sup>39</sup> porque com o progresso desenfreado o indivíduo se vê anulado para emancipar-se. O passado tem um potencial que pode ferir a sociedade

---

36 “...die Freiheit in der Gesellschaft vom aufklärenden Denken unabtrennbar ist” (DA. Band 3, s. 13).

37 “Nimmt Aufklärung die Reflexion auf dieses rückläufige Moment nicht in sich auf, so besiegelt sie ihr eigenes Schicksal. Indem die Besinnung auf das Destruktive des Fortschritts seinen Feinden überlassen bleibt, verliert das blindlings pragmatisierte Denken seinen aufhebenden Charakter, und darum auch die Beziehung auf Wahrheit” (DA. Band 3, s. 13).

38 “...die Aufklärung muß sich auf sich selbst besinnen” (DA. Band 3, s. 15).

39 “Nicht um die Konservierung der Vergangenheit, sondern um die Einlösung der vergangenen Hoffnung ist es zu tun” (DA. Band 3, s. 15).

estabelecida, ou seja, a possibilidade de uma crítica verdadeira brota do sofrimento, pois “a história real se teceu a partir de um sofrimento real, que de modo algum diminui proporcionalmente ao crescimento dos meios para sua eliminação” (DE. 1985, p. 44).<sup>40</sup> O sofrimento produzido socialmente é o sinal de que a totalidade social, ideológica, impõe-se cegamente aos sujeitos singulares. Numa perspectiva onde cresce a identidade entre sociedade e indivíduo, resultante de uma imposição, o que abre espaço para o não idêntico é o reconhecimento do passado e do outro pela dinâmica da negatividade. Através da negatividade o pensamento se vê obrigado a refletir sobre si e pensar também contra si, preservando o passado e qualificando o presente e o futuro.

Essa metodologia é importante porque o esclarecimento se fez presente em todas as esferas da sociedade, ocupando espaços e direcionando a vida. A lógica racional preside a ordem econômica. A esfera do conhecimento possui por completo as formas de dominação. Os pilares da troca mercantil, a ciência moderna e a legitimação política estão entrelaçadas pela racionalidade, esta administra a sociedade e a consciência dos indivíduos. Por isso, o saber que prima pela reflexão crítica perante a sociedade administrada é uma necessidade, pois na sociedade administrada “tudo o que seria diferente é igualado” (DE. 1985, p. 23).<sup>41</sup> Existe uma coerção que pretende tornar o desigual igual. Existe um processo técnico que reifica o sujeito após tornar a consciência opaca e essa opacidade representa o estado do sujeito no mundo social, representa o controle da subjetividade do indivíduo pelo esquema de poder engendrado pelo sistema capitalista, produto do esclarecimento. A razão instrumentalizada pelo capital mantém o indivíduo vinculado burocraticamente aos interesses estruturais da classe dominante, assim como o mito mantinha a ordem. Atualmente, nas palavras de Adorno, “nenhuma teoria escapa mais ao mercado” (DN. 2009, p. 12)<sup>42</sup>. Ou ainda,

A essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu. Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurecem a sementeira da barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a se

---

40 “Während jedoch die reale Geschichte aus dem realen Leiden gewoben ist, das keineswegs proportional mit dem Anwachsen der Mittel zu seiner Abschaffung geringer wird...” (DA. Band 3, s. 57).

41 “Was anders wäre, wird gleichgemacht” (DA. Band 6, s. 28).

42 “Dem Markt entgeht keine Theorie mehr” (ND. Band 6, s. 16).

afastar do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação (DE. 1985, p. 38).<sup>43</sup>

O esclarecimento é um instrumento de refinação do capitalismo e do aprofundamento da angústia mítica, sendo que agora nada mais pode ficar de fora, caso fique, existe a ameaça de autoconservação do eu. Neste sentido, “multiplicando o poder pela mediação do mercado, a economia burguesa também multiplicou seus objetos e suas forças a tal ponto que para sua administração não só não precisa mais dos reis como também dos burgueses: agora precisa de todos” (DE. 1985, p. 46)<sup>44</sup>. A razão perdeu a sua capacidade crítica porque “para se impor como sistema, eliminou [...] todas as determinações qualitativas às quais se achava ligada, caiu em uma contradição irreconhecível com a objetividade que violentou, pretendendo compreendê-la (DN. 2009, p. 27)<sup>45</sup>. E contra essa versão secularizada, Adorno propõe a filosofia reflexiva, a crítica imante por meio da dialética negativa, confrontando a filosofia alicerçada em cima de um sistema que tinha por meta a identidade universal.

Adorno se propõe a tematizar o não idêntico, a negatividade do conceito, não fazendo isso através da construção de um novo paradigma, mas pela crítica imanente para desvelar os condicionamentos que estão no interior das teorias hegemônicas e absolutas. A realidade é continuamente confrontada com o conceito, fazendo surgir o desafio de renunciar à pretensão de explicar a totalidade a partir de categorias lógicas, já que a realidade é dinâmica e o seu conteúdo continua se revelando ao ponto de não poder ser definido antecipadamente e nem ser unificado, pois “a unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo” (DE. 1985, p. 24)<sup>46</sup>. A filosofia adorniana procura fazer uma inflexão para a teoria crítica e para a dialética, estruturada até aquele momento sob o escudo de uma práxis direcionada para a adoção de critérios e interesses racionais. Para Adorno, a dialética não se completa, ela se detém indefinidamente no momento da negatividade, tencionando a razão permanentemente e à medida que ocorre a reflexividade, a razão vai iluminando a realidade

---

43 “Das Wesen der Aufklärung ist die Alternative, deren Unausweichlichkeit die der Herrschaft ist. Die Menschen hatten immer zu wählen zwischen ihrer Unterwerfung unter Natur oder der Natur unter das Selbst. Mit der Ausbreitung der bürgerlichen Warenwirtschaft wird der dunkle Horizont des Mythos von der Sonne der kalkulierenden Vernunft aufgehellt, unter deren eisigen Strahlen die Saat der neuen Barbarei heranreift. Unter dem Zwang der Herrschaft hat die menschliche Arbeit seit je vom Mythos hinweggeführt, in dessen Bannkreis sie unter der Herrschaft stets wieder geriet” (DA. Band 3, s. 49).

44 “Indem die bürgerliche Wirtschaft die Gewalt durch die Vermittlung des Marktes vervielfachte, hat sie auch ihre Dinge und Kräfte so vervielfacht, daß es zu deren Verwaltung nicht bloß der Könige, sondern auch der Bürger nicht mehr bedarf: nur noch Aller” (DA. Band 3, s. 59-60).

45 “Die ratio, die, um als System sich durchzusetzen, virtuell alle qualitativen Bestimmungen ausmerzte, auf welche sie sich bezog, geriet in unversöhnlichen Widerspruch zu der Objektivität, welcher sie Gewalt antat, indem sie sie zu begreifen vorgab” (ND. Band 6, s. 32.)

46 “Die Einheit des manipulierten Kollektivs besteht in der Negation jedes Einzelnen” (DA. Band 3, s. 29).

e mostrando as amarras que impedem a emancipação da vida. A ideia de Adorno é liberar a dialética de sua natureza afirmativa sem perder a precisão, pois o negativo se expressa como energia do pensamento. A dialética negativa pode romper com o discurso unificador e superar a autopreservação, ou seja, “a dialética revela [...] a verdade” (DE. 1985, p. 32)<sup>47</sup>.

A negatividade para Adorno será o caminho para criticar a falência do ideal iluminista, a falência do desencantamento do mundo e a sociedade administrada. Na teoria de Adorno, a ideia de razão e de filosofia estão expostas a uma forte crítica por não conseguirem encontrar respostas para os problemas da época, por não conseguirem emancipar o indivíduo como era a pretensão do esclarecimento. Por isso, Adorno parte do conceito de negatividade, pois “a expressão dialética negativa subverte a tradição” (DN. 2009, p. 07)<sup>48</sup>. A ideia de Adorno é liberar a dialética de sua positividade, de “sua natureza afirmativa, sem perder nada em determinação” (DN. 2009, p. 07)<sup>49</sup>. A primeira frase da introdução da obra *Dialética Negativa* deixa ainda mais evidente a importância da negatividade na filosofia. “A filosofia, que um dia pareceu ultrapassada, mantém-se viva porque perdeu o instante de sua realização” (DN. 2009, p. 11)<sup>50</sup>. Adorno procura desenvolver uma ideia de filosofia que tenha capacidade de sobreviver na sociedade atual, que responda à situação de pluralidade que a caracteriza e para isso, a negatividade, ou melhor, a dialética negativa, é o processo para tal alternativa, para resistir e superar a sistemática administração da vida e da sociedade.

O conceito de dialética negativa é uma forma para repensar a própria racionalidade, resgatando o significado de guiar-se pela razão e, conseqüentemente, ela é também a ferramenta para enfrentar o sistema administrado. Adorno procura “na verdade, uma exploração sistemática de uma standardização do mundo imposta tanto pelo sistema econômico quanto pela ciência ocidental (JAMESON. 1997, p. 31). Nestes termos, percebe-se que Adorno quer recuperar a força crítica do pensamento filosófico, recuperar a negatividade do conceito. Quer fazer com que a identidade não se torne uma categoria absoluta. Ele defende uma dialética na qual não é necessária elaborar uma síntese afirmativa. Adorno quer estabelecer um novo estatuto materialista para a dialética,<sup>51</sup> onde a síntese não

---

47 “Dialektik offenbart vielmehr jedes Bild als Schrift. Sie lehrt aus seinen Zügen das Eingeständnis seiner Falschheit lesen, das ihm seine Macht entreißt und sie der Wahrheit zueignet” (DA. Band 3, s. 41).

48 “Die Formulierung Negative Dialektik verstößt gegen die Überlieferung” (ND. Band 6, s. 9).

49 “Das Buch möchte Dialektik von derlei affirmativem Wesen befreien, ohne an Bestimmtheit etwas nachzulassen” (ND. Band 6, s. 9).

50 “Philosophie, die einmal überholt schien, erhält sich am Leben, weil der Augenblick ihrer Verwirklichung versäumt ward” (ND. Band 6, s. 15).

51 Jameson faz um estudo minucioso deste tema em Adorno e indicamos a obra “Marxismo Tardio: Adorno, ou a Persistência da Dialética”. Para Jameson a atualidade de Adorno se refere principalmente às contribuições

é em si mesma a afirmação de algo como consequência do princípio da contradição. Partindo dessa concepção, ele realiza um giro na filosofia, ao desarticular a lógica da identidade, derivada de uma concepção idealista. Este giro parte de um materialismo não dogmático, caracterizando a ideia como objeto e desvelando o sentido dos conceitos, através do seu processo de constituição.

Essa metodologia é uma possibilidade para pensar uma vida emancipada, não submetida à administração do sistema de espírito e de economia. A filosofia aparece como uma tentativa de exprimir alguma coisa que não é exprimível ou de definir algo que não é definível. Ela é o esforço para dizer alguma coisa, de ajudar o não idêntico a encontrar sua expressão. O não idêntico, que significa tudo o que um indivíduo apreende do seu ambiente, mas ainda não integrou no seu sistema de conceitos, deve ser expresso através da filosofia, mas, deixando-o na sua não identidade. Adorno procura construir as alternativas através da contradição do pensamento e na própria contradição ultrapassa a si mesmo para romper com a vida administrada.

O pensamento mantém uma caracterização singular, ele não assume antecipadamente um ponto de vista, apenas impele a realidade com sua insuficiência, também não precisa contentar-se com sua regularidade lógica, ele tem a capacidade de pensar contra si mesmo sem abolir-se por completo. Evidentemente, Adorno não quer descartar as categorias herdadas da filosofia, apenas encontrar dentro delas as alternativas para evitar que o outro seja hipostasiado.<sup>52</sup> Ele quer pensar meios para a razão ser uma ferramenta capaz de dar autonomia ao sujeito. A razão precisa desobstruir as camadas ideológicas que ocultam as contradições sociais e iluminar a realidade sem a expectativa de compreendê-la ou determiná-la em sua totalidade porque o “conhecimento não possui nenhum de seus objetos

---

para a compreensão da sociedade contemporânea mediante as categorias de totalidade, não-identidade e modo de produção. Jameson faz um tipo de abordagem do pensamento adorniano em que este é apreensível mediante uma centralidade do que Adorno designou como dialética negativa. O resgate da dialética, com toda sua negatividade, diante de um nominalismo que quer reduzir tudo, é o instrumento essencial de luta contra o liberalismo na sua versão atual. Jameson tentará mostrar que a atualidade de Adorno estaria justamente na recorrência de categorias, pertinentes a tal compreensão dialética, também inseparáveis das concepções marxianas do valor, do fetichismo da mercadoria e da reificação. Conforme Jameson a noção de subjetividade em Adorno, assim como em Marx, está sempre pressuposta pela objetividade que é mediada pelo sujeito, e nesse sentido tal objetividade se refere ao próprio capitalismo como conceito e realidade histórica - ao modo de produção. Na referência de Adorno há uma primazia do objeto, devemos considerar, portanto, que se trata da “sociedade” enquanto a materialização daquela objetividade. Contudo, diferentemente de Marx o método em Adorno apontará para uma concepção de constelações conceituais, isto é, para a dimensão efetivamente contraditória do real enquanto particular, concreto, onde se expressam os momentos de não-identidade.

<sup>52</sup> O conceito de hipóstase para Adorno, utilizado especialmente na Dialética Negativa, é definido no texto Terminología Filosófica (p.210): "Entendemos em filosofia por hipóstasis o fato de que um conceito, que é ele mesmo derivado, originado, ou como se dizia na época do idealismo alemão, algo posto, é considerado como se fosse algo existente em si".

completamente. Ele não deve promover o aparecimento do fantasma de um todo” (DN. 2009, p. 20).<sup>53</sup>

Adorno dá um novo sentido para a contradição, no qual a totalidade dela é uma não verdade da identificação total. Isso não quer dizer que a contradição seja uma ilusão, mas, um elemento que se identifica pela não identidade. A contradição não é o contrário de algo ou mera oposição, é algo diferente do ser que o pensamento estrutura como não identidade. Em outros termos, o que Adorno pretende é combater os sistemas totalitários de compreensão presentes em toda filosofia e também na história, pois a compreensão de um sistema totalitário influenciou a estruturação e a implantação do nazismo na Alemanha e o fascismo em outros países. Ou seja, uma noção de saber absoluto foi também o instrumento do sistema totalitário apropriado pelo nazismo como justificativa para afirmar que este saber absoluto era legítimo. Isto é, que somente uma raça superior teria condições de conduzir a sociedade para a pureza e para a emancipação, como veremos no segundo capítulo da nossa pesquisa.

Adorno chama atenção que um sistema afirmativo dominante faz as pessoas inconscientemente aderirem e reproduzirem as racionalidades da sociedade administrada, inclusive as lógicas e justificativas de atitudes bárbaras. O que o autor quer enfatizar é que a barbárie como fenômeno regressivo do mundo moderno tornou-se ainda pior do que em outros períodos da história. O retorno da violência do homem contra o homem e contra a sociedade é acompanhado de sistemas racionais que retiram a responsabilidade daqueles que praticam o ato e daqueles que estão distantes do fato. Os indivíduos tornam-se espectadores, eximindo-se da participação de atos de barbárie. Enaltece-se a omissão como legitimação que justifica a não responsabilidade, quando esta é realmente apenas mais uma forma de transformar o terror em entretenimento. Por isso a necessidade de desmistificar o conceito como algo definitivo para questionar a falsidade da totalidade.

É preciso destacar que a crítica de Adorno ao saber absoluto que pretende tornar tudo universal, teve um desencadeamento já em Marx quando ele fala que

Ao conceber a negação da negação, sob o aspecto da relação positiva a ela inerente, como única e verdadeiramente positiva e sob o aspecto da relação negativa a ela inerente, como único ao verdadeiro, e que se confirma a si próprio, de todo o ser, Hegel descobriu simplesmente uma expressão abstrata, lógica e especulativa do processo histórico, que ainda

---

<sup>53</sup> “Erkenntnis hat keinen ihrer Gegenstände ganz inne. Sie soll nicht das Phantasma eines Ganzen bereiten” (ND. Band 6, s. 25).

não é verdadeira história do homem como um dado sujeito, mas apenas a história do ato de criação, da gênese do homem (MARX. 2010, p. 12).

Marx critica a dialética hegeliana por ela ser abstrata e mecanicista e porque ela não permite que um modo de produção seja mudado pela história, pelas contradições reais da sociedade, ou seja, a sociedade é concebida como um todo estruturado racionalmente de antemão pela dialética idealista. Adorno e Marx não compartilham da mesma resposta. Para Marx, a síntese é a superação da contradição histórica e a totalidade corresponde a uma análise não fragmentada. Para Adorno, o pensamento é o concreto e não a condição da sociedade, além do mais, nada pode ser eliminado no pensamento, nada pode ser absoluto. Para Adorno, “pensar é pensar em algo” (DN. 2009, p 37)<sup>54</sup>, isto é, “pensar é, já em si, antes do todo e qualquer conteúdo particular, negar, é resistir ao que lhe é imposto, o pensamento herdou esse traço da relação de trabalho com seu material, com seu arquétipo” (DN. 2009, p. 25)<sup>55</sup>.

Isso também vale para as forças de produção, para a divisão do trabalho onde culmina o processo social da dominação, servindo de autoconservação do todo. A tarefa de Adorno não é apenas a de classificar a deformação da razão sob o impacto de transformações históricas, políticas ou econômicas específicas, mas encontrar formas de investigar a incapacidade da razão em explicar os evidentes fracassos da vida social e cultural. Na concepção de Adorno, o capitalismo segue uma lógica de uniformização e chegou num estágio tão refinado que antes mesmo de colocar um produto no mercado, já instituiu um desejo absoluto nos consumidores porque “o industrialismo coisifica as almas” (DE. 1985, p. 35)<sup>56</sup>. A razão instrumental coisificou a consciência individual de forma coletiva, sendo que no final resta apenas o fetiche. Nas palavras dos autores

O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens. A partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os seus aspectos (DE. 1985, p. 35).<sup>57</sup>

---

54 “Denken ist dem eigenen Sinn nach Denken von etwas” (ND. Band 6, s. 44).

55 “Denken ist, an sich schon, vor allem besonderen Inhalt Negieren, Resistenz gegen das ihm Aufgedrängte; das hat Denken vom Verhältnis der Arbeit zu ihrem Material, seinem Urbild, ererbt” (ND. Band 6, s. 30).

56 “Der Industrialismus versachlicht die Seelen” (DA. Band 3, s. 45).

57 “Der ökonomische Apparat staltet schon selbsttätig, vor der totalen Planung, die Waren mit den Werten aus, die über das Verhalten der Menschen entscheiden. Seit mit dem Ende des freien Tausches die Waren ihre ökonomischen Qualitäten einbüßten bis auf den Fetischcharakter, breitet dieser wie eine Starre über das Leben der Gesellschaft in all seinen Aspekten sich aus” (DA. Band 3, s. 45).

No projeto moderno a razão instrumental engessa a consciência dos sujeitos de tal forma que ele não percebe que está dentro de um todo e que este todo se apresenta como falso. A eliminação da consciência representa o estado do sujeito no mundo social, representa o controle da subjetividade do sujeito pelo esquema de poder arquitetado instrumentalmente e a tarefa de Adorno é dar condições para pensar formas de não igualar o que é diferente, de não homogeneizar o pensamento e não eternizar o todo, pois, “ao subordinar a vida inteira às exigências de sua conservação, a minoria que detém o poder garante, justamente com sua própria segurança, a perpetuação do todo” (DE. 1985, p. 38).<sup>58</sup>

A racionalidade que fundamentava o projeto moderno, que enfatizava o ser humano como uma peça de um mundo criado para ele, de modo que sua tarefa era conhecer a ordem da natureza e assim adaptar-se às leis, agora se torna um detentor da natureza através do exercício da subjetividade. Neste viés, a construção do mundo moderno tem como diretriz que o conhecimento e produção e deve estar a serviço do ser humano, seja para ele firmar o novo estatuto ontológico do ser em si, seja para definir as possibilidades antropológicas. Adorno em seus escritos denuncia este projeto moderno de razão que tem um caráter dominador, pois cabe ao ser humano determinar os fins e eleger os meios para que em toda a ação se garanta autenticidade. Podemos dizer que em Adorno, a “definição de conteúdo de verdade surge em termos negativos, como não uma coisa nem outra, ao invés de em termos positivos” (THOMSON. 2010, p. 88). Ou seja, a verdade é não conceitual, uma ligação vital com algum aspecto da existência que o pensamento racional não consegue alcançar.

O modo do pensamento dialético negativo, que se realiza em formato de constelação, segundo Adorno, produz um conhecimento verdadeiro, um conhecimento que compreende a realidade, onde também o sujeito tem a possibilidade de conhecer o seu ambiente de uma maneira íntegra porque lhe é permitido as contradições que foram produzidas pelas experiências e pelo pensamento no interior do indivíduo. Através da filosofia é alcançado um conhecimento verdadeiro, pois, por um lado, ela possui como objetivo a identificação dos objetos e por outro, permite a abertura destas identificações a novas experiências. O não idêntico vai ser apreensível através dos conceitos no pensamento dialético negativo e ao mesmo tempo vai ser conservado na sua não identidade, na sua essência. Assim, um conhecimento verdadeiro se torna possível e este também pode ser o itinerário para estabelecer um novo caráter à política. Ela precisa considerar o não idêntico, a particularidade e a pluralidade para não cair numa totalidade falsa. A política precisa se abrir

---

<sup>58</sup> “Durch die Unterstellung des gesamten Lebens unter die Erfordernisse seiner Erhaltung garantiert die befehlende Minorität mit ihrer eigenen Sicherheit auch den Fortbestand des Ganzen” (DA. Band 3, s. 48).

para o não idêntico e, por conseguinte, ultrapassar a sua finalidade por intermédio dela mesma visando à emancipação. Partimos da hipótese de uma perspectiva política negativa para libertar o conceito de política das amarras da totalidade instrumental. Assim como o “esclarecimento é mais que esclarecimento” (DE. 1985, p. 44)<sup>59</sup>, a política também é mais do que está determinada pela sociedade administrada. A política precisa ter a potencialidade de superar o falso absoluto, o valor operacional e o valor de mercado que se instaurou na vida e na sociedade, fazendo a denúncia, o contraponto, a resistência, o exercício reflexivo e dar dinamicidade para a possibilidade de emancipação da vida.

## 1.2 O PROBLEMA DA IDENTIDADE E DA TOTALIDADE

“Enquanto ainda houver um mendigo, ainda haverá mito; é por isso que a filosofia da identidade é, enquanto pensamento, mitologia” (DN. 2009, 173).<sup>60</sup>

A crítica à identidade e à totalidade traça o posicionamento que Adorno irá assumir durante toda a sua existência, demarcando posições filosóficas diante dos demais filósofos e justificando sua própria forma de pensar e de tematizar a filosofia. Desde o início de sua pesquisa ele pretende inovar tendo o objetivo de criticar o idealismo absoluto como ponto de partida da filosofia. Para Adorno

Plenitude material e concreção dos problemas é algo que a Filosofia só pode alcançar a partir do estado contemporâneo das ciências particulares. Por sua vez, a Filosofia não poderia elevar-se acima das ciências particulares para tomar delas os resultados como algo pronto e meditar sobre eles a uma distância mais segura. Os problemas filosóficos encontram-se contínua e, em certo sentido, indissolavelmente presentes nas questões mais determinadas das ciências particulares (AF. 1991, p. 05).<sup>61</sup>

Essa interpretação permite a Adorno desenvolver seu pensamento dentro da teoria crítica, indo para o campo da reflexão sobre a contemporaneidade e seus desafios. A tarefa

---

59 “Aufklärung ist mehr als Aufklärung” (DA. Band 3, s. 57).

60 “Solange es noch einen Bettler gibt, solange gibt es noch Mythos; darum ist die Identitätsphilosophie Mythologie als Gedanke” (ND. Band 6, s. 203)

61 “Materiale Fülle und Konkretion der Probleme wird die Philosophie allein dem jeweiligen Stand der Einzelwissenschaften entnehmen können. Sie wird sich auch nicht dadurch über die Einzelwissenschaft erheben dürfen, daß sie deren »Resultate« als fertig hinnimmt und in sicherer Distanz über sie meditiert. Sondern es liegen die philosophischen Probleme stets, und in gewissem Sinne unablöslich, in den bestimmtesten einzelwissenschaftlichen Fragen beschlossen” (AP. Band 1, s. 333-334).

da filosofia não consiste apenas em expor as contradições em meio às categorias do idealismo, mas redirecioná-las para transformá-las em ferramentas da razão qualificada. Adorno busca desenvolver um pensamento onde exista uma relação permanente entre sujeito e objeto, sem que nenhum dos dois polos se torne absoluto. As tentativas do idealismo moderno de solucionar a tensão entre sujeito e objeto, pensamento e realidade, sobrevalorizam o lado do sujeito, diminuindo a importância do objeto e o conhecimento que emerge a partir deste objeto. Esta estrutura, segundo Adorno, se mostrou incapaz de desenvolver a ideia de pensamento crítico, pois o sujeito constitui e também é constituído pelo objeto. Além disso, o próprio sujeito é colocado também como objeto pela reflexão, porém o objeto não pode tornar-se sujeito. Adorno pretende transformar as antinomias idealistas em um processo de pensamento dialético sem afirmar uma unidade. E nesse sentido, a dialética é o caminho possível para

Superar as dicotomias modernas entre pensamento e ser, sujeito que conceitua e objeto a conceituar, forma e conteúdo, conceito e intuição. Dicotomias que, se aceitas, levariam o pensamento às amarras da perpetuação da finitude e, ao menos segundo a tradição hegeliana, a uma maneira insidiosa de ceticismo. Tal superação dialética procura transformar a experiência crítica dos objetos, ou seja, a consciência do descompasso entre experiência e os modelos de representação de objeto, em motor de crítica da razão (TESH. 2013, p. 13).

A tensão entre o que existe e o pensamento deve sempre permanecer. Ela deve ser levada ao extremo da contradição para que no extremo o pensamento aprenda a não reduzir as contradições à condição de simples manifestação do que não pode ser pensado, por isso, “a dialética negativa é caracterizada como um antissistema e sua tarefa é a de quebrar a força do sujeito e o engano de uma subjetividade constitutiva” (PERIUS. 2008, p. 51). Sendo assim, organizar a contradição consiste em reconhecer o caráter produtivo da contradição enquanto modo de experiência no mundo.

Para Adorno, como vimos, a dialética é a consciência consequente da não identidade, onde pensamento se torna motor de uma experiência renovada. O confronto permanente do objeto com seu próprio conceito terá uma característica de dialética negativa, ou seja, temos um conceito modificado de dialética provocando um confronto com a teoria hegeliana<sup>62</sup>.

---

62 “Nenhum autêntico filósofo contemporâneo, que realmente mereça este nome, pode se eximir de um confronto com a filosofia hegeliana. Todo o projeto filosófico de Adorno se delinea a partir deste momento crítico. Hegel perde sua radicalidade dialética, segundo Adorno, no momento em que suprime a ideia de totalidade como mediação necessária – portanto, como negatividade – para torná-la objeto no saber absoluto. De um ponto de vista dialético, nenhuma determinação é possível sem a mediação da totalidade. No entanto,

“O que está em jogo, na verdade, é a explicação de uma potencialidade interna à dialética, pretensamente não explorada por Hegel” (TESH. 2013, p. 15).

A crítica de Adorno a Hegel vai ao sentido de que ele privilegiou o conceito deixando de lado a realidade; também reduziu o não idêntico ao idêntico, o particular ao universal. Através do conceito Hegel tenta superar as inconsistências da realidade. Ele formula uma síntese das particularidades do mundo empírico e para Adorno isso é uma violência porque a realidade é abstraída unilateralmente. Para Adorno, Hegel, não soube reconhecer a insuficiência do conceito para lidar com o não idêntico. O não idêntico, apesar do pensamento, permanece. Isto é, “os objetos não se dissolvem em seus conceitos” (DN. 2009, p. 12)<sup>63</sup> e esta é uma dinâmica que a dialética precisa reconhecer.

Adorno não propõe um intuicionismo imediato nem um irracionalismo ingênuo para escapar da lógica identificadora. Propõe, sim, na boa tradição platônica, um demorar e um treinar na linguagem e na ratio, no logos, para enxergar a sua insuficiência e indicar, talvez, o que seria seu outro fundador (GAGNEBIN. 1997, p. 120).

É importante ressaltar que Adorno não refuta a dialética hegeliana, ele aceita o formalismo de Hegel. Só o sujeito pode conhecer, mas ele não pode identificar e isso confere uma nova descrição do processo dialético. A reflexão filosófica deve assegurar-se do não conceitual no conceito. Em palavras diferentes, na reflexão, faz parte o não conceitual como instante do desenvolvimento do conceito. A interpretação de um conceito filosófico precisa considerar o movimento do objeto, opondo-se a aquilo que o pensamento tentou unificar. O desafio do pensamento é abrir-se para o não conceitual, visto que, sempre se trabalhou para

---

ela deverá sempre permanecer sendo esta negatividade, sob pena de levar à suspensão da reflexividade e da própria dialética” (PERIUS, 2008, p. 22-23). Para Adorno “o princípio do eu fundador de sistemas, o método puro preordenado a todo e qualquer conteúdo, sempre foi o princípio da ratio. Essa não é limitada por nada que venha de fora, nem mesmo pela assim chamada ordem espiritual. Ele (Hegel) elimina todo ente heterogêneo. [...] O sistema hegeliano não foi em si verdadeiramente um sistema devenida, mas já estava implicitamente pré-pensado em cada uma de suas determinações particulares. Um tal asseguramento condenou-o à não-verdade [...] o pensamento não faz outra coisa senão extrair de seus objetos aquilo que em si já é pensamento. Apesar do programa de exteriorização, ele se satisfaz em si mesmo, se isola, por mais que também exija com frequência o contrário. Se o pensamento realmente se exteriorizasse na coisa, se ele valesse por ela e não por suas categorias, então o objeto começaria a falar sob o olhar insistente do próprio pensamento (DN. p. 30-32). O pensamento, sempre um pensamento de conteúdos, deve mergulhar no heterogêneo, sem a segurança de conceitos prévios para garantir a tensão entre realidade e pensamento. Se a filosofia fracassou na tarefa de transformar a realidade, se a ideia não conseguiu se realizar, é tarefa agora rever e criticar o conceito (ideia) que acreditava na possibilidade dessa realização. Justifica-se aí, do ponto de vista de Adorno, o retorno à teoria. É nesse contexto que se dá a gênese da Teoria Crítica. A insuficiência da teoria tradicional, sobre a qual se assenta a razão instrumental e técnica, para realizar uma humanidade politicamente melhor, parece exigir uma reflexão sobre seus pressupostos e fundamentos. Uma racionalidade que perceba em qual todo social está inserida e seja capaz de perceber a irracionalidade deste todo, seria verdadeiramente uma racionalidade crítica. 63 “daß die Gegenstände in ihrem Begriff nicht aufgehen” (ND. Band 6, s. 17).

sintetizar o não idêntico ao idêntico, de dominar a natureza interna e externa através da racionalidade instrumental. A redução do mundo a um sistema e a uma identidade total é ao mesmo tempo ilusão e imposição do pensamento sobre a realidade, entretanto, algo sempre escapa ao conceito e aquilo que escapa é essencial para Adorno, ou seja, é a negatividade que se mantém viva e autêntica, rompendo a falsidade homogênea do todo. Conforme Adorno, “um verdadeiro conceito filosófico nunca é homogêneo, mas move-se de maneira distinta em situações sócio históricas, pressiona de outra forma o arranjo das tendências internas ao conceito” (TESH. 2013, p. 20).

É preciso dizer que para Hegel o pensamento também é negatividade, isto é, o dado não pode ser aceito como ele se apresenta, pois isso significaria um regresso para a natureza pura, no entanto, dissolve o que existe e lhe confere novos significados por intermédio do conceito. E é isto que Adorno confronta, pois não cabe ao pensamento eliminar o outro, dissolvê-lo em uma síntese, como quer Hegel, pois é a coisa que dá motivo à dialética e não o impulso organizador do pensamento.

Se a filosofia idealista estrutura seu pensamento sobre si mesma, então se perde a força crítica de tal pensamento, a sua negatividade, pois a identidade aparece como princípio absoluto. Esta metodologia, ou melhor, este pensamento, elimina outro e rejeita o novo, ou aquilo que pode surgir como inovador e emancipar a vida porque tudo já está pré-estabelecido pelo pensamento. Dizer que o pensamento não precisa de mais nada além dele próprio, é uma afirmação falsa que abre espaço para o pensamento totalitário da modernidade. A projeção racional motiva a dominação da realidade e o poder sobre o outro. Os objetos devem se adaptar para satisfazer o interesse instrumental do pensamento e da sociedade. Mas dessa forma, os indivíduos, como seres sociais, são violados pela projeção racional que se manifesta como organização e como poder administrativo. O ser humano procura organizar seu mundo de acordo com suas categorias para progredir, mas esse progresso leva-o a dominação de si porque seu pensamento está aprisionado pela totalidade falsa. Na mesma perspectiva, Kant teria errado ao separar o sujeito do objeto, pois “nem o sujeito é totalmente sujeito, nem o objeto é totalmente objeto” (DN. 2009, p. 177)<sup>64</sup>. A separação possibilitaria que o sujeito se tornasse dominante, dando um caráter instrumental. Para Adorno “o objeto só pode ser pensado por meio do sujeito” (DN. 2009, p. 185)<sup>65</sup>, ou seja, “o conceito permite pensar o objeto, porém, não esgota suas qualidades e não o substitui” (PERIUS. 2008, p. 125).

---

64 “Subjekt ist in Wahrheit nie ganz Subjekt, Objekt nie ganz Objekt” (ND. Band 6, s. 177).

65 “Objekt kann nur durch Subjekt gedacht werden” (ND. Band 6, s. 184).

Assim, estabelece-se uma nova relação entre sujeito e objeto operada pela dialética negativa, pela consciência que o indivíduo precisa tomar de si. O indivíduo também precisa reconhecer-se como objeto, como outro, para poder relacionar-se com os outros e construir a dinâmica do conhecimento e da ação. Esse processo crítico da dialética negativa oferece possibilidade de resistir e mudar a teoria tradicional, a ideologia do pensamento instrumental e permite a crítica imanente, considerando o não idêntico na sociedade.

Nesse viés, existe um indício de encontrar perspectivas políticas para a emancipação, a crítica da racionalidade pode também reconduzir o caráter e o papel da política, uma vez que ela se manifesta e orienta as ações, tanto macro, quanto micro sociais, econômicas e culturais. Uma perspectiva política alicerçada na reflexão negativa pode e deve evitar qualquer violência, seja visível ou invisível. Ou ainda, a política para ter perspectiva deveria negar as determinações que determinam a realidade social. Não basta restringir a ação na sociedade constituída, mas sim, efetivamente referir-se à produção da sociedade. A relação entre as pessoas, sociedade e política, não se dá de maneira estática e conclusiva e, nisso, a negatividade é capaz de manter uma relação imanente e gerar a verdadeira política.

A categoria da crítica imanente e conseqüentemente a sua função seria de trazer à tona as especificidades e os condicionamentos encobertos no interior das questões e das categorias filosóficas e da sociedade. Ou ainda, uma vez que a sociedade se instaurou sob o sistema da total administração, ela passa a ser revogada como sistema pelo qual se poderia deduzir uma ação política. Se a sociedade administrada tende a fazer desaparecer a figura do sujeito, Adorno procura através dele formas e possibilidades de resistência e de alternativas. É preciso, portanto, pensar a relação que existe entre sujeito e sociedade, a relação entre indivíduo e determinações históricas que pesam sobre ele. Neste sentido, “a possibilidade que a crítica pressupõe como seu solo de orientação para a recusa do existente não é mera possibilidade, mas uma espécie de latência do existente” (TESH. 2013, p. 23).

Hegel estava no caminho certo com o seu método dialético de compreensão da realidade, mas no momento em que colocou este método a serviço da positividade do sistema, eliminou seu fermento crítico e perdeu a negatividade. Adorno refuta a unidade ou a onipotência do conceito e defende que a filosofia deve romper permanentemente o conceito consigo mesmo e com aquilo que pretende ser. Para Adorno, é possível pensar sistematicamente sem positivar a realidade. O pensamento precisa exatamente do abismo que há entre o conceito e a realidade, precisa da negatividade, pois o não idêntico não pode ser eliminado. Tornar o real racional conforme Hegel queria, constituía-se num erro

totalitário, já que o “todo é falso”<sup>66</sup>. A dialética deve garantir um exercício reflexivo constante, deve permanentemente exigir a tensão entre realidade e pensamento, uma vez que a realidade parece ser o corretivo do pensamento.

Se para Hegel a história constituía-se no processo de realização da ideia, para Adorno nada garante essa identidade imediata entre teoria e a sua efetivação, aliás, a teoria pode ser a única prática possível em uma sociedade administrada. Sendo assim, a tarefa consiste em rever e criticar tal conceito para justificar uma sociedade e um indivíduo melhor através da razão reflexiva. É preciso uma racionalidade crítica que perceba a totalidade social e a falsidade desta totalidade. É preciso compreender a irracionalidade desse todo para encontrar sua racionalidade, sem, no entanto, positivá-la. A realidade, o objeto que o conceito tem como tarefa expressar, não se deduz de forma lógica do pensamento, mas permanece não idêntico em sua riqueza qualitativa.

A modernidade que trouxe consigo, por um lado, o conceito de autonomia e liberdade, traz por outro, uma série de questões que precisam ser tematizadas ou questionadas. Será que ainda faz sentido falar de uma racionalidade numa sociedade pragmática, capitalista, marcada pela irracionalidade das atrocidades cometidas pelo ser humano? Qual racionalidade elevará o homem à emancipação respeitando a alteridade, o diferente? Por um viés a racionalidade moderna, contemporânea, quer homogeneizar as consciências e por outro, quer dar autonomia individual, mas este processo parece ser apenas um disfarce para manter a consciência dos sujeitos sob controle.

O que Adorno critica não é identidade como individuação, como consciência da coisa consigo mesma, como particularidade, mas a igualação do não igual por meio de um princípio que impera soberano sobre todas as coisas, a crítica adorniana dirige-se à identidade e a não identidade como conceitos identitários, o que a dialética negativa quer é salvar o não idêntico, que preserva a identidade da coisa consigo mesma, o que faz de algo uma espécie de mônada, mas que não reduz o objeto a um conceito (TIBURI. 2003, p. 31-32).

O pensamento deve se confrontar consigo mesmo sem renunciar a identidade, mas sempre respeitando também o não idêntico porque a totalidade é o não verdadeiro, do mesmo modo que o sujeito absoluto que pretende sustentá-la. Hegel tentava reconstruir os passos do espírito rumo ao absoluto. Adorno tentará desmontá-lo, traçando o caminho inverso, ou seja,

---

<sup>66</sup> Quando Adorno fala em vida falsa ou o todo é falso é preciso compreender que esta é uma expressão que abrange uma realidade complexa e ampla, com teor histórico, objetivo e subjetivo. Ou ainda, a vida falsa, o todo falso, é a vida contemporânea que está carregada de ambiguidade.

a dialética não é só um processo progressivo, mas também é, ao mesmo tempo, regressivo. A dialética procura a parte crítica da filosofia para a humanidade não mergulhar novamente em barbáries como afirma Mattei

Não é apenas a história, como história da luta de classes, que é marcada com o ferro em brasa da barbárie; é a própria razão que revela sua barbárie desde a aurora da humanidade. A razão é posta como totalitária porque, em sua necessidade ávida de universalidade, ela só conhece a unidade, o que equivale a levar à destruição de todas as singularidades. O pensamento racional, como a civilização que o assume, seria apenas um mecanismo coercivo de dominação dos povos que se encontram esmagados nesse imenso empreendimento de liquidação da humanidade (MATTEI. 2012, p. 11-12).

É preciso preservar o impulso e os vestígios de uma filosofia negativa que seja crítica frente ao pensamento e a realidade para o sujeito não ser induzido a um único sentido. A filosofia precisa ouvir o silêncio da linguagem, aquilo que está encoberto, que está danificado e, partir disso, construir um processo de não identidade. Para Adorno, se ainda existir alguma possibilidade de esperança e de verdade, ela deve ser encontrada em meio às ruínas de uma realidade danificada. A realidade precisa ser decifrada em sua dimensão social e política no intuito de construir uma reflexão consciente e comprometida com a sociedade humana. A repulsa na qual se encontra o pensamento é o motor da dialética negativa como possibilidade de interpretar a realidade tendo em conta a não identidade, ou seja, a possibilidade para algo diferente já se encontra inscrita no sujeito, mas é preciso que isso se desenvolva e crie formato e corpo.

Além do fator da identidade e da totalidade na constituição de uma sociedade aparente, tem também o fator da indústria cultural que gera uma semiformação e fomenta a cultura de massa, tendo por finalidade legitimar a ideologia e os interesses da classe dominante. A estratégia ideológica da indústria cultural procura ser extremamente convincente e atraente para cooptar o outro sem que este se dê conta disso. Ou seja, para manter o controle, a indústria cultural acaba cumprindo uma função essencial, pois o “progresso da razão é gerador de um avanço que não pode ser separado da criação de novas sujeições e dependências, responsáveis pelo aparecimento de sintomas regressivos na cultura e de uma silenciosa coisificação da humanidade” (RUDIGER. 2004, p. 21).

### 1.3 A INDÚSTRIA CULTURAL

Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se todos os setores como liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa (DE. 1985, p. 138).<sup>67</sup>

O conceito indústria cultural foi apresentado categoricamente pela primeira vez em 1947 com a publicação da obra *Dialética do Esclarecimento*. O termo indústria cultural é decorrente da reflexão sobre a cultura industrializada durante o regime nazista alemão e o exílio dos autores nos Estados Unidos. Adorno percebe que tudo havia se transformado em produto de consumo no início do século XX, inclusive a cultura. Assim, não existia a necessidade de disfarçar o caráter mercadológico, pois a cultura virou negócio, virou ideologia que condiciona o gosto estético das massas para que haja o consumo dessas mercadorias culturais. A indústria cultural faz referência à padronização da produção, perdendo-se as peculiaridades da arte, da vida e do pensamento crítico.

Sob o poder do monopólio, toda a cultura de massas é idêntica [...] O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos (DE. 1985, 100).<sup>68</sup>

Fica nítido a ênfase ao caráter mercadológico, por isso, a indústria cultural não trabalha com a cultura e sim com o entretenimento.

Designa a exploração sistemática e programada de bens culturais, com fins comerciais [...] A indústria cultural reflete assim as mesmas relações e antagonismos que o mundo industrial das sociedades modernas, com a diferença que, cúmplice da ideologia dominante, ela tem como papel

---

67 “Alle sind frei, zu tanzen und sich zu vergnügen, wie sie, seit der geschichtlichen Neutralisierung der Religion, frei sind, in eine der zahllosen Sekten einzutreten. Aber die Freiheit in der Wahl der Ideologie, die stets den wirtschaftlichen Zwang zurückstrahlt, erweist sich in allen Sparten als die Freiheit zum Immergleichen” (DA. Band 3, s. 190)

68 “Alle Massenkultur unterm Monopol ist identisch (...) Lichtspiele und Rundfunk brauchen sich nicht mehr als Kunst auszugeben. Die Wahrheit, daß sie nichts sind als Geschäft, verwenden sie als Ideologie, die den Schund legitimieren soll, den sie vorsätzlich herstellen. Sie nennen sich selbst Industrien, und die publizierten Einkommensziffern ihrer Generaldirektoren schlagen den Zweifel an der gesellschaftlichen Notwendigkeit der Fertigprodukte nieder” (DA. Band 3, s. 141-142).

homogeneizar e tornar inofensivos os possíveis conflitos, em particular os que poderiam provir dos focos culturais (JIMENEZ. 1973, p. 85).

A cultura para Adorno e Horkheimer é um ato de questionamento e de reflexão, algo que a indústria cultural jamais fará, pois quem pensa reflete criticamente e se opõe a lógica instrumental mercadológica. A indústria cultural é uma ferramenta eficaz para manter o domínio sobre os outros porque seu produto consegue empreender uma fuga temporária nos problemas do dia-a-dia. O entretenimento isenta o indivíduo de esforços intelectuais, sejam individuais ou coletivos. Assim, “a racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma” (DE. 1985, p. 100).<sup>69</sup> Neste viés, ocorre um declínio do ser humano, não importando mais o ângulo a partir do qual o conceito de humanidade é pensado, no entanto, o sentido do pensamento é o que faz a diferença.

Percebe-se que o elo entre indústria cultural e sociedade administrada se desenvolve num só movimento. Isto é, a cultura está longe de ser uma arte.

Assiste-se, portanto, a uma progressiva inserção da arte na esfera da indústria capitalista. Rebaixando as obras do nível de mercadorias que obedecem à lei da oferta e da procura, fazendo a arte entrar no ciclo da produção – consumo, esta não apenas banaliza e se dessacraliza, mas suprime de si qualquer veleidade de contestação do domínio artístico e da cultura tradicional (JIMENEZ. 1973, p. 85).

Na modernidade as ideias passaram a ter valor econômico, a ser industrializadas e calculadas, o poder político passou a ser administrado por meios técnicos que tendem cada vez mais se uniformizar. Isto é, o poder político se tornou um instrumento de gestão da cultura burguesa. A expressão indústria cultural não se refere às empresas produtoras nem as técnicas de difusão dos bens culturais, mas representa “um movimento histórico universal: a transformação da mercadoria em matriz de modo de vida e, assim, da cultura em mercadoria” (RUDIGER. 2004, p. 22). Entretanto, é preciso compreender que os empreendimentos culturais e conglomerados de mídia são um momento do processo e não sua totalidade, mas insiste-se em afirmar que “o todo e o detalhe exibem os mesmos traços” (DE. 1985, p. 104)<sup>70</sup>. Isso ocorre porque falta entre o todo e as partes uma conexão e uma

---

69 “Technische Rationalität heute ist die Rationalität der Herrschaft selbst. Sie ist der Zwangscharakter der sich selbst entfremdeten Gesellschaft” (DA. Band 3, s. 142).

70 “Ganzes und Teile schlägt sie gleichermaßen” (DA. Band 3, s. 147)

oposição. O entrelaçamento é naturalizado e aceito sem que haja um questionamento contraditório ou uma reflexão profunda.

Com este entrelaçamento ocorre a expansão das relações de capital com o conjunto da vida social. O lazer é o prolongamento do trabalho, ou seja, o tempo livre “é planejado como empreendimento” (MM. 2008, p. 134)<sup>71</sup>. A transformação global da cultura em mercadoria é uma figura histórica, de integração social, o que por sua vez gera a ruptura social e a desintegração do próprio indivíduo porque, “na medida em que se administra a humanidade toda, administra-se também a cisão entre humanidade e cultura” (MM. 2008, p. 144)<sup>72</sup>. Na verdade, a indústria cultural tem um caráter de movimento real do capitalismo avançado, que inclui pessoas e instituições. A codificação das relações sociais pela lei de valor alcançou o terreno da formação da consciência e o conjunto da vida e encontra-se dominado pelo valor da troca, danificando a vida humana.

As atividades culturais são dirigidas e controladas, pois o sistema burguês administra o consumo e determina o processo de integração do indivíduo com a sociedade falsa, já que a sociedade é um ideal burguês. Há um controle total em relação à vontade de consumir, que acaba legitimando a dominação. Por sua vez, o desejo de consumo é renovado pelo progresso técnico, havendo assim, um planejamento racional e homogêneo da sociedade. Porém, este processo impede o surgimento e o crescimento de pensamentos heterogêneos, o que, conseqüentemente, nos leva a questionar: qual a possibilidade de o ser humano se tornar emancipado quando tudo parece estar definido antecipadamente? Este questionamento é importante porque o iluminismo, em sua faceta emancipatória, põe a cultura como formação crítica, geradora de autonomia e de liberdade, afirmando a possibilidade de uma nova sociedade que contemple plenamente o indivíduo em sua subjetividade, ao mesmo tempo em que propõe uma concepção societária onde os princípios são os da ética e do desenvolvimento integral de todos. Entretanto, a questão está em conciliar o particular com o universal, com o social, com o econômico e com o político.

O aparente clima de liberdade proporcionado pela indústria cultural, através da integração do consumo e do silêncio diante do nefasto domínio, mostra que o projeto moderno está longe de ter cumprido seus ideais porque os produtos da indústria cultural cumprem algumas funções nocivas, como por exemplo, ao serem comercializados promovem a deturpação e degradação do gosto popular para obter uma atitude passiva dos

---

71 “Sie wird geplant, auf Unternehmungen verwandt” (MM. Band 4, s. 155).

72 “Indem sie die ganze Menschheit verwaltet, verwaltet sie auch den Bruch zwischen Menschheit und Kultur” (MM. Band 4, s. 166).

consumidores. Em tese, o sistema condiciona o tipo, a qualidade e a função do consumo na sociedade e a indústria cultural provoca a homogeneização dos padrões de gosto e de estilo, pois

A reconciliação do universal e do particular, da regra e da pretensão específica do objeto, que é a única coisa que pode dar substância ao estilo, é vazia, porque não chega mais a haver tensão entre os polos: os extremos que se tocam passaram a uma turva identidade, o universal pode substituir o particular e vice-versa (DE. 1985, p. 107).<sup>73</sup>

Na medida em que a indústria cultural se consolida, mais poder ela adquire sobre o consumidor, fazendo com que ele não decida autonomamente, pois é guiado e disciplinado para tal. Ele não deve agir pela sua capacidade porque o produto prescreve todas as reações, visto que ele foi planejado estrategicamente para isso. Aquilo que a indústria cultural oferece não é mais do que a representação de algo que é sempre igual, sob formas diferentes. Ela “nao cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer” (DE. 1985, p. 115)<sup>74</sup>. Os produtos paralizam a consciência, a imaginação, a criatividade e o indivíduo apenas segue às ordens, indicações e perspectivas dadas. Como dizem Adorno e Horkheimer “rimos do fato de que não há nada de que se rir” (DE. 1985, 116)<sup>75</sup>. A sociedade é resultado dessa razão desenfreada, que iniciou na era moderna e com o passar dos anos consolidou o conceito de indústria cultural, que atrofia a capacidade de os homens pensarem e agirem autonomamente. A indústria cultural molda as pessoas de acordo com o seu método e conforme a sua política ideológica.

Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam de seu próprio eu. Desvendar as teias do deslumbramento implicaria um doloroso esforço de conhecimento que é travado pela própria situação da vida, com destaque para a indústria cultural intumescida como totalidade. A necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário (DE. 1985, p. 43).

---

73 “Die Versöhnung von Allgemeinem und Besonderem, von Regel und spezifischem Anspruch des Gegenstands, in deren Vollzug Stil allein Gehalt gewinnt, ist wichtig, weil es zur Spannung zwischen den Polen gar nicht mehr kommt: die Extreme, die sich berühren, sind in trübe Identität übergegangen, das Allgemeine kann das Besondere ersetzen und umgekehrt” (DA Band 3, s. 151).

74 “Immerwährend betrügt die Kulturindustrie ihre Konsumenten um das was sie immerwährend verspricht” (DA. Band 3, s. 161).

75 “Gelacht wird darüber, daß es nichts zu lachen gibt” (DA. Band 3, s. 162).

A técnica avançada produz e molda as pessoas conforme seus interesses, gerando pessoas frias e indefesas, além de instaurar a adaptação de forma violenta. A capacidade crítica é tolhida antes que ela possa se manifestar. Podemos considerar que a indústria cultural impõe um paradoxo: aceitar a tecnologia da indústria cultural significa que a pessoa acompanha o futuro promissor, negá-la significa um retrocesso ao passado e o banimento do mercado de trabalho e da vida social. Mas, este paradoxo é facilmente resolvido porque é aceito pela ampla maioria de pessoas que preferem acomodar-se e aceitar indiscriminadamente os produtos da tecnificação.

A indústria cultural, sob o aparato da técnica, não é neutra. Ela não se separa do capital econômico e da política tradicional que dominam os homens no intuito de obter mais lucro e poder. Ocorre sim, um processo de administração da vida, opondo-se à autonomia. A técnica possui uma racionalidade intrínseca que a impulsiona ao aperfeiçoamento, impedindo o exercício da liberdade, uma vez que todo processo é controlado por classes dominantes. A ação da indústria cultural reduziu a possibilidade de mudança, de novas concepções que pudessem contrariar o enquadramento de esquemas predeterminados. O produto cultural se tornou um meio de reprodução do mecanismo econômico e social. Por isso, “a indústria cultural não sublima, mas reprime” (DE. 1985, p. 115)<sup>76</sup>. Outrossim, o que é decisivo atualmente não é o puritanismo, “mas a necessidade imanente ao sistema de não soltar o consumidor, de não lhe dar em nenhum momento o pressentimento da possibilidade da resistência” (DE. 1985, p. 117)<sup>77</sup>.

Esse processo também se estende para o campo político onde “a unidade implacável da indústria cultural atesta a unidade da formação política” (DE. 1985, p. 101)<sup>78</sup>. Esse aspecto faz com que a diferença seja uma mera ilusão, devido aos meios técnicos estarem padronizados. Isso demonstra que tudo está preestabelecido, pensado de antemão. A razão totalitária já estabeleceu as condições e indicou os trâmites a serem seguidos, demonstrando que não existe relação entre o todo e as partes. No entanto, a proposta de Adorno é estabelecer uma política cultural reflexiva para despertar os indivíduos para a necessidade de olhar para a contradição e estabelecer processos de resistência perante a indústria cultural planejada. A dimensão cultural precisa desenvolver a tensão entre pontos antagônicos e

---

76 “Kulturindustrie sublimiert nicht, sondern unterdrückt” (DA. Band 3, s. 162).

77 “...sondern die im System liegende Notwendigkeit, den Konsumenten nicht auszulassen, ihm keinen Augenblick die Ahnung von der Möglichkeit des Widerstands zu geben” (DA. Band 3, s. 164).

78 “Die rücksichtslose Einheit der Kulturindustrie bezeugt die heraufziehende der Politik” (DA. Band 3, s. 144).

complementares, desenvolver a negatividade e a capacidade de consciência crítica porque a lógica da indústria cultural se impregnou na sociedade e na vida das pessoas. Ela “só se interessa pelos homens como clientes e empregadores e, de fato reduziu a humanidade inteira” (DE. 1985, p. 121)<sup>79</sup>. Com isso, “a violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas” (DE. 1985, p. 105)<sup>80</sup>. Na verdade, ela “volta a oferecer como paraíso o mesmo quotidiano” (DE. 1985, p. 117)<sup>81</sup>, pois sua ideologia se esconde na probabilidade do cálculo e menospreza o ser humano como ser pensante. O direito à existência é tomado, o ser humano se torna genérico e nulo pelos procedimentos da indústria cultural, onde as massas recebem a orientação moral, política, ideológica para produzir a identidade única. Enfim, Adorno não faz só a crítica ao conceito, ao preciosismo lógico e formal, mas também à forma deturpada que o caráter maligno do social assume no discurso político administrado.

#### 1.4 A CRÍTICA À RACIONALIDADE INSTRUMENTAL

“Pensar é um agir, teoria é uma forma de *práxis*” (PS. 1995, p. 204).

Adorno, na elaboração de seu pensamento e de seus escritos, faz críticas ao projeto de razão que aflorou na Idade Moderna. A razão havia se tornado absoluta, universal e instrumental, alicerçada e protegida por um sistema conceitual, impedindo o surgimento de algo novo. “O que um dia quis ultrapassar o dogma e a tutela por meio da certeza de si transformou-se em asseguramento social de um conhecimento para o qual não deve acontecer mais nada” (DN. 2009, p. 38)<sup>82</sup>. Não que Adorno seja contra a razão, mas argumenta que o método empregado, ou a forma como a razão foi conduzida e no que ela se transformou, não formou e não forneceu emancipação concreta aos indivíduos e nem construiu uma sociedade mais humana. Esta ficou presa a um sistema universal já moldado e fechado em si. Entretanto, a mudança só poderia ser buscada e alcançada nos detalhes.

Nesse sentido, Adorno procura elaborar uma crítica à racionalidade instrumental e ao mesmo tempo procura compreender o propósito do esclarecimento e das inúmeras

---

79 “Die Industrie ist an den Menschen bloß als an ihren Kunden und Angestellten interessiert und hat in der Tat die Menschheit als ganze wie jedes ihrer Elemente auf diese erschöpfende Formel gebracht” (DA. Band 3, s. 169).

80 “Die Gewalt der Industriegesellschaft wirkt in den Menschen ein für allemal” (DA. Band 3, s. 148).

81 “Kulturindustrie bietet als Paradies denselben Alltag wieder an” (DA. Band 3, s. 164).

82 “Was einmal Dogma und Bevormundung durch Selbstgewißheit überholen wollte, wurde zur Sozialversicherung einer Erkenntnis, der nichts soll passieren können” (ND. Band 6, s. 45)

barbáries executadas, inclusive, por concepções políticas, de poder. O grande objetivo da racionalidade moderna era a possibilidade de o indivíduo autodeterminar-se, de transformar a sociedade por certezas científicas e tornar a natureza matéria e material da ação humana. O mundo deveria ser desencantado e construído pelo homem e só por ele, tendo novos valores e resultados na ação, devendo aquilo que não for resultado eficiente, ser visto como resíduo histórico e ultrapassado, desaparecendo, sendo extirpado, eliminado. Assim, a razão se torna um instrumento utilitarista para diversos fins e egocentrismos, onde “o saber que é poder não conhece barreira alguma” (DE. 1985, p. 18)<sup>83</sup>. A razão instrumental é fruto de um movimento positivista que procura administrar o pensamento e as ações do indivíduo. Ela é o caminho para a dominação técnica da natureza interna e externa, onde “o entendimento que vence a superstição deve imperar sobre a natureza desencantada” (DE. 1985, p. 20)<sup>84</sup>.

Na história da razão moderna houve o enaltecimento do potencial subjetivo e os

Modos de subjetivação se transformaram no principal campo do poder. Um poder que se desdobra no conflito entre o poder do sujeito para comandar sobre seus desejos e poder das estruturas para comandar os desejos do sujeito. O resultado dessa disputa é que define a liberdade do sujeito ou a sujeição do indivíduo (RUIZ. 2006, p. 97).

Isso vai ao encontro do pensamento de Adorno quando diz que, “no sentido mais amplo do processo do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores” (DE. 1985, p. 19)<sup>85</sup>. Contudo, esse objetivo tem levado o projeto moderno de razão ao fracasso, porque a lógica de sistema racional universaliza abstrações, sem considerar e ver o que está no interior das categorias, fazendo com que a humanidade se torne escrava de si mesma, criando uma nova mitologia. Mesmo assim, o iluminismo reforça que “o saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo” (DE. 1985, p. 20)<sup>86</sup>. O que importa é a ação realizada com eficiência, porém esta forma de saber e poder administra a sociedade, mascarando a realidade e tornando o indivíduo um mero espectador ou seguidor da razão instrumental. Basta citar os

---

83 “Das Wissen, das Macht ist, kennt keine Schranken” (DA. Band 3, s. 20).

84 “Der Verstand, der den Aberglauben besiegt, soll über die entzauberte Natur gebieten” (DA. Band 3, s. 20).

85 “Seit je hat Aufklärung im umfassendsten Sinn fortschreitenden Denkens das Ziel verfolgt, von den Menschen die Furcht zu nehmen und sie als Herren einzusetzen” (DA. Band 3, s. 19).

86 “Das Wissen, das Macht ist, kennt keine Schranken, weder in der Versklavung der Kreatur noch in der Willfähigkeit gegen die Herren der Welt” (DA. Band 3, s. 20).

acontecimentos ocorridos na antiga União Soviética e no Leste Europeu, sucumbidos na burocracia do socialismo, além da destruição dos ideais de democracia e liberdade; as experiências do nazismo na Alemanha; fascismo na Itália e a indústria cultural nos Estados Unidos que conseguiu conectar a população aos interesses do poder dominante. Todos esses projetos foram alicerçados na racionalidade que olhava para os fins e não para os meios.

#### Na dominação técnica moderna

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência (DE. 1985, p. 20)87.

O pensamento se degradou em mero processo técnico, igualando o indivíduo aos objetos. Na busca do progresso, o modelo de racionalidade perde de vista o ponto de chegada, pois “o que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado” (DE. 1985, p. 38)88. Em vez de a razão tornar os indivíduos emancipados, munidos de subjetividade crítica e de reflexividade, ela se transformou numa categoria ideológica reificada e totalizadora. Emerge, assim, a subjetividade centrada no eu pensante. Entretanto, esta racionalidade chegou ao ponto extremo da instrumentalização, modificando o *ethos* humano, numa vivência pragmática concebida a partir da ciência, da técnica, do saber unificado, que tinham por objetivo a dominação do que era diferente. A razão se torna um instrumento nocivo à vida onde, para chegar a determinados fins, emprega-se meios desumanos à vivência - seja ela individual ou coletiva -, emprega-se meios coercitivos para justificar o progresso falso. Sobre o predomínio dessa racionalidade perversa, Duarte diz que

O objeto dessa denúncia é o processo de dominação, ora explícita, ora escamoteada, ao qual tem estado submetida toda a civilização ocidental desde os seus primórdios. A realidade desse processo tem sido, no final das contas, a decadência, ainda que ela às vezes se apresente camuflada em progresso (1997, p. 12).

---

87 “Was die Menschen von der Natur lernen wollen, ist, sie anzuwenden, um sie und die Menschen vollends zu beherrschen. Nichts anderes gilt. Rücksichtslos gegen sich selbst hat die Aufklärung noch den letzten Rest ihres eigenen Selbstbewußtseins ausgebrannt” (DA. Band 3, s. 20).

88 “Was als Triumph subjektiver Rationalität erscheint, die Unterwerfung alles Seienden unter den logischen Formalismus, wird mit der gehorsamen Unterordnung der Vernunft unters unmittelbar Vorfindliche erkaufte” (DA. Band 3, s. 43).

Em decorrência disso, na concepção de Adorno, a ciência moderna e as novas tecnologias e invenções estão despossuídas de um senso crítico. Elas estão imbricadas numa relação recíproca e são corresponsáveis pelas principais atrocidades cometidas contra a humanidade. Na verdade, o conceito de razão instrumental é sinônimo de poder, isto é, “a razão enquanto razão instrumental assimilou o poder, renunciando dessa forma a sua força crítica” (HABERMAS. 1990, p. 120). Adorno e Horkheimer denunciam o domínio da natureza e do ser humano pela técnica, pela instrumentalização, pela posituação, fazendo uso da teoria crítica, pois “todas as explicações racionais naufragam quando tentam construir uma visão conclusiva do ser humano. Frente ao abismo do humano a vertigem dos conhecimentos é sempre relativa, já que toda explicação é produzida por aquele que ela quer explicar, o ser humano” (RUIZ. 2006, p. 111-112). A teoria crítica tem a função de revitalizar a consciência e provocar novas ideias, capazes de reposicionar o ser humano consigo mesmo e frente ao outro. A teoria crítica se posiciona frente à ordem estabelecida, buscando um horizonte teórico e prático emancipatório.

Vale destacar que a expressão teoria crítica surgiu nos escritos de Horkheimer na obra Teoria Crítica e Teoria Tradicional, em 1937, para pensar a relação entre sujeito e objeto, bem como o seu desenvolvimento histórico. O conceito de teoria crítica de Horkheimer deve ser compreendido no sentido da crítica dialética da economia política, mas, sem desmerecer a crítica à razão, até porque a razão ao mesmo tempo em que faz a “subjetivação, que exalta o sujeito, também o condena” (HORKHEIMER. 2003, p. 98). Dentre as tarefas da teoria crítica está a de tornar claro que a estrutura do ordenamento social possui contradições que devem ser conhecidas, pois a forma de organização do conjunto da sociedade se configura como uma contradição consciente do modelo capitalista e burguês.

Horkheimer aponta que os resultados obtidos ao longo da história, variam, não são idênticos. No entanto, estão sob domínio repressivo, logicamente organizados pelo sujeito, que permanece amparado na racionalidade instrumental. O sujeito fragilizado reproduz e unifica, confere forma à matéria dada pelos elementos pré-conceituais das informações reprimidas em sua consciência. Para Horkheimer

Os homens não são apenas um resultado da história em sua indumentária e apresentação, em sua figura e seu modo de sentir, mas também a maneira como veem e ouvem é inseparável do processo de vida social tal como este se desenvolve através dos séculos. Os fatos que os sentidos nos fornecem são pré-formados de modo duplo: pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter histórico do órgão perceptivo. Nem um nem outro são meramente naturais, mas informados pela atividade humana, sendo que

o indivíduo se autopercebe, no momento da percepção, como perceptivo e passivo (1980, p. 125).

Esta característica faz com que Adorno e Horkheimer pensem um modelo filosófico que aborde a racionalidade reflexiva, evitando que a filosofia mantenha uma atitude meramente afirmativa. A teoria crítica não se limita a dizer como as coisas funcionam, mas procura analisar o funcionamento real delas à luz de uma emancipação. E, ao mesmo tempo não se conforma a uma pura aplicação da teoria, já que estas são construções sociais e por isso ela deve posicionar-se frente aos condicionantes de manipulação social. Dizem os autores: “o pensamento sobre questões sociais poderia, pelo menos, tomar como ponto de partida as tendências opostas à ciência oficial. Mas também estas são presas do processo global de produção” (DE. 1985, p. 12)<sup>89</sup>. A teoria crítica está preocupada com a transformação da ordem social existente, em tornar os sujeitos cientes de coerções visíveis e ocultas para que cada um decida com base em suas prioridades. Também está inquieta frente à racionalização formal das relações entre os sujeitos onde os aspectos quantitativos sobressaem aos qualitativos “sob a hegemonia do princípio da equivalência entre coisas e coisas, homens e coisas” (HORKHEIMER. 1990, p. XV).

O papel da teoria crítica é realizar e atualizar o diagnóstico da época, procurar os potenciais emancipatórios inscritos na realidade da sociedade administrada e, simultaneamente, identificar os obstáculos ao desenvolvimento desses potenciais. Esse papel foi proposto por Horkheimer, para se referir à obra de Marx como matriz dessa teoria, e, ao mesmo tempo, orientar para um diagnóstico do capitalismo moderno bastante distinto do de Marx. O conceito de teoria crítica só surge, portanto, no momento em que componentes teóricos centrais do marxismo pareciam invalidados ou superados. A atualização de tal teoria, que frequentemente se realiza por meio de críticas severas entre os seus representantes, é a condição da sua continuidade para pensar processos emancipatórios, levando em conta os contextos econômicos, sociais, políticos de cada época.

Neste sentido, a orientação para a emancipação é o primeiro princípio fundamental da teoria crítica. A perspectiva da emancipação torna possível a teoria, pois é ela que abre caminho para a compreensão das relações sociais, do conjunto da sociedade, através da orientação. Sem essa perspectiva de emancipação fica-se apenas no âmbito das ilusões criadas pela lógica interna da organização social capitalista. Em outras palavras, a teoria

---

<sup>89</sup> “...so könnte das Denken über gesellschaftliche Fragen wenigstens an die Richtungen anknüpfen, die zur offiziellen Wissenschaft oppositionell sich verhalten. Aber auch diese sind von dem Gesamtprozeß der Produktion ergriffen” (DA. Band 3, s. 12).

precisa romper e descobrir o que está encoberto “exatamente porque toda a vida de hoje tende cada vez mais a ser submetida à racionalização e ao planejamento” (HORKHEIMER. 2003, p. 100). A teoria crítica precisa ser um mecanismo para extinguir este planejamento calculado que prevê a autopreservação do próprio indivíduo e do sistema posto.

A obra Teoria Crítica e Teoria Tradicional de Horkheimer é importante para tentar entender a estrutura da personalidade da classe operária europeia e as causas que levaram o proletário a não ter mais condições de derrotar a estrutura capitalista. O desencantamento do mundo havia aberto o caminho para a neutralização do real e isso fez com que “a completa transformação do mundo em um mundo mais de meios do que de fins é em si mesma a consequência do desenvolvimento histórico da produção” (HORKHEIMER. 2003, p. 106). A teoria crítica procura dar respostas aos problemas inerentes à época e procura entender como o sistema capitalista consegue se perpetuar, agora não somente pela produção, mas também pela racionalidade, isto é, pelas relações produtivas. “Segundo os teóricos de Frankfurt, essa classe teria perdido a consciência de sua missão histórica, submetendo-se às formas de dominação e exploração totalmente contrárias ao seu interesse emancipatório” (FREITAG. 2004, p. 13). Além do processo histórico da produção, o indivíduo também se torna um meio pela racionalidade instrumental, pois a “história dos esforços humanos para subjugar a natureza é também a história da subjugação do homem pelo homem. O desenvolvimento do conceito do ego reflete essa dupla história” (HORKHEIMER. 2003, p. 109).

Tanto Horkheimer quanto Adorno percebem que o capitalismo não se apossa e não se desenvolve apenas pela materialidade dos produtos, mas se fortalece pela racionalidade instrumental. A razão, transformada em instrumento de dominação se tornou “o processo de transição para o mundo administrado” (DE. 1985, p. 9)<sup>90</sup>. Não é mais a natureza externa e nem o produto que orienta a conduta humana e social, mas sim a racionalidade, “o procedimento eficaz [...] O número se tornou o cânon do esclarecimento” (DE. 1985, p 18-20).<sup>91</sup> A teoria crítica precisa ter um comportamento reflexivo. Ela não pode se limitar a descrever o mundo social e aparente, mas tem que examiná-lo sob a perspectiva da distância que separa o que existe de possibilidades melhores nele e que ainda não foram realizadas. A “orientação para a emancipação exige que a teoria seja expressão de um comportamento crítico relativamente ao conhecimento produzido sob condições sociais capitalistas e à própria realidade social que esse conhecimento pretende apreender” (NOBRE. 2004, p. 33).

---

90 “... den Übergang zur verwalteten Welt” (DA. Band 3, s. 9).

91 “die Zahl wurde zum Kanon der Aufklärung” (DA. Band 3, s. 23).

O comportamento crítico não é algo que o teórico impõe, mas sim um princípio inscrito no real. O posicionamento crítico “permite identificar as tendências estruturais do desenvolvimento histórico e seus arranjos concretos da perspectiva das potencialidades e dos obstáculos à emancipação” (NOBRE. 2004, p. 33). Adorno diz que o pensamento crítico, a teoria reflexiva, é uma “força [...] transformadora” (PS. 1995, p. 210).

Com este caráter, a teoria passa a ter um sentido de ação, o que fundamenta a obra de Horkheimer e também vários pensadores da Escola de Frankfurt<sup>92</sup>. Isso também faz com que ele possa se diferenciar da teoria tradicional que apenas apresentava a ligação entre os fatos isoladamente, sem valorizá-los, ou seja, a teoria tradicional tem um método atemporal, de maneira a tentar eliminar o cerne histórico que lhe é constitutivo. A teoria crítica procura analisar o processo histórico e refletir sobre o conhecimento produzido, ela não se comporta de forma crítica apenas com o conhecimento produzido sob condições capitalistas, mas se insere na estrutura de tal sociedade, na relação com a realidade que esse conhecimento pretendeu apreender. Ela consegue fazer isso através do processo dialético negativo que consiste num modo de compreensão que não se limita a considerar um único aspecto de uma mesma realidade como sendo o mais importante. Horkheimer procura chamar atenção para a realidade que está dissimulada por uma totalidade racional, por um pensamento de unicidade, mas a “teoria crítica não se deixa enganar pela aparência” (HORKHEIMER. 1991, p. 64). Assim, o comportamento crítico ou a teoria crítica torna-se possível porque é fundada numa orientação para a emancipação da sociedade, para a efetivação da liberdade que o sistema administrado ao mesmo tempo permite e bloqueia.

Essa característica demonstra que os pensadores do Instituto de Pesquisa Social têm como objetivo analisar o sistema capitalista e as contradições desse sistema, ou seja, o fracasso da ciência moderna e do capitalismo nas soluções dos problemas sociais, econômicos, políticos e filosóficos. Para fazer esta análise, eles possuem o subsídio das obras de Karl Marx, que possibilitou compreender a organização da sociedade capitalista e a natureza da lógica do mercado. Importante frisar que para Marx, o proletariado seria o sujeito histórico da revolução por meio da organização social e produtiva, mas, para os pensadores do Instituto, essa lógica marxista não se concretizou e nem iria se concretizar, pois, o capitalismo não se autodestruíu como Marx previra. Na verdade, a crítica da economia

---

92 Para uma consideração mais detalhada sobre da Escola de Frankfurt podemos recorrer a JAY, Martin. *La Imaginación Dialéctica* (1986). Outra obra muito reconhecida e que analisa toda a vasta produção teórica da Escola acompanhando também os aspectos biográficos é o texto de WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política* (2002).

política feita por Marx era insuficiente para a análise da sociedade naquele momento, mesmo preservando alguns conceitos como fetichismo, alienação, etc., A teoria crítica se depara com a necessidade de buscar explicações para mecanismos que se desenvolvem na sociedade e que não podem ser reduzidos meramente a uma análise econômica, pois todos aqueles “cavalheiros e damas distintos não só exploravam continuamente a miséria dos outros, mas ainda produziam-na, renovavam-na para poder viver a sua custa e aprontavam-se para defender esse estado de coisas a preço do sangue alheio, tanto quanto preciso fosse” (WIGGERSHAUS. 2006, p. 80). Portanto, o problema existente é uma crise da razão que “se manifesta na crise do indivíduo, por meio da qual se desenvolveu” (HORKHEIMER. 2003, p. 131). Em outras palavras, com a crise da razão ou “com a enfermidade do indivíduo, o aparelho intelectual aguçado do homem atua de novo contra os homens como arma cega da pré-história animal, que ele nunca deixou de ser para a espécie, ao se voltar contra o resto da natureza” (DE. 1985, p. 156).<sup>93</sup>.

Em decorrência disso, as leis que operam na sociedade são estranhas ao indivíduo, que é incapaz de se perceber como parte integrante do mecanismo de produção de capital. O indivíduo vive de forma reificada e Adorno e Horkheimer consideram a teoria crítica como via de mudança no modo de organização econômica, cultural, política e social, pois, a teoria tradicional não correspondia para fazer o enfrentamento ao capitalismo avançado. Na teoria tradicional, o indivíduo não se vê como parte de um processo contraditório, em que suas potencialidades são desenvolvidas no trabalho ou em qualquer outra atividade, ao contrário, de forma geral, ele aceita as determinações impostas pela teoria tradicional como um modelo natural, e assim passa a guiar seu comportamento com a finalidade de preencher essas determinações. Mais do que isso, o indivíduo encontra satisfação pessoal ao sentir-se adaptado aplicando suas forças na realização de tarefas cotidianas determinadas pelo sistema administrado. Por isso, é preciso avançar para o campo da teoria crítica que envolve diagnóstico do tempo presente, orientação para a emancipação e comportamento crítico. Horkheimer procura mostrar que a teoria tradicional em sua origem está ligada ao avanço das chamadas “ciências naturais”, mais especificamente a matemática e a física, visto que o êxito alcançado por essas ciências era tido como modelo. Na verdade, teoria

---

93 “Mit der Überwindung der Krankheit des Geistes, die auf dem Nährboden der durch Reflexion ungebrochene Selbstbehauptung wuchert, würde die Menschheit aus der allgemeinen Gegenrasse zu der Gattung, die als Natur doch mehr ist als bloße Natur, indem sie ihres eigenen Bildes innewird” (DA. Band 3, s. 225).

Equivale a uma sinopse de proposições de um campo especializado, ligadas de tal modo entre si que se poderiam deduzir algumas dessas teorias todas as demais [...] Teoria, em sentido preciso, é um encadeamento sistemático de proposições de uma dedução sistematicamente unitária (HORKHEIMER. 1991, p. 31-32).

A teoria tradicional opera por um método dedutivo, onde prevalece a matemática, sendo estendido para todas as ciências, inclusive as ciências humanas. A crítica de Horkheimer se dirige, principalmente, à formalização do procedimento científico e de sua ligação com o tratamento de seus objetos, pois a redução do método a operações lógicas esconde que a própria atividade científica está ligada a fenômenos sociais e econômicos. A teoria crítica denuncia o caráter puramente descritivo da realidade e reforça a necessidade de mostrar a distinção estrutural da sociedade. A teoria tradicional havia separado indivíduo e sociedade e isso faz com que o comportamento humano tenha a própria sociedade como seu objeto e para Horkheimer, qualquer crítica que parta de um diagnóstico de classe reproduz a mesma lógica para a qual se dirige.

A teoria em sentido tradicional, cartesiano, como a que se encontra em vigor em todas as ciências especializadas, organiza a experiência à base da formulação de questões que surgem em conexão com a reprodução da vida dentro da sociedade atual. Os sistemas das disciplinas contêm os conhecimentos de tal forma que, sob circunstâncias dadas, são aplicáveis ao maior número possível de ocasiões [...] A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida (HORKHEIMER. 1991, p. 69).

A teoria crítica não se preocupa apenas com os fins tais como são apresentados pelas formas de vida vigentes, mas, trata dos homens com todas as suas possibilidades. Dessa maneira, a teoria crítica preserva o próprio sentido da filosofia, pois ela não é uma hipótese de trabalho qualquer que se mostra “útil para o funcionamento do sistema dominante, mas sim um momento inseparável do esforço histórico de criar um mundo que satisfaça às necessidades e forças humanas” (HORKHEIMER. 1991, p. 70). A crítica não almeja somente a ampliação do saber, mas, acima de tudo, ela intenciona emancipar o indivíduo de uma situação escravizadora. Na teoria crítica o sujeito pode ser visto como “uma obra de arte que se realiza a si mesmo pela interação imprevisível da sua força criativa com a alteridade” (RUIZ. 2006, p. 71).

Os filósofos da teoria crítica perceberam que existe um contexto diferente daquele vivido por Marx, e como o capitalismo se aperfeiçoou, o pensamento de Marx não havia se concretizado integralmente, isto é, o capitalismo não produziu sua própria destruição. Na

verdade, o sistema capitalista se tornou ainda mais forte, administrando também a vida, por isso, a teoria crítica ao focalizar as bases da situação atual, passa a ser a crítica da economia e da sociedade administrada. E essa nova estrutura fez com que para Adorno não existisse mais um sujeito histórico capaz de levar a termo a revolução, pois ele está inserido dentro de um todo falso, dentro de uma liberdade aparente e dentro de uma racionalidade reificada. A teoria crítica, com seu conteúdo, transforma os conceitos dominantes da economia em seu oposto. Ela mostra a “intensificação da injustiça social no conceito da troca justa, o domínio do monopólio no de economia livre, a consolidação de situações atravancadoras da produção no de trabalho produtivo, a pauperização dos povos no de sobrevivência da sociedade” (HORKHEIMER. 1991, p. 71).

Adorno estava convencido de que no trabalho de Marx havia duas problemáticas diferentes; a primeira é da crítica do capitalismo, da revelação das contradições do modo capitalista de produção e a segunda problemática procura trazer uma alternativa, que seria a revolução proletária e a construção do comunismo. Adorno partilhava da ideia de que a primeira problemática era de grande valia, mas, a segunda estava superada, sendo necessário novas interpretações e formulações. Além disso, se ficasse apenas na crítica econômica, não haveria um pensamento dialético, mas sim mecanicista o que contraria os princípios da própria teoria crítica. A questão essencial do pensamento de Adorno é o esclarecimento da racionalidade a partir do que ela mesma considera seu oposto. “Não alimentamos dúvida nenhuma – e nisto reside nossa *petitio principii* – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” (DE. 1985, p. 13).<sup>94</sup>

Adorno estrutura seu pensamento de tal forma que ele não se reduz ao conhecimento científico e nem se orienta pelo sistema capitalista. A filosofia dele constitui-se na autorreflexão histórica, isso não significa que ela tenha abandonado as exigências do pensamento lógico, na verdade ele radicaliza-o mostrando suas incoerências. “Se uma parte do conhecimento consiste no cultivo e no exame atento da tradição científica [...], em compensação, no colapso atual da civilização burguesa, o que se torna problemático é não apenas a atividade, mas o sentido da ciência” (DE. 1985, p. 11)<sup>95</sup>. Mostrar as incoerências tanto na época de Adorno, como agora, é um dos pressupostos da filosofia. É preciso

---

94 “Wir hegen keinen Zweifel - und darin liegt unsere *petitio principii* -, daß die Freiheit in der Gesellschaft vom aufklärenden Denken unabtrennbar ist” (DA. Band 3, s. 13).

95 “Bildet die aufmerksame Pflege und Prüfung der wissenschaftlichen Überlieferung (...) so ist dafür im gegenwärtigen Zusammenbruch der bürgerlichen Zivilisation nicht bloß der Betrieb sondern der Sinn von Wissenschaft fraglich geworden” (DA. Band 3, s. 11).

continuar denunciando os abusos, as violências do pensamento dominador, do sistema capitalista e político para emancipar a vida humana.

Neste aspecto, o pensamento de Adorno reconhece o heterogêneo, o dissonante, o fragmentário, o descontínuo como diagnóstico da própria filosofia e como dinâmica para interrogar o presente. Na verdade, interpreta os conceitos pelo revés. Se para Hegel o todo é o verdadeiro, para Adorno, o todo é falso. Como ele mesmo diz “o todo é o não verdadeiro” (MM. 2008, p. 46)<sup>96</sup>, ou ainda, verdadeiro é tão somente o pensamento que não se compreende a si mesmo. Essa forma de interpretação são formulações que alertam contra a lógica do sistema, contra o pensamento da totalidade. Neste sentido, o ensaio é a forma como Adorno expõe sua filosofia, uma vez que ele permite um ingresso original nos textos teóricos e situa o mundo presente.

Para Adorno, a razão não se constitui apenas como objeto de investigação, mas também, é o meio que possibilita a reflexão e a crítica. Adorno faz uma crítica a toda filosofia, “desde Platão e Aristóteles, passando por Descartes, Bacon e todo o idealismo Alemão até o pensamento contemporâneo de Husserl e Heidegger” (TIBURI. 1995, p. 12), pois, a filosofia não foi crítica o suficiente em relação ao próprio procedimento e à sua finalidade. Assim, o projeto filosófico de Adorno passa pela teoria crítica com o intuito de desdobrar as questões da realidade social, da política, do positivismo, da racionalidade instrumental, contrapondo-se ao conhecimento unificador.

A teoria crítica tem a pretensão de ver o que existe, de analisar os obstáculos a serem superados para novas possibilidades e de potencialidades poderem surgir, fomentando a autonomia de todos. Ou seja, “o pensamento crítico, não se detém nem mesmo diante do progresso, exige hoje que se tome partido pelos últimos resíduos de liberdade, pelas tendências ainda existentes a uma humanidade real, ainda que pareçam impotentes em face da grande marcha da história” (DE. 1985, p. 9)<sup>97</sup>.

O sentido da atualidade da filosofia crítica de Adorno é denunciar a racionalidade estreita, opaca, administrada, denunciar a falsidade da totalidade, os sistemas repressivos e encontrar o que ainda há de verdade através do exercício reflexivo. Da mesma forma, a real política, que pode ser a possibilidade de emancipação, também está encoberta pelo discurso da totalidade, da certeza administrada, da teoria tradicional e, neste sentido, é preciso expor o que ainda existe de realidade para encontramos vestígios de liberdade, de política e o meio para isso, passa pela teoria crítica e pela dialética negativa.

---

96 “Das Ganze ist das Unwahre” (MM. Band 4, s. 55).

Com essa leitura, desde o início a tarefa dos pensadores de Frankfurt era resgatar a dimensão crítica da filosofia e das ciências sociais por meio de estudos interdisciplinares que congregavam diversas formas de conhecimento, tal como a sociologia, a psicanálise, a pesquisa empírica, teorias artísticas e, obviamente, a própria filosofia para se contrapor ao sistema vigente. Em vez de um pensamento teórico pretensamente desinteressado de seu objeto de estudo, tal como a teoria tradicional, a teoria crítica trouxe para a própria teoria a dimensão transformadora da realidade, passando por três fases. A primeira tem a característica de estabelecer o materialismo interdisciplinar, a segunda salienta a mudança da teoria tradicional para a teoria crítica e a terceira desenvolve a crítica a razão instrumental. Assim, a teoria crítica não é apenas um conceito filosófico, ela é uma categoria, uma ferramenta pela qual os pensadores elaboram as ações contra a forma mecanicista de sociedade, pois a reestruturação do capitalismo faz com que hoje ele assuma um viés planejado e cognitivo, alterando a concepção marxista. Essa nova fase pode ser denominada como capitalismo de estado ou ainda, como Adorno e Horkheimer denominam: capitalismo administrado ou mundo administrado.

Nesta fase, o despertar do sujeito tem como preço o reconhecimento do poder como princípio de todas as relações, isto é, a ação dos homens modernos é permeada por compreensões funcionalistas da ciência que uniformiza o pensamento numa posição favorável à razão instrumental. A ciência com sua “tecnificação torna entrementes os gestos precisos e rudes, e com isso os homens. Ela expulsa dos movimentos toda a hesitação, toda ponderação, toda urbanidade” (MM. 2008, p. 36).<sup>97</sup> Assim, o capitalismo administrado é um sistema que se fecha em si mesmo, bloqueando a possibilidade de superar injustiças e estruturar uma outra sociedade, capaz de reconhecer as diferenças e respeitar a heterogeneidade de pensamento. Em outras palavras, o capitalismo administrado ou o mundo administrado é controlado de forma política e burocrática, especialmente pela razão instrumental. O pensamento se torna violento e tem a meta de dominar, de se tornar hegemônico, ou seja, molda-se e introduzem-se pensamentos prontos na sociedade e na consciência dos indivíduos para que ele não precise pensar por conta própria. Captura-se o que existe de mais rico nos indivíduos: a sua consciência, o que dificulta pensar e estruturar um sistema político, uma emancipação do sujeito e uma sociedade mais justa.

---

<sup>97</sup> “Die Technisierung macht einstweilen die Gesten präzise und roh und damit die Menschen. Sie treibt aus den Gebärden alles Zögern aus, allen Bedacht, alle Gesittung” (MM. Band 4, s. 43).

Aqui nota-se mais nitidamente a diferença com o pensamento marxista, pois, para Adorno, não existe mais um sujeito revolucionário centralizado no proletariado, em função de que esse não dispunha dos meios e muito menos consciência crítica para tal.

A inexistência de um sujeito capaz de transformar a sociedade levando a cabo uma práxis concebida teoricamente por este mesmo sujeito leva Adorno à conclusão de que a práxis é inviável e, assim, a teoria orientadora se torna a última forma de práxis, pois esta pode ser realizada pelo indivíduo solitário (TIBURI. 1995, p. 25).

Esse é um problema central na teoria de Adorno, se a práxis é inviável, qual seria então o sentido da teoria? Qual o sentido de ter uma teoria orientadora num indivíduo solitário? O sujeito autônomo e racional proclamado no início da modernidade vê-se, com o avanço da modernidade administrada, enredado numa nova forma de heteronomia diante de poderes metafísicos que o anulam totalmente: o mercado, a ciência e a técnica. Como afirmar o potencial emancipatório desse projeto? Essa interpretação adorniana faz com que ele seja rotulado como pessimista, pois, está se apontando para certa decadência da práxis. No entanto, a forma de práxis criticada por Adorno é aquela divinizada pela sociedade burguesa, a práxis da produtividade e do progresso parciais que, no entanto, representa apenas a forma histórica do homem, mas não o substrato último. Adorno leva até as últimas consequências este modo de pensar, pelo fato de que se a sociedade administrada tende a fazer desaparecer a figura do sujeito livre e “é de interesse da própria prática que a teoria reconquiste sua autonomia [...] Sem ela, a prática que sempre quer transformar não poderia ser transformada” (DN. 2009, p. 125).<sup>98</sup> Adorno procura justamente pelo sujeito e por registros de possibilidade de resistência. A filosofia dele consiste em pensar a tensa relação que mantém entre si indivíduo e sociedade e estes com as suas determinações históricas que sobre eles pesam.

Em Adorno a maneira de pensar a teoria não é externa ao conceito e nem objeção ao pensamento dialético. Ela “não escapa à contradição de insistir naquilo que ela mesma afirma como falho, na medida em que é teoria, mas persiste, porque dela não deve fugir – talvez, o conceito ainda não esteja totalmente perdido enquanto seja tomado como um modo de práxis” (TIBURI. 1995, p. 25-26). A teoria só consegue sua independência refletindo e percebendo o quanto está imersa na situação que ela critica. Até o crítico mesmo que esteja moldado, consegue uma distância, mesmo que mínima, que faz com que seja capaz de

---

98 “daß Theorie ihre Selbständigkeit zuruckgewinnt, ist das Interesse von Praxis selber. (...) ohne sie könnte die Praxis, die immerzu verändern will, nicht verändert werden” (ND. Band 6, s. 147).

confrontar-se com tal realidade. No entanto, essa distância não está acessível a todos. Não é alcançável mesmo àqueles que, muitas vezes, são os que mais sofrem na situação vigente. Por isso, “os únicos que podem se opor espiritualmente a isso são aqueles que esse mundo não modelou completamente” (DN. 2009, p. 42).<sup>99</sup> Embora isso soe elitista e antidemocrático, como o próprio Adorno reconhece, quem imagina que qualquer pessoa pode fazer tais experiências que são necessárias para a crítica que “ignora o que o mundo administrado faz com seus membros forçados” (DN. 2009, p. 42).<sup>100</sup> Em outras palavras, a dominação é tamanha que chega a ser difícil percebê-la; é tão abrangente que só poucos conseguem distanciar-se dela o suficiente para conseguir notá-la. Cabe “àqueles que, em sua formação espiritual, tiveram a felicidade imerecida de não se adaptar completamente às normas vigentes (...) expor com um esforço moral, por assim dizer por procuração, aquilo que a maioria daqueles em favor dos quais eles o dizem não consegue ver ou se proíbe de ver por respeito à realidade” (DN. 2009, p. 43)<sup>101</sup>.

Adorno procura observar que o mundo ainda não está completamente administrado, sendo papel do filósofo crítico ter a ciência de orientar para onde devemos ir e isto é uma tarefa que exige elaboração, teoria e consciência própria. Ou seja, trata-se de criticar a razão e sua utilização como instrumento de dominação, pela própria razão como instrumento de exercício de liberdade, como potência emancipatória no sentido de ser ela que nos coloca na consciência de sermos sujeitos de nossa história e de que a natureza não é estática, mas construída. O sujeito livre e emancipado só pode vir pelo reconhecimento de sua própria impossibilidade. É preciso fazer um diagnóstico do que é falso para chegar a um parâmetro do que é verdadeiro e esta é essencialmente uma dimensão política e filosófica. Como bem diz Adorno “chocando-se com os seus próprios limites, esse pensamento ultrapassa a si mesmo” (DN. 2009, p. 13)<sup>102</sup>.

## 1.5 A DIALÉTICA NEGATIVA NA TEORIA CRÍTICA DE ADORNO

“É sua negatividade intrínseca, seu particular poder crítico, que rompe com hábitos mentais e conjuntos de certezas filosóficas petrificadas,

---

99 “Geistig können nur die dagegen an, die sie nicht ganz gemodelt hat” (ND, Band 6, s. 51).

100 “... ignoriert es, was die verwaltete Welt aus ihren Zwangmitgliedern macht” (ND, Band 6, s. 51).

101 “An denen, die das unverdiente Glück hatten, in ihrer geistigen Zusammensetzung nicht durchaus den geltenden Normen sich anzupassen - ein Glück, das sie im Verhältnis zur Umwelt oft genug zu büßen haben - , ist es, mit moralischem Effort, stellvertretend gleichsam, auszusprechen, was die meisten, für welche sie es sagen, nicht zu sehen vermögen oder sich aus Realitätsgerechtigkeit zu sehen verbieten” (ND, Band 6, s. 51).

102 “Indem es auf seine Grenze aufprallt, übersteigt es sich” (ND, Band 6, s. 17).

mergulhando em seus elementos constitutivos mais profundos” (SOUZA, 2004, p. 96).

Adorno suspeita de que é possível subverter os conceitos através da dialética negativa. Ele formula a expressão dialética negativa e a propõe como uma forma para pensar e agir sobre a consciência reificada, que é reflexo da realidade produzida por um sistema administrado. Ele entende a negatividade como uma intenção com a finalidade de “libertar a dialética de tal natureza afirmativa, sem perder nada em determinação” (DN. 2009, p. 7).<sup>103</sup> A expressão *dialética negativa* parece ser paradoxal, mas, Adorno percebe que ela é logicamente consistente e “se esforça por colocar no lugar do princípio de unidade e do domínio totalitário do conceito supraordenado a ideia daquilo que estaria fora do encanto de tal unidade” (DN. 2009, p. 8).<sup>104</sup> Essa característica da dialética negativa só foi possível, como já salientamos acima, a partir de Hegel e, ao mesmo tempo, a contrapelo de sua dialética positiva. Ou seja, a filosofia adorniana é condicionada pelo fracasso dos sistemas idealistas, totalitários e, por sua vez, a dialética negativa define-se em contraposição à lógica do sistema hegeliano. Da análise detida e detalhada da filosofia hegeliana, Adorno vai contra tecendo os fios de seu originário modo de pensar. Ele afirma que “no curso de sua progressão, ela precisa se renovar incessantemente, a partir de sua própria força do mesmo modo que a partir do atrito com aquilo com o que se mede; é aquilo que passa nela que decide não uma tese ou posição; o tecido, não o curso de via única dedutivo ou indutivo do pensamento (DN. 2009, p. 36)<sup>105</sup>.

Na mesma linha Pucci descreve que

Hegel via na negatividade o movimento do conceito para o outro como um momento imprescindível dentro do processo maior da dialética, em direção à síntese, à consumação sistemática, Adorno via extrema dificuldade de argumentação caminhar irreversivelmente em direção a uma síntese inequívoca. Fez da negatividade o sinal distintivo de seu pensamento precisamente porque acreditava que Hegel havia se equivocado ao fazer coincidir razão e realidade (1998, p. 32).

---

103 “...Dialektik von derlei affirmativem Wesen befreien, ohne an Bestimmtheit etwas nachzulassen” (ND. Band 6, s. 9).

104 “...trachtet sie, anstelle des Einheitsprinzips und der Allherrschaft des übergeordneten Begriffs die Idee dessen zu rücken, was außerhalb des Banns solcher Einheit wäre” (ND. Band 6, s. 10).

105 “Sie muß in ihrem Fortgang unablässig sich erneuern, aus der eigenen Kraft ebenso wie aus der Reibung mit dem, woran sie sich mißt; was in ihr sich zuträgt, entscheidet, nicht These oder Position; das Gewebe, nicht der deduktive oder induktive, eingleisige Gedankengang” (DA. Band 6, s. 44).

Percebe-se que a dialética negativa pretende ser uma estrutura aberta, dinâmica e com potencialidade interna. A negatividade é um instrumento de reflexão, caso contrário, ao receber algo que se oferece à mente sem refletir sobre este algo, seria potencialmente o mesmo que aceitá-lo tal como é. O pensamento precisa do movimento negativo para refletir, do exercício permanente entre forma e conteúdo, entre realidade e conceito. Ou seja, “a utopia do conhecimento seria abrir o não conceitual com conceitos, sem equipará-lo a esses conceitos” (DN. 2009, p. 17)<sup>106</sup>. Na verdade, “a constituição impositiva da realidade, que o idealismo tinha projetado para a região do sujeito e do espírito, deve ser reportada para um espaço fora dessa região” (DN. 2009, p. 17)<sup>107</sup>.

Diante do contexto da dominação universal, da razão instrumental, da política de mercado, das relações de poder viciadas que danificam a vida, não seria possível suavizar as divergências propondo soluções conciliatórias e falsas. Por isso, a postura de Adorno, não se dá somente diante de determinada situação, mas também diante das interpretações teóricas absolutas que geravam conformismo e consciências aparentes. “Era preciso expor com força, profundidade e com coragem a negatividade intrínseca das coisas, levando as tendências antitéticas ao extremo” (PUCCI. 2012, p. 78). Para Adorno, o conceito não podia ser dado por imposição, mas por meio das tensões existentes, na exposição viva e dura das contradições capazes de levar o sujeito a se situar com autonomia no conhecimento do real. Mesmo que seja impossível pensar sem definir, os conceitos não esgotam a plenitude da realidade. De certa forma, o conceito é insuficiente quando pretende ser total. Por isso, o “idealismo falha no momento em que institui o sujeito como portador da verdade do objeto, já que o objeto nem sequer é levado em conta em sua não identidade. A verdade do sistema idealista converte-se, deste modo, em verdade artificial” (PERIUS. 2008, p. 110). Ou como o próprio Adorno afirma

O empobrecimento da experiência provocado pela dialética [tradicional], [...] revela-se no mundo administrado como adequado à sua monotonia abstrata. O que há de mais doloroso na dialética é a dor em relação a esse mundo, elevada ao âmago do conceito. O conhecimento precisa se juntar a ele, se não quiser degradar uma vez mais a concretude ao nível da ideologia; o que realmente está começando a acontecer (DN. 2009, p. 14).<sup>108</sup>

---

106 “Die Utopie der Erkenntnis wäre, das Begrifflose mit Begriffen aufzutun, ohne es ihnen gleichzumachen” (ND. Band 6, s. 21).

107 “Die zwangshafte Verfassung der Realität, welche der Idealismus in die Region von Subjekt und Geist projiziert hatte, ist aus ihr zurückzuübersetzen” (ND. Band 6, s. 22).

108 “Die Verarmung der Erfahrung durch Dialektik jedoch, über welche die gesunden Ansichten sich entrüsten, erweist sich in der verwalteten Welt als deren abstraktem Einerlei angemessen. Ihr Schmerzhaftes

Adorno salienta que a totalidade não é somente sujeito, mas sim, “tanto um conjunto de sujeitos quanto sua negação” (DN. 2009, p. 17)<sup>109</sup>. Assim, tomar o todo como negatividade que aponta para a insuficiência das partes, torna a dialética negativa determinada. Isto é, “o que é justamente por ser mais do que é, revela que qualquer identidade em sua falsidade é uma forma negativa de verdade” (PERIUS. 2008, p. 110). Percebe-se, agora mais claramente, que a totalidade não é apenas sujeito e a dialética procura “aproximar uma da outra a coisa e a expressão, até a indiferenciação” (DN. 2009, p. 55).<sup>110</sup> Adorno afirma que “nenhuma das reconciliações sustentadas pelo idealismo absoluto, desde a reconciliação lógica até a histórico-política, se mostrou válida” (DN. 2009, p. 14)<sup>111</sup>. Ou seja, o pensamento idealista visto não como um momento do processo, mas absolutizado como fim em si mesmo, produz uma aparência conceitual da realidade. No entanto, “para o conceito, o que se torna urgente é o que ele não alcança” (DN. 2009, p. 15)<sup>112</sup>. Em outras palavras, é preciso manter viva a contradição, dar espaço ao não idêntico para ele se chocar contra seu limite e forçar a emancipação da vida e quiçá, da sociedade e da política.

A dialética para Adorno, na conjuntura das determinações da sociedade administrada pela racionalidade instrumental, só pode se cumprir negativamente, pois essa, se opõe a mera contemplação ou aceitação. O que é capaz de fazer saltar o insolúvel é a negação. A negação é capaz de gerar novas constelações de conhecimentos, novos formatos de emancipação, novas formas e relações políticas. A falha do pensamento tradicional consiste em tomar a identidade por seu objetivo absoluto. Na visão de Adorno, no sistema fechado ou no sistema tradicional da dialética, “o pensamento não faz outra coisa senão extrair de seus objetos aquilo que em si já é pensamento” (DN. 2009, p. 32). É importante reforçar que a dialética negativa não faz desaparecer a identidade, mas, muda-a qualitativamente. “A identidade não desaparece por meio de sua crítica; ela se transforma qualitativamente” (DN. 2009, p. 130)<sup>113</sup>. A intenção da contradição dialética é dirigir-se para a construção do novo, do diferente. Enquanto o conceito formal tem uma exigência imanente de fixação, de sempre o mesmo, a dialética negativa tende a conjecturar que a forma do pensamento já não converte seus objetos em imutáveis, pois, a experiência contradiz tal imobilismo. Além disso, as

---

ist der Schmerz über jene, zum Begriff erhoben. Ihr muß Erkenntnis sich fügen, will sie nicht Konkretion nochmals zu der Ideologie entwürdigen, die sie real zu werden beginnt” (ND. Band 6, s. 18).

109 “...ebenso ein Inbegriff von Subjekten ist wie deren Negation” (ND. Band 6, s. 22).

110 “Sache und Ausdruck bis zur Indifferenz einander zu nähern” (ND. Band 6, s. 66).

111 “Keine der Versöhnungen vielmehr, die der absolute Idealismus - jeder andere blieb inkonsequent - behauptete, von den logischen bis zu den politisch-historischen, war stichhaltig” (ND. Band 6, s. 19)

112 “Dringlich wird, für den Begriff, woran er nicht heranreicht” (ND. Band 6, s. 20).

113 “Durch ihre Kritik verschwindet Identität nicht; sie verändert sich qualitativ” (ND. Band 6, s. 152).

contradições reais não poderiam ser resolvidas apenas no âmbito do conceito, elas não se reduzem somente à imanência do sujeito, são objetivas e o aparato conceitual pode pensá-las, mas não as dissolver. A realidade e o conceito “ligam-se por meio de uma crítica recíproca” (DN. 2009, p. 35)<sup>114</sup> que só a dinâmica da dialética negativa pode proporcionar.

Nos argumentos de Adorno,

O nervo da dialética como método é a negação determinada. Ela se baseia na experiência da incapacidade de a crítica deter-se no universal, despachando o objeto criticado ao subsumi-lo pelo alto sob um conceito que funciona como seu mero representante. Somente é fecundo o pensamento crítico que libera a força armazenada em seu próprio objeto. Ele, ao mesmo tempo, o libera a seu favor, na medida em que o adverte de que ele ainda não é ele próprio (TESH. 2013, p. 165).<sup>115</sup>

A riqueza da dialética negativa não está apenas em mostrar seus momentos paradoxais e ambíguos, mas também em tentar encontrar no centro desses momentos os apelos para sua historicidade. Em síntese, “a dialética se origina da experiência da sociedade antagonica, não do mero esquema conceitual. A história de uma época não conciliada não pode ser um desenvolvimento harmônico. Apenas a ideologia, que nega tal caráter antagonico, produz tal harmonia” (TESH. 2013, p. 167)<sup>116</sup>. A realidade precisa ser permanentemente confrontada com o seu conceito, com o que ela pretende ser. Se Hegel havia pensado a dialética para estar a serviço do sistema, no qual a história seria resolvida num processo de (re) conciliação entre realidade e conceito, Adorno vê esse processo como permanentemente aberto, pensado como negatividade, o que permite a sobrevivência do pensamento crítico. Ou seja, a totalidade, a universalidade dos conceitos tornava a realidade abstrata, vazia e, Adorno, através da negatividade, consegue expor e defender que existe verdade na realidade singular e esta tem potencial de corrigir o conceito sem se fechar em si mesma. Enfim, a dialética que leva em conta a prioridade do objeto é capaz de perceber em cada identificação o que se perdeu do objeto. Não se trata de invalidar a atividade conceitual,

---

114 “...verbinden sich durch Kritik aneinander” (ND. Band 6, s. 42).

115 “Der Nerv der Dialektik als Methode ist die bestimmte Negation. Sie basiert auf der Erfahrung der Ohnmacht von Kritik, solange sie im Allgemeinen sich hält, etwa den kritisierten Gegenstand erledigt, indem sie ihn von oben her einem Begriff als dessen bloßen Repräsentanten subsumiert. Fruchtbar ist nur der kritische Gedanke, der die in seinem eigenen Gegenstand aufgespeicherte Kraft entbindet; für ihn zugleich, indem sie ihn zu sich selber bringt, und gegen ihn, insofern sie ihn daran mahnt, daß er noch gar nicht er selber sei” (DSH. Band 5, s. 318).

116 “Auch die aber entspringt in der Erfahrung der antagonistischen Gesellschaft, nicht im bloß erdachten Denkschema. Die Geschichte des unversöhnten Weltalters kann nicht die harmonischer Entwicklung sein: dazu macht sie bloß die Ideologie, welche ihren antagonistischen Charakter verleugnet” (DSH. Band 5, s. 319).

e sim, apontar para a sua insuficiência, sua negatividade, para ir além, para qualificar a realidade e o próprio conceito.

Para Adorno, “a verdade é objetiva e não plausível” (DN. 2009, p. 43)<sup>117</sup>. Assim, o desencantamento racional e conceitual da vida e da sociedade proposto pelo iluminismo não livrou os homens do medo e não os investiu na posição de senhores, mas sim, subjugou ainda mais o ser humano ao poder dominante porque o “lado subjetivo correspondia à tendência de quantificação a redução daquele que conhece a um universal desprovido de qualidade, a algo puramente lógico” (DN. 2009, p. 45)<sup>118</sup>. Percebe-se que quanto mais se quantifica a vida, menos vida existe, pois, “o indivíduo torna-se sujeito na medida em que se objetiva graças à sua consciência individual, na unidade de si mesmo tanto quanto na unidade de suas experiências” (DN. 2009, p. 46-47)<sup>119</sup>. Assim, percebe-se que o processo da dialética negativa enquanto possibilidade crítica se constituiu num grande desafio, pois como vimos, ela não aceita e nem se deixa conduzir passivamente por um pensamento uniformizado, ela se autocria e recria na própria expressão e na relação com sua determinação. Ela é permanentemente mediada e crítica a tal ponto que “verdadeiros são apenas os pensamentos que não compreendem a si mesmos” (DN. 2009, p. 48)<sup>120</sup>.

O pensamento precisa permanentemente se renovar e se exercitar, não podendo ser fixado em um conjunto de teses imutáveis. Na verdade, “o conhecimento dialético [...] tem por tarefa perseguir a inadequação entre pensamento e coisa; experimentá-la na coisa” (DN. 2009, p. 133).<sup>121</sup> Para conceber uma sociedade e um indivíduo emancipado é necessário buscar elementos e explicações dentro das particularidades e para além do que está posto, ou seja, considerar o não idêntico. Neste sentido, a dialética negativa cumpre um papel essencial quando afirma a possibilidade de realização ou de verdade do singular. “A virada em direção ao não idêntico verifica-se em sua realização, se ela permanecesse uma declaração, ela se desdiria” (DN. 2009, p. 130-131).<sup>122</sup>

Na sociedade administrada o sistema tende a transformar tudo em autoritarismo, inclusive a política, e, quando isso acontece, pode-se desembocar facilmente em

---

117 “Wahrheit ist objektiv und nicht plausibel” (ND. Band 6, s. 52).

118 “Der Quantifizierungstendenz entsprach auf der subjektiven Seite die Reduktion des Erkennenden zu einem qualitätslos Allgemeinen, rein Logischen” (ND. Band 6, s. 54).

119 “Zum Subjekt wird das Individuum, insofern es kraft seines individuellen Bewußtseins sich objektiviert, in der Einheit seiner selbst wie in der seiner Erfahrungen” (ND. Band 6, s. 56).

120 “Wahr sind nur die Gedanken, die sich selber nicht verstehen” (ND. Band 6, s.57-58).

121 “Dialektische Erkenntnis (...) ist es an ihr, der Inadäquanz von Gedanke und Sache nachzugehen; sie an der Sache zu erfahren” (ND. Band 6, s. 156).

122 “Die Wendung zum Nichtidentischen bewährt sich in ihrer Durchführung; bliebe sie Deklaration, so nähme sie sich zurück” (ND. Band 6, s. 157).

totalitarismo e ou outras barbáries quaisquer. Mesmo quando o regime político não é totalitário, a vida tende a ser administrada porque a estrutura política está voltada para a totalidade, ou seja, resta pouca perspectiva para a pessoa se tornar autônoma e viver uma verdadeiramente, pois, com a administração da vida a pessoa se sujeita “docilmente” ao que é proposto pela sociedade positivista, prejudicando a vida humana e fortalecendo a sociedade administrada, fato esse que pode ser exemplificado e visto na Segunda Guerra Mundial:

O fato de o nazismo ter conseguido mobilizar massas populares confirmou a convicção adorniana de que os seres humanos pensantes podem perfeitamente trabalhar de bandidos contra si mesmos. Tornava-se cada vez mais evidente que a consciência das pessoas era condicionada, sim, mas não imediatamente dirigida por interesses econômicos. Muitos alemães que aplaudiram o Fuehrer pertenciam a camadas ou setores da sociedade que seriam (como logo foram) prejudicados pela sua política (KONDER. 2010, p. 57).

Adorno está preocupado com a falsa realidade que impede a emancipação. Ou seja, a tomada de decisão consciente dos indivíduos, o olhar sobre a vida transferiu-se para a ideologia econômica e para racionalidade administrada “a qual esconde que não há mais vida” (MM. 2008, p. 09)<sup>123</sup>. O sistema reprimiu a vida mesmo assim, o capitalismo acredita e espalha a ideia de liberdade e de sociedade justa, pois ele tem a pretensão de ser neutro, ou seja, ninguém sai favorecido ou desfavorecido, já que todos os indivíduos teriam oportunidades iguais. Porém, o mercado em vez de “promover a igualdade e a liberdade que promete, perpetua e aprofunda desigualdades que estão na origem do próprio capitalismo, acirrando as diferenças de poder e de riqueza entre capitalistas e proletários” (NOBRE. 2004, p. 28-29). Na verdade, temos um sistema capitalista de produção versus proletariado, mas o sistema determina a consciência das pessoas. É uma dominação coisificada, reificada. O momento da objetividade da verdade é substituído por um subjetivismo burguês e Adorno alerta para o perigo de transformar interpretações subjetivas em pontos de vista determinados por identificações do pensamento adequadas a realidade deliberada.

Adorno trabalha numa perspectiva de racionalidade aberta, que não se fecha em si mesma, pois se fosse dessa forma, seria um dogmatismo. A teoria crítica de Adorno questiona o sentido da própria teoria e também da prática e ainda faz a distinção entre esses dois momentos. Teoria crítica “significa, antes de mais nada, dizer o que é em vista do que ainda não é mas pode ser” (NOBRE. 2004, p. 09-10). Ela permite enxergar o mundo real, as

---

123 “... die darüber betrügt, daß es keines mehr gibt” (MM. Band 4, s. 13).

potencialidades e o novo que ainda não nasceu, mas que se encontra em germe no próprio existente. Essa abertura

Não significa uma entrega sancionada à irracionalidade existente. A interpretação filosófica que submerge nos fragmentos da realidade e os agrupa constelativamente não pretende oferecer uma nova resposta à pergunta do ser, quer dizer, revelar o sentido último do real, como fez até agora a tradição filosófica, mas destruir esta pergunta. Contudo, a destruição não é um assunto do puro pensamento, este somente contribui com seu trabalho interpretativo para encontrar a chave que pode permitir que a realidade se abra de vez. Que se abra de fato é coisa da práxis. Essa é, pois, a consequência última da interpretação filosófica, que aponta para a transformação da realidade (ZAMORA. 2008, p. 246).

Tal estrutura permite Adorno dar voz ao que é dissonante, ao que é particular, denunciando a totalidade aparente para dar novas perspectivas da realidade. O conhecimento filosófico não teria o papel de resolver os problemas a partir de elementos unificadores e subjetivos, como ocorreu em boa parte da tradição. Mas ao contrário disso, o programa do conhecimento crítico terá como ponto de partida o material das ciências particulares, “que cristaliza pequenos elementos carentes de sentido que, posteriormente, serão agrupados através da interpretação filosófica em imagens históricas que iluminarão a realidade” (AF. 1991)124.

Essa forma de ver a realidade faz com que Adorno comece a estruturar um pensamento filosófico considerável, contrapondo-se ao mundo administrado. Por isso, é preciso fazer um esforço para investigar a própria razão pois, com a ciência moderna “a ratio torna-se irracional quando esquece isso, quando hipostasia suas produções, as abstrações, contra o sentido do pensamento” (DN. 2009, p. 37).125 esse projeto fica explícito nas obras de Adorno. Ele procura compreender por que a racionalidade em vez de constituir uma sociedade livre, acabou produzindo um sistema social que bloqueou estruturalmente a chance de emancipar os indivíduos e transformar a sociedade.

Perceber o que é antagônico através da teoria e da dialética negativa reforça a ideia de que a teoria numa sociedade administrada pode ser a única esperança para desvelar a realidade oculta, já que a ação da maioria dos indivíduos está regrada pela realidade aparente. Na medida em que a emancipação está bloqueada, caberia à teoria crítica salvaguardar a

---

124 “die kleine, intentionslose und dennoch mit dem philosophischen Material verbundene Elemente auskristallisiert, wie die deutende Gruppierung sie nötig hat.” (AF. Band 1, s. 340).

125 “Ratio wird irrational, wo sie das vergißt, ihre Erzeugnisse, die Abstraktionen, wider den Sinn von Denken hypostasiert” (ND. Band 6, s. .44).

ideia de liberdade para um momento em que essa pudesse novamente se realizar. Trata-se da ideia da teoria crítica como garrafas jogadas ao mar, na esperança de que alguém posteriormente as recolha e faça bom uso delas. É, sobretudo, uma ideia de resistência: manter vivo o ideal de uma sociedade verdadeira, justa e emancipada em um momento em que até mesmo tal ideal corre perigo de desaparecimento. Hoje “não se deve filosofar sobre o concreto, e sim muito mais a partir dele” (DN. 2009 p. 36).<sup>126</sup> Neste sentido, a teoria crítica “no curso de sua progressão, precisa se renovar incessantemente, a partir de sua própria força do mesmo modo que a partir do atrito com aquilo com o que se mede; é aquilo que se passa nela que decide não uma tese ou posição” (DN. 2009, p. 36)<sup>127</sup>.

---

126 “Nicht über Konkretes ist zu philosophieren, vielmehr aus ihm heraus” (ND. Band 6, s. 43).

127 “Sie muß in ihrem Fortgang unablässig sich erneuern, aus der eigenen Kraft ebenso wie aus der Reibung mit dem, woran sie sich mißt; was in ihr sich zuträgt, entscheidet, nicht These oder Position” (ND. Band 6, s.44).

## 2 A DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO: ENTRE A VIDA ADMINISTRADA E A VIDA EMANCIPADA

Quando afinal a autoconservação se automatiza, a razão é abandonada por aqueles que assumiram sua herança a título de organizadores da produção e agora a temem nos deserdados (DE. 1985, p. 38).<sup>128</sup>

Em nota preliminar na obra *Dialética do Esclarecimento*, Guido Almeida fala que “o esclarecimento de que falam não é, como o iluminismo, ou a ilustração, um movimento filosófico ou uma época histórica determinados, mas o processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza, ou seja, o processo de racionalização que prossegue na filosofia e na ciência” (DE. 1985, p. 8). Isto é, o esclarecimento sempre esteve presente, tanto é que quando queriam desmitologizá-lo científica e racionalmente acabaram criando um novo mito que por sua vez subtraiu ainda mais a vida e a sociedade aos interesses dominantes. Com o projeto moderno de razão, aprofunda-se o não reconhecimento do outro, daquilo que aparece de heterogêneo. Na verdade, em toda a história o outro sempre foi o problema e a racionalidade técnica quis uma vez por todas extirpá-lo em nome da universalidade aparente.

Adorno e Horkheimer estão convictos que “o crescimento renovado do totalitarismo não são meros incidentes históricos” (DE. 1985, p. 9)<sup>129</sup>, mas fruto de um planejamento racionalmente arquitetado. Os autores citados são profundamente críticos ao conceito de esclarecimento porque ele converteu o ser humano em mercadoria abstrata que só tem valor quando pode ser quantificado para satisfazer interesses hegemônicos. Portanto, “o esclarecimento consiste aí, sobretudo, no cálculo da eficácia e na técnica de produção e difusão” (DE. 1985, p. 15)<sup>130</sup>, essa estrutura praticamente liquida com a vida individual e com o pensamento que pretende ser crítico, provocando a decadência do indivíduo. Esse pensamento também está por trás de Auschwitz que é ponto chave da decadência da racionalidade moderna, pois o outro, o não idêntico, foi morto por um pensamento político que difundiu uma falsa verdade para querer “limpar” a sociedade. Com isso posto,

---

128 “Ist am Ende Selbsterhaltung automatisiert, so wird Vernunft von denen entlassen, die als Lenker der Produktion ihr Erbe antraten und sie nun an den Enterbten fürchten” (DA. Band 3, s. 49).

129 “... das erneute Anwachsen des Totalitarismus sind so wenig nur historische Zwischenfälle” (DA. Band 3, s. 9).

130 “Aufklärung besteht dabei vor allem im Kalkül der Wirkung und der Technik von Herstellung und Verbreitung” (DA. Band 3, s. 16).

pretendemos neste capítulo tematizar as implicações do desencantamento do mundo, a lógica de decadência do indivíduo, o outro e Auschwitz como experiência chave da decadência.

## 2.1 AS IMPLICAÇÕES DO DESENCANTAMENTO DO MUNDO

“A falta de consideração pelo sujeito torna as coisas fáceis para a administração” (DE. 1985, p. 166).

Como já foi mencionado acima, o desencantamento do mundo é um conceito chave no pensamento de Adorno e Horkheimer. Em vez de compreender sob o termo apenas o movimento intelectual europeu do século XVIII, eles o incluem em um processo que caracteriza toda a civilização ocidental para compreender as origens da superioridade da subjetividade, uma vez que esta buscou destruir o animismo mitológico e as tradições. “Desencantar o mundo é destruir o animismo” (DE. 1985, p. 18).<sup>131</sup> O esclarecimento toma o mito como uma visão de mundo, uma ordenação estática e que deve ser superada. O animismo deve ser identificando enquanto história e superação de suas raízes míticas. O desencantamento do mundo procura realizar a passagem do caos à ordem, enquanto movimento de destruição, desencantamento e reordenamento. Para o esclarecimento

O elemento básico do mito sempre foi o antropomorfismo, a projeção do subjetivo na natureza. O sobrenatural, o espírito e os demônios seriam as imagens especulares dos homens que se deixam amedrontar pelo natural. Todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, ao sujeito (DE. 1985, p. 19).<sup>132</sup>

Para Adorno, a subjetividade sempre procurou se impor com certo otimismo para mostrar o caminho da emancipação, mas, foi na modernidade que ela ganhou relevância absoluta. Com o avanço da tecnologia e da ciência, a tensão entre objeto e sujeito se tornou abstrata e a razão se firmou como instrumental, mantendo a autoconservação do sujeito. No momento em que o sujeito se torna racional, fazendo uso de um método científico, ele se conserva numa inércia porque já existe um sistema pré-estabelecido. Estrutura-se um pensamento onde o que interessa é a finalidade, porém, a finalidade é guiada por um método

---

131 “Die Entzauberung der Welt ist die Ausrottung des Animismus” (DA. Band 3, s. 21).

132 “Als Grund des Mythos hat sie seit je den Anthropomorphismus, die Projektion von Subjektivem auf die Natur aufgefaßt. Das Übernatürliche, Geister und Dämonen, seien Spiegelbilder der Menschen, die von Natürlichem sich schrecken lassen. Die vielen mythischen Gestalten lassen sich der Aufklärung zufolge alle auf den gleichen Nenner bringen, sie reduzieren sich auf das Subjekt” (DA. Band 3, s. 22-23).

administrado. Ocorre um processo unilateral e, nesse sentido, “o esforço para manter a coesão do ego marca-o em todas as suas fases, e a tentação de perdê-lo jamais deixou de acompanhar a determinação cega de conservá-lo” (DE. 1985, p. 39). No momento em que se busca compreender todas as relações sociais pela esfera racional dominante bloqueia-se também a possibilidade de identificar e reconhecer uma sociedade livre. O objetivo do ego não são as imagens e nem a felicidade da contemplação, mas o método, a exploração do trabalho dos outros, o capital e a manutenção do status do ego. Para aprimorar a dominação do que é diferente, a primeira tarefa do esclarecimento é descaracterizar o mundo primitivo, ignorando toda a riqueza de elementos aí existentes ao eleger apenas um como sua característica fundamental. Ao fazer isso, cria-se uma ideologia onde a racionalidade impera sobre a natureza interna e externa, ou seja, a racionalidade sempre ocupará o lugar privilegiado à medida que é representada pelo progresso humano por sobre suas raízes míticas e bárbaras.

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento do poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este os conhece na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em-si torna para-ele. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação (DE. 1985, p. 21).<sup>133</sup>

Existe no esclarecimento um caráter sombrio capaz de se manifestar e justificar uma realidade ou um fato social a partir de uma visão absoluta, independente das especificidades. O ideal do esclarecimento, da natureza destituída de qualidades, onde tudo seria mensurável, é a efetivação da mesma racionalidade formal que converte o trabalho e a política em mercadoria. Ou seja, tanto os objetos quanto os sujeitos, por meio da racionalidade formal, são reduzidos a quantificações e aceita-se o estado existente das coisas.

Muito cedo o mito já possuía expressão, e sobre essa foi selando uma racionalidade que salvaguarda a lógica de autoconservação. Em outros termos, podemos enfatizar que o processo de desencantamento do mundo teve como princípio colocar os homens na posição

---

133 “Der Mythos geht in die Aufklärung über und die Natur in bloße Objektivität. Die Menschen bezahlen die Vermehrung ihrer Macht mit der Entfremdung von dem, worüber sie die Macht ausüben. Die Aufklärung verhält sich zu den Dingen wie der Diktator zu den Menschen. Er kennt sie, insofern er sie manipulieren kann. Der Mann der Wissenschaft kennt die Dinge, insofern er sie machen kann. Dadurch wird ihr An sich Für ihn. In der Verwandlung enthüllt sich das Wesen der Dinge immer als je dasselbe, als Substrat von Herrschaft” (DA. Band 3, s. 25).

de superiores fazendo um entrelaçamento entre razão e dominação. Assim, a liberdade dos sujeitos está profundamente comprometida e os autores da Dialética do Esclarecimento querem na verdade, elucidar o esclarecimento, já que ele implica na subjetividade humana.

No desencantamento do mundo o que importa é a operação eficaz, a certeza, e se antes o medo era gerado pelo desconhecido, agora isso não possui mais espaço, pois num mundo esclarecido, nada pode restar de desconhecido, tudo deve ser igualado, pois não existe espaço para o que é estranho e diferente à razão. Ou seja, “a própria igualdade torna-se um fetiche” (DE. 1985, p. 27)<sup>134</sup>. Isto significa não buscar e nem reconhecer o heterogêneo, ou caso tenha algum reconhecimento, logo deve ser igualado ao que já está posto de antemão para não causar angústia. Assim, temos uma eterna repetição homogênea conforme afirmam Adorno e Horkheimer.

O princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito a insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol, porque todas as cartas do jogo já teriam sido jogadas, porque todos os grandes pensamentos já teriam sido pensados, porque as descobertas possíveis poderiam ser projetadas de antemão, e os homens estariam forçados a assegurar a auto conservação pela adaptação – essa insossa sabedoria reproduz tão somente a sabedoria fantástica que ela rejeita: a ratificação do destino que, pela retribuição, reproduz sem cessar o que já era (DE. 1985, p. 23).<sup>135</sup>

A racionalidade tem a tarefa de eliminar as forças da natureza porque “de agora em diante o ser se resolve no logos” (DE. 1985, p. 21)<sup>136</sup>, eliminando basicamente o sentido da verdade e o sentido da própria vida porque existe um processo de instrumentalização subordinado a racionalidade planejada. Percebe-se que a vida no mundo administrado, faz uma renúncia, uma mutilação para se adequar a elementos de autoconservação racional. A gênese deste pensamento puramente racional é encontrada em Bacon, que propõe a

Submissão da natureza à razão por considerar que a superioridade do homem está em sua capacidade de saber e por isto tem o poder de dominar seu mais temeroso oponente: a natureza é nada mais que aquilo que ele não

---

134 “Nun wird die Gleichheit selber zum Fetisch” (DA. Band 3, s. 33).

135 “Das Prinzip der Immanenz, der Erklärung jeden Geschehens als Wiederholung, das die Aufklärung wider die mythische Einbildungskraft vertritt, ist das des Mythos selber. Die trockene Weisheit, die nichts Neues unter der Sonne gelten läßt, weil die Steine des sinnlosen Spiels ausgespielt, die großen Gedanken alle schon gedacht, die möglichen Entdeckungen vorweg konstruierbar, die Menschen auf Selbsterhaltung durch Anpassung festgelegt seien - diese trockene Weisheit reproduziert bloß die phantastische, die sie verwirft; die Sanktion des Schicksals, das durch Vergeltung unablässig wieder herstellt, was je schon war” (DA. Band 3, s. 28).

136 “Sein zerfällt von nun an in den Logos” (DA. Band 3, s. 24).

compreende. Do medo o homem presume estar livre quando não há mais nada de desconhecido. (...) O medo é a radicalização da angústia mítica. Levando em conta esta consideração presente na Dialética do Esclarecimento, a imposição baconiana do saber como poder adquire um caráter de dominação visando a auto conservação, a sobrevivência (TIBURI. 1995, p. 49).

O filósofo Bacon enaltece a onipotência do conhecimento e Adorno compreende essa racionalidade. Mas esta racionalidade não condiz com os pressupostos do desencantamento do mundo, pois, se torna um instrumento de uso e nada lhe escapa. Sua pretensão não é mais o esclarecimento, mas a dominação e tudo aquilo que não corresponder aos interesses da racionalidade deve ser liquidado, logo “seu ideal é o sistema do qual se pode deduzir toda e cada coisa” (DE. 1985, p. 20)<sup>137</sup>. Não há uma relação saudável entre realidade e razão, o que persiste é a lógica da subjetivação onde tudo é reduzido a um só denominador. A natureza é destituída do seu papel, do seu encanto e o domínio da técnica, do conhecimento científico “deve, incondicionalmente, render frutos” (DUARTE. 1993, p. 32). Neste sentido, a técnica é ainda mais reforçada como a essência na obtenção de conhecimento. O esclarecimento se apossa do desconhecido para que ele se deixe conhecer e se deixe capturar pela unidade, para que ele se adeque ao sistema. Entretanto, este processo coloca em choque a realidade e o conceito.

A dominação na esfera do conceito eleva-se fundamentada na dominação do real. É a substituição da herança mágica, isto é, das antigas representações difusas, pela unidade conceptual que exprime a nova forma de vida, organizada com base no comando e determinada pelos homens livres. O eu, que aprendeu a ordem e a subordinação com a sujeição do mundo, não demorou a identificar a verdade em geral com o pensamento ordenador (DE. 1985, p. 25)<sup>138</sup>

A modernidade é expressão desta forma de totalitarismo: dominar tudo e todos. O que não pode ser captado e quantificado pelo saber é reduzido à mera matéria sem valor. O mesmo procedimento também acontece na organização social e política, no qual a pretensão de emancipação tornou-se um modo para conduzir e atrelar as pessoas ao poder absoluto. Aquilo ou aqueles que não podem ser dominados, são excluídos, deixam de ter valor e voz

---

137 “... ihr Ideal ist das System, aus dem alles und jedes folgt” (DA. Band 3, s. 23).

138 “... die Herrschaft in der Sphäre des Begriffs, erhebt sich auf dem Fundament der Herrschaft in der Wirklichkeit. In der Ablösung des magischen Erbes, der alten diffusen Vorstellungen, durch die begriffliche Einheit drückt sich die durch Befehl gegliederte, von den Freien bestimmte Verfassung des Lebens aus. Das Selbst, das die Ordnung und Unterordnung an der Unterwerfung der Welt lernte, hat bald Wahrheit überhaupt mit dem disponierenden Denken ineingesetzt” (DA. Band 3, s. 30).

ativa na sociedade. Para Adorno e Horkheimer a dialética do esclarecimento é uma tentativa de dizer através de uma análise conceitual como foi possível que o processo racional de esclarecimento que buscava garantir a liberdade e a vivência humana pôde se transformar em formas de dominação política, social, econômica e cultural, onde os indivíduos são privados de singularidade e a sociedade é esvaziada de humanidade. Portanto, o desencantamento do mundo distancia realidade e pensamento, objeto e sujeito, perdendo-se a capacidade de reflexão, culminando numa administração geral da vida e da sociedade.

O esclarecimento foi uma transformação ocorrida na subjetividade que esvaziou de substância a própria humanidade. Esse processo tornou os homens mais genéricos e intercambiáveis, enfraquecendo a possibilidade de resistência do sujeito frente à sociedade falsa. O processo do esclarecimento implica em um acesso ao mundo no que ele tem de objetivo, num domínio de identificação, no entanto, renega aquilo que não se submete ao seu critério. Dessa forma, ocorre um esvaziamento das potencialidades reflexivas que poderiam pensar um sujeito emancipado e uma sociedade verdadeiramente humana. No esclarecimento administrado “as ideologias mais recentes são apenas reprises das mais antigas” (DE. 1985, p. 53)<sup>139</sup>.

As ideologias coercitivas sempre estiveram presentes nas diferentes épocas da humanidade, mas a modernidade as radicalizou e agora temos a negação do próprio indivíduo, isto é, o esclarecimento transforma o pensamento em coisa, número, cálculo. A autorreflexão do indivíduo se torna opaca, frágil frente ao sistema e, dessa forma, eles são controlados, submetidos ao valor de mercado, abrindo passagem para aquilo que Adorno denomina de sociedade administrada. No mundo administrado

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações entre homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas (DE. 1985, p. 35).<sup>140</sup>

---

139 “... die neuesten Ideologien sind nur Reprisen der ältesten” (DA. Band 3, s. 71)

140 “Nicht bloß mit der Entfremdung der Menschen von den beherrschten Objekten wird für die Herrschaft bezahlt: mit der Versachlichung des Geistes wurden die Beziehungen der Menschen selber verhext, auch die jedes Einzelnen zu sich. Er schrumpft zum Knotenpunkt konventioneller Reaktionen und Funktionsweisen zusammen, die sachlich von ihm erwartet werden. Der Animismus hatte die Sache beseelt, der Industrialismus versachlicht die Seelen” (DA. Band 3, s. 45).

Em um mundo administrado a pessoa não vive emancipadamente porque ela conta apenas como um objeto numérico. E, em um mundo explicado por fórmulas nada de novo pode acontecer ou nascer. A exigência de pensar deixa de ter sentido, pois, a ciência já têm o cálculo e a fórmula pronta. As particularidades e as individualidades são suprimidas e ignoradas em prol do desenvolvimento técnico e racional absoluto. A individualidade perde o seu valor na sociedade, pois o sistema hegemônico torna a consciência frágil. Na verdade, o sistema impede o fluir de uma consciência crítica porque existe uma falsidade do todo social que reifica os indivíduos e que mantém as massas dominadas. Este processo provoca naturalmente uma decadência da existência. O viver autêntico na verdade é um viver controlado, guiado e submisso. Mesmo o eu que parecia irreduzível a qualquer outra coisa, no mundo administrado torna-se supérfluo porque foi esvaziado da ideia de humanidade. “O eu integralmente capturado pela civilização se reduz a um elemento dessa inumanidade, à qual a civilização desde o início procurou escapar (DE. 1985, p. 37)141.

## 2.2 A LÓGICA DA DECADÊNCIA DO INDIVÍDUO

“A reificação é reproduzida pelo temor; a consciência, reificada na sociedade já constituída, não é o seu constituinte” (DN. 2009, p. 163).142

A meta do esclarecimento de emancipar as pessoas em todos os sentidos através da razão deveria ter sido uma tarefa fácil, mas não se contava que essa mesma razão perderia sua capacidade de ser crítica para estabelecer e justificar valores para a vida. A civilidade que a modernidade tanto quis enaltecer permaneceu submetida ao domínio da lógica do capital e ao pensamento unificador, fazendo com que a humanidade mergulhasse em profundas barbáries, provocando danos a si mesma; e o que era para ser uma emancipação tornou-se uma continuidade da conservação. De acordo com a concepção desenvolvida no esclarecimento, os ordenamentos e mecanismos criados pelo homem se tornam independentes. No entanto, se voltam fatalmente contra ele pelo fato desta emancipação desaparecer à medida que se esvazia de substância a própria humanidade, privando os indivíduos de suas individualidades a fim de obter maior domínio sobre a natureza e sobre o próprio homem. Este, tornando-se cada vez mais manipulável, ratifica a incapacidade

---

141 “Das von Zivilisation vollends erfaßte Selbst löst sich auf in ein Element jener Unmenschlichkeit, der Zivilisation von Anbeginn zu entrinnen trachtete” (DA. Band 3, s. 48).

142 “Sie wird von Angst reproduziert; Bewußtsein, verdinglicht in der bereits konstituierten Gesellschaft, ist nicht deren Konstituens” (ND. Band 6, s. 191).

subjetiva de resistir ao existente. Isso se confirma nas palavras de Adorno quando ele diz que “a má consciência social latente em todos os que participam da injustiça e o ódio pela vida realizada são tão fortes que, em situações críticas, eles se voltam imediatamente contra o interesse do próprio indivíduo como uma vingança imanente” (DE. 1985, p. 190). Adorno e Horkheimer sistematizam isso em uma única frase: “a maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão” (DE. 1985, p. 41).<sup>143</sup>

A ideia de progresso germinada pelo iluminismo e confirmada pelo positivismo está distante de realizar-se, pois o conceito de progresso foi convertido em ideologia pela classe burguesa, sufocando a pretensão do projeto de emancipação. Se antes existia uma figura abstrata, à qual eram delegadas as interpretações sobre tudo o que acontecia - mesmo que fosse um acontecimento ideológico - agora temos a figura concreta da racionalidade que direciona as interpretações. Mas esta é uma direção administrada, sendo igualmente um movimento regressivo que atua de forma mais feroz sobre o sujeito do que o anterior.

Por um lado, o trajeto percorrido pelo esclarecimento denota que perdemos a noção de chegada e, por outro, temos a perda da razão objetiva no momento em que ocorre a ascensão da razão subjetiva. Disso, percebemos que se tem à disposição somente mecanismos que impedem a produtividade salutar da razão, ou seja, perde-se o caráter crítico de questionar e criar mecanismos alternativos, que escapem à lógica estabelecida pelo sistema administrado. A razão ficou opaca e empobrecida, perdendo a capacidade de justificar novos valores, o que conseqüentemente gera uma decadência do indivíduo. A razão objetiva que poderia oferecer verdades objetivas foi excluída do mundo esclarecido. Evidencia-se, portanto, que não existe uma neutralidade da ciência e do progresso. A ideologia, a razão esclarecida, tem uma dupla função: uma é desenvolver e servir ao plano hegemônico, o modelo burguês, que tem o objetivo de universalizar-se e dominar; a outra é justamente bloquear o desenvolvimento autônomo. Ou seja, esse paradoxo do esclarecimento leva a um triunfo da razão instrumental e para uma decadência da razão emancipatória.

O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade própria da dominação, é o caráter repressivo da sociedade auto alienada (IC. 2002, p. 09).

---

<sup>143</sup> “Der Fluch des unaufhaltsamen Fortschritts ist die unaufhaltsame Regression” (DA. Band 3, s. 53).

O progresso trabalha com a tese de que, numa sociedade capitalista, todos os indivíduos possuem capacidades iguais para tornarem-se cidadãos e terem sucesso na vida. No entanto, a racionalidade técnica intensifica e amplia as diferenças sociais, agravando a própria existência e a vivência na sociedade. Viver em sociedade tornou-se um fator complexo, pois o progresso refinou e afirmou a maneira de como se deve viver. O mundo administrado em nome de sua autopreservação faz os indivíduos regredirem cada vez mais. A figura do eu, que tanto esforço fez para manter a preservação, deu lugar à maquinaria, que ratifica o tenebroso progresso. Essa visão é criticada, uma vez que,

Quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já há muito tempo foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz. Graças aos modos de trabalho racionalizados, a eliminação das qualidades e sua conversão em funções transferem-se da ciência para o mundo da experiência dos povos e tende a assemelhá-lo de novo ao mundo dos anfíbios. (DE. 1985, p. 41).<sup>144</sup>

A autoconservação e a adaptação provoca a decadência do ser humano, conforme afirmam os autores da *Dialética do Esclarecimento*. “A adaptação ao poder do progresso envolve o progresso do poder, levando sempre de novo àquelas formações recessivas que mostram que não é o malogro do progresso, mas exatamente o progresso bem-sucedido que é culpado de seu próprio oposto” (DE. 1985, p. 41).<sup>145</sup> Ou seja, o preço da dominação enfeitiça as relações humanas e coisifica o espírito. A razão instrumental incentiva à autoconservação e toma conta do corpo e das relações sociais. Interpretando por este viés, parece que os paradigmas da civilização sucumbiram ao projeto moderno. O padrão de pensamento aniquilou as possibilidades de resistência e de alternativas que pudessem pensar e orientar uma civilização que respeitasse as diferenças e as peculiaridades. O projeto moderno foi incapaz de ouvir a si próprio e incapaz de dar voz a quem não tinha. Ele fomentou e impôs a unicidade. Sendo assim,

Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconverteram naquilo contra o que se voltara à lei evolutiva

---

144 “Je komplizierter und feiner die gesellschaftliche, ökonomische und wissenschaftliche Apparatur, auf deren Bedienung das Produktionssystem den Leib längst abgestimmt hat, um so verärmerter die Erlebnisse, deren er fähig ist. Die Eliminierung der Qualitäten, ihre Umrechnung in Funktionen überträgt sich von der Wissenschaft vermöge der rationalisierten Arbeitsweisen auf die Erfahrungswelt der Völker und ähnelt sie tendenziell wieder der der Lurche an” (DA. Band 3, s. 53).

145 “Demgegenüber involviert Anpassung an die Macht des Fortschritts den Fortschritt der Macht, jedes Mal aufs neue jene Rückbildungen, die nicht den mißlungenen sondern gerade den gelungenen Fortschritt seines eigenen Gegenteils überführen” (DA. Band 3, s. 53).

da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força (DE. 1985, p. 41).146

Governar pela força significa manter os indivíduos sob tutela da neutralidade, neste sentido, Olgária Matos situa a razão pretensamente neutra, constada por Adorno:

Da racionalidade como neutralidade está ausente a colocação dos fins; ela gere, indiferente, a relação entre meios e fins, pode perfeitamente se pôr a serviço do desumano e renegar sua essência, tornando-se arma do massacre. Meios técnicos e racionalidade de dominação se confundem: o conjunto de meios que conduzem a esta dominação e das medidas que servem a seu manutenção chama-se política (MATOS. 1989, p. 142).

Para Adorno, é essencial o pensamento mergulhar na crítica para evitar a decadência e a adaptação ao sistema administrado e político, ou seja, o ser humano entra em decadência na hora em que “o pensamento perde o elemento da reflexão sobre si mesmo” (DE. 1985, p. 42)147. A crítica e a autocrítica são as ferramentas mais autênticas da moral na sociedade contemporânea. Elas conseguem iluminar os juízos e as condutas humanas que, geralmente, estão contaminadas pela razão instrumental, que por sua vez, impõem limitações à percepção das contradições bloqueando a emancipação do homem e da sociedade. A necessidade de se partir da crítica e da autocrítica da razão para se chegar a moral constitui uma tarefa filosófica espinhosa, mas, necessária para superar qualquer barbárie da razão instrumental. Por isso, a dialética negativa ganha relevância, pois faz a crítica permanente da identificação absoluta como sujeição da individualidade, além disso, faz a denúncia de que uma sociedade emancipada não poderia propagar a igualdade, mas restabelecer a realização efetiva do universal na reconciliação das diferenças. Para Adorno, não existe nada mais discriminatório do que tratar como iguais aqueles que não são. Esta prática é comum atualmente, tanto que o progresso da história objetivou as relações e o indivíduo, por isso é preciso pensar uma história do esquecimento, isto é, uma história a partir do que não se tornou objeto. “A história compreendida a partir da dialética negativa é o negativo, enquanto o que na história tradicional é negado, assim como o negado para o conhecimento tradicional deve ser trazido à questão” (TIBURI. 2005, p. 161).

---

146 “Durch die Vermittlung der totalen, alle Beziehungen und Regungen erfassenden Gesellschaft hindurch werden die Menschen zu eben dem wieder gemacht, wogegen sich das Entwicklungsgesetz der Gesellschaft, das Prinzip des Selbst gekehrt hatte: zu bloßen Gattungswesen, einander gleich durch Isolierung in der zwangshaft gelenkten Kollektivität” (DA. Band 3, s. 54).

147 “... hat Denken das Element der Reflexion auf sich verloren” (DA. Band 3, s. 55).

Adorno procura trazer à tona uma forma diferenciada de compreender e de se relacionar com a sociedade e com a vida das pessoas. O progresso deve estar a serviço da pluralidade e em decorrência disso, é tarefa do pensamento reflexivo produzir as bases capazes de romper a razão instrumental para evitar a decadência do indivíduo. Além disso, a razão reflexiva deve abrir espaço para a política não totalitária, uma vez que

O que os fascistas ferrenhos elogiam hipocriticamente e os dóceis especialistas da humanidade ingenuamente levam a cabo: a infatigável autodestruição do esclarecimento força o pensamento a recusar o último vestígio de inocência em face dos costumes e das tendências do espírito da época (DE. 1985, p. 11).<sup>148</sup>

A realidade da razão científica coincide com o apogeu fascista e este se mantém presente na atualidade através da cultura, das formas de poder, da economia que capta a democracia e da racionalidade instrumental. Nem sempre o fascismo se expressa, ele pode estar hibernando, temporariamente suspenso, mas pode acordar a qualquer hora para neutralizar o não idêntico. Por isso, a necessidade de pensar a política negativa, já que o negativo em Adorno pretende justamente preservar o não idêntico. A reflexão crítica deve ter um olhar aguçado e mirar, exatamente, o elemento microscópico das manifestações para evitar o elemento da totalidade. Dessa maneira, para evitar a decadência do indivíduo, a reflexão não pode marginalizar, ridicularizar ou subestimar um ponto, por menor que possa parecer, sob a pena de promover o desvio da amplitude do próprio indivíduo.

Outro elemento que merece destaque surgiu com o projeto moderno de razão e também precisou ser revisto, foi a concepção de filosofia, história e ciência.

Assim como, ao longo do tempo, melhoras no entendimento do funcionamento do corpo humano levaram a medicina e a anatomia a se tornarem distintas da filosofia, nos séculos XVIII e XIX o sucesso das ciências naturais na análise e explicação do funcionamento do mundo natural levaram a uma distância progressivamente marcada entre ciência e filosofia. Mas, uma vez que a ciência parecia ter herdado a pretensão da filosofia de falar a verdade do mundo, a própria filosofia começou a parecer um tanto suspeita. Ou era meramente irrelevante, já que a ciência parecia oferecer a perspectiva de solução de qualquer questão a ela proposta, ou, pior, ela era distintamente suspeita: a busca de perguntas irrespondíveis a respeito da natureza da existência ou da realidade do mundo vieram a parecer um resquício das mesmas superstições que a filosofia do século XVIII buscava expulsar (THOMSON. 2010, p. 167).

---

148 “Was die eisernen Faschisten heuchlerisch anpreisen und die anpassungsfähigen Experten der Humanität naiv durchsetzen: die rastlose Selbsterstörung der Aufklärung zwingt das Denken dazu, sich auch die letzte Arglosigkeit gegenüber den Gewohnheiten und Richtungen des Zeitgeistes zu verbieten” (DA. Band 3, s. 11).

Nesta citação percebemos também a decadência do projeto de razão moderna e consequentemente a decadência do indivíduo, uma vez que, ele se orienta por valores científicos, administrados, e não por valores por ele construídos ou por um pensamento reflexivo, filosófico, histórico. A ascensão da ideia de que a ciência poderia oferecer respostas a todas as questões como a filosofia tradicionalmente fez, conduz diretamente à crise da razão. Na verdade, essa metodologia de pensamento faz com que

Por um lado, o determinismo das teorias científicas do desenvolvimento humano reduz a ideia de liberdade a uma ilusão. Por outro, as ciências humanas, cujas investigações históricas estavam produzindo um catálogo crescente de diferentes práticas sociais humanas, parece levar a um relativismo paralisante. A partir de um ponto de vista científico, os problemas filosóficos da verdade, bondade e beleza devem ser minimizados como índice de impulsos psicológicos ou fisiológicos (THOMSON. 2010, p. 167).

Podemos perceber que a filosofia foi empurrada de volta para o seu terreno original: a metafísica. Contudo, essa abordagem adquiriu rapidamente um sentido pejorativo, isto é, não científica. Nesse retorno, perde-se o impulso crítico que poderia sustentar um trabalho inovador. Até os metafísicos mais especulativos, como Hegel, sofreram esta consequência, que ainda hoje é sentida. Kant procurou oferecer um modelo que pretendia ser mais modesto para investigações filosóficas na era antimetafísica. Para ele, questões de conhecimento, objetividade e entendimento eram distintas da interpretação de dados empíricos. Ou seja, ele distingue a investigação de leis objetivas e a investigação de mundo empírico. A filosofia até poderia aperfeiçoar os modelos usados para o entendimento da história, pois a própria história era um domínio autônomo de fatos que carecia de interpretação. Mas, dessa maneira, a filosofia se tornou epistemologia, interessada em estabelecer a validade objetiva dos métodos usados pelas ciências, ou seja, a cognição foi separada da validade da representação, mas não dos seus objetos.

Essa metodologia ou procedimento era uma falha significativa, pois deixava a filosofia frágil para se opor ao positivismo ou a qualquer teoria que viesse querer ocupar espaço. A filosofia não conseguia mais negar e nem afirmar conclusões científicas, apenas podia qualificar seus fundamentos. Adorno ataca esse procedimento. Para ele, esquece-se que ciência e filosofia são invenções humanas. O positivismo nada mais faz do que registrar percepções da realidade, mas nunca poderá fazer perguntas sobre a exatidão ou não dessas percepções.

Se for levada adiante a ideia de concepção científica do mundo corre-se o risco de dissolver o ser humano nesse fluxo, reduzindo a vida a algo sem sentido, a uma vida opaca, a uma vida que não é vida. Nas palavras de Adorno e Horkheimer, “os homens aguardam que este mundo sem saída seja incendiado por uma totalidade que eles próprios constituem e sobre a qual nada podem” (DE. 1985, p. 36). A concepção científica faz com que o ser humano esqueça do seu próprio ser, ele não acredita mais em si, o que nada mais é do que o mundo administrado agindo, a vida administrada se tornando real. No entanto, a tarefa central consiste em superar essa concepção e esta realidade para justificar uma vida verdadeira. O problema é conseguir justificar uma vida verdadeira dentro de um todo falso, ou seja, se a filosofia é considerada fraca para se opor a ascensão do positivismo, então a tarefa de encontrar alternativas frente a decadência do indivíduo se torna ainda mais complexa.

Com o avanço da ciência, a filosofia não consegue mais oferecer respostas como por exemplo, “o que devo fazer”, pois os fundamentos da moralidade são relegados à ciência, ao determinismo ou ao relativismo. Esse fato denota que, se a conduta é relegada a ciência, então se prejudica a emancipação. A emancipação do ser humano passa a ser um conceito abstrato e sem valor, gerando uma decadência da razão e também uma decadência do ser em si. O ser humano não seria o personagem de sua emancipação, apenas poderia refinar a sua existência, mas nunca se afirmar como autêntico. Adorno, consciente desse problema, defenderá a história a partir do que ela não se tornou, ou ainda, nem como ganhador nem como perdedor. A história é pensada como fragmento em oposição à totalidade.

A história como ruína estava no pensamento de Walter Benjamin e era exatamente na ruína que ele via uma perspectiva de pensamento autônomo, já que a ruína estava fora da totalidade, ou seja, a totalidade já havia expulsado. Adorno converge com este pensamento de Benjamin e acredita que a ruína seria uma característica de um tempo, a impossibilidade da totalidade que faz da própria modernidade uma ruína e não simplesmente um projeto incompleto.

Se a ruína (Verfall) opõe-se à totalidade, ela terá, em Adorno, uma conexão direta com as questões da queda, da destruição, do desmoronamento (Zerfall) que compõe a lógica peculiar da dialética negativa. A interconexão entre problemas do conhecimento e problemas sociais e históricos apresenta-se como evidente no antimétodo nela configurado: a história compreendida a partir da dialética negativa é o negativo, enquanto o que na história tradicional é negado, assim como o negado para o conhecimento tradicional deve ser trazido à questão (TIBURI. 2005, p. 160 e 161).

Se a história parecia estar determinada, Adorno consegue dar um novo rosto a ela, uma nova interpretação que passa a dar sentido à vida e a própria história, evitando a decadência do ser humano e evitando uma compreensão única de totalidade. Adorno propõe um conceito de história que vá ao encontro do direito de memória para o que foi estigmatizado como insignificante. Por isso, “a reunião estabelecida entre a ideia de história e a de natureza pretende manifestar uma conexão esquecida que, desde a perspectiva de Adorno, permanece atual” (TIBURI. 2005, p. 161). Adorno pretende elaborar um pensamento a partir do que foi esquecido, a partir daquilo que a ciência e o mundo administrado negaram, porque os pedaços, os cacos, as ruínas da história ferem a sensibilidade e o pensamento humano, instaurando-se para sempre na razão.

Adorno tenta restabelecer o processo crítico do pensamento. Procura fomentar uma filosofia crítica para salvar o indivíduo e a filosofia. A filosofia não pode ser entendida somente em relação ao seu contexto histórico e cultural, ela precisa ser crítica frente a isso, sem eliminar sua relação com seus objetos. Existe, na verdade, uma conexão de mediação, que significa manter a tensão entre a especificidade do momento e o seu lugar no todo, ao invés da dissolução de um no outro, já que “nenhum objeto é inteiramente conhecido” (DN. 2009, p. 14). Adorno tenta transformar a história em um limite à filosofia e, ao fazê-lo, tem perspectivas de manter a autenticidade e a autonomia da particularidade do mundo contra a absorção do ser humano no todo. Para Tiburi, “a motivação de Adorno, em sua ideia de história natural, é encontrar um ponto em que se possa romper com a perspectiva do espírito do mundo (*Weltgeist*), para encontrar a carne flagelada do sofrimento” (2005. p. 167). Para Reyes Mate, “do sofrimento se pode falar de muitos modos e maneiras, mas existe uma experiência específica na Europa e no século XX, onde o sofrimento adquiriu uma significação epocal por sua radicalidade e implicações políticas, morais ou científicas, experiência que designamos com um nome de um lugar, Auschwitz” (2005, p. 172). O que Adorno pretende, é encontrar uma via que evite que a humanidade caia em novas barbáries. Por isso, ele faz uma releitura da história e da filosofia para expor as problemáticas e ao mesmo tempo afirmar sua posição.

Adorno utilizava a história, conectando-a com a natureza como seu oposto dialético, como conceito cognitivo, uma ferramenta teórica para desmistificar os fenômenos sócio históricos e retirar-lhes seu poder sobre a consciência e sobre a ação. Cada um dos conceitos tinha um polo estático e dinâmico (mito-transitoriedade), e seu significado preciso dependia da forma em que fora preciso agrupar-lhe ao redor do objeto particular

analisando de modo que sua significação pudesse ser liberada (BUCK-MORSS. 1981, p. 129).

Portanto, é nos detalhes que se torna possível encontrar resistência frente ao universal. Os conceitos opostos entre si, ao serem utilizados como ferramentas de análise de fatos históricos, não pretendiam determinar previamente as definições de tais conceitos. A verdade na história não se institui como absoluto quando é questionada na base, por isso a importância do pensamento crítico. O pensamento crítico precisa questionar as fraturas, entrar dentro delas para entender e para evitar que a história da barbárie se repita. A história não é o lugar de produtos exatos em conformidade com causas dadas, não é a realidade efetiva e nem o lugar da unidade entre particular e universal. Ela é o próprio juízo do mundo, é a vida do particular inapreensível por uma razão que apenas o sobrevoa. Por isso, “não existe em Adorno uma história enquanto totalidade ou base dentro da qual existe o particular. Ela não é o trajeto do sujeito absoluto, mas do sujeito empírico e, conseqüentemente, é descontínua” (TIBURI. 2005, p. 168).

O conceito de história como progresso e de caminho absoluto é contraposto com a ideia de esquecimento do particular, ou seja, olhando para o sofrimento, para a ruína, para os fragmentos é possível encontrar a esperança de uma nova interpretação onde cada indivíduo consegue se expressar de forma crítica e livre.

### 2.3 O OUTRO

“O passatempo pueril do homicídio é uma confirmação da vida estúpida a que as pessoas se conformavam” (DE. 1985, p. 142).<sup>149</sup>

“Chamar-se judeu equivale a um convite a seviçá-lo até ficar igual a essa imagem” (DE. 1985, p. 153).<sup>150</sup>

Aqui uma das principais perguntas feitas por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento* ganha ainda mais sentido, ou seja, a pergunta “por que a humanidade em vez de alcançar um estado verdadeiramente humano se afunda numa nova espécie de barbárie” (DE. 1985, p. 11).<sup>151</sup> procura trazer à tona o debate que envolve o “eu” e o

---

149 “Im läppischen Zeitvertreib des Totschlags wird das sture Leben bestätigt, in das man sich schickt” (DA. Band 3, s. 195).

150 “daß einer Jude heißt, wirkt als die Aufforderung, ihn zuzurichten, bis er dem Bilde gleicht” (DA. Band 3, s. 211).

151 “... warum die Menschheit, anstatt in einen wahrhaft menschlichen Zustand einzutreten, in eine neue Art von Barbarei versinkt” (DA. Band 3, s. 11).

“outro”, que envolve a questão do antissemitismo. Pergunta essa que pode ser feita também da seguinte maneira para nos aproximarmos ainda mais do ponto entre a relação do eu com o outro: por que a emancipação dos judeus prometida pela sociedade moderna em vez de ter levado para um reconhecimento de sua diferença e seu ser outro, conduziu para a tentativa de seu extermínio, especialmente em Auschwitz? Ou ainda, por que o sistema administrado tende a eliminar ou igualar qualquer heterogeneidade a partir da racionalidade instrumental?

O outro na tradição do pensamento sempre foi integrado, restando pouca ou praticamente nenhuma alternativa para o pensamento crítico e para construir a emancipação do indivíduo e da sociedade. A racionalidade sempre foi violenta porque sempre promoveu a integração ou a eliminação daquilo que fosse oposto. No exemplo dos judeus, o fascismo achava que “de sua exterminação dependeria a felicidade do mundo” (DE. 1985, p. 139)<sup>152</sup>. O pensamento em querer constituir uma raça pura, homogênea, fez com que pessoas “adorassem” o pensamento absoluto e fascista, sem, no entanto, os indivíduos se darem conta de tal pensamento porque “ao colocar a unidade dos homens como já realizada por princípio, ela ajuda a fazer a apologia do existente” (DE. 1985, p. 140)<sup>153</sup>.

Ricardo Timm de Souza enfatiza que

O antissemitismo se constitui na expressão de tensões socioculturais; por um lado, a tensão criada por uma falsa ordem social, no qual não se percebe o que realmente interessa ao humano, o que o define enquanto tal, mas apenas se releva as fantasmagorias que esta não percepção acaba por gerar; por outro lado, a maior suavidade do tratamento liberal do tema se deve, provavelmente, à esperança de que uma ideia universal venha a regular o desregulado em seu próprio proveito, em proveito de sua sobrevivência, ameaçado pelo diferente, na defesa da ordem ideal na qual este corpo estranho, o judeu, está entranhado (2009, p. 83).

Percebe-se que, em ambos os casos temos uma mesma lógica, isto é, temos uma apologia ao ser existente. A racionalidade administrada está presente e encobre a verdadeira ordem de interesses e esta lógica custa a vida de milhões de pessoas. Vale lembrar que “o antissemitismo é considerado por uns como uma questão vital da humanidade, por outros como mero pretexto” (DE. 1985, p. 139)<sup>154</sup>. Em todos os casos, o judeu não poderia ser autêntico, pois a racionalidade iluminista gira em torno da sociedade burguesa, por isso, a

---

152 “... von ihrer Ausrottung soll das Glück der Welt abhängen” (DA. Band 3, s. 192).

153 “Indem aber die liberale These die Einheit der Menschen als prinzipiell bereits verwirklicht ansetzt, hilft sie zur Apologie des Bestehenden” (DA. Band 3, s. 193).

154 “Der Antisemitismus heute gilt den einen als Schicksalsfrage der Menschheit, den anderen als bloßer Vorwand” (DA. Band 3, s. 192).

emancipação deveria considerar esta identidade universal, no entanto, “a meta da política de emancipação era a integração social dos judeus” (ZAMORA. 2008, p. 63). Este processo vai contra as perspectivas de emancipação e de uma política negativa porque na integração ele deixaria de ser quem ele é e estaria condicionado a uma liberdade aparente porque “o judeu emancipado e assimilado converte-se no expoente mais cabal do suposto triunfo dos ideais burgueses” (ZAMORA. 2008, p. 64).

Existe, nesta conotação, um entrelaçamento entre a razão iluminista e a dominação, que em síntese é uma posição de violência, ou ainda, o não reconhecimento do outro enquanto sujeito emancipado e livre. Ocorre uma “falsa projeção [...] que torna o mundo ambiente semelhante a ela” (DE. 1985, p. 154)<sup>155</sup> onde o sujeito não assume os impulsos como seus, mas os transpõe para a vítima. Estamos de certa forma, diante da desfiguração do humano visto que, “existem infinitas formas de antissemitismo; tantas quantas as justificativas e reordenações que a sociedade da desfiguração humana arranja para sobreviver” (SOUZA. 2009, p 85). Vale lembrar que as contradições do iluminismo burguês não se manifestam apenas no antissemitismo, mas são inerentes à dialética da emancipação judia que faz o elo entre a superação das relações de poder tradicional à assimilação.

As ideologias e estruturas de opressão que sustentam o domínio e a exclusão são duplamente mascaradas para manter o indivíduo privado de sua subjetividade e individualidade. Constituiu-se um isolamento social, uma submissão e uma pressão para ele se adaptar as condições existentes, renunciando ao seu eu e enfraquecendo, assim, a consciência crítica independente e a percepção política autêntica. Na verdade, a questão da emancipação dos judeus mostra a problemática geral de um processo de emancipação que se fundamenta numa suposição de liberdade. O antissemitismo era visto pela sociedade burguesa, pela razão instrumental, como uma válvula de escape necessária para o projeto iluminista se firmar, no entanto, esse aspecto, revela justamente o fracasso deste projeto. A alteridade, o outro, é visto como estranho e precisa adequar-se às normas e à realidade já formatada. Nesse sentido,

A relação com os ‘estranhos’ revela, pois, a particularidade oculta sob a universalidade moderna e sua proximidade com o arcaico. Tanto o mito como o iluminismo tentam compreender o ‘estranho’. Porém, ambos o fazem preparando-o para que seja captado, assimilado, submetido, dominado: o iluminismo é o medo mítico que se tornou radical (ZAMORA. 2008, p. 67).

---

<sup>155</sup> “... so macht falsche Projektion die Umwelt sich ähnlich” (DA. Band 3, s. 212).

A ânsia de querer tornar tudo homogêneo é uma prática violenta que impede a realização da autonomia do sujeito. Esse processo é chamado por Adorno de fracasso da civilização. Zamora sintetiza isso da seguinte forma: “enquanto rebelião contra a civilização, o fascismo não é simplesmente um ressurgir do arcaico, mas sua reprodução na e através da própria civilização” (2008, p. 67). O antissemitismo é um fenômeno central e revela a violência da essência da ordem social.

Eles achavam que era o antissemitismo que vinha desfigurar a ordem, quando, na verdade, é a ordem que não pode viver sem a desfiguração dos homens. A perseguição dos judeus, como a perseguição em geral, não se pode separar de semelhante ordem. Sua essência, por mais que se esconda às vezes, é a violência que hoje se manifesta (DE. 1985, p. 140).156.

Todo processo racional iluminista é regido por um controle totalitário que impede a realização de um ciclo natural ou o potencial subjetivo para a autonomia. Pode-se também observar que Adorno e Horkheimer procuram fazer um movimento para denunciar este processo. Eles descrevem a gênese racional da irracionalidade social, que exterminou milhões de pessoas, neste caso, judeus, e, ao denunciar essa irracionalidade eles conseguem afirmar o fracasso da própria humanidade. Eles operam a crítica por dentro da problemática porque “só a cegueira do antissemitismo, sua falta de objetivo, confere certa verdade à explicação de que ele seria uma válvula de escape. A cólera é descarregada sobre os desamparados que chamam a atenção” (DE. 1985, p. 142).157

Na mesma linha, Souza afirma que “entre o antissemitismo e a totalidade havia desde o início a mais íntima conexão. A cegueira alcança tudo, porque nada compreende. E não poderia ser diferente, pois a razão totalizante, instrumento de penetração invasiva no real, não suporta uma outra razão” (2009, p. 88). Tudo o que não é eu, não é tolerado, cria-se diferentes conceitos e práticas sobre o outro, sendo que em muitos casos, como dos judeus, a prática é o aniquilamento da pessoa e de toda uma raça. O outro pode ser visto como um grupo social, um indivíduo ou uma forma racionalidade, porém, em todos os casos impera a violência e conseqüentemente a desfiguração dos indivíduos.

---

156 “Sie meinten, der Antisemitismus erst entstelle die Ordnung, die doch in Wahrheit ohne Entstellung der Menschen nicht leben kann. Die Verfolgung der Juden, wie Verfolgung überhaupt, ist von solcher Ordnung nicht zu trennen. Deren Wesen, wie sehr es sich zu Zeiten verstecke, ist die Gewalt, die heute sich offenbart” (DA. Band 3, s. 193-194).

157 “Erst die Blindheit des Antisemitismus, seine Intentionlosigkeit, verleiht der Erklärung, er sei ein Ventil, ihr Maß an Wahrheit. Die Wut entlädt sich auf den, der auffällt ohne Schutz” (DA. Band 3, s. 195).

No fundo, o antissemitismo é uma projeção de ódio contra si mesmo, contra o eu repressivo ou medíocre. “Têm um ódio sem fim; não admitem nenhum relaxamento, porque não conhecem nenhuma satisfação” (DE. 1985, p. 142).<sup>158</sup> Isto revela que o preconceito traz consigo uma mediocridade porque numa sociedade totalizante a racionalidade é encoberta por um sistema administrado. Preconceito e mediocridade, ódio e racionalidade administrada são expressões da mesma realidade.

Esta lógica da mediocridade é uma expressão de racionalidade, a expressão da razão que fundamenta a dominação; por isso, toda crítica dela imanente é espúria em termos de efetividade, a não ser para contrabalançar, de forma implícita ou explicitamente violenta, suas inseguranças internas, e referendar suas promessas que soam, por um lado, vazias – uma vez que o prometido já existe -, e, por outro, impossíveis, na medida em que não avança, evidentemente, para além de seus próprios limites, dos limites de sua lógica íntima transvestida de vontade delirante de grandeza (SOUZA. 2009, p. 86).

Toda a lógica de sociedade e de vida sempre esteve atrelada ao esquema de domínio, de violência, na qual o eu do sujeito esteve sob controle, seja, primeiramente, pelos mitos, seja agora, pela racionalidade. O processo de autoconservação perpassou os diferentes estágios da humanidade, pois a debilidade das estruturas de subjetividade fez com que os conteúdos da racionalidade se fechassem em si mesmo, impedindo outros conteúdos que pudessem dar uma nova perspectiva à própria racionalidade. A razão estando opaca, medrosa e medíocre acabou sucumbido sem sua própria liberdade. E, “somente a capacidade de dar um passo atrás, a capacidade de pensar em qualidade de reflexão e autocorreção que percebe a necessária aportação conceitual enquanto tal e impede ao mesmo tempo sua absolutização, pode libertar o conhecimento de sua sombra paranoica” (ZAMORA. 2008, p. 71).

Adorno e Horkheimer afirmam que o pensamento não consegue transgredir aquilo que é determinado ou estabelecido, pois “seu discernimento consome-se no círculo traçado pela ideia fixa, assim como o engenho da humanidade se liquida a si mesmo na órbita da civilização técnica. A paranoia é à sombra do conhecimento” (DE. 1985, p. 161).<sup>159</sup> A obsessão paranoica da razão moderna procura desfigurar a possibilidade de encontrar verdades fora conceito, fora da técnica e fazendo isso, a razão está cometendo uma violência

---

158 “... haßt ohne Ende; sie will keine Entspannung dulden, weil sie keine Erfüllung kennt” (DA. Band 3, s. 195).

159 “Sein Scharfsinn verzehrt sich in dem von der fixen Idee gezogenen Kreis, wie das Ingenium der Menschheit im Bann der technischen Zivilisation sich selbst liquidiert. Die Paranoia ist der Schatten der Erkenntnis” (DA. Band 3, s. 221).

contra si mesma e contra o outro, pois absorve-se a ideia de verdade cegamente. E na medida em que

Agridem cegamente e cegamente se defendem, perseguidores e vítimas pertencem ao mesmo circuito funesto [...] O antissemitismo é um esquema profundamente arraigado, um ritual da civilização, e os pogroms são os verdadeiros assassinatos rituais. Neles fica demonstrada a impotência daquilo que poderia refreá-los, a impotência da reflexão, da significação e, por fim, da verdade. O passatempo pueril do homicídio é uma confirmação da ida estúpida a que as pessoas se conformam (DE. 1985, p. 141 e 142).  
160

Isso pode ser evidenciado durante a Segunda Guerra Mundial nos campos de concentração, em especial, Auschwitz, que foi a verdadeira experiência de decadência e desfiguração humana e também a confirmação da irracionalidade perante o outro, onde o antissemitismo cometeu uma das maiores barbáries da história humana e, podemos dizer, que tudo isso foi meticulosamente arquitetado pela racionalidade administrada, ou seja, por um pensamento ideológico com fins políticos, pois foi a instrumentalização da política como força de dominação que determinou o destino dos judeus.

## 2.4 AUSCHWITZ COMO EXPERIÊNCIA CHAVE DE DECADÊNCIA

“A vida tornou-se ideologia da sua própria ausência” (MM. 2008, p. 186).161

Falar do pensamento de Adorno é falar da triste história e da nefasta experiência de Auschwitz. Esta história perpassa a vida de Adorno porque foi um acontecimento que rompeu um processo de história e de civilidade e se transformou numa das maiores barbáries conhecidas até hoje, pois consolidou a racionalidade instrumental, que passou a ser regra, tornando-se irreconhecível para as vítimas e para a sociedade. Auschwitz não representava apenas o genocídio num campo de extermínio, mas simbolizava a tragédia da formação na sociedade. Em Auschwitz realiza-se o ideal da política do extermínio do outro como condição necessária da supremacia de um totalitarismo racional e racista.

---

160 “Als blind Zuschlagende und blind Abwehrende gehören Verfolger und Opfer noch dem gleichen Kreis des Unheils an. (...) Der Antisemitismus ist ein eingeschliffenes Schema, ja ein Ritual der Zivilisation, und die Pogrome sind die wahren Ritualmorde. In ihnen wird die Ohnmacht dessen demonstriert, was ihnen Einhalt gebieten könnte, der Besinnung, des Bedeutens, schließlich der Wahrheit. Im läppischen Zeitvertreib des Totschlags wird das sture Leben bestätigt, in das man sich schickt” (DA. Band 3, s. 195).

161 “Leben ist zur Ideologie seiner eigenen Absenz geworden” (MM. Band 4, s. 214).

A realidade de desprezo e de indiferença perante o ser humano só vem a confirmar as teses da teoria crítica. Por isso, o questionamento feito por Adorno, de como um país tão culto como a Alemanha de Goethe pode desembocar na barbárie de Hitler, leva-o a refletir sobre os principais pilares da cultura e da racionalidade moderna, afirmando que a modernidade deixou de lado sua pretensão inicial de libertar e emancipar os homens e em seu lugar trouxe o genocídio em massa. Assim, o desenvolvimento dos regimes totalitários é citado por Adorno como resultado da deformação da racionalidade, consequência direta da racionalidade instrumental. Os dominantes, condutores da política e da economia, monopolizam a verdade, o saber perante uma sociedade formalmente vazia, pois não seria possível que a barbárie se desenvolvesse se ela não encontrasse um espaço propício para se enraizar.

Olhar para a conjuntura da Alemanha é importante para se entender o panorama das barbáries. A década de 1930 demarca a ascensão do totalitarismo nazifascista ao poder alemão. Com a ascensão de Hitler ao poder em 1933 e a proclamação do decreto ‘para a proteção do povo e do Estado’ “[...] foram suspensos todos os artigos da Constituição de Weimar que garantiam as liberdades individuais” (MATE. 2011, p. 192). Sob a ótica que o supracitado decreto nunca foi revogado, pode-se dizer que a Alemanha nazista viveu sob o permanente estado de exceção, que durou por um período de doze anos. Após a conquista do poder pelos nazistas, boa parte da Europa se converte em campo de batalhas. A ocupação por parte do exército alemão primeiramente se deu na Polônia e, posteriormente, na Holanda, na Bélgica e na França.

O pensamento nazifascista de Adolf Hitler tinha um objetivo definido: purificar a Alemanha. Criar através da pureza um mundo harmonioso, uma Alemanha mais forte e mais bonita. De primeira vista, essa proposta parece mais estética do que política ou econômica, mas ela entrou para a história do extermínio sem precedentes. Para a efetivação desse objetivo estético foi escolhida a destruição como melhor forma de construção. Não era só uma destruição material, mas acima de tudo imaterial, pois aniquilava o sonho de emancipação da diversidade, do oposto, do diferente, do que Adorno chama de não idêntico.

Com este projeto a razão moderna chega ao seu ápice de contradição. A razão que tinha como postulado tornar o indivíduo emancipado, senhor de si, ceifa a vida sem qualquer ritual ou justificativa plausível. Pessoas são mortas e queimadas em grandes fornalhas nos campos de extermínio com a justificativa de se estar executando o plano de limpeza, de pureza de uma raça. O calor não era um calor de um ser humano, mas o calor do fogo e da fumaça que expelia cinzas humanas pelas chaminés. Adorno vive essa história onde milhões

de pessoas (especialmente judeus) são exterminadas a sangue frio para Hitler instaurar o reino da purificação. E, Adorno, como judeu, precisou se exiliar nos Estados Unidos por um período, junto com Horkheimer, para não ter a vida ceifada. Por isso, Adorno olha para a realidade social, para a história, cultura, destino das pessoas e para as tendências do sistema econômico, político e cultural para elaborar grandes questões filosóficas. Adorno por um lado sente vergonha de fazer parte de uma história tão bárbara, assim como milhares de outras pessoas e por outro lado se sente desafiado a lutar para dar esperança a uma humanidade desmoronada.

Pensar e agir para “que Auschwitz não se repita (EE. 2006, p. 119), assim reza o novo imperativo categórico proposto por Adorno. “Este imperativo quer mobilizar a lembrança solidária com as vítimas, a memória das esperanças não cumpridas e as injustiças pendentes de ressarcimento contra tudo aquilo que segue produzindo dor e sofrimento, aniquilando os indivíduos” (ZAMORA. 2004, p. 13). Este imperativo é interessante e importante porque a racionalidade instrumental ainda está presente e conduz à regimes totalitários que privam a vida. Atualmente, as mesmas condições que serviram como base para o advento do nazismo e do fascismo ainda são percebidas e talvez até com mais força, basta ver a realidade dos refugiados da Síria, que vivem em acampamentos, primeiramente eram transitórios, porém agora são permanentes, pois eles não conseguem voltar para seu país e nem ir para outro lugar. Estão sob vigilância permanente de um Estado que, muitas vezes é um Estado de Exceção alicerçado na razão instrumental e que não consegue solucionar o problema.

Seguindo as linhas do pensamento crítico, Agamben trabalha a temática do estado de exceção permanente, sendo que “o estado de exceção tende cada vez mais a se apresentar como o paradigma do governo dominante na política contemporânea” (AGAMBEN. 2004, p. 13). Se o estado de exceção era fundamentalmente uma suspensão temporária do ordenamento, torna-se atualmente uma nova e estável disposição espacial, na qual habita a vida nua. O sistema político passa a se pautar como um espaço que não ordena mais formas de vida e normas jurídicas em sentido determinado, mas contém intrinsecamente em seu interior uma ‘localização deslocante’ que o excede, no qual todas as formas de vida e normas podem ser capturadas. A modernidade e contemporaneidade têm na racionalidade instrumental a condição do pleno controle da vida dos seres humanos que habitam o campo de concentração global. Todo o esforço de Agamben consiste em mostrar que a suspensão democrática da lei não é um fenômeno localizado, mas uma tendência hegemônica da modernidade, um fenômeno mundial.

Auschwitz mudou as noções de barbárie e mostrou, objetivamente, do que o ser humano é capaz e é preciso que este exemplo nefasto impeça novos campos de extermínio, mesmo que ainda tenham campos de concentração ou estados de exceção permanentes. A experiência de Auschwitz requer um olhar para as relações dos indivíduos com sua própria natureza interna, com as relações com a natureza externa que pretendem dominar e inclusive com as relações que existem entre si. Ou seja, requer confrontar com a dialética do esclarecimento, com o fator do progresso e da regressão com a cumplicidade da razão moderna, com o princípio da dominação, já que este acontecimento revela uma patologia da razão e da ciência. A violência é um comportamento que perpassa a história humana e no caso de Auschwitz é uma violência racional, pensada, calculada. É a fonte viva do progresso que se tornou um regresso. A teoria da ciência como progresso, de progresso civilizador como traço moderno da sociedade caiu por terra, pois a experiência de Auschwitz se tornou uma ferida aberta, não cicatrizável.

Mesmo que os nazistas tenham explodido as câmaras de gás e os fornos crematórios, as ruínas ainda existem. Embora os documentos tenham sido queimados às pressas durante os últimos dias de guerra, e essa perda seja irremediável, restaram os sobreviventes, restou a dor, o sofrimento, o que evidencia a quebra do processo histórico. Porém, ao mesmo tempo em que é colocada esta quebra, nasce a partir dela, uma exigência de ler a história pelo revés para que ela não se repita e para dar voz ao que sobrou, já que, ao perder a guerra, felizmente, o nazismo não teve a seu favor o direito do vencedor de manipular a verdade como lhe conviesse. É importante lembrar que durante o regime nazista "chegou-se ao ponto de a mentira soar como verdade e a verdade, como mentira" (MM. 2008, p. 104)162.

Esta é uma característica da razão instrumental, porque

Cada enunciado, cada notícia, cada ideia está formada de antemão pelos centros da indústria cultural. [...] Mentiras tem pernas longas: elas se antecipam no tempo. A conversão de todas as questões da verdade em questões de poder, à qual não tem como se furtar a verdade mesma se não quiser ser aniquilada por este, não apenas a submete como nos despotismos antigos como se apoderou até o mais íntimo da disjunção do verdadeiro e do falso, que os mercenários da lógica de todo modo contribuem com afínco para eliminar (MM. 2008, p. 104)163.

---

162 "Es ist dahin gekommen, daß Lüge wie Wahrheit klingt, Wahrheit wie Lüge" (MM. Band 4, s. 120).

163 "Jede Aussage, jede Nachricht, jeder Gedanke ist präformiert durch die Zentren der Kulturindustrie (...) Lügen haben lange Beine: sie sind der Zeit voraus. Die Umsetzung aller Fragen der Wahrheit in solche der Macht, der Wahrheit selber nicht sich entziehen kann, wenn sie nicht von der Macht vernichtet werden will, unterdrückt sie nicht bloß, wie in früheren Despotien, sondern hat bis ins Innerste die Disjunktion von Wahr und Falsch ergriffen, an deren Abschaffung die Söldlinge der Logik ohnehin emsig mitwirken" (MM. Band 4, s. 120-121).

Refletir e agir para que a verdade prevaleça é essencial para dar sentido a história, para dar voz a quem não teve o direito de falar, e é nesta mesma vertente também está o pensamento de Benjamin, dizendo que é preciso entrar na história a contrapelo, já que os interesses da história estão melhor representados na memória dos sem nome. Para ele,

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, [...] considera sua tarefa [do materialista histórico] escovar a história a contrapelo (BENJAMIN. 1996, p. 225).

Adorno segue também esta linha, pois “quem se coloca a favor da cultura radicalmente culpada e mesquinha transforma-se em colaborador, enquanto quem se recusa à cultura fomenta imediatamente a barbárie como a qual a cultura se revela” (DN. 2009, p. 304). Portanto, os autores Adorno e Benjamin querem chamar a atenção para a compreensão do movimento da história na perspectiva do vencedor que reduz a experiência dos vencidos. O regime nazista operou isto de forma magistral e atualmente o mundo administrado procura justamente fazer este movimento, dando uma falsa ideia de história. Esta sistemática tão enraizada no século passado está presente nos dias de hoje, pois a sociedade ainda priva as experiências mais frágeis a partir de uma cultura totalitária e fascista. E para contrapor a isso, é preciso “escovar a história a contrapelo”, evitando transmissão da violência. A experiência de Auschwitz dispõe de ferramentas que imperam sobre os reprimidos, impedindo que eles construam uma história. Nesse viés, no regime de Hitler, a aniquilação física foi precedida de uma aniquilação jurídica e moral, ou seja, o terreno foi preparado minuciosamente. A consciência da sociedade foi administrada para que ela visse como algo natural o extermínio de milhões de pessoas. A morte era tratada como não morte, porque o homem já não existia mais, os corpos eram jogados em valas sem um mínimo de ritual, diferente dos enforcamentos públicos (como em determinada era da história) ou de qualquer outra morte que tivesse algum ritual. Não havia rito, havia a ideia de pureza, imposta por uma racionalidade patológica. “Para os fascistas, os judeus não são uma minoria, mas a antirraça, o princípio negativo enquanto tal, de sua exterminação dependeria a felicidade do mundo” (DE. 1985, p. 139)164.

O nazismo, por exemplo, tornou a ideia de eliminar os judeus, para o bem da Alemanha, verdadeira. Tanto que dominou a capacidade dos próprios judeus de raciocinarem

---

164 “Für die Faschisten sind die Juden nicht eine Minorität, sondern die Gegenrasse, das negative Prinzip als solches; von ihrer Ausrottung soll das Glück der Welt abhängen” (DA. Band 3, s. 192).

quando estavam no campo de concentração. Mais ainda, raramente um judeu tirava sua própria vida porque não sobrava tempo para ele pensar nesta hipótese, tal era a condição miserável de vida dele. Apenas quando, eventualmente, alguém conseguia sair do campo que a situação trágica aparecia nitidamente. A pessoa quando se encontrava sem bens, sem lar e sem família percebia que o sentido da vida havia acabado. Neste instante, ela se transformava em algoz de si e tirava sua própria vida. Portanto, o campo de concentração atuava para além das suas cercas elétricas e muros frios, pois “quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo” (LEVI. 1988, p. 25).

Levi consegue dar um autêntico testemunho dos horrores da guerra, pois foi levado ao campo de concentração de extermínio nazista e dele conseguiu sair com vida. Levi é o tipo de testemunha que se conecta com todos aqueles que sofreram a repressão, violência e tortura. Ele não fala de fatos externos, a verdade não está distante do fato nem a distância é prova de objetividade do testemunho. Seu testemunho é singular, único, porque não tem distância da violência: ele é produto da violência. Ele pode testemunhar porque sofreu a violência e lhe conferiu uma relação singular com o próprio fato violento.

Não somos nós os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Esta é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo a memória dos outros e relendo a minha, muitos anos depois. Nós os sobreviventes somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os “muçulmanos”, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral (LEVI. 1990, p.15).

Com esta afirmação, o paradoxo instituído por Levi é que não pode haver nem verdadeira testemunha nem verdadeiro testemunho, porque os únicos que poderiam ser testemunhas autênticas foram mortos. Da perspectiva da integralidade da experiência Auschwitz não deixou testemunhas. Auschwitz é o fim de uma verdade, da verdade da razão, a plena decadência do indivíduo por uma experiência auge, puramente racional. Mas o fato deles estarem incapacitados de testemunhar a totalidade do testemunho, torna o testemunho autêntico, porque a totalidade segundo Adorno é falsa.

Levi reforça em seu livro que é preciso dar voz aos que sobreviveram e aos que morreram, porque é preciso aprender a conviver com as marcas deixadas pelo regime totalitário. A violência empregada atacava todos sob todos os ângulos, pois ao chegar nos campos, já despojado dos bens e separado da família, era preciso abrir mão das coisas mais singelas como uma simples foto, além disso, a aparência feminina e masculina era adulterada

com o corte dos cabelos e barba sem cerimônia. A intimidade da nudez ficava exposta a olhos nus assustados pelos demais. Era o começo da metamorfose corporal cruel e da dominação psíquica e corporal.

Essa dominação acontecia de uma forma “natural” dentro de um regime totalitário. A ideia natural de eliminação de uma raça precisa ser confrontada e tematizada. Ela não pode se tornar novamente hegemônica como aconteceu no período do nazifascismo. Por isso “é natural e óbvio que a fonte essencial para a reconstrução da verdade nos campos de construção esteja constituída pelas memórias dos sobreviventes” (LEVI. 1988, p. 13). Operar dentro da realidade para encontrar a verdade era o desafio, porém o problema é que a violência foi tanta que muitos não conseguem falar dos fatos e quando conseguem, é um testemunho quebrado, pois o horror se instalou para sempre na memória. O mundo chamado normal e o mundo dos campos de extermínio tornam-se incomensuráveis. Mesmo assim, eles precisam resistir ao esquecimento e ao silêncio pretendido pelos carrascos para deixar viva a esperança da não repetição.

No regime nazista, os judeus eram eliminados duas vezes. A primeira delas era a exclusão entre os demais detentos que reconheciam sua incapacidade de adaptação e permanência, afastando-se como forma de se proteger do futuro que aguardava aquele indivíduo. A segunda exclusão era a derradeira, a dos oficiais que reconheciam essa inaptidão e o assassinavam. Expulso da sociedade dos condenados e banidos da vida, os judeus passam a demarcar não apenas um limite entre a vida e a morte, como aponta Agamben, mas também o limiar entre o homem e o não homem.

Adorno reforça isso com as seguintes palavras

O sofrimento perenizante tem tanto direito à expressão quanto o martirizado tem de berrar; por isso, é bem provável que tenha sido falso afirmar que depois de Auschwitz não é mais possível escrever nenhum poema. Todavia, não é falsa a questão menos cultural de saber se ainda é possível viver depois de Auschwitz, se aquele que por acaso escapou quando deveria ter sido assassinado tem plenamente o direito à vida. Sua sobrevivência necessita já daquela frieza que é o princípio fundamental da subjetividade burguesa e sem a qual Auschwitz não teria sido possível: culpa drástica daquele que foi poupado. Em revanche, ele é visitado por sonhos tal como o de não estar mais absolutamente vivo, mas de ter sido envenenado com gás em 1944, e de depois disso não conduzir coerentemente toda a sua existência senão a partir da pura imaginação, emanação do louco desejo de alguém há vinte anos assassinado (DN. 2009, p. 300).<sup>165</sup>

---

165 “Das perennierende Leiden hat soviel Recht auf Ausdruck wie der Gemarterte zu brüllen; darum mag falsch gewesen sein, nach Auschwitz ließe kein Gedicht mehr sich schreiben. Nicht falsch aber ist die minder

A experiência de Auschwitz é o auge da decadência da razão instrumental e consequentemente do declínio do indivíduo. Neste período, pela primeira vez na história, se decide racionalmente, através de leis criadas por um Estado de exceção que se tornou regra, eliminar todo um grupo humano. Ou seja, essa lógica pode ser expressa em dois aspectos: por um lado a cultura entendida como barbárie na implícita cumplicidade entre o progresso e o fascismo, a racionalidade de um mundo construído sob o signo da ciência e da técnica que predominam no estabelecimento das relações, e, por outro, o fato de que no presente como no passado há a predominância de um regime totalitário permanente. Este, sequer com todos os avanços das sociedades deixou de ser a regra, de tal forma que a história continua sendo construída sob o progresso, se constitui sobre as costas de uma parte significativa da humanidade.

O conceito do progresso da civilização, com e após Auschwitz, fica profundamente comprometido porque não tornou a vida melhor ou autônoma, mas aprofundou a contradição. Neste caso, não é tão especificamente o progresso econômico, mas o cultural e o político. Como ressaltou Benjamin e corroborado por Adorno, toda cultura está associada à violência, já que a civilização ceifa seus filhos. Auschwitz é a experiência da identidade totalitária, do triunfo da razão instrumental, é o tempo e o espaço onde “temer a morte significa temer algo pior do que a morte” (DN. 2009, p. 307).<sup>166</sup>

O objetivo nos campos de concentração de matar por matar havia se tornado uma cultura e “na medida em que administra a humanidade toda, administra também a cisão entre humanidade e cultura” (MM. 2008, p. 144).<sup>167</sup> Fica nítido que Auschwitz é a experiência latente da decadência humana, onde a cultura calada expressa mais que a cultura falada, visto que, um “abismo de silêncio abre-se frente ao inconcebível e somente calado é possível expressar o nome do desastre, mesmo que não se queira o silêncio escapa ao cerco” (ZAMORA. 2004, p. 39).

Também não resta dúvida de que a ideia de progresso cultural provém de um protótipo de racionalidade instrumental que apresenta meios para atingir determinados fins. Os fatos ocorridos no século XX, entre eles Auschwitz,

---

kulturelle Frage, ob nach Auschwitz noch sich leben lasse, ob vollends es dürfe, wer zufällig entrann und rechtens hätte umgebracht werden müssen. Sein Weiterleben bedarf schon der Kälte, des Grundprinzips der bürgerlichen Subjektivität, ohne das Auschwitz nicht möglich gewesen wäre: drastische Schuld des Verschonten. Zur Vergeltung suchen ihn Träume heim wie der, daß er gar nicht mehr lebte, sondern 1944 vergast worden wäre, und seine ganze Existenz danach lediglich in der Einbildung führte, Emanation des irren Wunsches eines vor zwanzig Jahren Umgebrachten” (ND. Band 6, s. 355-356).

<sup>166</sup> “...seit Auschwitz heißt den Tod fürchten, Schlimmeres fürchten als den Tod” (ND. Band 6, s. 364).

<sup>167</sup> “Indem sie die ganze Menschheit verwaltet, verwaltet sie auch den Bruch zwischen Menschheit und Kultur” (MM. Band 4, s. 166).

Não se constituem, absolutamente, em algum tipo de perverso acidente de percurso, ou em uma súbita e inesperada contaminação da razão pela desrazão, ou em um tresloucado desvio de fundamentos ou de itinerário; trata-se, antes da realização efetiva de uma possibilidade extrema e congênita da própria cultura ocidental, do logos abandonado a si mesmo (SOUZA. 2010 p. 30).

O paradoxal nessa compreensão é que em uma época de tanto progresso, se possa produzir concomitantemente tamanha barbárie, entendida na própria configuração que o fascismo expressa. Ou seja, como uma época de tantos avanços pode, ao mesmo tempo, produzir o seu próprio aniquilamento? Por isso, o reconhecimento da história entendida como sinônimo de progresso se torna vaga, pois a história que demarca a vida no regime totalitário é guiada pela violência contra o ser humano. A compreensão de história exposta aponta para um movimento histórico a partir da perspectiva dos vencidos, dos oprimidos, por isso a necessidade de ler o conjunto da história a contrapelo, pelo revés.

Nesse panorama, sob a ótica dos oprimidos, a marcha triunfal daquela sociedade continua presente em regimes totalitários em alguns países, no entanto, o fundamentalismo de mercado atualmente é que vem destruindo mais vidas pelo mundo todo porque para o mercado também não há limites, não há barreiras para praticar barbáries em nome do progresso, muitas vezes revestido de regresso. O mercado, mesmo na época de Adorno, e hoje, defende uma suposta democracia e, muitas vezes, ele se utiliza da pouca democracia para expandir sua ideologia e seus interesses lucrativos, ou seja, a política e a democracia foram capturadas para servir de ferramenta aos interesses burgueses. Na verdade, “o indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos” (DE. 1985, p. 14)<sup>168</sup> e as pessoas precisam se adaptar e se identificar com o dado, com o que já está posto, inclusive com o poder. Atualmente o mercado orienta as regras de poder e, isso acontecendo, a promessa de autonomia fracassa.

Adorno crê que é preciso encontrar também as razões da barbárie que aconteceram em Auschwitz e em outros atentados à vida, analisando a psicologia desses acontecimentos<sup>169</sup>.

---

168 “Der Einzelne wird gegenüber den ökonomischen Mächten vollends annulliert” (DA. Band 3, s. 15).

169 A psicanálise tem um papel fundamental na filosofia de Adorno e na teoria crítica em geral. Neste sentido Freud tem um papel central nas obras de Adorno. Para Freud a civilização é estabelecida pela permanente repressão aos instintos, onde a felicidade é trocada por uma parcela de segurança. Mas esta questão assim colocada gera um confronto entre indivíduo e cultura, entre princípio de realidade e princípio de prazer. E é nesse viés que Adorno trabalha o conceito de psicanálise, entre o inconsciente e o retorno do reprimido, ou seja, o inconsciente é formado historicamente pelo princípio do prazer não realizado e que pode retornar, por sua vez, o retorno do reprimido é a ameaça à civilização. É importante dizer que para Freud era mais importante segurança que a liberdade, já para Adorno a psicanálise não pode render a realidade.

Com isto refiro-me sobretudo também a psicologia das pessoas que fazem coisas desse tipo. Não acredito que adianta muito apelar a valores eternos, acerca dos quais justamente os responsáveis por tais atos reagiriam com menosprezo; também não acredito que o esclarecimento acerca das qualidades positivas das minorias reprimidas seja de muita valia. E preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos. Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos. Os culpados não são os assassinados, nem mesmo naquele sentido caricato e sofista que ainda hoje seria do agrado de alguns. Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias (EE. 2006, p. 121).

Portanto, a decadência do indivíduo e da sociedade passam por uma consciência coisificada de quem pratica tais atos bárbaros e o uso de métodos da psicanálise podem dar respostas. É importante reafirmar que Adorno está se referindo ao aspecto cultural, porém na economia e na política, a voracidade que as pessoas têm em reprimir o outro, é igualmente dominante, ou seja, o prazer está no domínio do outro. Por isso, nada em nossa experiência individual ou coletiva nos permite afirmar que a humanidade está progredindo sempre, subindo em rumo à luz da plena sabedoria. Na verdade, está sempre aberta a possibilidade de regressão e de recaídas na barbárie. É necessário contrapor-se a ausência de consciência. É fundamental refletir sobre a sociedade e sobre si mesmo. Adorno está bem ciente da possibilidade do retorno da barbárie mesmo que a civilização agora saiba do que isto representa. Há a chance de que a desumanidade volte a ocorrer como aconteceu em Auschwitz. Nada garante a derrota definitiva da barbárie. E se a barbárie ganhar, todos nós perderemos. O triunfo da violência é o naufrágio do barco onde estamos. Assim, evitar a regressão à barbárie torna-se então a missão suprema do ser humano, é uma espécie de novo imperativo categórico para que tais horrores não retornem. Adorno alerta sistematicamente para este imperativo, da não repetição.

O perigo de que tudo aconteça de novo está em que não se admite o contato com a questão, rejeitando até mesmo quem a menciona, como se, ao fazê-lo sem rodeios, este se tornasse o responsável, e não os verdadeiros culpados. [...] quem ainda insiste em afirmar que o acontecido nem foi tão grave assim já está defendendo o que ocorreu, e sem dúvida seria capaz de assistir ou colaborar se tudo acontecesse de novo (EE. 2006, p. 136).

A racionalidade, mesmo com o processo de esclarecimento, pode se tornar obscura e realizar atrocidades, se por um período foram os judeus os massacrados, outro momento poderão ser outros grupos, uma vez que, as pessoas tendem a ser guiadas pela racionalidade instrumental. Adorno salienta que não há festa a fazer diante do processo que nos levou “*do estilingue à bomba atômica de megatons*“. A classe dominante alicerçada no projeto moderno de razão, não trabalhou para levar a sociedade à emancipação, mas sim na construção de fábricas de morte em campos de concentração, e que atualmente empurramos, goelas a baixo, catástrofes ecológicas, crises climáticas e infundáveis guerras. Mesmo assim, é preciso ter um pensamento resistente para fazer com que Auschwitz não se repita.

Em suma, aprofundar a história indica uma exigência primeira que consiste em dedicar-se a recordar os sem-nomes, os oprimidos, os vencidos, em que o sentido da história tem de ser passado a limpo, e, com este exame difícil, a própria noção de “sentido” construída historicamente será colocada definitivamente em questão. Nesse ponto, a atualidade da filosofia de Adorno se revela com sua máxima força. A violência e o horror que marcaram Auschwitz e tantos outros tempos e espaços na história humana ainda não encontraram respostas que os fizessem desaparecer, mas uma análise das relações entre natureza e cultura que possa questionar a fundação de nossos laços sociais, as constituições de nossos espaços políticos e econômicos podem trazer luz ao lado obscuro de nossa história visando uma emancipação da memória, mas acima de tudo, uma emancipação do presente e do futuro.

## 2.5 A APROXIMAÇÃO DO OUTRO E A CONSTRUÇÃO DE SI

“Cabe à filosofia pensar aquilo que é diverso do pensamento e que o transforma pela primeira vez em pensamento, apesar de o seu demônio persuadi-lo de que isso não deve ser” (DN. 2009, p. 165).<sup>170</sup>

Em um de seus escritos Adorno afirma que “se as pessoas não fossem profundamente indiferentes ao que acontece com todas as outras [...] Então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não teriam aceito” (EE. 2006, p. 134). Disto podemos tirar pelo menos duas considerações, a primeira é a de que as pessoas se importam com aqueles com os quais se sentem ligadas por laços familiares ou afetivos e, segunda, a estrutura da sociedade se fundamenta na atração de interesses próprios contra os interesses dos outros, produzindo,

---

<sup>170</sup> “An Philosophie ist es, das vom Gedanken Verschiedene zu denken, das allein ihn zum Gedanken macht, während sein Dämon ihm einredet, daß es nicht sein soll” (ND. Band 6, s. 193).

com isso, certa frieza entre as pessoas e entre as células sociais com o argumento de sobrevivência. Os indivíduos e as instituições da sociedade protegem, primeiramente, os próprios interesses para não correr o risco de perdê-los em uma sociedade administrada, competitiva e conflitiva. No entanto, essa indiferença pelo outro no quesito proteção, tanto individual quanto coletivo, gera o que Adorno chama de “silêncio do horror”. “A sociedade não repousa em atração, em simpatia, como se supôs ideologicamente desde Aristóteles, mas na perseguição dos próprios interesses frente aos interesses dos demais” (EE. 2006, p. 134). Esta lógica do interesse originou a política moderna em que o contrato tenta minorar a força, contudo, essa se impõe de forma racional, algumas vezes através de fórmulas contratualistas outras pela dominação instrumental. Em ambas as hipóteses, a lógica individualista do interesse próprio é o substrato da indiferença do outro.

Essa indiferença ao outro é caracterizada mais fortemente em Auschwitz porque “o que se chama de ‘participação oportunista’ era antes de mais nada interesse prático: perceber antes de tudo a própria vantagem e não dar com a língua nos dentes para não se prejudicar. Esta é a lei geral do existente” (EE. 2006, p. 134). Calar-se frente às injustiças contra o outro era primordial para existir. “O silêncio sob o terror era apenas a consequência disto. A frieza da mônada social, do concorrente isolado, constituía, enquanto indiferença frente ao destino do outro, o pressuposto para que apenas alguns raros se mobilizassem” (EE. 2006, p. 134). Portanto, na indiferença com o outro existe somente a preocupação consigo mesmo, não existe a preocupação em denunciar uma injustiça ou qualquer barbárie humana. Em alguns casos a indiferença era tida como sarcástica: “Amanhã você vai sair como fumaça por essa chaminé e se mover em espirais em direção ao céu” (DN. 2009, p. 300).

No entanto, Adorno não procura “pregar o amor. Penso que sua pregação é vã: ninguém teria inclusive o direito de pregá-lo, porque a deficiência no amor é uma deficiência de todas as pessoas, sem exceção” (EE. 2006, p. 134). As instituições que pregaram o amor, como o cristianismo, fracassaram “possivelmente porque não mexeu com a ordem social que produz e reproduz a frieza” (EE. 2006, p. 135). Além disso, é importante ressaltar que não se pode vincular o que aconteceu em Auschwitz com o conceito compromisso, pois isto significaria uma “heteronomia, um tornar-se dependente de mandamentos, de normas que não são assumidas pela razão própria do indivíduo” (EE. 2006, p. 124). Por isso, é preciso voltar-se para o sujeito como um dos instrumentos imprescindíveis na conscientização da indiferença e dos motivos que levaram a ela.

Voltar-se para a conscientização do sujeito não é algo fácil a ser resolvido porque para Adorno

O mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização. Isto não é tão abstrato quanto possa parecer ao entusiasmo participativo, especialmente das pessoas mais jovens, de consciência progressista. O ponto de partida poderia estar no sofrimento que os coletivos infligem no começo a todos os indivíduos que se filiam a eles (EE. 2006, p. 127).

Percebe-se que Adorno quer dar alguns passos para superar as lacunas que a indiferença provoca e neste sentido um primeiro passo parece ser o de ajudar a frieza a adquirir consciência de si, das razões pelas quais foi gerada. A consciência é importante para não esquecer o que aconteceu, entender a frieza burguesa e política, a indiferença pelo não idêntico, porque a frieza ainda existe e se alimenta, agora, de diferentes formas sutis, como por exemplo, na subjetividade do senso comum, novelas, noticiários, propagandas sedutoras, etc., tudo alimentado e administrado pela indústria cultural e por um pensamento absoluto. Inclusive outros espaços como igreja, escolas, organizações da sociedade e a própria política promovem a frieza progressiva, aparentemente, sem violência exposta.

Temos hoje expectadores da indiferença, da inumanidade, frieza e violência. O expectador olha, observa, acompanha, porém, não age, não se move e nem se envolve. Aparecendo assim a indiferença consentida. Mas a consciência, ou melhor, a razão deve reconhecer, como momento necessário de seu processo de constituição, a validade de uma experiência de alteridade capaz de atuar como elemento corretivo de suas expectativas, sem que isso represente abandono da razão. Quando a pessoa é mera expectadora, dificilmente ela vive a sua vida, ou seja, no mundo administrado o indivíduo se torna um objeto, uma mercadoria. Adorno enfatiza isso já no início da obra *Minima Moralia*, quando discorre sobre a vida como uma mercadoria, tendo perdido sua substância própria, chamando atenção para o fato de que a vida, conforme concebiam os filósofos, vai passando para a esfera privada e empobrece na medida em que é absorvida pelo consumo, onde o maior objetivo é tirar a autonomia e fazer com que qualquer reflexão seja enquadrada na ideologia dominante. A anulação gradual do ser humano na sociedade ocorre pela lógica na qual vida e produtividade estão entrelaçadas e o sujeito vale de acordo com o que e o quanto produz e conforme seu poder de consumo. Todos os seres humanos são transformados em expectadores e em objetos. No fascismo isto se torna ainda mais enfático quando os seres humanos são definitivamente transformados em objetos, não no sentido de mercadoria pura, mas objetos de frieza racional e irracional.

Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial. Para o paranoico usual, sua escolha não é livre, mas obedece às leis de sua doença. No fascismo, esse comportamento é adotado pela política, o objeto da doença é determinado realisticamente; o sistema alucinatório torna-se a norma racional no mundo, e o desvio a neurose. O mecanismo que a ordem totalitária põe a seu serviço é tão antigo quanto a civilização (DE. 1985, p. 154).<sup>171</sup>

A dinâmica social que permitiu o fascismo, onde a “mera existência do outro é motivo de irritação” (DE. 1985, p. 151)<sup>172</sup>, torna-se uma compulsividade objetiva. Porém, neste distúrbio está a incapacidade de o sujeito discernir entre o que provém dele e o que é alheio, ou seja, falta a reflexividade, o que é um indício de não tolerar o outro e querer transformar este outro em objeto de posse. Este procedimento atrofia o sujeito.

Ele dota ilimitadamente o mundo exterior de tudo aquilo que está nele mesmo; mas aquilo de que o dota é o perfeito nada, a simples proliferação dos meios, relações, manobras, a práxis sinistra sem a perspectiva do pensamento. A própria dominação que, mesmo sendo absoluta, é, em sentido próprio, sempre um fim e um fim de outrem, ou melhor, um fim em geral [...]. Nos dois casos, o sujeito está no centro, e o mundo, que é uma simples ocasião de seu delírio, torna-se a totalidade impotente ou onipotente de tudo o que é projetado nele. A resistência de que se queixa a todo momento o paranoico é a consequência a falta de resistência e do vazio que produz em seu redor aquele que se coloca fora do foco. Ele não pode parar. A ideia que não encontra nenhum apoio firme na realidade insiste e torna-se fixa (DE. 1985, p. 157).<sup>173</sup>

Aparece aqui, de forma clara, que existe um sujeito totalmente desprovido de reflexividade, desprovido de razão subjetiva, de conteúdo, restando apenas o ódio ao outro, a irritação ao que é diferente. Neste estágio paranoico, ele não consegue absorver e sistematizar nada, pois falta a ele a reflexão crítica, ao mesmo tempo em que se torna um

---

171 “Regungen, die vom Subjekt als dessen eigene nicht durchgelassen werden und ihm doch eigen sind, werden dem Objekt zugeschrieben: dem prospektiven Opfer. Dem gewöhnlichen Paranoiker steht dessen Wahl nicht frei, sie gehorcht den Gesetzen seiner Krankheit. Im Faschismus wird dies Verhalten von Politik ergriffen, das Objekt der Krankheit wird realitätsgerecht bestimmt, das Wahnsystem zur vernünftigen Norm in der Welt, die Abweichung zur Neurose gemacht. Der Mechanismus, den die totalitäre Ordnung in Dienst nimmt, ist so alt wie die Zivilisation” (DA. Band 3, s. 212).

172 “Die bloße Existenz des anderen ist das Ärgernis” (DA. Band 3, s. 207).

173 “Grenzenlos belehnt es die Außenwelt mit dem, was in ihm ist; aber womit es sie belehnt, ist das vollkommen Nichtige, das aufgebauschte bloße Mittel, Beziehungen, Machenschaften, die finstere Praxis ohne den Ausblick des Gedankens. Herrschaft selber, die, auch als absolute, dem Sinn nach immer nur Mittel ist, wird in der hemmungslosen Projektion zugleich zum eigenen und zum fremden Zweck, ja zum Zweck überhaupt. (...) Beide Male ist das Subjekt im Zentrum, die Welt bloße Gelegenheit für seinen Wahn; sie wird zum ohnmächtigen oder allmächtigen Inbegriff des auf sie Projizierten. Der Widerstand, über den der Paranoiker bei jedem Schritt wahllos sich beklagt, ist die Folge der Widerstandslosigkeit, der Leere, die der sich Abblendende rings erzeugt. Er kann nicht aufhören. Die Idee, die keinen festen Halt an der Realität findet, insistiert und wird zur fixen” (DA. Band 3, s. 215).

mero expectador, porque não consegue transmitir conteúdo. Forma-se um abismo e concomitantemente um círculo fechado, uma vez que, o “ciclo fechado do que é eternamente idêntico torna-se o sucedâneo da onipotência” (DE. 1985, p. 157).<sup>174</sup> Por isso, segundo Souza, a “racionalidade idealizada, a totalidade que acha justificativas para a injustiça e o horror, é a desrazão absoluta, porque sua única racionalidade, seu verdadeiro conteúdo, é opaco e violento: é negação de racionalidade, mediocridade estatuída em lei absoluta” (2009, p. 91).

Entretanto, na medida em que o sujeito consegue distinguir, “compelido por motivos econômicos, entre pensamentos próprios e alheios, surge a distinção do exterior e do interior, a possibilidade de distanciamento e identificação, a consciência de si e a consciência moral” (DE. 1985, p. 154).<sup>175</sup> Sendo assim, “pensar filosoficamente não consiste em procurar essências nas realidades, mas tentar entender o que faz com que a motivação por tal procura se constitua na pretensamente única forma legítima de pensamento filosófico” (SOUZA. 2004, p. 116.). Ou seja, a centralidade da questão não está no que se pensa, mas no sentido do que se pensa. A reflexividade pode ser um meio de entender e superar as condições históricas nas quais a razão instrumental se encontra, mas para isso é preciso questionar e renovar o pensar através do caráter da negatividade do pensamento.

O processo de esclarecimento, tal como analisado e criticado por Adorno, é desenvolvido segundo uma crítica da transformação ocorrida na subjetividade ao longo da história. Essa subjetividade capaz de realizar a dita passagem do “caos à ordem” tende a desaparecer à medida que se esvazia a reflexividade dos sujeitos. A fragilização do conceito de humanidade feita pela subjetividade instrumental e por meio de determinadas práticas sociais permite aceitar uma falsa efetivação do conceito “humano” ou, na melhor das hipóteses, a inibição conceitual do que deveria representar o termo “humano”.

Os debates contemporâneos sobre o humanismo não se restringem a meras elucubrações teóricas sobre o que é o homem. O debate sobre o humanismo remete aos modos de subjetivação que existem e aos dispositivos de poder que os fabricam. O paradigma do liberalismo econômico, hegemônico em nossas sociedades, visa o adestramento das subjetividades pelo disciplinamento dos indivíduos e pelo controle de seus desejos; seu objetivo é produzir subjetividades flexibilizadas que cooperem ativamente com as demandas institucionais. Tal e como nós o conhecemos, o indivíduo é um produto da modernidade, fruto de um

---

174 “Die Geschlossenheit des Immergleichen wird zum Surrogat von Allmacht” (DA. Band 3, s. 215).

175 “Indem er unter ökonomischem Zwang zwischen fremden und eigenen Gedanken und Gefühlen unterscheiden lernt, entsteht der Unterschied von außen und innen, die Möglichkeit von Distanzierung und Identifikation, das Selbstbewußtsein und das Gewissen” (DA. Band 3, s. 213).

complexo leque de técnicas de disciplinamento e controle sobre a sua subjetividade (RUIZ. 2006, p. 94).

Adorno nos sinaliza que a crítica à sociedade pode brotar da visita a ilhas aparentemente emancipadas do território social. Nesse caso, deslocar-se pode ser essencial. O sentido atual de ciência esgota as forças de uma cultura teórica que, por sua vez, é justamente o elemento que deveria ser preservado. Resgatar os cacos do homem concreto é um exercício profundamente racional a que se empenha Adorno, pois o homem se perde à sua própria abstração na medida em que se contenta com o uso indiferente à tendência positivista da razão. Na medida em que é pacificamente permitido ao conceito refugiar-se na abstração, a reflexão que o aborda tende ao esgotamento tautológico, ou seja, “a irracionalidade da organização deixa-lhes ainda uma certa liberdade” (ECA. 2003, p. 81).

A construção do sujeito deve primar o em si para fortalecer a subjetividade sem eliminar a não identidade. A devida atenção àquilo que é particular pode estabelecer uma relação com o universal e evitar uma orientação puramente abstrata. Quando a proximidade permite a própria identidade, então se torna possível projetar ou perceber uma não identidade. Ou seja, perceber o outro é se aproximar de si mesmo, caso contrário, se a aproximação impede o si mesmo, a individualidade, então seria uma aproximação aparente, uma relação de submissão onde o “outro é engolido pelo sempre semelhante e nele se mantém, contudo, como aparência” (ECA. 2003, p. 92). Enfim, a aproximação deve gerar uma capacidade de distanciamento, isto é, sem tendência de construir um equivalente. Deve prevalecer uma tensão entre aproximação e diferenciação, um exercício do pensamento onde “o conhecimento não possui nenhum dos seus objetos completamente” (DN. 2009, p. 20).

### 3 POLÍTICA NEGATIVA: EMANCIPAÇÃO DA SOCIEDADE E EMANCIPAÇÃO DO INDIVÍDUO

Na era da opressão social universal, é somente nos traços do indivíduo massacrado e violado que sobrevive a imagem da liberdade (DN. 2009, p. 222).

Nos dois primeiros capítulos da tese procuramos enfatizar a racionalidade instrumental que administra a vida e a sociedade de forma totalitária, impedindo a constituição de uma identidade livre e emancipada. Mas também abordamos a importância da dialética negativa no pensamento de Adorno como forma de romper com a homogeneidade e traçar perspectivas para a heterogeneidade. E, agora, cabe elencar ou discorrer sobre as possibilidades de pensar uma política com expectativas de emancipação dela mesma, do indivíduo e da sociedade.

Converter as questões políticas ou propriamente a política em questões de poder, de autoridade máxima e de ideologia burguesa, parece ter sido o ideal da sociedade moderna. Para confrontar essa constatação, Adorno faz uma análise crítica da teoria da racionalidade, que prometeu emancipação, mas fracassou; e procura apresentar um pensamento em meio à sociedade conturbada cultural, política e filosoficamente devido a regimes totalitários: socialista e nazista. Para Adorno, “só a pesquisa da sua configuração alienada, das potências objetivas que determinam até no mais recôndito a existência individual, permite conhecer a verdade sobre a vida tal como ela é” (MM. 2008, p.09).<sup>176</sup> “Quando a realidade desmente a razão e suas promessas de reconciliação, o que passa a ser tarefa do filósofo não é continuar simplesmente acusando o irracionalismo da ordem sócio cultural, mas, antes disso, rever o próprio conceito de razão” (PERIUS. 2011, p. 143). Portanto, rever a razão e a política passa ser uma tarefa do pensamento de Adorno. Ele revê isso pela dinâmica da dialética negativa, pela contradição, para desvendar a falsidade dos elementos estabelecidos. A contraposição pode produzir uma configuração mais humana, mas para isso, o sujeito precisa ter uma consciência crítica para ver que “o progresso e a barbárie estão hoje tão imbricados na cultura de massa que só a ascese bárbara contra a barbárie e o progresso dos meios poderia reconstruir o não bárbaro” (MM. 2008, p. 46).<sup>177</sup>

---

<sup>176</sup> “Wer die Wahrheit übers unmittelbare Leben erfahren will, muß dessen entfremdeter Gestalt nachforschen, den objektiven Mächten, die die individuelle Existenz bis ins Verborgenste bestimmen” (MM. Band 4, s. 13).  
<sup>177</sup> “Fortschritt und Barbarei sind heute als Massenkultur so verfilzt, daß einzig barbarische Askese gegen diese und den Fortschritt der Mittel das Unbarbarische wieder herzustellen vermöchte” (MM. Band 4, s. 56).

É importante antecipar que Adorno não expõe uma teoria<sup>178</sup> e não aposta explicitamente numa forma política como expectativa de emancipação. Contudo, sua crítica ao modelo convencional não impede que possamos encontrar nessa crítica os resquícios de uma nova forma de pensar a política como política negativa e elencar possibilidades de emancipação de vida. Apesar de seu pessimismo<sup>179</sup>, ele sempre enfatizou a dimensão política de seu pensamento<sup>180</sup>, sobretudo, a partir da tentativa de compreender as causas que levaram à barbárie em pleno século XX. A forma pessimista como Adorno estrutura seu pensamento lhe confere uma possibilidade de pensar a política negativa, que tem a tarefa de trazer à tona uma nova configuração, outra realidade, ou ainda, a verdadeira realidade onde a emancipação seja constituída de forma reflexiva. Esse autor pretende trazer à tona uma forma não intencional, uma forma dialética que considera a natureza reprimida, pois é nesta natureza que reside a esperança e a verdadeira política. Ao fazer emergir a ideia do falso sistema político totalitário, o não idêntico, os vestígios, as ruínas, o sofrimento, a memória para o âmbito da reflexão, ele consegue estabelecer uma potencialidade da teoria que possibilita criar e recriar a dinamicidade da história e da existência partindo da vida e da sociedade danificada, onde objeto e sujeito libertam-se. Adorno procura constatar como os momentos de tensão (conceito e realidade) se relacionam, pois eles não podem apenas ser constatados. É preciso deixar que, tanto sujeito quanto objeto, se expressem e coexistam. As coisas são isso e aquilo ao mesmo tempo e a “verdadeira comunicação ocorre onde se comunicam os diferentes e não, como se pensa, entre os iguais” (MUELLER. 2009, p. 208).

---

178 Na obra “Adorno and the political” Hammer afirma que “embora Adorno nunca tenha desenvolvido uma teoria política seus escritos eram mais orientados para a divulgação de mecanismos e sistemas de dominação, bem como para a possibilidade de resistência e subversão racionais dentro deles”. “His accounts were geared, rather, towards disclosing mechanisms and systems of domination, as well as towards the possibility of rational resistance and subversion within them” (2006). (tradução nossa).

179 O trabalho de Adorno foi amplamente criticado, talvez o mais famoso crítico foi seu próprio estudante, Jürgen Habermas. Essas críticas basearam-se na visão de que a teoria dele caiu em aporias. Sérgio Rouanet, influenciado pelas ideias de Habermas, sintetiza estas críticas da seguinte forma: “penso que ele (o conceito de razão) repousa, para Adorno, em três aporias: a de uma razão que continua exercendo sua atividade, depois de ter perdido todo o direito à existência; a de uma razão que critica a razão, e com isso compromete seus fundamentos; a de uma razão que quer ultrapassar o conceito, mas para isso, não pode abrir mão do conceito” (1987, p. 331) No entanto, em Adorno, a razão não perde todo seu direito a existência por ela criticar a si mesma. Ou seja, a crítica de Adorno se dirige a razão instrumental, à universalização de um modelo estreito de racionalidade. Além disso, a crítica se torna essencial à filosofia, pois a razão não é um instrumento pronto que pode ser aplicado aos objetos. Uma racionalidade que se fecha em si mesma se torna dogmática, portanto, a crítica e a autocrítica são essenciais. Adorno não pode ser considerado um teórico resignado. Ele defende uma postura teórica crítica que mantém viva a lembrança de que a atual sociedade e a vida são frutos da própria cegueira dos homens e que tal realidade, do mundo e da cegueira, podem ser superadas.

180 Gary Mullen, na obra “Adorno on Politics After Auschwitz”, corrobora com esta ideia e oferece uma leitura mais próxima do confronto de Adorno com o holocausto e as concepções modernas de moral, história, política, que são cúmplices do genocídio. Ao repensar a relação entre razão e lembrança, moralidade e materialidade, mimesis e violência política, o trabalho de Adorno oferece não apenas críticas incisivas das ideias e instituições políticas modernas, mas também mostra-nos sugestões de uma prática política diferente.

### 3.1 A PERSPECTIVA POLÍTICA NEGATIVA

Aquele que registra os campos de morte como acidentes de percurso na vitoriosa marcha civilizadora da história não apenas fica aquém da concepção dialética como inverte o sentido da própria política: impor limites ao extremo. A mudança de quantidade a qualidade não se dá apenas no desenvolvimento das forças produtivas, mas também no incremento da pressão da dominação (MM. 2008, p. 231).<sup>181</sup>

Adorno vê o projeto do progresso com desconfiança porque a razão que governa a si e aos demais passa a ser um procedimento eficaz sobre a política e sobre a vida, sendo que neste procedimento o “eu” nunca tolerou o que não fosse idêntico a ele mesmo. Sempre houve a intenção do domínio total do objeto e do sujeito, por isso “o terror que tem origem no passado pré-animista passa da natureza para o conceito do eu absoluto que submete inteiramente a natureza como seu criador e dominador” (DE. 1985, p. 146). Em outra passagem os autores da Dialética do Esclarecimento afirmam que o pensamento tradicional estabeleceu que “tudo deve ser usado, tudo deve lhe pertencer. A mera existência do outro é motivo de irritação. Todos os outros são muito espaçosos e devem ser recolocados em seus limites, que são os limites do terror sem limites” (DE. 1985, p. 151).

Essa maneira absolutista de pensar estendeu-se diretamente à sociedade e aos indivíduos por intermédio de regimes políticos totalitários, cujos traços do pensamento violento ainda persistem pela técnica lapidada pelo sistema administrado, pelo princípio da identidade, onde indivíduo possui poucas e frágeis forças de resistência para encontrar alternativas para uma perspectiva política verdadeira e para uma vida emancipada.

Adorno não sugere nenhuma categoria política<sup>182</sup> específica, mas a elaboração teórica dele em forma de pensamento crítico se desdobra em questionamentos à realidade social e às ciências sociais em contraponto à ideologia que equaciona uma visão unilateral. Para Holloway, Matamoros, e Tischler, Adorno é importante para as reflexões sobre política

---

181 “Der die Todeslager als Betriebsunfall des zivilisatorischen Siegeszuges, das Martyrium der Juden als welthistorisch gleichgültig registriert, fällt nicht bloß hinter die dialektische Ansicht zurück, sondern verkehrt den Sinn der eigenen Politik: dem Äußersten Einhalt zu tun. Nicht nur in der Entfaltung der Produktivkräfte, auch in der Steigerung des Drucks der Herrschaft schlägt die Quantität in die Qualität um” (MM. Band 4, s. 265).

182 O episódio que envolve Adorno e os estudantes no Instituto de Pesquisa Social tornou-se emblemático. Ao ter sua sala de aula invadida por estudantes que ocupavam o prédio do Instituto, Adorno chamou a polícia. Adorno estava consciente da impossibilidade de uma revolução bem-sucedida em seu tempo, e sua teoria traz o tempo todo indicações disso, e, em última instância, é precisamente isto que leva ao confronto com seus alunos. Adorno detalha isso na entrevista que ele confere à *Der Spiegel* em 1969. Fabian Freyenhagen, em: *Adorno's Politics: Theory and Praxis in Germany's 1960s* (2014) faz uma análise mais profunda desse tema, onde reconstrói e defende parcialmente as opiniões de Adorno sobre teoria e a política na década de 1960 da Alemanha, elencando onze teses para isso, as quais não analisaremos especificamente porque não é nosso foco, mas deixamos como sugestão.

e emancipação, pois “ruptura e revolta, fragilidade e incerteza, abertura e dor estão no centro do pensamento de Adorno” (2009, p. 12)<sup>183</sup>. Assim como a vida foi submetida ao poder dominante, ao eu absoluto, a política também foi determinada e fundamentada para fins únicos: garantir a supremacia dos interesses burgueses e eliminar o contraditório. Ao conceber a necessidade do surgimento de indivíduos mais autônomos que conseguiriam agir politicamente e resistir a uma integração total, Adorno estava propondo o rompimento com o princípio de identidade engendrado pela lógica da racionalidade instrumental e pelo sistema administrado. Ao princípio de identificação, Adorno contrapunha a experiência de não identidade. Mas o que é não identidade?

Não-identidade só pode ser uma força que se muda, que impulsiona para além de si, que cria e recria a si mesmo. É onde é que vamos encontrar uma força criativa e auto-criativa? Não nos animais, nem em Deus, nem na natureza, somente nos seres humanos, em nós. Não é [este] um nós identitário, mas um nós desarticulado, inadaptado, criativo (HOLLOWAY, MATAMOROS, TISCHLER. 2009, p. 14).<sup>184</sup>

O sentido do conceito de não identidade de Adorno quebra a realidade social e a tradição da política instrumental, porque o pensamento em forma de dialética recorre ao pólo da negatividade e não ao da síntese, sendo, por isso, uma estratégia para romper com o estado de coisas da real dominação. Podemos dizer que este é um dos temas centrais do pensamento de Adorno, como também corroboram Holloway, Matamoros e Tischler quando falam que

Esse é o tema central do pensamento de Adorno: a dialética como a sensação constante de não-identidade, daquilo que não se encaixa. É ao mesmo tempo libertária e revolucionária. É libertária porque seu pivô e força motriz é o desajuste, particularidade irreduzível, a não-identidade que não pode ser contida, o rebelde que não se submete à disciplina partidária. É revolucionário porque é explosivo, vulcânico (2009, p. 13).<sup>185</sup>

Assim como a dialética negativa é antissistema, que não se encaixa em pressupostos dados, em sínteses fixas e absolutas para trazer à tona a realidade, a política negativa também

---

183 “Rupture and revolt and fragility and uncertainty and openness and pain are at the centre of Adorno’s thought: that is why he is so exciting” (tradução nossa).

184 “Non-identity can only be a force that changes itself, that drives beyond itself, that creates and creates itself. And where do we find a creative and self-creative force? Not animals, not god, not nature, only humans, we. Not an identitarian we, but a disjointed, ill-fitting, creative we” (tradução nossa).

185 “That is the central theme of Adorno’s thought: dialectics as the consistent sense of non-identity, of that which does not fit. It is both libertarian and revolutionary. It is libertarian because its pivot and driving force is the misfit, irreducible particularity, the non-identity that cannot be contained, the rebel who will not submit to party discipline. It is revolutionary because it is explosive, volcanic” (tradução nossa).

é antissistema porque não é sua pretensão constituir uma prática totalitária, de certeza absoluta, de eliminação do contraditório e de um planejamento administrado. A política negativa não tem a pretensão de desenvolver uma síntese afirmativa unitária, mas de liberar a potência de cada pensamento e de cada estrutura da sociedade para constituir uma coexistência qualificada. Pensar a política negativa significa a possibilidade de desconstruir a totalidade social falsa e construir uma vida e uma sociedade através de dinâmicas que rompem com determinadas condições objetivas e subjetivas impostas administrativamente. Se o indivíduo e a sociedade ainda não estão emancipados é porque ainda não se questionou suficientemente o projeto identitário, e para discorrer sobre estes questionamentos a teoria crítica precisa ser a força motriz, uma vez que ela oferece o combustível para o sujeito se posicionar contra a falácia de subjetividade constituída ou ainda, à sociedade administrada. Como corrobora Maar, “a *práxis* política precisa referir-se prioritariamente às determinações sociais objetivas da sociedade vigente” (MAAR, 2011, p. 227), para modificar a realidade.

Nos moldes como a política tradicional está fundamentada, ela acaba sendo uma ferramenta para dominar e submeter os interesses individuais aos coletivos ideologicamente definidos pelo padrão da sociedade administrada. Ou ainda, na sociedade administrada, a política e a consciência política estão expressas de forma aparente, encobertas por um sistema que se pretende unitário, como no momento da síntese dialética. Quando a sociedade está enredada numa aparência total, a política e a emancipação ficam prejudicadas porque existe uma abstração. A política desaparece entre a burocracia, a representação corrompida e os interesses ideológicos e financeiros. Não existe conteúdo que seja socialmente constituído ou impulso para transcender. O que existe é uma degradação do pensamento e da vida democrática. Os atos são justificados por saberes aparentemente infalíveis, onde a vida se reduz a um laboratório de experiências das quais os operadores não precisam justificar o bem fundado ou o fracasso. A vida é absorvida pela ideia de identidade e de totalitarismo e, para Adorno, “totalitarismo significa desconhecer limites, não permitir nenhuma pausa para fôlego, conquistar impondo dominação absoluta, exterminar completamente o inimigo escolhido” (ESPSP, 2015, p. 141). Ou seja, a vida e a política tradicional têm determinados padrões técnicos e racionais que limitam a iluminação da realidade, escondendo a lógica social alienante e homogeneizada. Pode-se constatar que aquilo que não possui identidade com o sistema, que não comunga com os conceitos determinados, é eliminado. Adorno salienta que

Devemos ter em mente que o totalitarismo considera as massas não como seres humanos auto determinados que decidem racionalmente seu próprio destino e que devem, portanto, ser tratados como sujeitos racionais, mas sim que ele os trata como meros objetos de medidas administrativas, ensinados, acima de tudo, a se auto anular e a obedecer ordens (ESPSP, 2015, p. 142).

Tanto a filosofia quanto a perspectiva política precisam ser reformuladas para encontrar possibilidades de romper com a visão apologética, visto que a razão instrumental, operada pela indústria cultural, por um sistema administrado, que inclui a política, planeja e escolhe quem será atacado, transformando o ser humano em mero objeto a serviço da ideologia dominante. A sociedade quer impor um padrão de vida, de política, de cultura e de economia como se tudo e todos fossem iguais. Com isso, a vida acaba se transformando em uma grande linha de produção, em que todos têm de fazer as mesmas coisas, ao mesmo tempo e no mesmo ritmo, sem qualquer peculiaridade. Somos enjaulados em vidas superficiais e nos tornamos seres superficiais, totalmente desinteressantes, inclusive para nós mesmos. Sempre conversamos sobre as mesmas coisas com quem quer que seja, ouvindo respostas programadas pelo sistema administrado, o qual nos torna seres adequados à vida em sociedade, ou seja, adequados para seguir e aceitar a política totalitária e identitária. Portanto, o padrão de vida em sociedade se estende ao padrão da política, onde as particularidades, as idiosincrasias, aquilo que os indivíduos possuem de único, inexistem diante de um mundo pragmático e controlado.

É oportuno que o pensamento crítico imanente atue dentro da realidade para destruir as aparências legitimadoras e mistificadas para “trazer à luz os dispositivos de poder que se escondem sob a ordem social” (PERIUS, 2013, p. 140). Entretanto, é preciso, além de trazer à luz os dispositivos, pensar além deles. O pensamento crítico de Adorno consiste em desconstruir a certeza política, que foi fundamentada e cooptada pela razão instrumental e pelo estado administrado. Para se contrapor a isso, é preciso recuperar o sentido do não realizado na política para pensar uma vida emancipada. A política que poderia ter mais esperança em se realizar é aquela que não está pensada como instruções para realizá-la. Espen Hammer<sup>186</sup>, na obra “Adorno and the Political”, enfatiza que a verdadeira política pode ser chamada de política de espaço reservado, procurando por figuras de redenção em

---

<sup>186</sup> Em oposição àqueles que veem Adorno como alguém que abandonou o político, o relato de Hammer, nesta obra, mostra que suas reflexões são essenciais, tanto politicamente motivado quanto profundamente envolvido. Examinando as experiências políticas de Adorno e avaliando seu engajamento com a teoria marxista, Hammer olha o desenvolvimento do pensamento de Adorno enquanto ele enfrenta o fascismo e a cultura de massa moderna.

formas culturais o que ainda não foi absorvido inteiramente no mundo administrado. Por isso, o exercício da política negativa deve ser de criar perspectivas que se abrem em face da extinção. A política precisa permitir o pensamento a ter novas constelações que iluminem a realidade a partir de dentro, e não mais somente sobre a realidade. As formas constelares em que Adorno expõe o pensamento atrevem-se a ignorar as teorias que o método tradicional sempre fez questão de fixar e permitem ensaiar novos procedimentos. A contradição e a pressão da negatividade podem gerar a possibilidade do desenredar-se do sistema administrado e criar algo novo que respeite o não idêntico democraticamente. Ou seja, "uma política democrática viva exige a aceitação de heterogeneidade, conflito e antagonismo" (HAMMER. 2006, p. 157).<sup>187</sup>

A negação, o eu não posso, é esperança. Caso contrário, Auschwitz teria vencido. Essa característica pode ser argumentada em forma de redenção, pois a partir dela

A ausência de propósitos desmente a totalidade do proposital no mundo da dominação, e é somente pela força dessa negação, que consoma da sua consequência o existente a partir do seu próprio princípio racional, que até o dia de hoje a sociedade existente toma consciência de outra, possível (MM. 2008, p. 221-222).<sup>188</sup>

A redenção mencionada nas obras de Adorno aparece como uma questão que pode ilustrar algo novo, que pode provocar uma ruptura com o pensamento identitário. No entanto, Adorno nunca teve um pensamento com teor teológico, mas também não teve aversão a tal pensamento e era sensível à inspiração teológica de seu amigo Benjamin (GAGNEBIN, 1997, p. 191). Adorno também não recorreu prioritariamente a uma dimensão teológica consoladora, capaz de assegurar de antemão à redenção e é com este viés, profundamente dialético, que temos que compreender a recepção adorniana do mote messiânico. Em Adorno, messianismo pode ser pensado como teoria transformadora, ou seja, ela pode ter um caráter dialético para manter a tensão entre conceito e realidade. Adorno entende que “da filosofia só cabe esperar, na presença do desespero, a tentativa de ver todas as coisas tal como se apresentam do ponto de vista da redenção” (MM. 2008, p. 245)<sup>189</sup>. O desespero

---

<sup>187</sup> “A living democratic politics requires the acceptance of heterogeneity, conflict and antagonism” (Tradução nossa).

<sup>188</sup> “Totale Zwecklosigkeit dementiert die Totalität des Zweckmäßigen in der Welt der Herrschaft, und nur kraft solcher Verneinung, welche das Bestehende an seinem eigenen Vernunftprinzip aus dessen Konsequenz vollbringt, wird bis zum heutigen Tage die existierende Gesellschaft einer möglichen sich bewußt” (MM. Band 4, s. 254).

<sup>189</sup> “Philosophie, wie sie im Angesicht der Verzweiflung einzig noch zu verantworten ist, wäre der Versuch, alle Dinge so zu betrachten, wie sie vom Standpunkt der Erlösung aus sich darstellten” (MM. Band 4, s. 281).

em que a razão se encontra - desesperança causada pela razão instrumental que promove o progresso e a barbárie em igual proporção - só pode ser superado se a filosofia e a política assumirem a perspectiva de considerar aquilo que foge da violência do conceito. A redenção pode ser pensada somente pela entrega aos objetos, da abertura e da aceitação do outro. Conforme analisa Chiarello, “as perspectivas efetivamente redentoras não derivam da reelaboração teórica pura e simples executada como que a partir de si mesma, mas sim do contato mais vivo com os objetos” (2007, p. 193).

Assim como conhecimento encontra esperança na redenção, a política também pode encontrar, pois os raios redentores lançados sobre o mundo podem se erguer sobre a história e a ultrapassar. Nas palavras de Adorno,

Caberia construir perspectivas nas quais o mundo se ponha, alheado, com suas fendas e fissuras à mostra tal como alguma vez se exporá indigente e desfigurado à luz messiânica. É na capacidade de obter essas perspectivas sem arbítrio e violência, inteiramente a partir do sentimento dos objetos, que, só nela, consiste a tarefa do pensamento. É o que há de mais simples, pois a condição presente reclama inequivocamente tal conhecimento, até mesmo porque a negatividade consumada, encarada sem reservas, se condensa na escrita especular do seu oposto (MM. 2008, p. 245).<sup>190</sup>

A luz messiânica pode apontar para o surgimento da verdadeira realidade. Ela pode produzir perspectivas nas quais o mundo analogamente se desloque, se estranhe, revelando as fendas, tal como um dia, indigente e deformado, aparecerá à luz messiânica. A redenção pensada por Adorno pode remeter à alteridade e à transcendência que possibilitam um conhecimento, uma política e uma vida verdadeira. Em palavras diferentes, “o dilaceramento do mundo possuía antes uma significação messiânica. Aos seus olhos não havia mundo além do dilacerado. Quanta esperança houvesse, teria que estar contida nas próprias ruínas. Somente o mundo caído, dilacerado, poderia ser o palco da redenção” (WIGGERSHAUS apud MUELLER, 2009, p. 157-158). Percebe-se que são os vestígios, as ruínas, a negatividade que preservam ou provocam a perspectiva para uma política verdadeira, mas para isso é preciso transformar o negativo como algo que vive no pulsar das coisas. A redenção, neste caso, precisa ser buscada no próprio mundo, na realidade e não em projeções

---

<sup>190</sup> “Perspektiven müßten hergestellt werden, in denen die Welt ähnlich sich versetzt, verfremdet, ihre Risse und Schründe offenbart, wie sie einmal als bedürftig und entstellt im Messianischen Lichte daliegen wird. Ohne Willkür und Gewalt, ganz aus der Föhlung mit den Gegenständen heraus solche Perspektiven zu gewinnen, darauf allein kommt es dem Denken an. Es ist das Allereinfachste, weil der Zustand unabweisbar nach solcher Erkenntnis ruft, ja weil die vollendete Negativität, einmal ganz ins Auge gefaßt, zur Spiegelschrift ihres Gegenteils zusammenschießt” (MM. Band 4, s. 281).

metafísicas, uma vez que é a realidade que permite a tensão dialética e é isto que pode dar outra perspectiva à própria realidade e também à política.

A realidade e o conceito têm vestígios que permitem iluminar novas configurações. “Aos olhos de Adorno, isso não é resignação, não é ceder ao desastre, mas a única maneira de lutar com ela sem simplesmente perpetuá-la” (THOMSON. 2010, p. 164). É por isso que Adorno insiste em pensar a redenção em termos de conhecimento verdadeiro, já que na totalidade social em que a humanidade está enredada - intitulado por ele de mundo administrado, pelo qual o todo está influenciado pela falsidade - faz com que tenhamos impulsos em procurar a verdade fora do nosso espaço.

Os vestígios, as ruínas, as injustiças e o sofrimento podem explicar que a política não conduziu os indivíduos, até então, à emancipação. Isto é, “aquilo que poderia ser diverso ainda não começou” (DN. 2009, p. 127). O fato de haver indícios de que a emancipação está nas ruínas, nos raios de luz que ultrapassam as frestas da parede, no sofrimento negado pelo sistema administrado, expõe que a política totalitária, ao tornar os indivíduos subservientes ao sistema, acaba se danificando também. A política dominante impõe um sistema pronto aos outros, mas ao fazer isso, ela mesma se danifica porque algo sempre lhe escapa. Isso fortalece a ideia de que o sistema totalitário não conduz para a liberdade e que a política negativa ainda tem um papel a cumprir. Nesse sentido, a crítica e o exercício reflexivo podem trazer à superfície outra política que não pode ser fundamentada, mas justificada.

Adorno faz uma “crítica [...] ao conceito de fundamento” (DN. 2009, p. 07), ou seja, o procedimento de teoria crítica de Adorno “não é fundamentado, mas justificado” (DN, 2009, p. 07)<sup>191</sup>. A razão para Adorno querer justificar ao invés de fundamentar é simples. A justificação está inerente à realidade, ao objeto, enquanto a fundamentação, como a própria etimologia da palavra já indica, exige a constituição de uma base sobre o qual se desenvolve a teoria ou o alicerce. Ou seja, a fundamentação é anterior à teoria e exige, de certa forma, uma certeza fixa aceitável. Ela exige uma normatização, um procedimento. Escolhe-se primeiro o critério e depois analisa-se a situação, a realidade e o objeto. Por outro lado, a justificação não pretende ser previamente estabelecida. A teoria não precisa prescindir de critérios construídos previamente, ela pode lançar-se diretamente à análise do sistema social e político. A teoria justificada explica e critica a sociedade e “a sua interpretação do existente é concomitantemente uma denúncia dos sofrimentos existentes que já poderiam ter sido sanados” (FLECK. 2015, p. 144).

---

191 “Das Verfahren wird nicht begründet sondern gerechtfertigt” (ND. Band 6, s. 9).

Orientar as pessoas à emancipação é uma ação política, mas esta ação requer romper com o método tradicional de fazer política, pois o método tradicional é fundamentado pelo sistema administrado para satisfazer a ideologia dominante. A política precisa ser justificada conforme a sua realidade, permitindo a constelação de conceitos para mostrar as peculiaridades existentes na realidade e as peculiaridades da própria política. A função da teoria não é apenas a de reunir tais conceitos, mas em especial a de mostrar a forma exata como eles se relacionam entre si. Faz-se essencial apresentar a composição destes elementos em sua historicidade própria, pois “somente um saber que tem presente o valor histórico conjuntural do objeto em sua relação com os outros objetos consegue liberar a história no objeto” (DN: 141)192. É preciso mostrar o devir do objeto por meio da constelação e isso a justificação permite. Essa dinâmica do pensamento não-identitário converge com a teoria crítica da sociedade, estabelecendo uma racionalidade reflexiva, mantendo viva a negatividade com o não idêntico. A ação em forma de constelação permite iluminar os equívocos da própria política e, a partir dela, repensar um novo histórico conceitual e existencial.

A orientação para a emancipação, ou melhor, a chegada à emancipação é uma ação política com teoria justificada. Esta ação pode humanizar o indivíduo e a sociedade através da contraposição ao pensamento instrumental. O pensamento e a teoria são formas de *práxis*, ou seja, “é preciso rechaçar a aversão à teoria como se ela fosse algo inútil e desnecessário. Ao contrário, ela é também uma forma de *práxis*, de comportamento, e pode, por conseguinte, contribuir para futuras transformações” (FLECK. 2015, p. 44). A *práxis* também é política porque “pensar é agir; a teoria é uma forma de *práxis* [...]. Um conceito de *práxis* que não seja estreito só pode referir-se ainda à política [...]. Teoria converte-se em força produtiva prática, transformadora” (PS. 1995, p. 204-208-210). A teoria e a política alicerçadas e justificadas num pensamento crítico imanente são potenciais para pensar processos emancipatórios, não só do indivíduo, mas da própria política e da sociedade, pois ela é confrontada consigo mesma para ir além de si. A resistência do pensamento e o rompimento com o sistema administrado permitem a Adorno buscar “uma produção cuja *práxis* esteja comprometida com a viabilização racional do desenvolvimento humano” (SANTOS. 2010, p. 07).

---

192 “Nur ein Wissen vermag Geschichte im Gegenstand zu entbinden, das auch den geschichtlichen Stellenwert des Gegenstandes in seinem Verhältnis zu anderen gegenwärtig hat; Aktualisierung und Konzentration eines bereits Gewußten, das es verwandelt” (ND. Band 6, s. 165).

O desenvolvimento humano não se satisfaz e não se realiza pela abstração, ou seja, o uso indiferente da razão não “consegue se sustentar humanamente, pois, sob o ponto de vista humano ela se mostra insuficiente ao resumir-se aos paradigmas de seu próprio uso através da instrumentalidade” (SANTOS. 2010, p. 54). Adorno aponta para a fragilização do conceito de humanidade, que é promovido, de modo abrangente, por meio de determinadas teorias e práticas políticas, como foi o caso de Auschwitz. Se o conceito de humanidade é frágil, conseqüentemente o de política também será, pois a política é uma ação humana. Estabelecer relações humanas que não se rendem aos interesses de uma sociedade deformada é a *práxis* ainda permitida. Evidentemente, isso requer um esforço aguçado para não se fazer somente uma leitura panorâmica e reproduzir a política deformada. “Ademais, aliado ao compromisso de não reproduzir o paradigma deformador da sociedade, seu caráter ético lhe é inerente e inalienável” (SANTOS. 2010, p. 120). Hammer também argumenta dizendo que a dialética negativa de Adorno produz “uma ética da resistência”: “Uma ética da resistência, pode ser concebida de forma coerente” (HAMMER. 2006, p. 25)<sup>193</sup>. Ele ainda reforça que Adorno contribui no pensamento político para “uma transformação radical e perfeccionista da teoria democrática liberal” (HAMMER. (2006, p. 159).<sup>194</sup>

Essa resistência poderia configurar outra política, podendo esta criar as condições necessárias para evitar ou eliminar o sofrimento. Ela deve tornar-se consoante com o outro, isto é, deve “unir-se ao sofrimento das pessoas” (MM. 2008, p. 22) e, ao mesmo tempo, trabalhar para evitar este sofrimento. Evitar a possibilidade de sofrimento, de injustiça e de violência é uma manifestação da *práxis* política. Portanto, a política é uma atividade humana pela qual os indivíduos podem se opor e se desprender da sociedade administrada e das determinações sociais, pois “sempre que alcança algo importante, o pensamento produz um impulso prático” (PS. 1995, p. 210). Para Adorno, isto é possível porque “a teoria e a *práxis* não são imediatamente o mesmo, nem absolutamente distintas, então sua relação é de descontinuidade [...]. Mas só a teoria pertence ao contexto geral da sociedade e é ao mesmo tempo, autônoma” (PS. 1995, p. 227). A teoria é potencialidade, reflexão, resistência, instante, momento capaz de promover outra realidade e outra política. Se “não fosse assim, não seria capaz de resistir ao fascínio do todo. A relação entre teoria e *práxis* [...] é a virada qualitativa” (PS. 1995, p. 227-228).

Isso reforça a tese de que, para entender a sociedade, é preciso “relacionar o pensamento à história, e sem congelar nenhum dos dois [...] Os dois se integram [...].

---

193 “An ethics of resistance, can be coherently conceived” (Tradução nossa).

194 “A radical and perfectionist transformation of liberal democratic theory” (Tradução nossa).

Portanto, a mediação dos dois aspectos do mundo, de história e razão, não é uma fórmula. É um desafio” (THOMSON. 2010, p. 139). Sendo desafio, é um movimento. Esse movimento é transformador; é também resistência ao poder totalitário, mas para isso é preciso reconhecer a realidade para além da razão instrumental. Isso permite tematizar sobre aquilo que não o é, sem fixar um conceito. Permite também falar sobre uma perspectiva para a política, que precisa alimentar a vida humana sem uniformizar o pensamento e a experiência. É preciso acolher as múltiplas concepções e ações, tendo, por isso, a política o papel de romper com o igualitário, com o homogêneo. É preciso abrir espaço para que a liberdade e a autonomia possam efetivar-se, ou seja, o espaço político ou a política são essenciais para que algo novo na sociedade possa emergir, pois o novo, sem a política, já nasce velho.

Não basta só emancipar a vida. É preciso também emancipar a sociedade, pois “não há emancipação possível sem a emancipação da sociedade” (MM. 2008, p. 177)<sup>195</sup>. A política tem a tarefa de romper com os discursos determinados e vazios, para que assim, a vida possa ser vivida autonomamente na sociedade. Até porque “quem imaginar que, enquanto produto dessa sociedade, está livre da gelidez burguesa, nutre ilusões sobre o mundo bem como sobre si mesmo” (PS. 1995, p. 224).

Sempre precisamos ter presente que, “a crítica à ideologia não é nada periférica e intracientífica, algo limitado ao espírito objetivo e aos produtos do espírito subjetivo, ela é, sim, filosoficamente central: a crítica da própria consciência constitutiva” (DN. 2009, p. 129). O sistema administrado consegue se impor quando existe uma regressão do pensamento crítico, quando a pessoa deixa de fazer um exercício reflexivo do conhecimento e da sociedade e fica ligado a hábitos e certezas estáticas. “A regressão da consciência é o produto dessa falta de autorreflexão [...] É preciso se opor a totalidade, imputando-lhe a não identidade” (DN. 2009, p. 128-130). Neste sentido, “contra a razão dominante a razão dialética é a não razão: é apenas ao ultrapassar e pôr em suspenso aquela que ela própria se torna racional. (...) A mediação dialética não é o recurso ao abstrato, mas o processo de dissolução do concreto em si” (MM. 2008, p. 68-70)<sup>196</sup>. Esse é o caminho para descortinar as certezas absolutas petrificadas, pois a “verdade depende do andamento, da paciência e da

---

195 “Keine Emanzipation ohne die der Gesellschaft” (MM. Band 4, s. 195).

196 “Die dialektische Vernunft ist gegen die herrschende die Unvernunft: erst indem sie jene überführt und aufhebt, wird sie selber vernünftig. (...)Die dialektische Vermittlung ist nicht der Rekurs aufs Abstraktere, sondern der Auflösungsprozeß des Konkreten in sich” (MM. Band 4, s. 81).

perseverança do demorar-se no singular” (MM. 2008, p. 72)<sup>197</sup> e “a humanidade não é nada sem a individuação” (PS. 1995, p. 209).

Mesmo Adorno trazendo a luz tais configurações, não nos fornece uma receita pronta para a política. Mas na constatação dele

De um lado, a política é ideológica enquanto expressão de relações de poder vigentes, na medida em que se comporta como se fosse uma espécie de técnica ou modo de operação independentemente das relações de poder sociais; mas, de outro, existe naturalmente também na esfera política a possibilidade ou o potencial de uma transformação social. Portanto, colocando em termos dialéticos, poderíamos dizer que a política é e, simultaneamente, não é ideológica” (C. 2008, p. 324).

Precisamos compreender que, quando falamos de política em Adorno, estamos nos referindo a algo ausente, a algo que precisa ser reinventado e reelaborado para escapar da estrutura atual da sociedade instrumental. Ou seja, “se o discurso ainda pode se dirigir a alguém hoje, não é nem às massas, nem ao indivíduo, que é impotente, mas antes a uma testemunha imaginária, a quem o entregamos para que ele não desapareça totalmente conosco” (DE. 1985, p. 208).<sup>198</sup> Isso não significa fugir da realidade, mas compreender que o espaço político precisa ser desbloqueado para se ter acesso à política. Na medida em que o acesso é desbloqueado, pode-se operar de dentro dela para fomentar o mundo das constelações, dando voz ao outro. No entanto, é preciso ao mesmo tempo acolher a diferença e distanciar-se dela, ou seja, operar de forma dialética tanto “por meio dos extremos e nos próprios extremos” (TESH. 2013, p. 31). O que se pretende é romper com “o culto do existente” (ESPSP. 2015, p. 149) para ver a realidade e para ir além dela, para ver o que ainda não está corrompido.

Enquanto o pensamento se refere a fatos e se move na crítica a eles, ele se move precisamente pela diferença mantida. É que nisso ele exprime de modo exato o que é: que nunca é inteiramente tal como o pensamento o exprime. É-lhe essencial um elemento de exagero, do ir além da coisa de liberar-se do peso do fático, graças ao qual executa de modo simultaneamente rigoroso e livre a determinação do ser ao invés de ficar na sua mera reprodução (MM. 2008, p. 123).<sup>199</sup>

---

197 “Fast könnte man sagen, daß vom Tempo, der Geduld und Ausdauer des Verweilens beim Einzelnen, Wahrheit selber abhängt” (MM) Band 4, s. 84-85).

198 “Wenn die Rede heute an einen sich wenden kann, so sind es weder die sogenannten Massen, noch der Einzelne, der ohnmächtig ist, sondern eher ein eingebildeter Zeuge, dem wir es hinterlassen, damit es doch nicht ganz mit uns untergeht” (DA. Band 3, s. 294).

199 “Während der Gedanke auf Tatsachen sich bezieht und in der Kritik an ihnen sich bewegt, bewegt er sich nicht minder durch die festgehaltene Differenz. Er spricht eben dadurch genau das aus was ist, daß es nie ganz so ist, wie er es ausspricht. Ihm ist wesentlich ein Element der Übertreibung, des über die Sachen

Pensar além do dado é reconhecer a realidade que se perdeu ou que não foi incluída no pensamento unificador, é pensar nas ruínas da história de vida, como, por exemplo, dos judeus da Segunda Guerra Mundial, é preservar e atualizar o valor da memória dos sofridos. Pensar além significa deixar viva a tensão entre o que a coisa pretende ser e o que elas são, até porque “o pensamento que transcende é mais rigoroso em sua insuficiência do que aquele dirigido pelo aparato de controle” (MM. 2008, p. 124)<sup>200</sup>. É deixar espaço para que elementos novos possibilitem esperança e forneçam novas expressões sem conclusões fechadas em si.

A filosofia tradicional acredita possuir seu objeto como um objeto infinito e, assim, enquanto filosofia, torna-se finita, conclusiva. Uma filosofia transformada precisaria revogar essa petição, não poderia mais enredar a si mesma e aos outros na crença de que teria o infinito à sua disposição. Ao invés disso, porém, em um sentido atenuado, ela mesma se tornaria infinita na medida em que despreza a possibilidade de fixar-se em um corpus de teoremas enumeráveis. Ela teria seu conteúdo na multiplicidade, não enquadrada em nenhum esquema, de objetos que se lhe impõem ou que ela procura; ela se abandonaria verdadeiramente a eles, sem usá-los com um espelho a partir do qual ela conseguiria deprender uma vez mais a si mesma, confundindo a sua imagem com a concreção (DN. 2009, p. 19-20).<sup>201</sup>

O pensamento precisa da negação para continuar seu processo de elaboração e vivificação da realidade. Há uma resistência e ao mesmo tempo um movimento reflexivo para ressignificar o existente sem identificá-lo. Por isso, a dialética negativa “não quer avançar, apressar-se na busca de síntese, mas prefere demorar-se abandonar-se sem reservas ao objeto e deter-se para resgatar o que foi sacrificado pelo pensamento identificador” (ZAMORA. 2008, p. 211). A dialética negativa resgata a potencialidade crítica frente aos modelos instrumentalmente racionalizados. O pensamento precisa ter força para nadar contra a corrente e resistir ao que está proposto. Ele precisa se libertar das amarras da unidade, pois

---

Hinausschießens, von der Schwere des Faktischen sich Loslösens, kraft dessen er anstelle der bloßen Reproduktion des Seins dessen Bestimmung, streng und frei zugleich, vollzieht” (MM. Band 4, s. 141-142).

<sup>200</sup> “Der transzendierende Gedanke trägt seiner eigenen Unzulänglichkeit gründlicher Rechnung als der durch den wissenschaftlichen Kontrollapparat gesteuerte” (MM. Band 4, s. 143).

<sup>201</sup> “Die traditionelle Philosophie glaubt, ihren Gegenstand als unendlichen zu besitzen, und wird darüber als Philosophie endlich, abschlußhaft. Eine veränderte müßte jenen Anspruch kassieren, nicht länger sich und anderen einreden, sie verfüge übers Unendliche. Sie würde aber statt dessen selber, zart verstanden, unendlich insofern, als sie verschmäht, in einem Corpus zählbarer Theoreme sich zu fixieren. Ihren Gehalt hätte sie in der von keinem Schema zugerichteten Mannigfaltigkeit der Gegenstände, die ihr sich aufdrängen oder die sie sucht; ihnen überließe sie sich wahrhaft, benützte sie nicht als Spiegel, aus dem sie wiederum sich herausliest, ihr Abbild verwechselnd mit der Konkretion” (ND. Band 6, s. 24-25).

“somente uma filosofia que se liberta de tal ingenuidade merece continuar sendo pensada” (DN. 2009, p. 12).<sup>202</sup>

A resistência, o exercício reflexivo e o movimento podem trazer algo objetivo para a sociedade, que neste caso pode ser outra política: aquela que o sistema administrado refutou. A política negativa pode ter elementos de resistência e de emancipação, ou seja, na medida em que ela procura resistir para que algo pior não aconteça, ela também constitui dinâmicas para se chegar a uma situação melhor. Mas tanto a resistência quanto o movimento para a emancipação estão fadados ao fracasso se o objetivo permanecer inalterado. Seguir fazendo a crítica imanente das estruturas atuais, teorizar sobre as possibilidades emancipatórias, olhar para além do que está exposto pelos conceitos da política tradicional é manter viva a ideia política, ou seja, a política tem um sentido e este sentido não pode ser destruído. Deve permanecer vivo tal como o momento da dialética negativa. Este sentido não pode fracassar, nem ser abstraído pela sociedade administrada e pela política tradicional, pois esse sentido é o momento da política negativa que pretende ser a fagulha que nunca se apaga, que se contrapõe à política instrumental e aparente. A política negativa pretende denunciar a falsidade da política tradicional, fundamentada pelos interesses burgueses totalitários e pelos princípios identitários.

Para Adorno, a imagem do mundo correto surge da negação determinada da falsidade do existente, de modo que a crítica, quando acerta o alvo, desvela também aquilo que precisa ser mudado e dá indicações, ainda que negativas, do que seria tal situação. Ou melhor, a crítica mais rigorosa consegue dizer o que o mundo correto não é, e isto já é suficiente, seja para criticar as situações existentes, seja para defender transformações na ordem social (FLECK. 2015, p. 123).

A política não pode virar um mero conceito, ela deve manter o movimento da história e de sua inadequação com o conceito. A política tradicional, administrada, procura impor uma ideologia e fazendo isso ela abstrai a realidade arbitrariamente. Contudo, precisamos compreender a política na sua objetividade, na sua realidade, sem pretensão de eliminá-la ou situá-la instrumentalmente pela razão através de um conceito e nem representá-la, pois, “o ideal igualitário da representatividade é um engodo quando não se sustenta no princípio da revogabilidade e da responsabilidade perante as bases” (MM. 2008, p. 125). Essa estrutura pode ser exemplificada com o que aconteceu em Auschwitz onde um sistema político

---

<sup>202</sup> “Nur Philosophie, die solcher Naivetät sich entledigt, ist irgend wert, weitergedacht zu werden” (ND. Band 6, s. 16).

totalitário pretendeu homogeneizar a todos com pensamento e conceito únicos, porém não conseguiu calar a dor, o sofrimento e o eco do silêncio. O sistema deixou aberto vestígios, escombros e rastros da história, ou seja, não conseguiu capturar a totalidade, mesmo tendo pretensões totais. Auschwitz foi tão racionalmente planejado que “a técnica dos campos de concentração visa assemelhar os prisioneiros aos seus guardiões e fazer das vítimas, assassinos” (MM. 2008, p. 98). Porém, como salientamos, a totalidade deixa rastros e neles podemos encontrar a real política, ela vem à tona na sua dimensão mais salutar, mais ética e moral porque o “mundo que afinal de contas está cheio de vestígios e de escombros [...], está cheio de dor. E achar esperança no meio da dor não é fácil. Porém, o tempo, a temporalidade nos ensina que ela está lá” (SOUZA. 2011, p. 48).

O sistema político convencional é antes de tudo uma ideologia que universaliza o pensamento do que propriamente uma forma para emancipar as pessoas. Criticar e desmistificar esta ideologia, o invólucro de poder dessa ideologia é abrir perspectivas para pensar uma política que corresponda com a realidade objetiva. O sistema político instrumental deve ser confrontado com a sua verdade íntima e isso só é possível na medida em que a política contiver um elemento de racionalidade reflexiva que aponta para a falsidade do todo. A crítica ao sistema político instituído deve ir para além dos enunciados para evitar somente uma sensação de emancipação. A política instituída está estruturada em um sistema fechado, já pensada de antemão para enquadrar todas as pessoas. No entanto, dessa maneira, os indivíduos estão “expostos sem resistência ao monstro coletivo, eles perdem a sua identidade” (DN. 2009, p. 287). A política convencional provoca uma sensação de emancipação, mas ela nunca chega a se concretizar. As mesmas forças possibilitam e negam, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de um indivíduo autônomo e de uma política autêntica. Tanto a política quanto o indivíduo perduram, mas já sem capacidade de transformar as situações nas quais estão inseridos. Conforme Adorno

Em meio às unidades humanas padronizadas e administradas vegeta o indivíduo. Ele até está sob proteção e ganha valor de monopólio. Na verdade, porém, não passa de função da sua própria singularidade, uma peça de exposição como os mostrengos que outrora eram objeto de espanto e riso das crianças. Como ele não tem mais existência econômica independente, seu caráter entra em contradição como seu papel social objetivo. E é exatamente devido a essa contradição que ele é mantido no parque de preservação natural e apreciado em ociosa contemplação (MM. 2008, p. 131-132).<sup>203</sup>

---

203 “Mitten unter den standardisierten und verwalteten Menscheneinheiten West das Individuum fort. Es steht sogar unter Schutz und gewinnt Monopolwert. Aber es ist in Wahrheit bloß noch die Funktion seiner eigenen Einzigkeit, ein Ausstellungsstück wie die Mißgeburten, welche einstmals von Kindern bestaunt und belacht

Para Adorno, “aquilo que se prefere chamar de angústia e que é dignificado como um existencial não passa de uma claustrofobia no mundo: no sistema fechado” (DN. 2009, p. 287).<sup>204</sup> A vida revela-se como perda de significância e como impotência, pois o “que o domínio de identidade tolera no não idêntico é por sua vez mediatizado pela coerção à identidade, resto magro depois que a identificação cortou sua própria parte” (DN. 2009, p. 287).<sup>205</sup> A vida é uma promessa frustrada enquanto não mudar algo objetivo na sociedade, mas algo objetivo pode ser alterado se existir uma perspectiva política. Por isso, esta perspectiva deve ser vista sempre como negatividade, como algo que não acaba numa síntese. A experiência particular ou a política que emerge a partir da individualidade não poder ser unificada arbitrariamente pelo universal. E, “o fato de o particular não se dissolver filosoficamente na universalidade exige que ele também não se feche na obstinação do acaso [...]. O que ajuda na reconciliação entre o universal e o particular é a reflexão da diferença, não a sua extirpação” (DN. 2009, p. 288).

Assim, uma política que ainda cogitasse a sério disso não deveria propagar a igualdade abstrata das raças nem mesmo como ideia. Deveria, ao invés, assinalar a má igualdade hoje, a identidade dos interesses armamentistas e cinematográficos, e contra isso, conceber condições melhores como aquelas em que é possível ser diferente sem medo (MM. 2008, p. 99).<sup>206</sup>

O que a sociedade administrada tenta impor através dos aparatos ideológicos da indústria cultural, do poder econômico e da política convencional é uma imposição efêmera, porque tanto o indivíduo que impõe, quanto a sociedade que reproduz, estão danificadas. Para alterar isso, faz-se necessário trabalhar dentro das estruturas objetivas e alterá-las, ou seja, “a efemeridade dos sãos só pode ser diagnosticada objetivamente, na desproporção

---

wurden. Da es keine selbständige ökonomische Existenz mehr führt, gerät sein Charakter in Widerspruch mit seiner objektiven gesellschaftlichen Rolle. Gerade um dieses Widerspruchs willen wird es im Naturschutzpark gehegt, in müßiger Kontemplation genossen” (MM. Band 4, s. 151-152).

<sup>204</sup> “Was mit Vorliebe Angst genannt und zum Existential veredelt wird, ist Klaustrophobie in der Welt: dem geschlossenen System” (ND. Band 6, s. 340).

<sup>205</sup> “Was die Herrschaft des Identitätsprinzips an Nichtidentischem toleriert, ist seinerseits vermittelt vom Identitätszwang, schaler Rest, nachdem die Identifizierung ihr Stück sich weggeschnitten hat” (ND. Band 6, s. 340).

<sup>206</sup> “Eine emanzipierte Gesellschaft jedoch wäre kein Einheitsstaat, sondern die Verwirklichung des Allgemeinen in der Versöhnung der Differenzen. Politik, der es darum im Ernst noch ginge, sollte deswegen die abstrakte Gleichheit der Menschen nicht einmal als Idee propagieren. Sie sollte statt dessen auf die schlechte Gleichheit heute, die Identität der Film- mit den Waffeninteressenten deuten, den besseren Zustand aber denken als den, in dem man ohne Angst verschieden sein kann” (MM. Band 4, s. 114).

entre sua condução racional da vida e a possível determinação racional da sua vida” (MM. 2008, p. 55).<sup>207</sup>

A transformação política é motivada pela crítica do existente, e a crítica, por sua vez, é instigada pela análise da ruína, da dor, do sofrimento que poderiam ser eliminadas. A política precisa ser um ensaio, ou uma alternativa de restabelecer a dimensão consciente do pensamento. Ela deve desencadear um processo, um movimento, um pensar crítico para estabelecer um sujeito e uma sociedade emancipada. A política não pode positivar a dimensão negativa, o seu instante; ela precisa preservar o pensamento e a realidade do não idêntico. Na política “recomenda-se insistência desconfiada” (MM. 2008, p. 82)<sup>208</sup>, ou seja, estar alerta o tempo todo para não ser captado pelo sistema administrado. Estar atento para dizer o que a política não é já é pensar e dimensionar outra política. Quando a determinação social deixa de ser sufocante, temos a possibilidade de dimensionar o indivíduo enquanto uma construção histórica. No entanto, o entrelaçamento entre política e economia capitalista sempre está presente e aparece enfaticamente na sociedade administrada, na qual o aparato econômico burguês determina a conduta das pessoas e dita inclusive os parâmetros da política e da história. Ou seja, a autonomia, a individualidade e a política permanecem “uma ilusão em meio à sociedade burguesa” (DN. 2009, p. 219).<sup>209</sup> Na verdade, “a racionalidade econômica, esse princípio tão enaltecido de menor meio, continua incessantemente a remodelar as últimas unidades da economia: tanto a empresa quanto os homens” (DE. 1985, p. 167)<sup>210</sup>.

A sociedade atual, onde os renascimentos e os sentimentos religiosos primitivos, bem como o legado das revoluções, estão à venda no mercado; onde os chefes fascistas negociam atrás das portas o território e a vida das nações, enquanto o público esperto calcula o preço no rádio; a sociedade, onde a palavra que desmascara se legitima por isso mesmo como recomendação para a admissão no banditismo político; essa sociedade, na qual a política não é mais somente um negócio, mas o negócio é a política inteira (DE. 1985, p 143).<sup>211</sup>

---

207 “Diagnostizieren läßt die Krankheit der Gesunden sich einzig objektiv, am Mißverhältnis ihrer rationalen Lebensführung zur möglichen vernünftigen Bestimmung ihres Lebens” (MM. Band 4, s. 64).

208 “Mißtrauische Insistenz ist allemal heilsam” (MM. Band 4, s. 94).

209 “... inmitten der bürgerlichen Gesellschaft Schein” (ND. Band 6, s. 259).

210 “Ökonomische Rationalität, das gepriesene Prinzip des kleinsten Mittels formt unablässig noch die letzten Einheiten der Wirtschaft um: den Betrieb wie den Menschen” (DA. Band 3, s. 228).

211 “Die heutige Gesellschaft, in der die religiöse Urgefühle und Renaissancen ebenso wie die Erbmasse von Revolutionen am Markte feilsteht, in der die faschistischen Führer hinter verschlossenen Türen Land und Leben der Nationen aushandeln, während das gewiegte Publikum am Radioempfänger den Preis nachrechnet, die Gesellschaft, in der noch das Wort, das sie entlarvt, sich eben damit als Empfehlung zur Aufnahme in ein politisches Racket legitimiert: diese Gesellschaft, in der nicht bloß mehr die Politik ein Geschäft ist, sondern das Geschäft die ganze Politik - sie entrüstet sich über das zurückgebliebene” (DA. Band 3, s. 197).

A sociedade burguesa encontra-se firmemente entrelaçada entre corporações monopolistas, bancos internacionais e estado intervencionista com o objetivo de administrar as tendências através de um planejamento calculista. A própria política tende a gerar benefícios financeiros; já ela também se tornou um negócio. Ou seja, a política foi absolutizada pela economia, tendo que desempenhar funções administrativas de Estado onde convivem em contradição “o princípio tipicamente burguês da concorrência” e a “dominação direta” sob a forma de “hierarquias fechadas de tipo monopolar” (MM. 2008, p. 19)<sup>212</sup>. Esta estrutura se espalha para toda a sociedade com a finalidade de enquadrar aquilo que ainda guarda alguma aparência de autonomia. Conforme Adorno, “a irracionalidade do sistema exprime-se na psicologia parasitária dos indivíduos tanto quanto no seu destino econômico” (MM. 2008, p.19).<sup>213</sup> Além disso, ele afirma que “a administração dos Estados totalitários, que procede ao extermínio daqueles segmentos da população que se tornaram anacrônicos, é apenas o carrasco que executa veredictos econômicos há muito pronunciados” (DE, 1985, p. 170).

O aparente progresso da sociedade administrada reprime o sujeito mais fragilizado, seja econômica ou politicamente. Na verdade, “os homens são suaves, quando desejam alguma coisa dos mais fortes, e brutais, quando o solicitante é mais fraco que eles. Eis aí, até agora, a chave para penetrar na essência da pessoa na sociedade” (DE. 1985, p. 179).<sup>214</sup>. Adorno confirma isso, uma vez mais, da seguinte maneira:

Abominamos a crescente crueza da vida, mas a ausência de qualquer costume que estabeleça laços objetivos leva-nos passo a passo a modos de conduta, a falas e cálculos que são bárbaros em termos humanos, e mesmo nos discutíveis termos da boa sociedade são desprovidos de tato. Com a dissolução do liberalismo o princípio especificamente burguês da concorrência não foi superado: transferiu-se para a objetividade do processo social, como que para a antropologia, na forma de átomos em colisão e pressão. A subordinação da vida ao processo de produção impõe a cada um, amesquinhando-o, algo do isolamento e da solidão que gostaríamos de reservar à nossa escolha soberana. Constitui peça antiga da ideologia burguesa que no seu próprio interesse cada qual se imagine melhor que todos os outros como também que avalie os demais, enquanto comunidade de todos os fregueses, como superiores a si. Desde a renúncia da velha classe burguesa isso se mantém no espírito dos intelectuais, que são os últimos inimigos dos burgueses e ao mesmo tempo os últimos burgueses. Na medida em que sequer se permitem pensar perante a sua reprodução da existência, comportam-se como privilegiados; na medida

---

212 “... sondern in geschlossenen, monopolartigen Hierarchien” (MM. Band 4, s. 24).

213 “Die Irrationalität des Systems kommt kaum weniger als im ökonomischen Schicksal des Einzelnen in dessen parasitärer Psychologie zum Ausdruck” (MM. Band 4, s. 24).

214 “Die Menschen sind weich, sofern sie von Stärkeren etwas wollen, abstoßend, sofern der Schwächere sie darum angeht” (DA. Band 3, s. 245).

em que se restringem ao pensamento, proclamam a nulidade do seu privilégio. A existência privada que anseia por assemelhar-se àquela digna dos homens a trai no mesmo passo, ao suprimir a semelhança da realização geral, necessitada mais do que nunca da consciência independente. (MM. 2008, p. 23).<sup>215</sup>

A perda da liberdade é fruto da violência da sociedade administrada que se impregnou definitivamente na vida de todos, onde “cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que desde o início não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho” (DE. 1985, p. 105).<sup>216</sup> Essa concepção reforça a tese de que ninguém precisa pensar por conta própria porque tudo está definido antecipadamente e o não idêntico pode ser absorvido na totalidade sem estranheza porque, como já enfatizamos anteriormente, “a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa” (DE. 1985, p. 138).<sup>217</sup>

Por isso, Adorno fala da importância do pensamento crítico resistir, já que

A ordem existente não compele os homens unicamente pela força física e pelos interesses materiais, mas pelo poder superior da sugestão. A filosofia não é síntese, ciência básica ou ciência-cúpula, mas esforço de resistir à sugestão, a decisão resoluta pela liberdade intelectual e real (DE. 1985, p. 200).<sup>218</sup>

---

215 “Es graut uns vor der Verrohung des Lebens, aber die Absenz einer jeden objektiv verbindlichen Sitte zwingt uns auf Schritt und Tritt zu Verhaltensweisen, Reden und Berechnungen, die nach dem Maß des Humanen barbarisch und selbst nach dem bedenklichen der guten Gesellschaft taktlos sind. Mit der Auflösung des Liberalismus ist das eigentlich bürgerliche Prinzip, das der Konkurrenz, nicht überwunden, sondern aus der Objektivität des gesellschaftlichen Prozesses in die Beschaffenheit der sich stoßenden und drängenden Atome, gleichsam in die Anthropologie übergegangen. Die Unterwerfung des Lebens unter den Produktionsprozeß zwingt erniedrigend einem jeglichen etwas von der Isolierung und Einsamkeit auf, die wir für die Sache unserer überlegenen Wahl zu halten versucht sind. Es ist ein so altes Bestandteil der bürgerlichen Ideologie, daß jeder Einzelne in seinem partikularen Interesse sich besser dünkt als alle anderen, wie daß er die anderen als Gemeinschaft aller Kunden für höher schätzt als sich selber. Seitdem die alte Bürgerklasse abgedankt hat, führt beides sein Nachleben im Geist der Intellektuellen, die die letzten Feinde der Bürger sind und die letzten Bürger zugleich. Indem sie überhaupt noch Denken gegenüber der nackten Reproduktion des Daseins sich gestatten, verhalten sie sich als Privilegierte; indem sie es beim Denken belassen, deklarieren sie die Nichtigkeit ihres Privilegs. Die private Existenz, die sich sehnt, der menschenwürdigen ähnlich zu sehen, verrät diese zugleich, indem die Ähnlichkeit der allgemeinen Verwirklichung entzogen wird, die doch mehr als je zuvor der unabhängigen Besinnung bedarf” (MM. Band 4, s. 28-29).

216 “Aber ein jegliches ist ein Modell der ökonomischen Riesenmaschinerie, die alle von Anfang an, bei der Arbeit und der ihr ähnlichen Erholung, in Atem hält” (DA. Band 3, s. 148).

217 “Aber die Freiheit in der Wahl der Ideologie, die stets den wirtschaftlichen Zwang zurückstrahlt, erweist sich in allen Sparten als die Freiheit zum Immergleichen” (DA. Band 3, s. 190).

218 “Das Bestehende zwingt die Menschen nicht bloß durch physische Gewalt und materielle Interessen sondern durch übermächtige Suggestion. Philosophie ist nicht Synthese, Grundwissenschaft oder Dachwissenschaft, sondern die Anstrengung, der Suggestion zu widerstehen, die Entschlossenheit zur intellektuellen und wirklichen Freiheit” (DA. Band 3, s. 280).

A filosofia e a política chegam ao seu objetivo quando formulam uma visão de mundo em que a razão e a emancipação são realizadas. Uma teoria crítica não pode reificar conceitos e a política não pode se submeter aos ditames do sistema administrado. Ambas precisam se abrir a novas formulações e criar condições para, de fato, transformar a vida e a sociedade. Por isso, o pensamento crítico não cessa, mas assume uma nova forma a cada processo operado pela dialética negativa. Enxergando a si mesmo, o indivíduo constitui também a possibilidade de pensar uma nova política, libertada das amarras econômicas burguesas e da racionalidade instrumental, pois o sujeito crítico consegue enxergar a real política. A pessoa consegue ver que o “mal está nas relações que condenam os homens à impotência e à apatia, e que, no entanto, teriam que ser alteradas por eles” (DN. 2009, p. 163).<sup>219</sup> Ou seja, é preciso alterar a forma como a política é operada. Ela deve mediar momentos e processos de emancipação, de reconhecimento de particularidades que podem abrir espaços para uma sociedade não administrada.

A política precisa negar a totalidade do sistema político e criticar a si mesma para encontrar na crítica os vestígios e as formas para qualificar a vida das pessoas e promover uma sociedade com menos dor e sofrimento. Quanto mais crítica e reflexiva ela for consigo mesma, mais ela se abrirá para novas possibilidades de realizar a liberdade do existente sem perder em qualidade, pois “a identidade não desaparece por meio da sua crítica, ela se transforma qualitativamente” (DN. 2009, p. 130).<sup>220</sup>

Quem não tem uma consciência crítica, tem dificuldade de entender a política, ou seja, “o nexos entre a política e os seus próprios interesses lhes é opaco, por isso recuam diante da atividade política” (IC. 2002, p. 66). A conservação do indivíduo no plano da dominação favorece a conservação da sociedade e da política unilateral. A política no sistema tradicional ainda é reduzida a processos tecnocráticos e coercitivos onde os indivíduos se adaptam pelo medo, pois “na política há muito o debate foi substituído pela palavra de ordem” (MM. 2008, p. 134).<sup>221</sup> Sendo assim, a resistência, o pensamento crítico, contradição, a negatividade, podem ser alternativas para superar a conservação falsa. Portanto, a negatividade na política pode desobstruir a camada ideológica que oculta as contradições e trazer à tona a verdadeira realidade.

---

219 “Das Unheil liegt in den Verhältnissen, welche die Menschen zur Ohnmacht und Apathie verdammen und doch von ihnen zu ändern wären; nicht primär in den Menschen und der Weise, wie die Verhältnisse ihnen erscheinen” (ND. Band 6, s. 191).

220 “Durch ihre Kritik verschwindet Identität nicht; sie verändert sich qualitativ” (ND. Band 6, s. 152).

221 “... so wie in der Politik längst die Diskussion vom Machtwort abgelöst ward” (MM. Band 4, s. 154).

É importante salientar que para Adorno, “a liberdade não seria eleger entre preto e branco, mas sair dessa escolha preestabelecida” (MM. 2008, p. 128).<sup>222</sup> A política não pode limitar a escolha, mas deve permitir ao indivíduo exercer sua liberdade, porque quem a exerce é mais qualificado e vive melhor e “pode fazer o mínimo por si próprio” (MM. 2008, p. 125). Para Adorno, “a carência de liberdade pode ser conhecida, não representada. Quando a liberdade comparece como tema de narrativas políticas hoje, como no louvor à resistência heroica, ela carrega a ignomínia da afirmação impotente” (MM. 2008, p. 141). Quando não existe a possibilidade de contradição, a esperança se torna vazia, mas é ela “que de algum modo nos permite tomar um ar” (MM. 2008, p. 118). Quando o último traço de emoção, de contradição, de resistência e de utopia é apagado, só resta ao pensamento e à política uma tautologia totalitária.

No pensamento de Adorno, a realidade contraditória não se dobra aos conceitos só porque estes o queiram. Por isso, pelo respeito à alteridade do objeto, do não idêntico, é que Adorno desenvolve a dialética negativa. O objetivo é deixar que o objeto se expresse e se ele não o fizer, cabe à dialética negativa dar voz a ele. A contradição indica a falsidade da identidade, da sociedade administrada, da política convencional. Ou seja, a contradição, a resistência, o sofrimento, a dor, a autorreflexão, a memória, são fatos e movimentos para pensar mudanças individuais e sociais, de autonomia e de liberdade.

Na concepção de Adorno,

Lá onde o pensamento se projeta para além daquilo a que, resistindo, ele está ligado, acha-se a sua liberdade. Essa segue o ímpeto expressivo do sujeito. A necessidade de dar voz ao sofrimento é condição de toda a verdade. Pois sofrimento é objetividade que pesa sobre o sujeito; aquilo que ele experimenta como seu elemento mais subjetivo, sua expressão, é objetivamente mediado (DN. 2009, p. 24).<sup>223</sup>

Ao proceder assim, o pensamento empresta sua voz ao não idêntico e não atua sobre ele. Ao dar voz ao sofrimento do outro o pensamento se emancipa e a política que vem a ser feita é aquela que se atualiza na forma de memória da injustiça e esta se torna categoria emancipadora da nova política. Portanto, a vida danificada é o ponto de partida para a emancipação. É uma espécie de pensamento utópico, de esperança, que pode destruir as

---

222 “Freiheit wäre, nicht zwischen schwarz und weiß zu wählen, sondern aus solcher vorgeschriebenen Wahl herauszutreten” (MM. Band 4, s. 148).

223 “Worin der Gedanke hinaus ist über das, woran er widerstehend sich bindet, ist seine Freiheit. Sie folgt dem Ausdrucksdrang des Subjekts. Das Bedürfnis, Leiden beredt werden zu lassen, ist Bedingung aller Wahrheit. Denn Leiden ist Objektivität, die auf dem Subjekt lastet; was es als sein Subjektivstes erfährt, sein Ausdruck, ist objektiv vermittelt!” (ND. Band 6, s. 29).

pinturas da identidade. Este caráter quebra com a estrutura da sociedade administrada, da racionalidade instrumental que tenta converter todas as questões de verdade em questões de poder e tenta eliminar inclusive a memória, já que ela é uma fonte de resistência que pode qualificar a verdadeira política. A política negativa pode ser o silêncio reflexivo que ecoa por emancipação, rompendo ou subvertendo a política instrumental.

A memória pode qualificar a vida individual e social, ela pode potencializar fragmentos históricos que foram negados e prospectar novas dinâmicas. Além disso, a memória deve estar presente para evitar novos espetáculos do horror. Assim, “essa memória seria interpelação, protesto contra a identidade e continuidade, oposição à possibilidade de eternizar o ocorrido. Como forma de *práxis*, aponta, evidentemente, para uma transformação do presente, sendo uma memória essencialmente política” (ZAMORA, 2013, p. 42).

### **3.2 O EXERCÍCIO DO PENSAMENTO: UMA ABERTURA PARA A POLÍTICA NEGATIVA**

“Somente são verdadeiras as ideias que não se compreendem a si próprias” (MM. 2008, p. 187)224

Um dos aspectos que caracteriza, de modo geral, as teorias críticas contemporâneas é impossibilidade de interpretar o mundo a partir de um ponto de vista único. Adorno, expoente da teoria crítica da escola de Frankfurt, procurou fazer uso de um sistema aberto, sem um centro absoluto como fundamento ou núcleo de irradiação do pensar. O pensamento de Adorno funda-se na crítica à filosofia, à dialética, ao método. Ele faz da crítica imanente um objeto de trabalho e essa crítica vem acompanhada de um aspecto negativo para mediar a positividade para que ela não se torne vazia. O pensamento sempre precisa ter em consideração uma utopia insatisfeita, sem, no entanto, negar a tradição. Porém a tradição pode ser modificada pela crítica negativa e imanente, ou seja, só chegamos à verdade pelo prisma da contradição, quando o pensamento se abre para o estranho, para o outro, reconhecendo a diferença. “Enquanto dialética, a teoria precisa [...] ser imanente, mesmo que ela negue por fim toda a esfera na qual ela se movimenta. Isso a diferencia de uma teoria meramente trazida de fora” (DN. 2009, p. 168-169). As reflexões de Adorno, a partir da vida danificada, anunciam-se como um exercício de pensamento a partir da experiência. O pensamento de Adorno se constitui e se estrutura através do exercício e esta característica

---

224 “Wahr sind nur die Gedanken, die sich selber nicht verstehen” (MM. Band 4, s. 216).

pode levar o pensamento a outra concepção de sociedade e de indivíduo que não seja o conceito de totalidade e de identidade. O exercício deve corrigir e melhorar os ideais emancipatórios; deve conduzir para “a doutrina da vida reta” (MM. 2008, p. 09). A “razão deve efetuar sua própria crítica, na medida, que busque definir seus limites e evite eventuais maus usos de si mesma” (BICCA. 1997, p. 209). A razão deve realizar a crítica a si mesma, no indivíduo e na maneira como essa racionalidade opera na sociedade para almejar a emancipação. Trata-se de extrair o conteúdo reflexivo a partir da imersão nas questões conceituais e no princípio interno da constituição. As reflexões devem articular a especificidade da experiência social e da experiência subjetiva através de um exercício recíproco.

Esse exercício crítico deve ser realizado pela dialética negativa, porque esta é capaz de dissolver as fronteiras entre o que está dado e o que pretende ser pensado. Esta referência deve ser entendida como a formulação de um diagnóstico da época que não apenas possibilita, mas também exige um exercício do pensamento, confrontando a tradição filosófica. Por este viés, a experiência se torna um elemento chave, configurando-a como um exercício de crítica da história e do pensamento podendo detectar elementos singulares de experiência crítica.

A ideia de experiência como um exercício de pensamento circunscreve o esforço de negação empreendido pela teoria crítica em função da convergência histórica entre a tradição filosófica e a lógica de dominação social, política e econômica. O esforço de escapar dessa estrutura é o que teria exigido uma postura crítica da filosofia para se opor à positividade e suas várias tentativas de enquadrar a totalidade da experiência a partir de princípios subjetivos. Além disso, o pensamento de Adorno também se contrapõe à lógica materialista que procura realizar na história a identidade entre sujeito e objeto. Ou seja, diante do fracasso da emancipação como revolução social, a sobrevivência do pensamento dependeria do esforço de alcançar seus objetos em sua singularidade, por meio da autorreflexão crítica dessa pretensão. Por isso, para Adorno, a “filosofia se viu obrigada a criticar a si mesma sem piedade” (DN. 2009, p. 11).<sup>225</sup>

A pergunta pela possibilidade de emancipação não passa apenas pela consideração do fracasso das esperanças depositadas numa revolução social, mas exige também questionar a perpetuação de um estado de não emancipação no capitalismo mais avançado, no capitalismo administrado. “Aquilo que outrora o filósofo entendia por vida, reduzido à esfera

---

<sup>225</sup> “... ist sie genötigt, sich selber rücksichtslos zu kritisieren” (DN. Band 6, s. 15).

privada e depois só à do consumo, vê-se arrastado, sem autonomia e sem substância própria, como apêndice do processo de produção material” (MM. 2008, p. 09). O que Adorno pretende é tematizar “uma concepção de razão como um poder inserido não só no sujeito humano, na consciência individual, mas no mundo” (BICCA. 1997, p. 210). Neste sentido, o pensamento de Adorno é também político, pois está preocupado em reabilitar a consciência crítica: uma esperança, um mundo onde a vida possa ser vivida com objetividade.

Para Adorno, é justamente o fracasso do projeto moderno de esclarecimento que constituiu a perspectiva para pensar uma possibilidade de emancipação. Ou melhor, a justificativa não passa apenas pela conclusão de que o vínculo entre pensamento e emancipação tem sua referência maior nas pretensões emancipatórias do projeto moderno, mas também pela convicção de que a história da filosofia foi marcada pela pretensão de conferir um sentido à totalidade da experiência por meio da apreensão conceitual. Assim, o sistema hegeliano marca o ápice dessa história e ao mesmo tempo o fracasso desta pretensão em querer submeter a realidade ao movimento do conceito.

“Hegel [...] argumentou contra o mero ser para si da subjetividade em todos os seus níveis. A teoria dialética, que abomina toda e qualquer singularidade solta, não pode por isso aceitar aforismas como tais. No caso mais brando eles só podem ser tolerados como aquilo que o prefácio da Fenomenologia do Espírito designa por ‘conversação’ [...] O gesto fulminante com que Hegel, contra sua própria posição, insistem em tratar do indivíduo deriva paradoxalmente do seu necessário enredamento no pensamento liberal. A concepção de uma totalidade harmônica na travessia dos seus antagonismos o leva a atribuir dignidade inferior à individuação na construção do todo (MM. 2008, p. 10-11).<sup>226</sup>

O sistema administrado seria a realização perversa do sistema hegeliano, pois submete o singular a lógica de funcionamento subjetivo instrumentalizado. Conforme Adorno, “com sobranceira frieza Hegel opta novamente pela liquidação do particular” (MM. 2008, p. 11).<sup>227</sup> Isto é, “a razão subjetiva equivale a uma faculdade de operação lógica, de dedução, de sistematização e cálculo, não importando tanto, em si mesmos, os conteúdos

---

<sup>226</sup> “So hat Hegel, an dessen Methode die der Minima Moralia sich schulte, gegen das bloße Fürsichsein der Subjektivität auf all ihren Stufen argumentiert. Die dialektische Theorie, abhold jeglichem Vereinzelteten, kann denn auch Aphorismen als solche nicht gelten lassen. Im freundlichsten Falle dürften sie, nach dem Sprachgebrauch der Vorrede der Phänomenologie des Geistes, toleriert werden als »Konversation«. (...) Die erledigende Gebärde, mit welcher Hegel im Widerspruch zur eigenen Einsicht stets wieder das Individuelle traktiert, rührt paradox genug her von seiner notwendigen Befangenheit in liberalistischem Denken. Die Vorstellung einer durch ihre Antagonismen hindurch harmonischen Totalität nötigt ihn dazu, der Individuation, mag immer er sie als treibendes Moment des Prozesses bestimmen, in der Konstruktion des Ganzen einzig minderen Rang zuzuerkennen” (MM. Band 4, s. 14-15).

<sup>227</sup> “Mit überlegener Kälte optiert er nochmals für die Liquidation des Besonderen” (MM. Band 4, s. 15).

postos em correspondência com ela” (BICCA. 1997, p. 210). Para Adorno o projeto moderno de razão e a dialética hegeliana evidenciavam a pretensão de conferir sentido à realidade por meio de antecipação subjetiva onde, tanto objeto quanto sujeito, são resolvidos no sujeito. Entretanto, Adorno não nega a legitimidade de tal pretensão e não quer descartá-la como mera ideologia para então implementar uma nova maneira de pensar, mas ele quer instaurar um processo de autorreflexão do pensamento para confrontá-lo com a impossibilidade atual de realização. Isto implica em desconstruir a filosofia idealista, que é caracterizada pela produção de identidade, pois “pensar é identificar”. Esta identidade é uma posição de princípio para a dialética idealista e para que o pensamento possa se organizar em forma de contradição, ele precisa pressupor a verdade de uma totalidade subjetivamente instaurada, à qual submete todo o particular, falso em sua limitação e imediaticidade.

Diante disso, Adorno apresenta a tarefa para a dialética negativa, que se opõe a identidade entre o pensamento e o pensado. Ela não visa à identidade, pressuposta na totalidade, mas à não identidade entre a coisa e pensamento. A totalidade para Adorno não é mais só do sujeito. “A determinante objetiva do espírito – a sociedade – se compõe da soma dos sujeitos como de sua negação” (PERIUS. 2008, p. 110). Dialética significa que a coisa não é idêntica ao seu conceito e não se pretende apenas apontar a diferença entre realidade e conceito diante de uma identidade social aparente, mas expor esta diferença através da autorreflexão. Assim, também a dialética se torna materialista, pois adquire consciência da não identidade entre coisa e pensamento e sua tarefa é alcançar o não idêntico, é ir além do conceito por meio do conceito. Conforme Adorno “para a dialética, a imediatidade não permanece como aquilo que ela se apresenta imediatamente. Ela se transforma em movimento ao invés de ser fundamento” (DN. 2009, p. 41).

Essa forma de estruturar a ideia faz com que se tenha um verdadeiro exercício do pensamento, pois os conceitos não são estáticos, unitários, eles são vivos, tem movimento e potencialidade crítica, tanto a sociedade quanto o indivíduo evoluem, tal como os conceitos filosóficos. O procedimento negativo decifra a constituição social das coisas, tira a venda dos nossos olhos e mostra a essência da coisa. No sistema administrado “nenhuma teoria escapa”, mas a contradição que o pensamento dialético negativo propõe pode ser “o indício da não verdade da identidade” (DN. 2009, p. 12). Ou ainda, “a dialética se origina da experiência antagônica, não no mero esquema conceitual. A história de uma época não conciliada não pode ser um desenvolvimento harmônico. Apenas a ideologia, que nega tal caráter antagônico, produz harmonia” (ECA. 2003, p. 167).

O idealismo erra quando institui o sujeito como único portador da verdade do objeto. Procedendo assim, o objeto nem sequer é levado em conta em sua não identidade e a dialética negativa rechaça o princípio de unidade e superioridade do conceito. Por isso, “somente uma autorreflexão crítica o protege contra a limitação de uma tal plenitude e contra a construção de um muro entre si mesmo e o objeto” (DN. 2009, p. 34). Os conceitos já estão implicitamente concretizados pela linguagem em que se encontram. Mas a dialética negativa toma essas significações como ponto de partida para a autorreflexão do conceito. A linguagem em Adorno pode ser considerada história sedimentada, que carrega o potencial de poder denunciar qualquer servilismo de sistemas dominantes. A linguagem é colocada como justaposição de elementos materiais e conceituais, não sendo um instrumento neutro ou transparente para a organização e expressão do pensamento, mas o próprio meio no qual a filosofia se configurou historicamente. A linguagem não é submissa, mas é potencial para exercitar o pensamento.

A filosofia não pode definir os conceitos esquecendo a história que eles carregam, pois é exatamente essa história que revela a complexidade dos conceitos. O exercício do pensamento para pensar uma sociedade e um indivíduo emancipado precisa considerar e preservar o descompasso entre o conceito e a realidade. Em nenhum momento o sistema deve ser a fonte central da teoria, porque é nessa direção que se move o mundo administrado. Se a reflexão pretende ir além daquilo que está meramente presente, que é dado, então seu impulso deve estar alicerçado na crítica, na negatividade, pois ela deve ter a liberdade de interpretar os fenômenos de forma desarmada. Em síntese, o exercício do pensamento deve ser antissistemático, pois na interpretação de Adorno, os “conceitos não são construídos a partir de um princípio primeiro, nem convergem para um fim último” (NL. 2012, p. 17).<sup>228</sup>

A relação entre linguagem e conceito deve ser, conforme Adorno, como um ensaio ou constelação, pois esta não constrói seus conceitos a partir de um princípio primeiro, nem reenvia seus objetos, por mediações sistemáticas, a uma totalidade anterior, mas os aborda em seu aqui e agora. “Perceber a constelação na qual a coisa se encontra significa o mesmo que decifrar aquilo que ele porta em si enquanto algo que veio a ser” (DN. 2009, p 141).<sup>229</sup> O termo constelação significa que existe uma inscrição histórica do objeto e o ensaio é a exposição dessa constelação histórica. “Somente um saber que tem presente o valor histórico

---

228 “Weder sind seine Begriffe von einem Ersten her konstruiert noch runden sie sich zu einem Letzten” (NL. Band 11, s. 10).

229 “Der Konstellation gewahr werden, in der die Sache steht, heißt soviel wie diejenige entziffern, die es als Gewordenes in sich trägt” (ND. Band 6, s. 165).

conjuntural do objeto em sua relação com os outros objetos consegue liberar a história no objeto” (DN. 2009, p 141).<sup>230</sup>

A linguagem, na interpretação de Adorno, é algo objetivo, que se caracteriza como forma e conteúdo da filosofia, ou seja, a potencialidade inscrita na linguagem, enquanto conteúdo filosófico é, ao mesmo tempo, a condição de possibilidade da expressão e da exposição filosófica. Não se trata simplesmente de uma cadeia argumentativa ou da dedução conceitual do objeto, nem de proposição e comprovação de teses, mas de uma disposição de conceitos no texto com o intuito de iluminar a especificidade do objeto.

Para Adorno

O conhecimento do objeto em sua constelação é o conhecimento do processo que ele acumula em si. Enquanto constelação, o pensamento teórico circunscreve o conceito que ele gostaria de abrir, esperando que ele salte, mais ou menos como os cadeados de cofres fortes bem guardados: não apenas por meio da única chave ou de um único número, mas de uma combinação numérica (DN. 2009, p. 142).<sup>231</sup>

Portanto, não existe uma única maneira de interpretar e a interpretação deve ser um exercício constante sem querer combinar tudo sob uma única chave, sob um único conceito. Um conceito sempre deve ser interpretado como insuficiente, pois ele é sempre um ato histórico. Gatti sintetiza isso da seguinte forma:

Pela maneira como dispõem conceitos em torno de um objeto, a constelação mostra como eles são imprescindíveis ao pensamento, mas também como são insuficientes para iluminar um objeto em sua singularidade. Ela apresenta a tendência do conceito a identificar-se com seu objeto e, nesta apresentação, mostra sua insuficiência para alcançar a especificidade do objeto em causa. A constelação se vale assim dos conceitos tanto para denunciar sua lógica de identidade como para iluminar o que escapa a esta lógica. Com isso, ela também busca atender à intenção dos conceitos, mas não pelo processo de identificação, segundo o qual o conceito se sobrepõe a seu outro, e sim pela maneira como os justapõem a fim de iluminar a coisa (GATTI. 2009b, p. 268).

A filosofia que se orienta pelo sistema e a realidade que é estruturada pelo mundo administrado, deixam praticamente nenhuma alternativa. Tanto que o sujeito precisa “ser um

---

230 “Nur ein Wissen vermag Geschichte im Gegenstand zu entbinden, das auch den geschichtlichen Stellenwert des Gegenstandes in seinem Verhältnis zu anderen gegenwärtig hat” (ND. Band 6, s. 165).

231 “Erkenntnis des Gegenstands in seiner Konstellation ist die des Prozesses, den er in sich aufspeichert. Als Konstellation umkreist der theoretische Gedanke den Begriff, den er öffnen möchte, hoffend, daß er aufspringe etwa wie die Schlösser wohlverwahrter Kassenschränke: nicht nur durch einen Einzelschlüssel oder eine Einzelnummer sondern eine Nummernkombination” (ND. Band 6, s. 165-166).

homem com os pés no chão ou a cabeça nas nuvens” (NL. 2012, p. 17).<sup>232</sup> Quem pretende interpretar os conceitos ou a realidade de forma diferente, é estigmatizado, pois no mundo administrado só existe lugar para quem é capaz de classificar e registrar, conforme a condução padronizada ou imposta. A compreensão fica restrita somente àquilo que o autor desejaria dizer em dado momento. Na verdade, “passa-se a exigir do espírito um certificado de competência administrativa, para que ele não transgrida a cultura oficial ao ultrapassar as fronteiras culturalmente demarcadas” (NL. 2012, p. 22).<sup>233</sup> O que se pretende é que todo o conhecimento seja transformado em ciência, mas sem ir além do que está estabelecido. No entanto, “a filosofia não pode, numa espécie de extremo oposto, se entregar passivamente as coisas, sem mediação conceitual. A verdade é algo objetivo, é a constelação objetiva tornada visível a partir da mediação conceitual” (PERIUS. 2011, p. 123).

O pensamento precisa chocar-se com os próprios limites e isso faz com que ele ultrapasse a si mesmo, mas sem se apossar do outro. O pensamento não assume antecipadamente um ponto de vista, porque ele é colocado em forma de ensaio. O ensaio, por sua vez, não segue as regras do jogo da ciência ou do mundo organizado. “O ensaio não se deixa intimidar pelo depravado pensamento profundo, que contrapõe verdade e história como opostos irreconciliáveis” (NL. 2012, p. 26).<sup>234</sup> Ou seja, se a verdade tem, de fato, um núcleo temporal, então o conteúdo histórico torna-se um momento integral dessa verdade. O ensaio passa a ser a verdadeira forma ideal de reflexividade. Isto é, Adorno, através do ensaio, apresenta uma alternativa para o projeto moderno de razão, denunciado já na obra *Dialética do Esclarecimento*, quando fala que “a história motorizada toma a dianteira desses desenvolvimentos intelectuais e os porta vozes oficiais, movidos por outros cuidados, liquidam a teoria que os ajudou a encontrar um lugar ao sol, antes que esta consiga prostituir-se direito” (DE. 1985, p. 12).<sup>235</sup>

Para Adorno

O ensaio lida com esse critério de maneira polêmica, manejando assuntos, que segundo as regras do jogo, seriam considerados dedutíveis, mas sem buscar sua dedução definitiva. Ele unifica livremente pelo pensamento o que se encontra unido nos objetos de sua livre escolha. Não insiste

---

232 “Tatsachenmensch oder Luftmensch” (NL. Band 11, s. 10).

233 “Dem Geist wird eine Zuständigkeitsbescheinigung abverlangt, damit er nicht mit den kulturell bestätigten Grenzlinien die offizielle Kultur selber überschreite” (NL. Band 11, s. 15).

234 “Darum läßt sich der Essay von dem depravierten Tiefsinn nicht einschüchtern, Wahrheit und Geschichte stünden unvereinbar einander gegenüber” (NL. Band 11, s. 18).

235 “In der Gegenwart freilich eilt die motorisierte Geschichte solchen geistigen Entwicklungen noch voraus, und die offiziellen Wortführer, die andere Sorgen haben, liquidieren die Theorie, die ihnen zum Platz an der Sonne verhalf, noch ehe sie sich recht prostituieren kann” (DA. Band 3, s. 12).

caprichosamente em alcançar algo para além das mediações – e estas são mediações históricas, nas quais, está sedimentada a sociedade como um todo -, mas busca o teor da verdade como algo histórico por si mesmo. Não pergunta por nenhum dado primordial, para transtorno da sociedade socializada, que justamente por não tolerar o que não traz a sua marca, tolera menos ainda o que lembra a sua própria onipresença, citando necessariamente como seu complemento ideológico aquela natureza que sua própria práxis eliminou por completo (NL. 2012, p. 27).<sup>236</sup>

A racionalidade moderna conduz o pensamento a perder seu objeto quando o classifica, quando enquadra o objeto em um pensamento determinado instrumentalmente e o que Adorno procura fazer é assemelhar a filosofia a uma arte de interpretação de textos onde não há sentido prévio a ser encontrado pela interpretação, mas somente um sentido reelaborado em cada leitura da tradição à luz de um diagnóstico do tempo presente. Adorno não quer que algo seja dado como verdade, ele quer que este algo seja mediado para evitar o empobrecimento da racionalidade e a dominação do não idêntico. Essa mediação ou relação entre objeto e sujeito caracteriza a categoria de experiência, da negatividade. Como exemplo disso, podemos citar a relação que há entre a vida descrita e a vida lembrada. Num texto, a recordação segue caminhos singulares, os quais são também os caminhos daquele que os recorda e o resultado da recordação não é a vida tal como foi vivida, mas o passado reconstruído à luz do esforço atual de recordá-lo. Existe, portanto, um elo entre a escrita e a lembrança e esta experiência individual conquista a atualidade, que é também o índice de sua verdade.

Adorno quer dizer que

Nessa experiência, os conceitos não formam um continuum de operações, o pensamento não avança em um sentido único; em vez disso, os vários momentos se entrelaçam como num tapete. Da densidade dessa tessitura depende a fecundidade dos pensamentos. O pensador, na verdade, nem sequer pensa, mas sim faz de si mesmo o palco da experiência intelectual, sem desemaranhá-la. Embora o pensamento tradicional também se alimente dos impulsos dessa experiência, ele acaba eliminando, em virtude de sua forma, a memória desse processo. O ensaio, contudo, elege essa experiência como modelo, sem, entretanto, como forma refletida, simplesmente imitá-la; ele a submete à mediação através de sua própria

---

<sup>236</sup>“Das wendet der Essay polemisch, indem er behandelt, was nach den Spielregeln für abgeleitet gilt, ohne dessen endgültige Ableitung selber zu verfolgen. In Freiheit denkt er zusammen, was sich zusammenfindet in dem frei gewählten Gegenstand. Nicht kapriziert er sich auf ein Jenseits der Vermittlungen - und das sind die geschichtlichen, in denen die ganze Gesellschaft sedimentiert ist - sondern sucht die Wahrheitsgehalte als selber geschichtliche. Er fragt nach keiner Urgegebenheit, zum Tort der vergesellschafteten Gesellschaft, die, eben weil sie nichts duldet, was von ihr nicht geprägt ward, am letzten dulden kann, was an ihre eigene Allgegenwart erinnert, und notwendig als ideologisches Komplement jene Natur herbeizitiert, von der ihre Praxis nichts übrig läßt” (NL. Band 11, s. 19).

organização conceitual; o ensaio procede por assim dizer, metodicamente sem método (NL. 2012, p. 29-30).<sup>237</sup>

O procedimento do ensaio renova a filosofia, pois a impede que ela seja apenas discurso do método, como a racionalidade moderna pretende. No ensaio, cada conceito deve ser articulado com os demais. Devem ser expostos de modo a carregar os outros. Os “elementos discretamente separados entre si são reunidos em um todo legível; ele não constrói nenhum andaime ou estrutura. Mas, enquanto configuração, os elementos se cristalizam por seu movimento” (NL. 2012, p. 31).<sup>238</sup> Na verdade, “o ensaio não apenas negligencia a certeza indubitável, como também renuncia ao ideal dessa certeza. Torna-se verdadeiro pela marcha de seu pensamento, que o leva além de si mesmo” (NL. 2012, p. 30).<sup>239</sup> Isto é, a configuração, para Adorno, é um campo de forças que vai cristalizando o significado sem dar uma definição total, absoluta. Por isso, a exposição é tão importante para o ensaio, até mais importante do que para os procedimentos. “O ‘como’ da expressão deve salvar a precisão sacrificada pela renúncia à delimitação do objeto, sem, todavia, abandonar a coisa ao arbítrio de significados conceituais decretados de maneira definitiva” (NL. 2012, p. 29).<sup>240</sup>

Enfim,

O ensaio é a forma da categoria crítica de nosso espírito. Pois quem critica precisa necessariamente experimentar, precisa criar condições sob as quais um objeto pode tornar-se novamente visível, de um modo diferente do que é pensado por um autor e sobretudo é preciso pôr à prova e experimentar os pontos fracos do objeto; exatamente este é o sentido das sutis variações experimentadas pelo objeto nas mãos de seu crítico (NL. 2012, p. 38).<sup>241</sup>

---

237 “Weniger nicht, sondern mehr als das definatorische Verfahren urgiert der Essay die Wechselwirkung seiner Begriffe im Prozeß geistiger Erfahrung. In ihr bilden jene kein Kontinuum der Operationen, der Gedanke schreitet nicht einsinnig fort, sondern die Momente verflechten sich teppichhaft. Von der Dichte dieser Verflechtung hängt die Fruchtbarkeit von Gedanken ab. Eigentlich denkt der Denkende gar nicht, sondern macht sich zum Schauplatz geistiger Erfahrung, ohne sie aufzudröseln. Während aus ihr auch dem traditionellen Denken seine Impulse zuwachsen, eliminiert es seiner Form nach die Erinnerung daran. Der Essay aber wählt sie als Vorbild, ohne sie, als reflektierte Form, einfach nachzuahmen; er vermittelt sie durch seine eigene begriffliche Organisation; er verfährt, wenn man will, methodisch unmethodisch” (NL. Band 11, 20-21).

238 “In ihm treten diskret gegeneinander abgesetzte Elemente zu einem Lesbaren zusammen; er erstellt kein Gerüst und keinen Bau. Als Konfiguration aber kristallisieren sich die Elemente durch ihre Bewegung” (NL. Band 11, s. 21-22).

239 “Nicht sowohl vernachlässigt der Essay die zweifelsfreie Gewißheit, als daß er ihr Ideal kündigt. Wahr wird er in seinem Fortgang, der ihn über sich hinaustreibt” (NL. Band 11, s. 21).

240 “Das Wie des Ausdrucks soll an Präzision erretten, was der Verzicht aufs Umreißen opfert, ohne doch die gemeinte Sache an die Willkür einmal dekretierter Begriffsbedeutungen zu verraten” (NL. Band 11, s. 20).

241 “Der Essay ist die Form der kritischen Kategorie unseres Geistes. Denn wer kritisiert, der muß mit Notwendigkeit experimentieren, er muß Bedingungen schaffen, unter denen ein Gegenstand erneut sichtbar wird, noch anders als bei einem Autor, und vor allem muß jetzt die Hinfälligkeit des Gegenstandes erprobt,

É importante ressaltar que, quanto mais o ensaio suspende o conceito de algo primordial, recusando-se a desenrolar a cultura a partir da natureza, tanto mais ele reconhece a essência natural da própria cultura, ou seja, “a relação entre natureza e cultura é o seu verdadeiro tema” (NL. 2012, p. 39).<sup>242</sup> Portanto, o ensaio é uma forma de denunciar a falsa sociedade porque ele “pretende abalar a pretensão da cultura, levando-a a meditar sobre sua própria inverdade” (NL. 2012, p. 40).<sup>243</sup> Adorno pretende, com essa afirmação, dizer que a verdade se encontra no próprio elemento, na própria instabilidade, pois “o próprio espírito, uma vez emancipado, é instável” (NL. 2012, p. 41).<sup>244</sup>

Essa denotação caracteriza que a verdade e a objetividade não estão sob a ordenação da totalidade, mas em conformidade com a composição singular, ou seja, num momento histórico de constante ameaça de integração do indivíduo ao sistema social, a não reconciliação entre o indivíduo e a totalidade é um exercício de autonomia e também de resistência articulados com a experiência humana individual e política. A verdade fundamentada no ensaio não se origina a partir de um ponto de vista universal e, acima de tudo, reconhece o diferente e aquilo que poderiam ser as consequências para a emancipação. Isto é possível porque o

Ensaio não se encontra em uma simples oposição ao procedimento discursivo. Ele não é desprovido de lógica; obedece a critérios lógicos na medida em que o conjunto de suas frases tem de ser composto coerentemente. Não deve haver espaço para meras contradições, a não ser que estas estejam fundamentadas em contradições do próprio objeto em questão. Só que o ensaio desenvolve os pensamentos de um modo diferente da lógica discursiva. Não os deriva de um princípio, nem os infere de uma sequência coerente de observações singulares. O ensaio coordena os elementos, em vez de subordiná-los (NL. 2012, p. 43).<sup>245</sup>

O ensaio precisa, a todo momento, refletir criticamente sobre si mesmo e por isso ele acaba tendo uma flexibilidade maior do que o pensamento discursivo da razão instrumental. Essa reflexão não abrange apenas a sua relação com o pensamento

---

versucht werden, und eben dies ist ja der Sinn der geringen Variation, die ein Gegenstand durch seinen Kritiker erfährt” (NL. Band 11, s. 27).

242 “... das Verhältnis von Natur und Kultur ist sein eigentliches Thema” (NL. Band 11, s. 28).

243 “... den Anspruch von Kultur zu erschüttern und sie zum Eingedenken ihrer Unwahrheit zu bewegen” (NL. Band 11, s. 29).

244 “Geist selber, einmal emanzipiert, ist mobil” (NL. Band 11, s. 29).

245 “Denn der Essay befindet sich nicht im einfachen Gegensatz zum diskursiven Verfahren. Er ist nicht unlogisch; gehorcht selber logischen Kriterien insofern, als die Gesamtheit seiner Sätze sich stimmig zusammenfügen muß. Keine bloßen Widersprüche dürfen stehenbleiben, es sei denn, sie würden als solche der Sache begründet. Nur entwickelt er die Gedanken anders als nach der diskursiven Logik. Weder leitet er aus einem Prinzip ab noch folgert er aus kohärenten Einzelbeobachtungen. Er koordiniert die Elemente, anstatt sie zu subordinieren” (NL. Band 11, s. 31-32).

estabelecido, mas também sua relação com a própria racionalidade. “O ensaio tem a ver, todavia, com os pontos cegos de seus objetos. Ele quer desencavar, com os conceitos, aquilo que não cabe em conceitos” (NL. 2012, p. 44).<sup>246</sup> Ele quer romper com a subjetividade arranjada, com a racionalidade opaca e libertar as forças aí latentes. O ensaio é anacrônico, não capitula diante de seu peso e não se curva diante do que apenas é. Ele também pode dar voz à política, ao não idêntico, à memória e ao sofrimento, já que este “é condição de toda verdade. Pois o sofrimento é objetividade que pesa sobre o sujeito; aquilo que ele experimenta como seu elemento mais subjetivo, sua expressão, é objetivamente mediado” (DN. 2009, p. 24).<sup>247</sup> E, “a liberdade da filosofia não é outra coisa senão a capacidade de dar voz à sua não liberdade [...] Nenhum dos dois é sem o outro” (DN. 2009, p. 24).<sup>248</sup>

### **3.3 ELABORAÇÃO DO PASSADO COMO ESCLARECIMENTO NA POLÍTICA NEGATIVA**

“O objetivo do surgimento histórico da memória foi trazer para o presente as consequências dos atos bárbaros cometidos pela violência no passado (RUIZ. 2012, p. 39).

Adorno não tem dúvida de que é preciso fazer memória do holocausto da guerra para manter viva a história, mesmo que muitos tentem mantê-lo esquecido. Compreender para fazer memória do holocausto de Auschwitz e dos demais campos de concentração da Segunda Guerra Mundial é um caminho para encontrar alternativas para respeitar e preservar a pluralidade de pensamentos. Não há mais necessidade de reconstruir, com os mínimos detalhes, aquilo que aconteceu no interior dos campos, nem necessidade de uma nova interrogação que continua a propor novas e diversas genealogias para encontrar novos vestígios do evento que levou a Alemanha a quebrar o processo civilizatório. Mas também, não basta apenas elencar os fatos e acontecimentos. Isso gerará nada mais que uma lista de acontecimentos que facilmente se tornarão opacos e sem sentidos. Por isso, compreender um evento como este exige que extraíamos dele o que há de mais profundo: a sua memória.

---

246 “Der Essay jedoch hat es mit dem Blinden an seinen Gegenständen zu tun. Er möchte mit Begriffen aufsprengen, was in Begriffen nicht eingeht” (NL. Band 11, s. 32).

247 “... ist Bedingung aller Wahrheit. Denn Leiden ist Objektivität, die auf dem Subjekt lastet; was es als sein Subjektivstes erfährt, sein Ausdruck, ist objektiv vermittelt” (ND. Band 6, s. 29).

248 “Die Freiheit der Philosophie ist nichts anderes als das Vermögen, ihrer Unfreiheit zum Laut zu verhelfen (...) Sie bedürfen einander, keines ist ohne das andere” (ND. Band 6 s. 29).

Auschwitz não representava apenas o genocídio num campo de extermínio, mas simbolizava a tragédia da formação na sociedade.

O holocausto da Segunda Guerra Mundial é impossível de ser expressado somente em palavras; ele requer silêncio, meditação e pensamento crítico para minimamente ser compreendido. A palavra nunca poderá dizer a totalidade do sofrimento das vítimas. A linguagem da testemunha, vítima da violência, é paradoxal. A verdade de seu testemunho é inversamente proporcional à sua incapacidade de dizer o acontecido. Mas, por outro lado, revela que as testemunhas têm um estatuto epistemológico próprio, a sua relação direta com a violência lhe confere uma dimensão singular e é esta singularidade que dá sentido.

Adorno sempre se perguntou como a humanidade chegou a tal ponto de matar milhões de pessoas, racional ou irracionalmente? Para ele, refletir sobre Auschwitz é desesperador, pois “milhões de pessoas inocentes – e só o simples fato de citar números já é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades – foram assassinadas de uma maneira planejada” (EE. 2006, p. 120). Portanto, este tema não é superficial e muito menos uma aberração ou uma naturalidade da história, é fruto de uma decisão política, de um racionalismo agressivo e planejado. Uma forma de superar e de resistir a isto é elaborar o passado. O passado não pode ser negado, mesmo que exista o desejo de esquecê-lo.

Conforme Adorno

O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver a sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo. O nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz apenas como fantasma daquilo que foi tão monstruoso a ponto de não sucumbir a própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam (EE. 2006, p. 29).

O passado é assombroso, mas através dele é possível desarmar o naturalismo da violência. Se o nazismo continua vivo, é porque a ele são dadas tais condições, tanto política quanto racionalmente. A razão instrumental continua progredindo na sociedade e não pretende negar ou minimizar o ocorrido. Adorno se surpreende quando descobre “que existem pessoas que não se envergonham de usar um argumento como o de que teriam sido assassinados apenas cinco milhões de judeus, e não seis” (EE. 2006, p. 31). Evidentemente o próprio número já é irracional, quanto mais todo o holocausto da guerra, porque as mortes foram executadas a partir de um pensamento administrado. O nazismo nega ser o culpado e muitas pessoas até hoje negam também, alegando que as vítimas devem ter dado qualquer

motivo para serem mortas. As vítimas precisam enfrentar, desde o início, um obstáculo objetivo, que é lutar para que o crime seja reconhecido.

Essa concepção fortalece a história do vencedor, que estrutura ideologicamente a consciência dos fatos. O vencedor é também o dono da verdade, que pode ser manipulada como melhor se apresentar, demonstrando o potencial devastador da racionalidade instrumental. No fundo, cria-se uma verdade inocente de um passado estarrecedor. Ou ainda, a culpa seria ela mesma apenas um completo devaneio e seria patológico ocupar-se do passado, sendo mais produtivo ocupar-se do presente e das metas futuras. Percebe-se que existe uma moral, um desejo, uma tradição política que tem pretensões de destruir a memória, o passado sofrido e dolorido de milhões de pessoas; e a metodologia de suprimir a memória tiraria “aos assassinados a única coisa que nossa impotência pode lhes oferecer, a lembrança” (EE. 2006, p. 32).

Primo Levi resalta e nos traz características da importância da lembrança. Ele, com sua vivência, teve a consciência de narrar e de testemunhar os horrores dos campos de concentração por aqueles que não puderam ou não conseguiram. A recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evocá-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até às camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa (LEVI. 1990, p. 10).

Devemos aceitar o fenômeno dos campos de concentração como pertencentes à época moderna, entendendo-o como sem precedentes e algo inerente da realidade e da lembrança, até porque, “a importância das memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial, no caso a memória racional” (POLLAK. 1989, p. 04).

Essa característica expõe também a disputa pela memória. De um lado a versão do vencedor e do outro lado, a versão do vencido. Existe uma disputa política e cultural em torno deste tema, uns trabalhando para suprimir o passado, outros lutando para manter a memória viva. É preciso lutar contra o esquecimento, contra a repetição e pela rememoração, sem, no entanto, transformar a lembrança do horror em mais um produto cultural ou de exposição banal. Por sua vez, a postura de Adorno se caracteriza não contra um fazer poético após Auschwitz, mas sim, contra uma massificação da representação do que significou esse episódio, sua transformação em banalização do mal, ou algo semelhante que ceifa vidas inocentes.

O que precisa ser feito é:

Tudo que nos parece natural, tudo que temos como certo ou que parece ser, ou parece ser feito, porque é exatamente assim que as coisas são, precisa ser desencantado, ser demonstrado como o produto de um processo de devir. Isso desfaz a autoridade do que existe. Daquilo que não afirma ser mais nada que a maneira do mundo: nada disto precisa ser (THOMSON. 2010, p. 178).

A lembrança precisa escovar a história a contrapelo e superar a transmissão da violência. Neste exercício aparece a relevância do particular e da reflexividade. Fazer esse exercício de análise crítica a partir das particularidades ou daquilo que a história nega, revela o caráter de abrangência para além de meros fatos, pois o que não pode ser, está em potência de ser. Esse exercício requer que se leve em conta as imagens que ficaram sem existência ao longo do caminho, tornando cada particularidade importante, dando a elas objetividade. “O caráter dialético dessas imagens, está, assim me parece, o fato de que estas têm de ser interpretadas objetivamente, e não psicologicamente num sentido imanente” (C. 2012, p. 123).

A lembrança é um exercício porque antes de convencer o outro é preciso convencer-se a si, uma vez que,

Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador, e, por isso também, sua relação com a verdade (DE. 1985, p. 13).<sup>249</sup>

A internalização do passado e do presente se torna igualmente importante para entender o que acontece na sociedade. A consciência precisa estar ativa para não demonstrar fraqueza e trazer à luz o que está obscuro. Nas palavras de Adorno, na Alemanha é comum ouvir “dos próprios alemães a estranha afirmativa de que eles ainda não estão maduros para a democracia. A própria falta de emancipação é convertida em ideologia, tal como o faz a juventude que, surpreendida em qualquer ato de violência, procura-se livrar apelando à condição de teenager adolescente” (EE. 2006, p. 35). Lembrar o passado para elaborar o esclarecimento exige uma postura rígida para romper as fronteiras do pensamento e dos fatos. Quanto mais as pessoas estiverem submetidas a contextos objetivos em relação aos

---

249 “Nimmt Aufklärung die Reflexion auf dieses rückläufige Moment nicht in sich auf, so besiegelt sie ihr eigenes Schicksal. Indem die Besinnung auf das Destruktive des Fortschritts seinen Feinden überlassen bleibt, verliert das blindlings pragmatisierte Denken seinen aufhebenden Charakter, und darum auch die Beziehung auf Wahrheit” (DA. Band 3, s. 13).

quais são impotentes, ou acreditam ser impotentes, tanto mais elas tornarão subjetiva esta impotência.

O tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias como a da aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição da experiência no ofício. Quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva de desenvolvimento (EE. 2006, p. 33).

Muitos têm a lembrança de que o regime totalitário de Hitler nada tenha significado além de pavor e sofrimento para um grupo de pessoas. Esquecem que foi uma obra orquestrada pela racionalidade com o objetivo de ter um único pensamento, de uma única verdade, onde a alteridade sequer fosse ou pudesse ser mencionada. Havia ainda o pensamento da necessidade de fazer parte, ou seja, existia um imaginário social de adensamento que propiciava proteção face ao medo geral de ficar de fora e submergir. Havia, portanto, uma alienação para sentir-se protegido por um regime totalitário. No entanto, isso vai contra a vida emancipada. Aceitar passivamente a argumentação do Terceiro Reich não produz um testemunho da verdade do passado e nem objetiva um viver coerente.

Na compreensão de Adorno, o que o nazismo fez foi insuflar o narcisismo coletivo, o orgulho nacional, porque

Os impulsos narcisistas dos indivíduos, aos quais o mundo endurecido prometia cada vez menos satisfação e que mesmo assim continuam existindo ao mesmo tempo em que a civilização lhes oferecia tão pouco, encontraram uma satisfação substitutiva na identificação com o todo (EE. 2006, p. 39 e 40).

Mesmo que este narcisismo coletivo tenha sofrido uma derrota pela derrocada do regime nazista, é interessante elaborar o passado para tematizar sobre o esclarecimento e sobre a política, porque quando uma racionalidade administra a sociedade de forma autoritária, há uma cegueira geral e quando a cegueira já está consumada, torna-se fácil manipular a direção política, a vida dos indivíduos e a ordem social e econômica. Hoje, além da racionalidade instrumental, o poder econômico também provoca certa cegueira porque “a ordem econômica e, seguindo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continua obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não emancipação”

(EE. 2006, p. 43). Assim, “voltar a olhar para as catástrofes passadas para as possibilidades frustradas da humanidade, é, o que paradoxalmente abre os olhos para a realidade presente e liberta da cegueira que a marcha histórica impõe aos que querem ir para sua passagem” (ZAMORA. 2004, p. 45).

Na perspectiva de Adorno, o progresso sob o olhar das vítimas é nulo porque ele fraturou o processo civilizatório, implantando um ódio contra tudo o que era diferente, não respeitando e não dando chances ao não idêntico. Continuidade e descontinuidade, idêntico e não idêntico se tornaram uma coisa só. E agora, o que é preciso fazer é adotar a perspectiva das vítimas, dos vencidos, dos oprimidos da história e isso se faz com a elaboração do passado. Dessa forma, não se presta apenas solidariedade, mas chega-se a uma verdade da história. Portanto, é preciso romper a falsa “totalidade, mas desde logo não para fazer justiça às vítimas, pois, desde sua perspectiva toda vítima é uma vítima a mais” (ZAMORA. 2004, p. 46). Ao romper este contínuo, esta totalidade falsa, abre-se a possibilidade de encontrar uma alternativa política e uma vida emancipada. Para Adorno “a questão é que o esclarecimento tem que tomar consciência de si mesmo [...] Não se trata da conservação do passado, mas de resgatar a esperança passada” (DE. 1985, p. 14).<sup>250</sup>

Trata-se de trabalhar para a autoconsciência não abrir mão do elemento reflexivo, que neste caso é o passado. Se o pensamento abdica deste elemento ele também abdica de procurar a verdade. A consciência crítica seria uma tentativa de recuperar, através da experiência, o recalcado não idêntico. O sofrimento físico e psíquico deve se opor ao pensamento absoluto, responsável por Auschwitz. Adorno enfatiza esta denotação porque a cultura se afirmou como princípio de violência, como ideologia que matou milhões de pessoas inocentes e, após a catástrofe, a restauração da cultura seria uma ofensa. A alternativa tampouco seria o silêncio total e a capitulação da cultura, mas um tornar consciente de seu próprio fracasso.

Talvez possamos dizer que o iluminismo é uma utopia que falhou em se cumprir, uma doutrina que prometeu as flores da igualdade, da liberdade, da fraternidade, quando na verdade entregou uma calamidade triunfal. A meta de desencantamento do mundo, de dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber fraturou o processo civilizatório e para encontrar a alternativa é preciso olhar para o passado e evitar que o horror se repita. A elaboração do passado como esclarecimento é uma inflexão em direção ao sujeito, reforçando a autoconsciência. Mas não basta apenas lançar mão de uma ideia se quisermos

---

250 “... sondern die Aufklärung muß sich auf sich selbst besinnen (...). Nicht um die Konservierung der Vergangenheit, sondern um die Einlösung der vergangenen Hoffnung ist es zu tun” (DA. Band 3, s. 15).

contrapor algo ao perigo objetivo, é preciso acima de tudo, atentar aos interesses imediatos dos outros. Por fim, “o passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pode manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas” (EE. 2006, p. 49).

### 3.4 EMANCIPAÇÃO DA VIDA

“Posto que o excessivo pensar, a inabalável autonomia, dificultam a adaptação ao mundo administrado” (PS. 1995, p. 29).

A institucionalização da barbárie aperfeiçoada pelos regimes contrários à preservação da vida (nazismo/fascismo) criou as bases espirituais para que a racionalidade técnica administrativa desenvolvesse sua inclinação regressiva adaptando e moldando a consciência dos indivíduos. Conforme Adorno, “o esclarecimento expulsa da teoria a diferença [...] a ordem totalitária levou isso muito a sério” (DE. 1985, p. 74-75). Dessa maneira, a irracionalidade da razão e seus fins, alicerçados no princípio da dominação se infiltrou também na política e nas instituições sociais, o que inclusive pode ser percebido atualmente no Brasil, onde a deficiência moral, o poder instituído em suas mais diversas esferas, alicerçado na aparência democrática, procura definir e fundamentar a vida humana violentamente. Rodrigo Duarte reforça essa ideia também afirmando que

O golpe mediático-parlamentar-judiciário-empresarial, de 2016, que tal classe média apoiou e até exigiu, lançou o país numa situação de indescritível barbárie. E, de fato, em todo mundo, pode-se constatar não apenas um avanço da direita neoliberal como a sua coligação – mais ou menos intensa, dependendo do país – com os chauvinismos mais imbecis: o *Brexit* na Grã-Bretanha e a eleição de Donald Trump nos EUA, assim como a ameaça de vitórias eleitorais de neofascistas em países como a Holanda, França e Alemanha, são um claro indício desse fato” (2017, p. 07).

A ameaça social internalizada e o medo convertem-se em um poderoso motivador psíquico para o ajustamento ao *modus operandi* do mundo administrado. Com isso, o caminho da emancipação permanece bloqueado. Não apenas há obstáculos que impedem os humanos de serem livres, de se autodeterminarem, como também há fatores que impedem que eles retirem estes obstáculos. Os seres humanos não são livres porque a sociedade administrada os mantém dominados pelo seu próprio modo de produção, pelo sistema da

racionalidade instrumental e pelo modo como isto molda as suas subjetividades. Este processo racional pode ser caracterizado como:

A ciência é repetição, aprimorada como regularidade observada e conservada em estereótipo. A fórmula matemática é uma regressão conscientemente manipulada, como já o era o rito mágico; é a mais sublime modalidade do mimetismo. A técnica efetua a adaptação ao inanimado a serviço da auto conservação, não mais como a magia, por meio da imitação corporal da natureza externa, mas através da automatização dos processos espirituais, isto é, através de sua transformação em processos cegos. Com seu triunfo, as manifestações humanas tornam-se ao mesmo tempo controláveis e compulsivas (DE. 1985, p. 150).<sup>251</sup>

Existe na sociedade um aparato conceitual proposto pela política, indústria cultural e pelo capital burguês que impede que os indivíduos percebam este modo cego. Este aparato é compreendido “a partir de seu caráter de máscara” (TIBURI. 1995, p. 40), que encobre a realidade, comprometendo o pensamento de práticas emancipatórias. Para Adorno, “o senso de realidade, a adaptação ao poder, não é mais resultado de um processo dialético entre sujeito e realidade, mas é imediatamente produzido pela engrenagem da indústria. O processo é um processo de liquidação em vez de superação” (DE. 1985, p. 169).<sup>252</sup> As relações sociais e a vida individual ficam comprometidas por um processo administrado. Este é caracterizado, não apenas pela necessidade de desenvolvimento econômico desenfreado, mas também por uma mentalidade que tenta equiparar coisas diferentes, aniquilando as qualidades dos objetos e dos indivíduos. Na verdade,

A autonomia do sujeito não pode ser pensada como mero voluntarismo racionalista, como de fato a modernidade vem caracterizando-a. A modernidade pensa a autonomia como poder fazer o que quer, por isso reduz a liberdade a fazer o que se quer. Porém não se questiona que existe uma dimensão prévia que a produção de desejos em nós” (RUIZ, 2006, p. 133).

No pensamento moderno se criam visões ou aparências conceituais e existenciais através de dispositivos de poder que procuram projetar autonomia e liberdade como algo

---

251 “Wissenschaft ist Wiederholung, verfeinert zu beobachteter Regelmäßigkeit, aufbewahrt in Stereotypen. Die mathematische Formel ist bewußt gehandhabte Regression, wie schon der Zauber-Ritus war; sie ist die sublimierteste Betätigung von Mimikry. Technik vollzieht die Anpassung ans Tote im Dienste der Selbsterhaltung nicht mehr wie Magie durch körperliche Nachahmung der äußeren Natur, sondern durch Automatisierung der geistigen Prozesse, durch ihre Umwandlung in blinde Abläufe. Mit ihrem Triumph werden die menschlichen Äußerungen sowohl beherrschbar als zwangsmäßig” (DA. Band 3, s. 206).

252 “Realitätsgerechtigkeit, Anpassung an die Macht, ist nicht mehr Resultat eines dialektischen Prozesses zwischen Subjekt und Realität, sondern wird unmittelbar vom Räderwerk der Industrie hergestellt. Der Vorgang ist einer der Liquidation anstatt der Aufhebung” (DA. Band 3, s. 231).

natural, forjando uma prática histórica ou de desejos e sensações. “O princípio da sensação acompanhou sempre o horror intencional do burguês e adaptou-se ao mecanismo da valorização burguesa” (ECA. 2003, p. 25). Entretanto, “a liberdade não existe como algo que se obtém, mas se exerce como prática do sujeito. A liberdade só existe como prática histórica e não como elemento da natureza humana” (RUIZ, 2006, p. 135). Portanto, é preciso desmascarar este pensamento administrado, porque um conceito pronto ou antecipado não determina a totalidade da pessoa. Entretanto, este sistema oferece ao indivíduo uma sensação de liberdade ao realizar o que foi pensado para ele.

O pensamento administrado procura “fetichizar a realidade e as relações de poder estabelecidas [...] induz o indivíduo a abdicar de si mesmo e entrar na suposta onda do futuro” (ESPSP, 2015, p. 149). A destruição da individualidade, já posta em processo pelo capitalismo, intensifica-se com os regimes políticos totalitários e com o aprimoramento da razão instrumental. Com a consumação da sociedade administrada, as novas condições de opressão ultrapassam a própria política. Ou seja, a política está imbricada nisso, mas também não é só a política. Por isso, é preciso ter um olhar para o sujeito, pois “nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações [...] O problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente – e quem é ‘a gente’, eis uma grande questão a mais – pode enfrentá-lo” (EE. 2006, p. 181-182).

Somente um sujeito orientado por uma dialética negativa e reflexiva pode dar as bases para uma nova política e assim tornar-se emancipado. Para Adorno esse novo só viria confrontando a realidade sem identificá-la. O novo que a modernidade propôs é um novo que já vem pronto, ou seja, “o novo é filtrado” (PMTTC. 2015, p.75) antes de ser colocado no “mercado de consumo”. É preciso ter uma compreensão de que

O poder da verdade não necessariamente deve ser entendido como uma forma de dominação ou alienação. O poder pode ser criativo, emancipador, humanizador, construtivo, aliás, toda forma de humanização, emancipação ou realização é uma prática de poder. Toda forma de criação humana é, pois, uma potencialidade efetiva, ou seja, uma forma efetiva de poder. O poder da verdade reside na potencialidade que ela tem para articular as práticas dos sujeitos ajustando suas ações aos modos da verdade (RUIZ, 2006, p. 56-57).

A prática do poder não pode ser coercitivamente inserida nos sujeitos e na sociedade. Ela precisa ser mediatizada para não se tornar vazia de conteúdo. A dialética negativa mediatizada propicia que se acompanhe a contradição e as mudanças dos fatos e a cada nova recorrência, a teoria deve atualizar os aspectos objetivos por ela analisados. Os dispositivos

que impedem a emancipação requerem a apropriação crítica de seus elementos conceituais, devendo preservar a tensão que há entre eles. Com isso, é possível elevar o conhecimento teórico a uma forma de *práxis*, configurando-o como posicionamento político diante da realidade contraditória. Esse processo ocorre na arte onde “a sobrevivência das obras, a sua recepção enquanto aspecto da sua própria história, situa-se entre a recusa a deixarem-se compreender e a vontade de serem compreendidas; esta tensão é o clima da arte” (ECA. 2003, p. 75).

Tanto a emancipação quanto a política negativa podem ser comparadas a uma obra de arte, pois

A obra de arte só é real enquanto obra de arte, só se basta a si mesma na medida em que é irreal, distinta da empiria, da qual continua, no entanto, ser uma parcela. Mas o seu elemento irreal – a sua determinação enquanto espírito – só existe na medida em que se tornou real; nada na obra de arte conta que não esteja já na sua forma individuada (ECA. 2003, p. 37-38).

Para Adorno, somente quando é preservada a autoconsciência crítica, é possível compor formas efetivas de resistência ao processo unificador, ou seja, o sujeito singular precisa ser considerado, algo que a sociedade científica e racional não fez. Adorno eleva a crítica ao conhecimento e também aos espaços da sociedade, pois a emancipação somente viria numa sociedade reconciliada, no entanto, o sujeito sempre deve ser preservado, assim como a obra de arte deve ser preservada.

Pensar a emancipação é pensar de forma reflexiva naquilo que não é. É trazer à consciência a dimensão de heterogeneidade sem conceituá-la. Ou como diz Adorno “estou convencido de que nossos melhores pensamentos são sempre aqueles que não podemos pensar plenamente” (C. 2012, p. 451). Deve-se pensar de uma forma não intencional, de forma dialética. Neste sentido, “a finalidade das obras de arte é a dialética enquanto crítica da posição prática dos fins. Toma partido pela natureza reprimida; a isso deve ela a ideia de uma finalidade diversa da que é posta pelo homem; sem dúvida, tal ideia foi eliminada pela ciência da natureza” (ECA. 2003, p. 53). Os conceitos não podem mais se fundamentar acerca do sistema, mas se justificar em torno de uma constelação, observando sempre as ruínas da história, uma vez que esta fere a sensibilidade e a razão dos indivíduos. Além disso, “apesar da ruína, há nela esperança” (ECA. 2003, p. 66), essencial para a emancipação.

Adorno preserva um pensamento autorreflexivo para contrapor as falsas teorias e entendimentos que negam a emancipação. E para ele,

Se a dialética negativa reclama a autorreflexão do pensamento, então isso implica manifestamente que o pensamento também precisa, para ser verdadeiro, hoje em todo o caso, pensar contra si mesmo. Se ele não se mede pelo que há de mais exterior e que escapa ao conceito, então ele é de antemão marcado pela música de acompanhamento com a qual os SS adoravam encobrir os gritos de suas vítimas (DN. 2009, p. 302).<sup>253</sup>

Só num processo de autorreflexão o princípio da identidade se revela ilusório. Somente através da mediação é possível transcender a situação dominante. Porém, mesmo que o futuro seja melhor, o sujeito não pode esquecer os fatos sombrios, o sofrimento acumulado ou querer negar o passado. A reflexão imanente se revela como caminho autêntico para a emancipação por não compactuar com o disfarce de uma realidade encoberta. Por isso,

O essencial são as leis objetivas do movimento da sociedade referentes às decisões acerca do destino dos homens, que constituem a sua sina – que justamente é decisivo mudar – e que, de outro lado, também encerram a possibilidade ou o potencial para que a sociedade cesse de ser a associação coercitiva em que nos encontramos e possa ser diferente (IS. 2008, p. 87).

A expressão das leis é um movimento político que deve primar pela emancipação dos sujeitos, deve também romper com o caráter da indústria cultural, pois esta nega os pressupostos básicos da formação cultural, tirando não só o que é básico, mas também as condições que poderiam fazer emergir uma nova cultura. A indústria cultural provoca uma homogeneidade de consciência e não há qualquer discussão acerca do conteúdo propagado. Além disso, existe o entendimento de que a diversão é o prolongamento do trabalho na perspectiva do controle. A diversão repete o processo de padronização do trabalho. Não há nada a pensar, pois nada mais causa estremeamento, tudo é familiar. Chegou-se a tal ponto que “não somente os tipos das canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência” (DE. 1985, p. 103).<sup>254</sup> A indústria cultural é um disfarce ideológico para neutralizar a emancipação dos indivíduos. Diz Adorno, “sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual

---

253 “Erheischt negative Dialektik die Selbstreflexion des Denkens, so impliziert das handgreiflich, Denken müsse, um wahr zu sein, heute jedenfalls, auch gegen sich selbst denken. Mißt es sich nicht an dem Äußersten, das dem Begriff entflieht, so ist es vorweg vom Schlag der Begleitmusik, mit welcher die SS die Schreie ihrer Opfer zu übertönen liebte” (ND. Band 6, s. 358).

254 “Nicht nur werden die Typen von Schlagern, Stars, Seifenopern zyklisch als starre Invarianten durchgehalten, sondern der spezifische Inhalt des Spiels, das scheinbar Wechselnde ist selber aus ihnen abgeleitet” (DA. Band3, s. 146).

fabricada por aquele, começa a se delinear” (DE. 1985, p. 100).<sup>255</sup> E, além disso, “a unidade implacável da indústria cultural atesta a unidade em formação política” (DE. 1985, p. 101).<sup>256</sup> Ou seja, para pensar uma sociedade emancipada é preciso também pensar uma política diferente onde

A ausência total de propósitos desmente a totalidade do proposital no mundo da dominação, e é somente pela força dessa negação, que consoma da sua consequência o existente a partir do seu próprio princípio racional, que até o dia de hoje a sociedade existente toma consciência de outra, possível (MM. 2008, p. 221, 222).<sup>257</sup>

Pode-se dizer que, embora Adorno não acredite na possibilidade de uma *práxis* emancipadora absoluta e definitiva, ele advoga claramente um engajamento na resistência à desumanização. A resistência, o exercício reflexivo, a dialética negativa entre realidade e conceito não é desviada e não é eliminada da razão crítica e da esperança. Se há resistência e autorreflexão, então não há integração total e nem emancipação absoluta. É exatamente essa contradição que mantém viva a esperança de emancipação, ou seja, o fato de haver contradição e reflexividade é a prova da possibilidade de emancipação. Começar a ver efetivamente as enormes dificuldades que se opõem à emancipação na organização do mundo em que vivemos e se opor à ideologia dominante são tarefas árduas, pois a “organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia” (EE. 1995, p. 143). Portanto, a emancipação não se sustenta pela simples retórica, mas sim, pela crítica imanente, filosófica e política, das condições objetivas na qual o indivíduo está inserido. A concretização consiste em direcionar as energias para a contradição e para a resistência de forma reflexiva, desmascarando as ideologias dominantes presentes na vida e na sociedade. Nas palavras de Adorno, “é necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiam para os lados sem refletir” (EE. 1995, p. 121).

Dessa forma também se configura o entrelaçamento político e filosófico, pois é promovida a autorreflexão e a crítica do condicionamento social. Nesse aspecto, o trabalho

---

255 “Alle Massenkultur unterm Monopol ist identisch, und ihr Skelett, das von jenem fabrizierte begriffliche Gerippe, beginnt sich abzuzeichnen” (DA. Band 3, s. 141-142).

256 “Die rücksichtslose Einheit der Kulturindustrie bezeugt die heraufziehende der Politik” (DA. Band 3, s. 144).

257 “Totale Zwecklosigkeit dementiert die Totalität des Zweckmäßigen in der Welt der Herrschaft, und nur kraft solcher Verneinung, welche das Bestehende an seinem eigenen Vernunftprinzip aus dessen Konsequenz vollbringt, wird bis zum heutigen Tage die existierende Gesellschaft einer möglichen sich bewußt” (MM. Band 4, s. 254).

de Adorno procurou explorar o fracasso da razão, que culminou nos eventos catastróficos do século XX: ascensão do fascismo, genocídio, terror e destruição em massa. Mais especificamente, ele procurou entender o que percebeu como uma transformação da consciência e que promoveu modos autoritários de decisão política. A dimensão política de Adorno nos fornece ferramentas conceituais e reais para analisar o tempo passado e presente, pois a crítica tecida por ele diz respeito ao obscurecimento da teoria do desencantamento do mundo, do iluminismo, e aponta para as práticas irrefletidas desse nosso mundo. Ou seja, no tempo presente, a prática ainda está, muitas vezes, esvasiada de teoria, facilitando para o poder político instrumental administrar a vida e a sociedade. A irreflexão e a ausência de uma consciência crítica estavam presentes em Auschwitz como marca da sociedade administrada, dissolvendo o indivíduo, tanto aqueles que morreram quanto que praticavam os atos bárbaros e Adorno se pôs a pensar sobre isso. Hoje, ainda existe a necessidade de tematizar sobre a teoria, produzir uma consciência crítica para evitar atos que possam produzir ou reproduzir barbáries.

Somente mediante a negação determinada, pela consciência crítica imanente, pela teoria crítica, identifica-se aquilo que gera a reificação da consciência do indivíduo, aquilo que reproduz a sociedade administrada e a política totalitária. A postura de negatividade, de política negativa, pode realizar a crítica à forma ideológica de estrutura da sociedade, desobstruindo o caminho para a realização emancipatória. Dessa forma, “é preciso atravessar o deserto de gelo da abstração para alcançar definitivamente o filosofar concreto” (DN. 2009, p. 7-8)258. Portanto, o papel da filosofia e da política, para fomentar a emancipação, está em realizar a crítica imanente sem pretensão de desenvolver um pensamento fixo, totalitário e fechado em si. Uma política negativa pode manter a tensão, um campo de forças e ir além do que existe. Pode manter viva a esperança e orientar formas de vida emancipadas. Pode manter viva a utopia do pensamento em forma de constelação, que é a tentativa de refletir desde a coisa e não sobre ela. Ou seja, “o primado do objeto significa o progresso da diferenciação qualitativa daquilo que é mediado em si, um momento na dialética que não se acha para além dela, mas se articula nela” (DN. 2009, p. 158).259

---

258 “... man müsse durch die Eiswüste der Abstraktion hindurch, um zu konkretem Philosophieren bündig zu gelangen” (ND. Band 6, s. 9).

259 “Vorrang des Objekts bedeutet die fortschreitende qualitative Unterscheidung von in sich Vermitteltem, ein Moment in der Dialektik, nicht dieser jenseitig, in ihr aber sich artikulierend” (ND. Band 6, s. 185).

## CONCLUSÃO

Adorno, no itinerário do seu pensamento, denuncia a máscara do iluminismo, uma vez que este prometia eliminar o medo, o sofrimento, inibir as barbáries e proclamar uma sociedade livre e emancipada. O esclarecimento deixou de lado a exigência de pensar reflexivamente, e, com isso, não só o sujeito criou uma razão opaca como também a sociedade teve estreitada sua visão de emancipação. Os indivíduos na modernidade ficaram submissos ao controle da razão instrumental, ao saber técnico científico, à administração da sociedade pré-determinada pela burguesia dominante, freando assim, o conhecimento crítico e o reconhecimento do não idêntico e a possibilidade de uma vida emancipada. Adorno ainda enfatiza que é ilusão a força do pensamento querer conhecer e sintetizar a totalidade da realidade, pois o conhecimento se dá na relação entre a realidade e o pensamento, na articulação que ambos fazem simultaneamente, sem abstraírem-se.

Se o esclarecimento tentou extrair e reter para si o que era de natureza interna e externa, eliminando o movimento histórico e a tensão entre o conceito e a realidade, então era preciso reformular os conceitos fundamentais da filosofia para se contrapor ao pensamento de domínio total, uma vez que, tanto o mito quanto o iluminismo tentaram compreender o outro, porém, ambos o fizeram preparando-o para que fosse dominado. De acordo com o observado por Adorno,

A subsunção do factual, seja sob a pré-história lendária, mítica, seja sob o formalismo matemático, o relacionamento simbólico do presente ao evento mítico no rito ou à categoria abstrata na ciência, faz com que o novo apareça como algo predeterminado, que é assim na verdade o antigo. Quem fica privado da esperança não é a existência, mas o saber que no símbolo figurativo ou matemático se apropria da existência enquanto esquema e a perpetua como tal (DE. 1985, p. 35).<sup>260</sup>

O esclarecimento que se deu no progresso do desenvolvimento da técnica intensificou a sociedade administrada com a finalidade de ter um controle e um conhecimento unificado. Ou seja, o projeto moderno de dominação das indeterminações, estruturado na razão instrumental, sustentou a possibilidade do estabelecimento de verdades e ideologias absolutas, inclusive no campo da política, onde regimes totalitários procuraram

---

260 “Die Subsumtion des Tatsächlichen, sei es unter die sagenhafte Vorgeschichte, sei es unter den mathematischen Formalismus, die symbolische Beziehung des Gegenwärtigen auf den mythischen Vorgang im Ritus oder auf die abstrakte Kategorie in der Wissenschaft läßt das Neue als Vorbestimmtes erscheinen, das somit in Wahrheit das Alte ist. Ohne Hoffnung ist nicht das Dasein sondern das Wissen, das im bildhaften oder mathematischen Symbol das Dasein als Schema sich zu eigen macht und perpetuiert” (DA. Band 3, s. 44).

construir verdades a partir de conceitos abstratos e bárbaros como foi Auschwitz. Para Adorno, “na sociedade total, tudo está igualmente próximo do centro; essa sociedade é tão perscrutável, sua apologia é tão puída, que aqueles que descobrem seu segredo morrem” (DN. 2009, p. 224).<sup>261</sup> Diante disso, o papel da filosofia de Adorno, da teoria crítica elaborada por ele, deve orientar não apenas à emancipação dos homens das condições que o escravizam como também ao impedimento da barbárie, de sistemas administrados e totalitários.

O pensamento assumido como conhecimento crítico precisa se desdobrar em crítica da realidade social, contrapondo-se ao conhecimento reificado e ao engessamento da sociedade. Nesta perspectiva, a dialética negativa cumpre uma função ao fazer a crítica social e a do conhecimento, simultaneamente. Enquanto crítica social, ela condena a sociedade por não corresponder ao seu discurso, por não ser aquilo que ela diz ser; como crítica do conhecimento, ela é capaz de questionar a forma de conhecimento predominante, pautada pela identidade, pela lógica tecnicista e planejada. Diante disso, ela realiza uma dinâmica que se caracteriza por uma entrega aos objetos, pela valorização dos detalhes, pela reflexão imanente, respeitando o diferente. Com isso, a filosofia deveria conseguir, ao menos para Adorno, contribuir para a obtenção de uma ordem social mais justa, mais humana, desvelando os dispositivos que impedem a emancipação.

Desvelar os dispositivos sociais e técnicos que impedem a emancipação requer apropriação crítica de seus elementos conceituais, requer que a razão recupere sua capacidade de autorreflexão e se revigore pela referência ao objeto, pois ao fazer referência ao objeto ela considera a negatividade. O indivíduo precisa recuperar sua força de pensamento crítico para poder desbloquear a sua consciência e liberar a política das amarras da sociedade dominante. Neste sentido, Adorno reforça que pequenos gestos, pequenas ações, podem provocar grandes mudanças. Mas para isso, é necessário esclarecer os mecanismos de aniquilação da subjetividade e da política.

A política, com o advento do esclarecimento, tomou um formato unitário e absoluto, se tornou uma força devastadora impedindo a possibilidade de autonomia individual que é essencial para a constituição de um sujeito histórico. A política se tornou um princípio de dominação cega, um conceito de indiferença reduzido a uma fórmula e “seu conceito assim como a coisa mesma, é produzida pela integração da sociedade que se apresenta aos sujeitos

---

<sup>261</sup> “In der totalen Gesellschaft ist alles gleich nah zum Mittelpunkt; sie ist so durchschaubar, ihre Apologie so fadenscheinig, wie die aussterben, welche sie durchschauen” (ND. Band 6, s. 265).

como se fosse irresistível” (DN. 2009, p. 182)<sup>262</sup>. Nesta mesma linha “a ideia da liberdade também perdeu efetivamente a sua força sobre os homens, porque ela foi concebida desde o início de maneira tão abstrata e subjetiva que a tendência social objetiva pôde soterrá-la sem esforço sob si mesma” (DN. 2009, p. 182).<sup>263</sup> Porém, o olhar para a decadência da razão e para os fatos bárbaros permitiu a Adorno ir além da aparência, formando assim uma resistência e um exercício reflexivo sobre o indivíduo e sobre a organização social. Ele não se limitou a analisar o que estava dado como pronto pelo sistema administrado, mas procurou contradizer o que aparecia como finalizado para qualificar o pensamento e a realidade.

Através do exercício reflexivo do pensamento, orientado pela dialética negativa, Adorno pôde perceber a totalidade falsa, as consequências da identidade unitária, a opacidade da racionalidade instrumental, a aparente realidade e remover o manto deformador. Para remover este manto ele leva em consideração o caráter específico e único de cada fragmento do mundo, disperso no espaço e no tempo. As particularidades reflexivas resistem ao pensamento conceitual absoluto, ao poder totalitário e ao falso consenso político. A resistência e a reflexão, para Adorno, são um processo de negatividade que permite que a vida correta continue. Permite ainda denunciar a estrutura administrada da política tradicional que impede a realização da política objetiva. Ou seja, na resistência, na particularidade, na reflexão, na contraposição, está a política negativa. Esta, nesta perspectiva, é antissistema da política instituída administrativamente e ela tem a tarefa de destruir a falsa harmonia social que captura a dimensão política e impõe uma servidão revestida de pseudopolítica. Portanto, a política negativa é a possibilidade de gerar a verdadeira política, onde os raios de luz, de utopia, de realidade, não se apagam, pois, a negatividade imanente preserva o não idêntico.

A partir da nossa pesquisa, podemos também dizer que a política negativa é memória. Sua relação com a memória das barbáries deixa um rastro de injustiça e de sofrimento que não é assimilável pelo sistema que administra a vida humana como um produto mercantil. Isto é, a memória da injustiça e do sofrimento das vítimas opera como negatividade não absorvível pela gestão mercantilista do capitalismo, da sociedade administrada. O rastro de sofrimento e de injustiça, que é negatividade inapreensível pelo sistema administrado, é o alicerce da verdadeira política. A política que vem a ser feita é aquela a partir das

---

262 “Die Gleichgültigkeit gegen die Freiheit, ihren Begriff und die Sache selbst, wird gezeitigt von der Integration der Gesellschaft, die den Subjekten widerfährt, als wäre sie unwiderstehlich” (ND. Band 6, s. 215).

263 “Die Idee der Freiheit verlor nicht zuletzt darum ihre Gewalt über die Menschen, weil sie vorweg so abstrakt-subjektiv konzipiert war, daß die objektive gesellschaftliche Tendenz sie mühelos unter sich begraben konnte” (ND. Band 6, s. 215).

negatividades inapreensíveis que persistem no sofrimento e nas injustiças das vítimas. Essa negatividade se atualiza na forma de memória da injustiça. Nela resurge uma nova perspectiva da política, além da mera administração das necessidades e da vida. Essa negatividade torna-se categoria emancipadora da nova política.

Se a sociedade ainda não está emancipada, é porque a esfera de emancipação até então foi outra, ou seja, a ideologia predominante bloqueou e impediu a emancipação. Para reverter isso, há de se ter uma dinâmica política à qual permita o exercício crítico do pensamento, oferecendo possibilidades em estabelecer formas de resistência frente ao processo integrador e encontrar os vestígios de emancipação. Esse processo, de encontrar os vestígios, é político. O indivíduo precisa ter um pensamento crítico e a sociedade precisa da política para manter o sentido da história e a história será preservada se houver a dinâmica da negatividade tanto do pensamento quanto da política, pois na negatividade o pensamento e a história não são abstraídos instrumentalmente, resistem, se reinventam qualitativamente e se projetam como luz para irradiar outra realidade, a realidade emancipada. No final da obra *Mínima Moralía*, como vimos na pesquisa, Adorno aborda uma alternativa de emancipação a partir do conceito de redenção, que vai ao encontro da nossa hipótese, e que é de caráter de política negativa. Abordar os contextos do desespero e da derrota é a atividade proposta por Adorno, pois a luz da redenção estende a mão a quem está no chão, a quem está injustiçado e dominado pelo falso poder administrado.

A teoria crítica permanece atual, pois o progresso ainda se reveste e se estrutura sob a racionalidade instrumental, servindo aos interesses da sociedade administrada, ou seja, a humanidade ainda continua caindo em barbáries a tal ponto que “o assassinato é investido de um halo de sacramento” (ESPSP. 2015, p. 151). Esse era o pensamento em Auschwitz e atualmente ainda está presente, gerando opressão e o aniquilamento desenfreado da vida. Se no tempo de Adorno havia “uma união do horrível com o maravilhoso, um delírio de aniquilação mascarado como salvação” (ESPSP. 2015, p. 152), cremos que hoje esse princípio continua válido, pois a humanidade, em sua forma inumana, ainda compreende o totalitarismo como sendo um campo de forças da esperança. Os indivíduos se conformam com os padrões contemporâneos engessados, aceitando o fetiche da política totalitária e da razão administrada. Para eles, é mais prazeroso estar em liberdade aparente do que viver uma vida emancipada porque a vida emancipada exige ser crítico frente a si mesmo e frente à sociedade. Portanto, a experiência negada ao indivíduo, que seria fundamental para sua formação como sujeito emancipado, ainda é somente vivida como a experiência do horror sob cuja opressão os seres regridem a formas míticas.

Por fim, Adorno não defende o individualismo contra o coletivo, mas uma noção de solidariedade pode estabelecer novas conexões. Neste sentido, ressaltamos mais uma vez a importância da memória do sofrimento, pois, para Adorno, o sofrimento é a experiência viva de que a sociedade administrada não compreende a sua totalidade e é com esta experiência histórica e subjetiva que as pessoas precisam ser solidárias.

Aqueles que nem se abandonam ao individualismo da produção espiritual nem se jogam de cabeça no coletivismo da representatividade igualitária e cheia de desprezo pela humanidade são remetidos à cooperação livre e solidária sob responsabilidade mútua. Todo o restante entrega o espírito às formas do negócio e por essa via finalmente aos interesses dele (MM. 2008, p. 126).<sup>264</sup>

A teoria de Adorno não se tornou uma espécie de lamento resignado, mas seguiu sua vocação crítica buscando, não só as melhorias possíveis de serem obtidas dentro da ordem existente, como também manter viva a esperança de uma sociedade reconciliada na diferença, ou seja, a teoria dele deixa espaço para pensar e propor formas alternativas à sociedade administrada. A teoria de Adorno atua como um lembrete incessante de que é possível encontrar e viver uma vida emancipada. Para tanto, ela precisa ser capaz de articular a expressão do sofrimento que fica contida, reprimida na sociedade e articulá-la de tal maneira que consiga colocar em questão as suas causas sociais, mostrando que uma sociedade transformada poderia diminuir o sofrimento existente. Quando a verdade dos fatos se contrapõe à verdade dos conceitos, desvela-se o tecido dessa história, mas para isso acontecer, a história, a realidade, precisa ser lida a contrapelo, precisa ter e considerar a política negativa.

Ler a realidade a contrapelo é levar em conta o movimento da dialética negativa que se volta contra a reificação do pensamento ou contra a identidade entre o pensamento e o pensado. Neste movimento não se objetiva a identidade, a totalidade, mas a não identidade entre o objeto e o conceito. Esse movimento dialético permite ir além do conceito por meio do conceito porque ocorre um processo de autorreflexão do procedimento conceitual. Ocorre uma mediação e uma justaposição de elementos materiais e conceituais que provocam uma constelação do conhecimento e da realidade. E este conhecimento deve primar pela

---

264 “Jene, die weder dem Individualismus der geistigen Produktion ungebrochen sich überlassen, noch dem Kollektivismus der egalitär-menschenverachtenden Vertretbarkeit kopfüber sich verschreiben möchten, sind auf freie und solidarische Zusammenarbeit unter gemeinsamer Verantwortung angewiesen. Alles andere verschachert den Geist an die Formen des Geschäfts und damit schließlich an dessen Interessen” (MM. Band 4, s. 145).

emancipação da vida e dar as bases para a qualificação da política. A crítica deve destacar aquilo que reifica as pessoas em vez de dizer que elas estão reificadas, pois “a consciência, reificada na sociedade já constituída, não é seu constituinte” (DN. 2009, p. 163)<sup>265</sup>. A reificação é um sintoma do problema, mas não o próprio problema. Por sua vez, a política se efetiva na descontinuidade da ordem determinada e cada indivíduo tem uma responsabilidade social em relação ao que é não idêntico.

A integridade intelectual de Adorno ao não aceitar a imposição da racionalidade instrumental, da sociedade administrada e a necessidade de pensar desde a realidade é o movimento que mantém o pensamento de Adorno atual. E a perspectiva crítica dele nunca foi maior na sociedade do que agora, para evitar uma razão opaca e uma política totalitária e administrada. O trabalho de Adorno oferece não apenas críticas incisivas de ideias e instituições políticas modernas, mas nos mostra sugestões de uma política diferente. Ele conseguiu detectar as mudanças estruturais pelas quais passava a sociedade e refletir os danos e as possibilidades que estas transformações traziam tanto no plano objetivo, na esfera material das relações sociais, quanto no plano subjetivo, na consciência dos indivíduos que mais sofreram, do que se beneficiaram de tais transformações.

---

<sup>265</sup> “Bewußtsein, verdinglicht in der bereits konstituierten Gesellschaft, ist nicht deren Konstituens” (ND. Band 6, s. 191).

## BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften in 20 Bänden*. (Herausgegeben von Rolf Tiedemann unter Mitwirkung von Gretel Adorno.) Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970-1986.

\_\_\_\_\_. *Terminologia Filosófica*. Trad. Ricardo Ortiz de Urbina. Madrid: Taurus, 1983. Tomos I e II.

\_\_\_\_\_. *Teoria Estética*. Trad: Arthur Morão. Lisboa: Ed.70, 1988.

\_\_\_\_\_. *Actualidad de la filosofía*. Trad. José Luiz Arantegui Tamayo. Introd. Antônio Aguilera. Barcelona: Paidós, 1991.

\_\_\_\_\_. *Palavras e Sinais*. Trad. Maria Helena Ruchel. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Indústria Cultural e Sociedade*. Trad. Júlia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. *Experiência e Criação artística*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2003.

\_\_\_\_\_. *Educação e Emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. *As estrelas descem à terra: a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre a superstição secundária*. São Paulo: Unesp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Mínima Moralia*. Trad. Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Sociologia*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Unesp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Dialética Negativa*. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

\_\_\_\_\_. *Kierkegaard: construção do estético*. Trad. Alvaro L. M. Valls. São Paulo: Unesp, 2010.

\_\_\_\_\_. *Notas de Literatura*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2012.

\_\_\_\_\_. *Correspondência 1928 – 1940, Adorno - Benjamin*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

\_\_\_\_\_. *Três Estudos sobre Hegel*. Trad. Ulisses Razzante Vaccari. São Paulo: Unesp, 2013.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise*. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2015.

\_\_\_\_\_. *Para a Metacrítica da Teoria do Conhecimento*. Trad. Marco A. Casanova. São Paulo: Unesp, 2015.

\_\_\_\_\_. *Die Philosophie ändert, indem sie Theorie bleibt. Gespräch mit Theodor W. Adorno*. Entrevista à revista *Der Spiegel*, n.19, 1969.

- AGAMBEM, Giorgio. Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I. 2.ed. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.
- BERGMAN, Gregory. Filosofia de Banheiro: sabedoria dos maiores pensadores mundiais para o dia-a-dia. São Paulo: Madras, 2004.
- BICCA, Luiz. O alcance da crítica da racionalidade instrumental. In: Racionalidade moderna e subjetividade. São Paulo: Loyola, 1997. p. 209-217.
- BUCK-MORSS, Susan. Origen de la Dialectica Negativa: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin y el Instituto de Frankfurt. Trad: Nora Rabotnikof Maskivker. Cerro del Agua: Siglo veintiuno editores, 1981.
- CIRNE LIMA, Carlos. Um conceito Latino Americano? Cadernos da Fafimc, n° 3, 1990
- DESCARTES, Rene. Discurso sobre o Método. Trad. J. Guinsburg e Beto Prado Junior. 2° ed. São Paulo. Abril Cultural, 1973.
- DUARTE, Rodrigo. Mimesis e racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno. São Paulo: Loyola, 1993.
- \_\_\_\_\_. Adorno: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- \_\_\_\_\_. Dizer o que não se deixa dizer: para uma filosofia da expressão. Chapecó: Argos, 2008.
- \_\_\_\_\_. Sobre o conceito dialético de esclarecimento. In: TIBURI, Márcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 13-26.
- \_\_\_\_\_. A Dialética do Esclarecimento faz 70 anos: Disponível em: <http://periodico.abavaresco.com.br/index.php/opiniaofilosofica/article/view/739>. Acesso em 10 de agosto de 2017.
- FREYENHAGEN, Fabian. Adorno's Practical Philosophy: Living Less Wrongly. Cambridge University Press, 2013.
- \_\_\_\_\_. Adornos Politics: Theory and práxis in germanys 1960s. Disponível em: <http://bookpdfs.com/2017/07/08/adornos-politics-theory-and-praxis-in-germanys-1960-s/>. Acesso em 10 de agosto de 2017.
- FLECK, Amaro. Theodor W. Adorno: Um crítico na era dourada do capitalismo. 2015. 202 f. Tese (Doutorado em Filosofia) Universidade Federal de Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135130>. Acesso em 02 de janeiro de 2017.
- FLICKINGER, Hans Georg. Marx e Hegel: o porão de uma filosofia social. Porto Alegre: L&PM, 1986.

- FREITAG, Barbara. A teoria crítica ontem e hoje. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FREITAS, Verlaine. Adorno e a Arte Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 3, 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- FREUD, Sigmund. O Mal Estar na Civilização. In: Obras Completas. Volume XXI. Trad. José O. de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Sete aulas sobre linguagem, memória e história. RJ: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. Lembrar Escrever Esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GATTI, Luciano. Constelações: crítica e verdade em Benjamin e Adorno. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.
- \_\_\_\_\_. Exercícios do pensamento: dialética negativa. Novos estudos. CEBRAP, n. 85, 2009b, p. 261-270. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002009000300012>>. Acesso em outubro de 2015.
- HABERMAS, Jürgen. O discurso filosófico da modernidade: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. Teoría de la Acción Comunicativa. Tomo I. Racionalidad de la acción y racionalización social. Tomo II. Crítica de la razón funcionalista. Madrid: Taurus, 1987.
- HAMMER, Espen. Adorno and the Political. Londres: Routledge, 2006.
- HEGEL, G. W. F. A Razão na História. Introdução à Filosofia da História. Universal. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.
- \_\_\_\_\_. Ciência de la Lógica. Tomos I e II. Trad. Augusta y Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires. Ediciones Solar, 1968.
- \_\_\_\_\_. Enciclopédia das Ciências Filosóficas. v.1. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995.
- \_\_\_\_\_. Fenomenologia do Espírito. Trad. Paulo Meneses; Apresentação: Henrique C. de Lima Vaz) Petrópolis: Vozes, 1992.
- \_\_\_\_\_. Princípios da Filosofia do Direito. (Trad: Orlando Vitorino) São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HOLLOWAY, John; MATAMOROS Fernando; TISCHLER, Sergio (eds). Negativity and Revolution: Adorno and political activism. London: Pluto Press, 2009.
- HORKHEIMER, Max. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. Trad. Edgard Afonso Malagodi e Ronaldo Pereira Cunha. São Paulo. Abril Cultural, 1990.

- \_\_\_\_\_. Origens da Filosofia Burguesa da História. Trad. Maria Margarida Morgado. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- \_\_\_\_\_. Teoria Tradicional e Teoria crítica. Trad. Zeljko Loparic e Andréia Maria A. C. Loparic. São Paulo. Abril Cultural, 1980.
- JAMESON, Fredric. O marxismo tardio: Adorno, ou a persistência da dialética. São Paulo: Ed. Boitempo, 1997.
- JAY, Martin. La imaginacion dialéctica. Trad. Juan Carlos Curutcher. Madrid, Taurus, 1986
- \_\_\_\_\_. As ideias de Adorno. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1988.
- \_\_\_\_\_. A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de pesquisa social, 1929-1950. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- JIMENEZ, Marc. Para ler Adorno. Rio de Janeiro: Francisco. Alves, 1973.
- LEVI, Primo. É isto um homem? Trad. Luigi Del Re. São Paulo: Rocco, 1988.
- \_\_\_\_\_. Os afogados e os sobreviventes. Trad. Luiz Sérgio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LUKÁCS, G. História e consciência de classe: ensaio sobre a dialética marxista. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- \_\_\_\_\_. Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)? In. Textos Seletos. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.
- KONDER, Leandro. Adorno e o Marxismo. In.: Tempo Brasileiro. Adorno: 100 anos. Rio de Janeiro, 2003.
- MAAR, W. L. Política, práxis e pseudo-atividade em Adorno. Revista estudos e pesquisa em Psicologia. Rio de Janeiro v. 11, n. 11, p. 225-244, 2011.
- MARX, K. Manuscritos econômicos filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MASS, Olmaro. Racionalidade dialética entre mito e esclarecimento: uma leitura da dialética do Esclarecimento de T. W. Adorno e M. Horkheimer. Passo Fundo: Ifibe. 2013.
- MATE, Reyes. Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “sobre o conceito de história”, 2011.
- \_\_\_\_\_. Memórias de Auschwitz: atualidade e política. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005.
- MATOS, Olgária. O Iluminismo Visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant. São Paulo: Brasiliense. 1993.
- \_\_\_\_\_. Os arcanos do inteiramente outro: a escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução, São Paulo: Brasiliense. 1989.
- MOREIRA, L.; Direito, Discurso e Democracia. São Paulo. Ed. Landy. 2004.

- MUELLER, Enio R. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- MUHL, Eldon. *Habermas e a educação: Ação pedagógica como agir comunicativo*. Passo Fundo: Ed. UPF. 2003.
- MULLEN, Gury. *Adorno on Politics After Auschwitz*. Lanham: Lexington Books, 2016.
- NOBRE, Marcos. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A crise da racionalidade moderna: uma crise de esperança*. In: *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Crítica do capitalismo a partir das vítimas*. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Rio de Janeiro, *Voices*, v. 52 p. 14 a 28, mar. 1992.
- PERIUS, Oneide. *Esclarecimento e Dialética negativa. Sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno*. Passo Fundo: IFIBE 2008.
- \_\_\_\_\_. *A filosofia como exercício: Walter Benjamin e Theodor W. Adorno*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Pensar a Política a partir de Theodor W. Adorno*. In.: DANNER, F. e DANNER, L. (Orgs.). *Temas de filosofia política contemporânea*. Porto Alegre: Ed. FI, 2013.
- POLLAK, M. *Memória, Esquecimentos e Silêncio*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV/ Edições Vértice, vol. 3, 1989, p.3-15.
- PUCCI, Bruno; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- RABAÇA, Silvio Roberto. *Variante crítica: a Dialética do esclarecimento e o legado da Escola da Frankfurt*. São Paulo: Annablume, 2004.
- RIUS, Mercè. T. W. Adorno: del sufrimiento a la verdad. Barcelona: Editora Laia, 1985.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ROSIN, Nilva. *Arte e Racionalidade: Estudos sobre a superação da racionalidade instrumental em Adorno e Horkheimer*. Passo Fundo, Ed. IFIBE, 2007.
- RÜDIGER, Francisco. *Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural: Comunicação e teoria crítica da sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. (In) justiça, violência e memória: o que se oculta pelo esquecimento, tornará a repetir-se pela impunidade. In: SILVA FILHO, José Carlos Moreira da; ABRÃO, Paulo; TORELLY, Marcelo D. (Orgs.). *Justiça de transição nas Américas: olhares interdisciplinares, fundamentos e padrões de efetivação*. Belo Horizonte: Fórum, 2013. p. 79-108.

\_\_\_\_\_. RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. (Introdução). Justiça e memória: para uma crítica ética da violência. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Justiça e memória: por uma crítica da violência. São Leopoldo: Unisinos, 2009. p. 7-16.

\_\_\_\_\_. A justiça perante uma crítica ética da violência. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Justiça e memória: Para uma crítica ética da violência. São Leopoldo: Unisinos, 2009. p. 87-112.

\_\_\_\_\_. As Encruzilhadas do Humanismo: A subjetividade e a Alteridade entre os dilemas do poder ético. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2006.

SANTOS, Marcelo. *Constelação vital: da vida excitada à vida incitada, um ensaio sobre o pensamento de Theodor W. Adorno*. 2010. 175 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://tese.pucrs.br/tdebusca/arquivo.phpcodArquivo2909>>. Acesso em 15 outubro de 2016.

SCHWARZBÖCK, Silvia: Adorno y lo político, Buenos Aires: Prometeo Libros. 2008.

SOUZA, Ricardo Timm de. Justiça em seus termos: dignidade humana, dignidade do mundo. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

\_\_\_\_\_. “Adorno e a razão do não-idêntico”, in Razões plurais: itinerários da racionalidade no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. Adorno & Kafka: paradoxos do singular. Passo Fundo: IFIBE, 2010.

\_\_\_\_\_. Ética em Adorno. In: WERLANG, Júlio Cesar; ROSIN, Nilva (Orgs.). Theodor Adorno: diálogo filosófico em educação, ética e estética. Passo Fundo: IFIBE, 2011.

\_\_\_\_\_. Por uma crítica da razão opaca – sobre os “elementos do anti-semitismo – limites do esclarecimento” da Dialética do esclarecimento de Adorno e Horkheimer”. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). Seis leituras sobre a Dialética do esclarecimento. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 79-96.

TIBURI, Marcia. Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor Adorno. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

\_\_\_\_\_. Uma outra história da razão e outros ensaios. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses do conceito. Ética e dialética negativa em Theodor Adorno. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_. Os 100 Anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz. Cadernos IHU Ideias Unisinos, São Leopoldo, vol. 11, p. 1-20, 2004.

THOMSON, Alex. Compreender Adorno. Petrópolis: Vozes, 2010.

TÜRCKE, Christoph. “Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à dialética negativa”, in ZUIN, Antônio, PUCCI, Bruno e RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (Org.). Ensaio frankfurtianos. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. O nascimento mítico do logos. In: BONI, Luis A. de (Org.). Finitude e transcendência: Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein. Petrópolis: Vozes, 1995.

VALLS, Alvaro. Estudos de estética e filosofia da arte numa perspectiva adorniana. Porto Alegre: UFRS, 2002.

\_\_\_\_\_. Adorno e “Ulisses ou Mito e Esclarecimento”. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 27-42.

VAZ, Alexandre Fernandez. Apresentação. Da teoria crítica e a sua recepção: Adorno e Horkheimer revisitados. In: RABAÇA, Silvio Roberto. Variantes críticas: a Dialética do esclarecimento e o legado da Escola da Frankfurt. São Paulo: Annablume, 2004.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WIGGERSHAUS, Rolf. A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

\_\_\_\_\_. “O cortante se transforma em estímulo”, in Revista Tempo Brasileiro, nº 155, outubro-dezembro de 2003 (p. 55-66). Trad. Sergio Paulo Rouanet e Barbara Freitag, Rio de Janeiro.

ZAMORA, José Antonio. Th. W. Adorno - pensar contra a barbárie. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008.

\_\_\_\_\_. História, memória e justiça: da justiça transicional à justiça anamnética. In: SILVA FILHO, J. C. Moreira da; ABRÃO, Paulo; TORELLY, Marcelo (Coord.). Justiça de Transição nas Américas: Olhares interdisciplinares, fundamentos e padrões de efetivação. BH: Fórum, 2013, p. 21-46).